

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: NÍVEL DE DOUTORADO

A EDUCAÇÃO FÍSICA
NO SEGUNDO GRAU:
O COTIDIANO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO
FÍSICA NECESSÁRIA

TESE DE DOUTORADO

FLÁVIO MEDEIROS PEREIRA

092658

Porto Alegre, outubro de 1993

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P436e Pereira, Flávio Medeiros
Educação física no 2. grau: o coti-
ano escolar e a educação física necessá-
ria. / Flávio Medeiros Pereira. - Porto
Alegre: UFRGS, 1993.
xii, 355p.

Tese (Doutorado) - Universidade Fedg
ral do Rio Grande do Sul. Faculdade de
Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação.

CDU: 37.015.2
37.015.4
373.511.24
796.37.01
796.37.012
796.4:373.5"37"
796.4:373.512.141.12

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Educação física : Cotidiano escolar
796.4:373.5"37"

Educação física : Ensino de segundo grau : Currículo
796.4:373.512.141.12

Educação física : Pesquisa educacional
796.4:37.012

Educação física : Teoria educacional
796.4 : 37.01

Etnografia educacional
37.015.2

Prática pedagógica : Ensino de segundo grau
373.511.24

Sociologia da educação
37.015.4

Bibliotecária responsável:

Maria Hedy Lubisco Pandolfi, CRB-10/130

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO SEGUNDO GRAU:
O COTIDIANO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA NECESSÁRIA

Tese apresentada como requisito parcial, final, para a obtenção do grau de Doutor em Educação por Flávio Medeiros Pereira.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Juan José M. Mosquera (Orientador)

Profa. Dra. Marilú F. Medeiros (Co-orientadora)

Prof. Dr. Haimo H. Ferdenseifeifer

Prof. Dr. Claus D. Stobaus

AGRADECIMENTOS

Entre as inúmeras pessoas que contribuíram na realização deste estudo, desejo agradecer:

- à minha esposa e aos meus filhos, pela ajuda no desenvolver desta jornada;
- aos meus colegas da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e da Escola Técnica Federal de Pelotas, e à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- aos professores e alunos das escolas em que foi realizada a maior parte da coleta de dados;
- à Dra. Marilú F. Medeiros e ao Dr. Juan José M. Mosquera, que me orientaram neste trabalho;
- aos amigos que fiz durante o doutoramento;
- e a todas pessoas que, de alguma forma, me auxiliaram.

Ao Nildo e a Ciça.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO	VIII
RESUMEM	X
ABSTRACT	XII
INTRODUÇÃO	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	5
2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NECESSÁRIA	20
2.1 Bases Teóricas da Educação Física Necessária	20
2.2 A Educação Física Escolar	74
3. A PESQUISA	112
4. O COTIDIANO PENSADO	128
4.1 As Escolas	128
4.2 Os Professores	134
4.3 Os Alunos	144
4.4 Planejamentos, Objetivos e Avaliações	154
4.5 Outras Atividades de Educação Física	166
4.6 As Regularidades nas Aulas de Educação Física	170
4.7 Tipos de "Aulas" de Educação Física Escolar	183
4.8 O Cotidiano Questionado	213
5. CONCLUSÕES	229
5.1 A Importância da Teoria da Educação Física Escolar ...	229
5.2 Final	239
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	242

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº 1 - A Educação Física Necessária	111
QUADRO Nº 2 - Metodologia	127
QUADRO Nº 3 - Regularidades I	181
QUADRO Nº 4 - Regularidades II	182

LISTA DE ANEXOS

7. ANEXOS	253
7.1 Entrevista com Professores	253
7.2 Entrevista com Alunos	254
7.3 Questionário	255
7.4 Entrevista em Clubes Sociais e Academias	256
7.5 O Cotidiano Constatado	257

RESUMO

Da vivência profissional, de constatações sobre a literatura usual na ambiência escolar, de deficiências de estudos sobre a Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, teve-se - considerando o conjunto de professores, alunos, escola e sociedade - a situação problemática de conhecer aprofundadamente esse setor da Educação Física.

Para saber quais as principais regularidades do cotidiano da Educação Física desenvolvida no segundo grau, realizou-se um estudo de cunho etnográfico, com observações metódicas, entrevistas, questionários e análises documentais. Durante dois semestres letivos, foram estudadas as realidades de quatro escolas - três escolas estaduais e uma particular - e em locais destinados à prática física em ambiente extra-escolar, da zona urbana de uma cidade da região sul do Rio Grande do Sul, Brasil, no início da década de noventa.

Essas constatações foram analisadas sob a óptica da *Educação Física Escolar Necessária*. Essa concepção pedagógica, de referencial teórico-metodológico dialético, parte da prática física otimizada, individual e metodicamente desenvolvida, que também, indissolúvel e didaticamente, trata da teoria. Compreende o conjunto de professores, alunos e conhecimentos/práticas, como componentes de uma totalidade social, que a Educação Física é um elemento de mediação pedagógica e, considerando a processualidade da realidade cultural, as contradições, os conflitos e os indivíduos concretos, se orienta para a prática física e prática social permanentes.

No cotidiano da Educação Física Escolar estudada também se refletiam os problemas econômico-culturais da atualidade. Conflitos sociais esses que afligiam os professores, suas condições de trabalho e salariais, as condições de vida dos alunos que, nas escolas públicas, na sua grande maioria, eram filhos de assalariados, e a cultura como um todo. Os professores eram os dirigentes da Educação Física e se orientavam por paradigmas aproximados da cultura extra-escolar, convergindo para simplificações pedagógicas. Devido a essas práticas pedagógicas, com as diferenças e semelhanças dos contextos educativos, a Educação Física Escolar privilegiava a prática desportiva e recreativa, principalmente o fu-

tebol e o voleibol. Dessa prática recreativa, ainda que realizada prazerosamente, evidenciou-se, na maior parte dos casos, uma deficiente estimulação motora. Cotidianamente, a prática desportiva-recreativa não deixou espaços para o tratamento didático da teoria da Educação Física. Devido a esse equívoco pedagógico, não foram propiciados conhecimentos fisiológicos e sociológicos aprofundados, referentes a exercitação física imediata ou futura. Os alunos, cuja maioria só se exercitava nas aulas de Educação Física Escolar, não tinham claros os objetivos da Educação Física, e também demonstravam atitudes de alienação política.

Assim, deparou-se com problemas sócio-educacionais, que apontam para necessárias mudanças de práticas pedagógicas - mudanças nas individualidades - ligadas, obrigatoriamente, a questões mais profundas, de origem social - com ações transformadoras de caráter coletivo - visto que a Educação Física Escolar no segundo grau se insere numa totalidade cultural.

RESUMEM

Partiendo de nuestra vivencia profesional, de observaciones en el ambiente escolar consignadas en la literatura, así como de las deficiencias de los estudios sobre Educación Física en la enseñanza secundaria, y considerando el conjunto de profesores, alumnado, sistema escolar y sociedad, hemos formulado como problema la necesidad de conocer más profundamente este sector de la Educación Física.

Para identificar los factores más estables en el cotidiano de la Educación Física en la enseñanza secundaria, se ha realizado un estudio de cuño etnográfico con observaciones metódicas, entrevistas, cuestionarios y análisis documentales. Durante dos semestres lectivos fueron estudiadas cuatro escuelas - tres estatales y una particular - y lugares destinados a la práctica de ejercicios físicos en el ambiente extraescolar, en la zona urbana de una ciudad del extremo sur del Rio Grande del Sur, Brasil, en el inicio de la década de noventa.

Estas observaciones fueron analizadas desde la óptica de la Educación Física Escolar Necesaria. Esta concepción pedagógica, de referencial teórico-metodológico dialéctico, parte de la ejercitación física optimizada, individual y metódicamente desarrollada, pero también, indisoluble y didácticamente, trata de la teoría. Concibe a los profesores, los alumnos y los conocimientos/prácticas, como elementos componentes de una totalidad social; comprende la Educación Física como una mediación pedagógica que, considerando el proceso cultural, los conflictos, contradicciones, y los individuos concretos, se orienta a la ejercitación física y la práctica social permanentes.

En el cotidiano de la Educación Física Escolar estudiada también se reflejaron los problemas económico-culturales de la actualidad; los conflictos sociales que afectan al profesorado, a sus condiciones de trabajo y salario, a las condiciones de vida de los alumnos, que en las escuelas estatales son, en su mayoría, hijos de asalariados, y la cultura como un todo. Los profesores eran los dirigentes de la Educación Física y se orientaban según paradigmas aproximados de la cultura extraescolar, confluyendo hacia simplificaciones pedagógicas. Debido a esas prácticas pedagógicas, con las diferencias y semejanzas de los contextos educacio-

nales, la Educación Física Escolar privilegiaba la práctica deportiva y recreativa, principalmente el fútbol y el volleyball. En esta práctica deportiva, aunque realizada con agrado, quedó de manifiesto, en la mayoría de los casos, una deficiente estimulación motora. En el cotidiano, la práctica deportiva y recreativa no dejaba espacios para el tratamiento didáctico de la teoría de la Educación Física. Por esta equivocación pedagógica, no fueron impartidos conocimientos fisiológicos y sociológicos más profundos, referentes a la ejercitación física inmediata o futura. Los alumnos, cuya mayoría solamente se ejercitaba en las clases de Educación Física, no tenían claros los objetivos de la Educación Física Escolar, y presentaban actitudes de baja conciencia social y política.

Así, hemos constatado la existencia de problemas socio-educacionales que apuntan a la necesidad cambios en las prácticas pedagógicas - cambios en los individuos - que van de la mano, obligadamente, con problemas sociales más profundos y con acciones transformadoras de carácter colectivo, considerándose que la Educación Física Escolar en la enseñanza secundaria se inserta en una totalidad cultural.

ABSTRACT

From my professional experience; from conclusions of the modern literature in the school environment; from the lack of data on School Physical Education studies; we had - considering the staff of teachers, students, school and society - the problematic situation on deeply knowing this field on Physical Education.

For knowing the daily main regularities of Physical Education developed in high school, a study on ethnographical character was done through methodological observation, interviews, questionnaires, and documentary analyses. During two schools semesters, the reality of four schools was studied - three public schools and a private one - and in appropriate places for physical exercises, in an extra-school environment in an urban area of a city in the South Region of Rio Grande do Sul, Brazil, in the early nineties.

These conclusions were analysed under the point of view of the Necessary School Physical Education. This pedagogical conception of dialectical theoretic-methodological reference, comes from the optimized physical practice, individual and methodologically developed, that also, indissolubly, didactically, refers to the theory; extend to the staff of teachers, students and knowledges/practices, as elements belonging to a social group; that the Physical Education is a pedagogic mediation element and considering the technics of the cultural reality; the contradictions, the conflicts and the concrete persons, are oriented to the physical exercitation and permanent social practice.

In the studied daily School Physical Education the modern economical-cultural problems were also reflected. These social conflicts, their work and salary conditions, the life-style of students in public schools were most of them were from salaried families, and the culture as a whole have disturbed the teachers. The teachers were the managers of the Physical Education and were oriented by patterns similar to the extra-school culture converging to pedagogical simplifications. According to these pedagogical practices, considering the differences and similarities in the teaching context of schools, the School Physical Education privileged the recreative and sporting practice mainly the soccer and the voley-ball. From this recreative practice, although played for pleasure, was observed a deficient motor-stimulation. Usually the

sporting practice has not given space for the didactic treatment to the Physical Education Theory. Because of this pedagogical mistake, deep physiological and sociological knowledge relating to the immediate of future exercises were not presented as an opportunity. Most of the students who used only to exercise during the Physical Education classes didn't get the main goal of the Physical Education and also demonstrated political alienation.

Thus, collective social-educational problems were confronted which showed necessary pedagogical practice changes - changes on individualities - associated with deeper questions from social origin - with collective character action - having in mind that School Physical Education on high school inserts a cultural amount.

INTRODUÇÃO

"A Educação Física no Segundo Grau: O Cotidiano Escolar e a Educação Física Necessária" se caracteriza como uma necessidade acadêmica em defesa de uma concepção pedagógica de Educação Física Escolar, meio de educação social. Juntamente com o estudo sobre a cotidianidade do real, uma pesquisa de cunho etnográfico, estão interligados como uma unidade. A prática da Educação Física, sua análise crítico-pedagógica e sua ligação prático-teórica permitem reflexões para necessárias melhorias no nível de condicionamento físico, de habilidades motoras e de conhecimentos referentes aos processos e fenômenos tanto fisiológicos como sócio-históricos, inerentes à exercitação física do ser humano, entendido como um ser social.

Quase toda a elaboração teórico-prática anterior do autor se orienta na perspectiva de que, tendo por base a exercitação física otimizada, elemento essencial, diferencial e particular da Educação Física Escolar, pedagogicamente também se abordassem os conhecimentos dela oriundos e a ela relacionados. Ele foi um dos primeiros professores de Educação Física brasileiros que publicou textos com essa orientação teórica, salientando também que a dialética era um requerimento metodológico para a análise aprofundada e prática consciente da Educação Física.

A Educação Física Escolar Necessária é uma proposição que se embasa em dois enfoques, desenvolvidos durante as aulas e interrelacionados, que são: a) a realização prática da exercitação física

educativa individualmente otimizada; b) a partir dessa prática, o tratamento didático da teoria da Educação Física, que une indissoluvelmente os elementos explicativos fisiológicos e sociológicos inerentes ao indivíduo em exercício físico.

Essa característica diferencial de aprofundamento sobre a essência da Educação Física Escolar, exercitação motora metódica e sua correlação fenomênica com o contexto sócio-econômico-cultural se apoia em contribuições da filosofia dialética e do materialismo histórico, se utiliza da categoria "necessidade", tanto para aprofundar a análise, como para expandir, sendo exigência metodológica para que se tente abordar o objeto de estudo da forma mais adequada, menos limitada.

Este trabalho tem como foco de atenção a Educação Física Escolar, desenvolvida especificamente no segundo grau. Os motivos desta escolha se devem ao fato de ser neste setor da Educação Física que o autor dispõe de maior experiência e vivência profissional, e também porque a literatura referente à Educação Física desenvolvida no segundo grau, acusa a falta de estudos nesse nível de ensino.

O presente estudo, trabalho datado com as particularidades sociais, culturais e econômicas do início da década de noventa, reflete essa realidade, aborda o passado que a originou e aponta para o futuro, pois toda a Educação Escolarizada, como toda a Educação, possui o caráter de ulterioridade inerente aos seus processos. Assim, é um estudo com marcantes características sócio-históricas, fruto de uma determinada realidade e desenvolvido sob uma determinada concepção educativa.

Para a obtenção dos dados, utilizou-se Observações, Entrevistas, Questionários e Análises Documentais. O presente estudo caracteriza-se como de cunho etnográfico, realizado no cotidiano da Educação Física Escolar na ambiência do segundo grau. Nessa pesquisa procurou-se estudar as principais e mais marcantes regularidades do cotidiano da Educação Física Escolar, analisar essas regularidades, destacando suas consequências, tanto pelas ênfases, como pelas suas omissões.

Dentre outras, como principais constatações, entre diversidades e semelhanças de conteúdos ou metodologias, encontrou-se a ausência de ligação entre a prática e a teoria, uma preponderância desportiva-recreativa, uma estimulação motora a princípio insuficiente para otimizar a totalidade dos alunos o desenvolvimento de qualidades físicas fundamentais, um imediatismo como paradigma para o desenvolvimento cotidiano das aulas e avaliações realizadas a partir de critérios altamente desconnectados da prática. Constatou-se também a inexistência de abordagem didático-pedagógica de elementos sociológicos referentes à Educação Física, ou seja, ela foi tratada como se a cultura e os alunos existissem ilhados do meio social.

Concomitantemente a esta desconexão, uma das situações político-sociais que mais se destacou na realidade do cotidiano da Educação Física Escolar, desenvolvida em escolas públicas da rede estadual de ensino, foi a da situação de atraso do período letivo "normal" de aulas, devido à greve do magistério, deflagrada em 1991, buscando melhorias salariais e qualidade na educação.

Além dessas constatações, vivenciaram-se atividades recrea-

tivas em que os alunos, de modo geral, participaram com satisfação, tendo bastante empatia com os professores de Educação Física. Esses profissionais, na quase totalidade da realidade estudada, foram trabalhadores que bastante se dedicaram às suas escolas, embora possuíssem dois e até três empregos como forma de aumentar os baixos salários.

A realidade cultural, em meio à agudização da crise capitalista do início dos anos noventa, revelou que em ambiente extra-escolar, a prática cultural gímnico-desportiva-recreativa se desenvolveu com destacada determinação social. Clubes, academias e instituições que propiciaram a prática de exercícios físicos, na maioria dos casos, constituíram-se privilégio sócio-econômico de acesso por uma minoria. Os custos elevados - para os baixos salários percebidos - contribuíram para que a maioria da população urbana não se exercitasse fisicamente.

Na presente Tese optou-se por divulgar muitos dados, ainda que no momento, historicamente, não tenham o mesmo tratamento aprofundado da análise de conteúdo e da prática pedagógica, pois preferiu-se socializar esses conhecimentos, ao invés de omiti-los.

Finalmente, com este trabalho se propõe, dentro de limitações, constituir uma elaboração teórica e um estudo da atividade cotidiana, que contribuam para que ocorram mudanças na Educação Física Escolar e extra-escolar.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O entendimento da necessidade de se tomar a Educação Física Escolar, desenvolvida no segundo grau, como objeto de estudo e de a analisar na sua cotidianidade, como acontecimento objetivo, tal como acontece na realidade Escolar, decorreu do reconhecimento da carência de estudos anteriores.

Os estudantes das escolas públicas de segundo grau, no presente estudo, caracterizaram-se por pertencerem àqueles grupos de pessoas que, ao que pese inúmeras dificuldades, marcadamente obstáculos de classe social, conseguiram chegar a esse nível de escolaridade.

Esses estudantes de segundo grau, como alunos da fase anterior à idade adulta, são os que dispõem, em tese, de melhores condições prático-cognitivas, tanto de atuarem socialmente, como na prática desportiva juvenil, como na política, com o voto aos dezesseis anos de idade. Pressupõem-se também que eles se constituem nos estudantes que, ao longo de sua vida mais tiveram contado com a Educação Física Escolar.

Na atualidade se carece de estudos específicos com a Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau de ensino. Mas, referente aos escolares e adolescentes, bem como aos professores de Educação Física, podem ser mencionados alguns trabalhos anteriores, dentre os quais o de Oliveira (1988), em cujos estudos com estagiários de faculdade de Educação Física também deu atenção às

aulas no segundo grau; de Winterstein (1987), que trata da avaliação do professor de Educação Física realizada por alunos da primeira série do segundo grau; de Munaro (1984), que fez um estudo descritivo do perfil do professor de Educação Física para o ensino de primeiro e de segundo graus; de Souza Filho (1988), que efetuou uma análise crítica da Educação Física desenvolvida da quinta até a oitava série do primeiro grau; de Gaya (1983), abordando o que considera como enfoques relevantes para o treinamento físico de adolescentes; e de Mosquera (1982), em que se preocupa com uma visão mais ampla da atividade do professor de Educação Física.

Sobre a Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, Pereira et al (1983) constataram que o planejamento da disciplina de Educação Física era feito tendo em vista principalmente o desenvolvimento de aptidões físicas gerais dos alunos e o treinamento e formação das equipes esportivas escolares; que o critério básico para delinear os objetivos do planejamento era definido em função das necessidades apontadas pelos professores de Educação Física, e de ações anteriores, tendo em vista o critério da continuidade; que a metodologia utilizada para o desenvolvimento do planejamento, envolvia, principalmente os departamentos de ensino, a supervisão pedagógica, os professores e os alunos; e que na avaliação dos alunos em Educação Física eram utilizados os critérios de assiduidade e pontualidade, com uso de observações e fichas de avaliação preenchidas pelos professores em função de objetivos.

Ainda como justificativa para este estudo, cumpre destacar que o autor do presente trabalho possui um envolvimento profissional significativo com o objeto de pesquisa. Além de já haver tra-

balhado como professor de Educação Física por oito anos em escolas públicas, pertencentes às redes estadual e municipal de ensino, tendo como alunos adolescentes de ambos os sexos, atualmente, as suas atividades docentes se voltam em muito para a Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau.

E, conforme é destacado por Thiollent (1982, p. 132):

"Qualquer tipo de conhecimento é útil e apresenta uma certa funcionalidade, mesmo quando esta se limita a utilizadores privilegiados".

Considerando as contribuições teóricas anteriores, elas não supriam as necessidades de conhecimentos vistos na dimensão do inter-relacionamento da realidade do cotidiano educacional com as práticas culturais extra-escolares, e da Educação Física Escolar desenvolvida ao longo do segundo grau.

O conhecimento aprofundado das regularidades acerca da realidade da Educação Física Escolar no segundo grau, se constituía em momento fundamental para uma elaboração teórica mais apurada da proposição pedagógica do autor, aqui denominada de *Educação Física Necessária*.

Para um estudo da Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, partiu-se do reconhecimento fatural da inserção dessa disciplina e desse nível de escolaridade, numa realidade mais ampla, contextualizada. Assim, iniciou-se destacando que a Educação Física, setor da Educação Social do ser humano, situava-se no campo da cultura física, como elemento da totalidade sócio-cultural. A cultura física, conforme a proposição de Pereira (1988, b), compreende a parcela da cultura universal que envolve o exercício físico, a Educação Física Escolar e extra-escolar, a ginástica, o

esporte, a recreação motora, o treinamento físico e esportivo, e a dança.

Em nossa realidade educacional, a Educação Física Escolar se vincula aos três níveis educativos, em todas as redes de ensino. A lei nº 5.692, que regulamenta a Educação Escolar Nacional, insere a Educação Física como uma das disciplinas obrigatórias dos programas educacionais de primeiro e de segundo graus.

A Educação Escolar, em especial a desenvolvida no segundo grau, expressa, a princípio, mas de modo contraditório e não-linear, os interesses e necessidades das camadas possidentes, pois as classes que dirigem a economia, dirigem também hegemonicamente, a cultura como um todo e aí se inclui o "ensino escolarizado". Sinteticamente, pode-se alinhar os interesses das classes dominantes com a Educação, escolarizada, com ajuda da citação de Frigotto (1984, pp. 25-6>:

"O que a sociedade do capital busca é estabelecer um determinado nível de Escolaridade e um determinado tipo de educação ou treinamento, nível que varia historicamente de acordo com as mudanças dos meios e instrumentos de produção."

A Educação Escolar, tanto a pública pertencente à rede estadual, como a pertencente à rede privada de ensino, à sua maneira, como consequência e não como causa direta, contribui para que ocorram e se evidenciem diferenças sócio-classistas. A escola pública, notadamente a estadual, possui a sua parte na seletividade de indivíduos "com sucesso" e de outros "fracassados", social e economicamente. Um exemplo disso se encontra na evasão e reprovação escolar, que atingem índices alarmantes no ensino público de primeiro grau.

Não concebendo o ambiente escolar como algo alheio da totalidade sócio-cultural, percebe-se a necessidade de abordar a Educação desenvolvida no segundo grau vinculada com a formação sócio-econômica contextual, a qual, mesmo com todas suas particularidades, se caracteriza por ser uma formação sócio-econômica capitalista.

O modo de produção capitalista se fundamenta na propriedade privada dos meios de produção, se embasa na exploração assalariada da mão-de-obra dos trabalhadores que para sobreviverem, são obrigados a venderem a sua força de trabalho. Marx (1970) destaca, como fundamentos do modo de produção capitalista a concentração dos meios de produção em poucas mãos; organização do trabalho social por meio da cooperação e a constituição do mercado mundial. Ainda de acordo com "O Capital", como modo de produção, o capitalismo se distingue por seus produtos serem mercadorias e pela produção da mais-valia, que é o objeto direto e causa determinante da produção.

Partindo da necessidade contínua de competição e da chamada "anarquia de mercado", o capitalismo está em constante evolução e desenvolvimento das forças produtivas. Ainda que ocorram determinadas crises sócio-econômicas inerentes a esse modo de produção, a grosso modo o capitalismo se caracteriza pela constante utilização da tecnologia e, também, pela apropriação privada das conquistas da ciência e apresentação de suas necessidades, como universais, minimizando aquelas que são específicas da maioria da população.

Conforme Schaff et al (1990), com a aplicação de conquistas científicas na economia, o capitalismo propicia alterações nas

forças e nas relações produtivas, elevando a necessidade de qualificação de mão-de-obra, diminuindo o número e peso político da classe operária, em detrimento do aumento quantitativo dos trabalhadores no setor de serviços. Essas mudanças quantitativas e qualitativas implicam em valorização dos trabalhadores com determinados níveis de conhecimento e possibilidades produtivas.

A Educação Escolarizada, nela inserida a Educação Física Escolar, ainda que em meio a contradições e tensões, contribui para que certos setores da população tenham uma maior e melhor qualificação profissional. Assim, a Educação Escolarizada propicia a que setores da população, que conseguiram ultrapassar certos obstáculos, tenham mais chances de disputa por empregos, no oscilante mercado de trabalho.

Os trabalhadores brasileiros com a formação escolar de primeiro ou de segundo grau, ao ingressarem no mercado do trabalho, encontram relações produtivas capitalistas de um país com particularidades contextuais de "terceiro mundo", onde ainda se evidenciam problemas sociais fundamentais. Ainda que em certas regiões perceba-se um maior nível de desenvolvimento, o capitalismo no Brasil propicia altas taxas de desemprego (e a existência de desempregados é inerente ao sistema capitalista), analfabetismo, prostituição infantil, desnutrição, e outros efeitos como a diarreia - a *bomba suja* de Ferreira Gullar (1980) - ainda fazendo vítimas fatais.

Com referência específica à região do Estado do Rio Grande do Sul, onde se situa a cidade em que estão localizadas as escolas que foram estudadas, pode-se destacar que, conforme informa o Ins-

tituto Técnico de Pesquisa e Assessoria (ITPA), editado em 1989, apresenta uma taxa de urbanização em percentual inferior à média do Estado, e também menor índice de densidade demográfica, com 12,74% da população gaúcha (estimativa para 1990). O atual período de crise sócio-econômica nacional, que se ressentia no Rio Grande do Sul de forma intensa, nessa região era ainda mais marcante. Na cidade em questão, ainda conforme o ITPA, no ano de 1989 aumentavam mês a mês o número de títulos apontados em cartório. Na época do presente estudo, no município da cidade em questão existiam pouco mais de 290.000 habitantes, dos quais 190.000 eram eleitores.

No início da década de noventa, esse lugar apresentava uma economia basicamente apoiada na agropecuária, principalmente na cultura e beneficiamento do arroz, com caráter de sazonalidade produtiva, na bovinocultura extensiva, e secundariamente no comércio. Comparada com outros municípios, de porte similar do próprio Estado, era considerada como em decadência econômica, com elevado percentual de desempregados e subempregados, notadamente com o aparecimento ostensivo da chamada economia informal, que se poderia tipificar com a proliferação de vendedores ambulantes.

Assim como no país, também co-existiam nessa cidade as classes dominantes - mais abastadas sócio-economicamente, moradoras em amplas residências, possuindo mais de um automóvel e outros "indicativos de status" - bem como outras classes sociais, a ela aproximadas, que também dispunham de indicadores econômico-sociais de relevo, com níveis de vida e de cultura, que se afastavam do que se poderia chamar de pobreza ou proletarização.

Esses grupos orientaram, direta ou indiretamente, os valo-

res do ensino escolarizado, público e particular. Assim, como na totalidade social, decorrente da necessidade da burguesia de implementar suas idéias, ela, como classe hegemônica, impõe também a coerção ideológica. A educação escolarizada compõe o que Althusser (1974), considerava como aparelho ideológico de Estado. Iudim et Rosental (1959) dizem que a ideologia se constitui no sistema de idéias e conceitos de uma classe ou partido político, sendo que as opiniões políticas, a filosofia, a arte e a religião constituem formas ideológicas. Consequentemente a ideologia é reflexo do sistema sócio-econômico vigente.

E no entendimento sobre a Educação e suas relações com a formação sócio-econômicas, a sua contextualização e conexões, diz Saviani (1980, p. 120) que:

"... os problemas educacionais não podem ser compreendidos a não ser na medida em que são referidos ao contexto em que se situam. E educação será entendida aqui, como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social".

Historicamente a Educação Física Escolar sempre foi intercondicionada socialmente por uma ampla gama de fatores, mas, em última instância, por fatores sócio-econômicos, vinculados a relações de classes. A atual Educação Física Escolar se originou na Grécia Antiga e, mesmo para as classes dominantes quase desapareceu durante a Idade Média. Simplificadamente, a Educação Física teve três grandes momentos, indissociáveis das mudanças sócio-econômico-culturais relacionadas com as mudanças radicais no modo de produção. No Renascimento, no período de decadência do feudalismo, com a redescoberta da beleza das proporções do corpo desnudo, ocorreram primeiras reinclusões dos exercícios físicos nos currí-

culos escolares. Depois houve a divulgação das idéias de Rousseau - no bojo do Iluminismo, que "preparava" culturalmente a Revolução Francesa e a derrubada violenta dos entraves ao capitalismo - que associava a Educação infantil com a Educação Física e intelectual. E, com a Revolução Industrial, fenômeno político, econômico e sócio-tecnológico, inicialmente britânico e posteriormente mundial, que transformou o modo de produção e as características das sociedades, de agrárias e rurais para industriais e urbanas, propiciando alterações culturais profundas.

Nos processos contraditórios de desenvolvimento social, na mudança no modo de produção, a industrialização capitalista engendrou determinantes que, interrelacionadamente, propiciaram a difusão da cultura física. Esses pressupostos que ainda na atualidade condicionam a prática de exercícios físicos por pessoas sadias, e se caracterizam como delimitantes da cultura física, são:

- 1º. A disponibilidade de tempo livre regulado legalmente para as camadas assalariadas, possibilitando a ocupação de tempo disponível em práticas culturais envolvendo o exercício gímnico-desportivo-recreativo;
- 2º. A formação de grupos de interesse, favorecidos pela concentração urbana da população;
- 3º. A difusão do conhecimento, da vontade e da necessidade dos indivíduos se exercitarem;
- 4º. A criação de instalações e materiais próprios para a exercitação motora;
- 5º. E as possibilidades, primeiramente financeiras, decorrentes das relações e desenvolvimento das forças produtivas, medidas pelo

custo em dinheiro para as práticas culturais (inclusa também a cultura física) e não mais por fatores hereditários.

Mas ao existirem classes sociais na sociedade, também existem culturas de classes. E a cultura física das classes dominantes, bem como das camadas a elas aproximadas sócio-economicamente, ao disporem de maiores possibilidades de minorar as influências dos fatores delimitantes das práticas culturais, possuem possibilidades quantitativas e qualitativas melhores para a exercitação física. Já, de modo genérico, as classes assalariadas, tem condições inferiorizadas para as práticas culturais, como a cultura física.

A partir do final do século passado, a cultura física se desenvolveu aceleradamente. Principalmente nos países capitalistas avançados, a Educação Física inseriu-se nos programas escolares, a prática desportiva se popularizou, e também a preparação física tornou-se um elemento marcante da instrução militar dos contingentes bélicos, ajudando a implementar a política imperialista européia e norte-americana.

No Brasil, de acordo com Marinho (1980), foi no final do século passado que a Educação Física iniciou a ser debatida em nível governamental e na sociedade começaram a surgir entidades culturais com finalidades gímnico-desportivas. Já no período compreendido entre 1930 e 1945, durante o denominado Estado Novo, além da inclusão explícita da Educação Física nos programas escolares, como se encontra na Constituição de 1937, surgiram as primeiras faculdades de Educação Física e órgãos governamentais normativos dos esportes. Kunz (1989), destaca que a atual hegemonia do esporte nas escolas, decorre de um processo que se iniciou de fato na década

contribuía para a influência de uma prática pedagógica limitada, alienada. E essas limitações educativas eram confirmadas pelo conhecimento informal da realidade, decorrente da vivência como professor de Educação Física Escolar desde 1975. Tudo isto propiciava um conhecimento da realidade educativa, ainda com certas limitações, mas que induzia a uma Educação Física Escolar distante das necessidades sócio-biológicas e culturais dos alunos oriundos das camadas assalariadas e futuros trabalhadores. Podia-se inferir que essa Educação Física, além de não propiciar estímulos motores significativos no nível dos requerimentos individuais para o desenvolvimento otimizado de qualidades físicas e habilidades motoras, didática e explicitamente silenciava e se omitia sobre os elementos estruturais determinantes da prática cultural gímnico-desportiva, bem como não se orientava no sentido de propiciar aos educandos uma imediata e futura prática sócio-cultural consciente.

Porém as inferências obtidas da literatura especializada, de normas e orientações legais, bem como de alguns estudos e de vivências de determinadas situações educativas não propiciavam um conhecimento objetivo e aprofundado da realidade da Educação Física Escolar. Essas deficiências gnoseológicas conduziam à seguinte área temática:

As principais regularidades que se apresentavam no desenvolvimento cotidiano da Educação Física Escolar no segundo grau, e as resoluções das contradições atinentes às necessidades desse setor da cultura dos alunos, oriundos das camadas assalariadas e futuros trabalhadores, considerada a realidade sócio-econômico-cultural do contexto atual.

Os objetivos visaram conhecer a realidade escolar o mais aprofundadamente possível, estudando as práticas pedagógicas, os conteúdos desenvolvidos explícita ou subliminarmente, os professores, os alunos, e a cultura relativa à exercitação física escolar e também extra-escolar.

A partir da temática da realidade do cotidiano escolar, estabeleciam-se as seguintes questões de pesquisa:

- Quais os conteúdos da Educação Física Escolar desenvolvidos com maior frequência?
- Quais os objetivos sócio-pedagógicos dessas regularidades?
- Quais os principais silêncios e omissões do cotidiano escolar?
- O que é ensinado contempla as necessidades sócio-biológicas e culturais dos adolescentes?
- O ensinado cotidianamente na Educação Física Escolar pode orientar os alunos para uma imediata e futura prática sócio-cultural consciente?
- Como a Educação Física se articula com o todo educativo escolar e a realidade extra-escolar mais ampla, ou seja, como a mesma se relaciona com o contexto sócio-cultural?
- Quem são os educandos e quais as suas possibilidades sócio-culturais?

2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NECESSÁRIA

2.1 BASES TEÓRICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NECESSÁRIA

Sobre a utilização teórica-metodológica de autores que proporcionam suporte ao presente texto, requer destacar-se o caráter diferencial, particularizado da Educação Física. Caráter esse que, notadamente no plano escolar, privilegia a ligação obrigatória e necessária, dos parâmetros pedagógicos, biológicos e sociológicos.

A fundamentação teórico-metodológica aqui utilizada, necessita ser entendida de modo que não se aceitem as contribuições dos diversos autores de forma acrítica, como dogmas, mas sim, como orientações para facilitar o entendimento e desenvolvimento da presente proposição. Seria equivocado concordar, acriticamente, com todas as proposições de textos redigidos a respeito de realidades do passado, ou mesmo do atual momento sócio-histórico, mas não voltados especificamente para o nosso objeto de estudo e nossa realidade.

Muitas das contribuições, aqui citadas, não são dirigidas especificamente para a Educação Física. Daí haver uma atividade singular de elaboração teórica, ligando elementos críticos da Educação Física com essas contribuições, até certo ponto alheias ao universo cultural da exercitação física.

Um aspecto vital a ser destacado neste trabalho, é o do caráter destacadamente "biológico" da Educação Física. Caráter dife-

rencial deste setor da cultura e da Educação, e que se orienta objetivamente tanto como ponto de partida, como de chegada, para com a parte física, parte corporal dos indivíduos, mas que, na realidade cultural está envolvida, concretamente, por determinações e realidades sociais. Assim, a Educação Física, voltada para o segundo grau, requer imperativamente um tratamento pedagógico de unicidade das particularidades sociológicas e fisiológicas.

Muitos dos autores mencionados, e que dão suporte teórico quanto aos parâmetros biológicos do presente texto, tratam de seu objeto de estudo, o ser humano em exercitação física, como se ele estivesse ilhado do todo social circundante. Esse procedimento os aproxima em muito do referencial filosófico paradigmático do positivismo. E, de forma inter-relacionada, também se utiliza como referencial teórico e procedimento metodológico, da contribuição de autores marxistas. No presente texto, essa unidade e essa "tensão" entre esses dois referenciais, longe de poder ser classificada como eclética, requer ser compreendida com um dos pontos vitais, marcantes e tipificadores da presente proposição educativa. O tratamento didático-pedagógico, como o que se desenvolve escolarizadamente, da compreensão e da prática de exercícios físicos, de forma alienada de qualquer um destes referenciais, biológico e sociológico, incorre em equívoco metodológico, em procedimento não-dialético. Cumpre destacar que, ao se estudar um indivíduo exercitando-se, necessariamente se orientará para a fisiologia do exercício, mas como esse sujeito vive concretamente em sociedade, também é imperativo estudar-se a sua ambiência social, a sua realidade sócio-cultural. Assim, *é pedagogicamente necessário*, na Educa-

ção Física Escolarizada, unir-se contribuições aparentemente distantes, como as de Astrand, no campo da fisiologia do exercício, e de Marx, no campo da sociologia política. A metodologia e o entendimento crítico das particularidades e generalidades educativas, que acontecem a partir da prática de exercícios físicos em sociedade, são exigências fundamentais para o entendimento da *Educação Física Necessária*.

Necessidade, no presente texto, é entendida, como um conceito fundamental para a proposta pedagógica do autor, como uma categoria analítica. As necessidades humanas, genericamente, são sócio-históricas, vinculando-se com subjetividades e objetivações. Indissociavelmente ligada à Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, a categoria *necessidade*, implica em:

- Necessidade como *falta de algo*, sendo algo por um lado complementar e, por outro lado algo vital, um componente do todo que é completado pela satisfação da necessidade. A necessidade é requerimento para que determinado fenômeno aconteça na sua plenitude, em estado de normalidade, acertadamente;
- Necessidade compreendida e relacionada como algo realizado no plano *físico* (biológico), como no entendimento de que está associada com os processos metabólicos, tanto na satisfação orgânica pela ingestão e absorção, anabolismo, como pela excreção, como último elo dos processos catabólicos;
- Necessidade, cuja satisfação, para que algo aconteça normalmente, implica em *atividade*, em ações concretas que ocorrem na realidade objetiva. Realidade essa que acontece com o ser humano, sujeito das necessidades e suas satisfações, vivendo em sociedade. As-

sim, a necessidade está indissoluvelmente ligada ao indivíduo concreto e na sua vivência social.

- No sentido de elevação, de *desenvolvimento humano*, desenvolvimento social, a necessidade, fugindo do conformismo, aponta para a insatisfação, a qual se transforma com os períodos sócio-históricos, com a totalidade sócio-cultural. Entendendo o ser humano como sujeito social, a categoria de necessidade torna-se paradigmática para requerimentos cada vez mais elevados, buscando, como referenciais últimos, a totalidade social e a plenitude individual desenvolvidas.

- Necessidade aponta para que, concretamente, o homem, "humano", busque satisfazer os seus carecimentos no sentido de usufruir, sem sacrifícios nem sacrificados, "o que de melhor a sociedade possa oferecer a todos os homens". Assim, ainda que com destaque na individualidade, a categoria necessidade também se relaciona com o social, com as *relações sociais de determinado período sócio-histórico*.

E, sobre as necessidades humanas, ao mesmo tempo sociais, diz Heller:

"A objetivação social e as necessidades se encontram sempre em correlação; a primeira fixa o "âmbito", delimita a extensão das necessidades dos homens que vivem em uma determinada sociedade, que pertencem a um determinado extrato social. Isto explica porquê as necessidades são *personais* (só as pessoas desejam conscientemente algo, aspiram a possuir algo), e ao mesmo tempo *sociais* (desde o momento em que o objeto de toda necessidade vem "proporcionado" pela objetivação social)." (1978, p. 170)

A proposição pedagógica da Educação Física Necessária tem como ponto de partida conceitual:

"A Educação Física é um meio de educação social que ocorre através - e para - a prática consciente, processual, metódica de atividades físicas gímico-desportivas, que valorizam o conhecimento do corpo humano e objetivam o seu desenvolvimento. Educação física é a educação corporal, via exercitação física, realizada necessariamente sob o prisma pedagógico, de unicidade sócio-biológica, que pelo desenvolvimento e treinamento de habilidades motoras e qualidades físicas, psíquicas e morais, visa à plena elevação cultural, harmoniosa e integral do homem. Dialeticamente, a Educação Física é um meio para a realização humana." (Pereira, 1988, b, p. 111)

Desta definição se pode destacar:

1. A Educação Física como meio de educação social, como mediação para a atividade do homem em sociedade;
2. A Educação Social ocorrendo a partir da exercitação motora, ginstica e esportiva, pela ação prática, forma humana de desenvolvimento físico;
3. Esse desenvolvimento físico decorre paralelamente de conhecimento sobre os efeitos da exercitação motora, como dos conhecimentos de cunho anátomo-fisiológicos;
4. Realização sob o enfoque pedagógico, educativo, como processo didático, reflexivo, objetivando a fazer parte do todo educativo;
5. A Educação Física visa o homem na sua totalidade;.
6. E a Educação Física é entendida como mediação.

De acordo com Cury:

"A categoria mediação expressa as relações concretas e vincula mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo" (1985, p. 43)

Essa conceituação de Pereira (1988, b) considera as potencialidades humanas e objetivos ideais a serem atingidos com a Educação Física, pela exercitação prática. Os conceitos de elevação cultural, harmonia e integralidade educativas humanas são objeti-

vos visados idealmente a serem conseguidos, do quais a educação corporal é apenas um componente. O caráter de mediação da Educação Física, ao ligar o biológico (individual) ao social (coletivo), e aprofundar essa relação, incorre em valorizar tanto a dimensão fisiológica, como a dimensão social e suas contradições. E para tal, a partir da exercitação motora consciente, requer considerar os preceitos pedagógicos da Educação Física, como planejamento, objetivos e desenvolvimento na sua consecução. E os entendimentos e procedimentos pedagógicos de ligar o ideal com o possível, o imediato com o futuro, a prática com a teoria, o social com o individual, considerando as contradições da realidade como ponto de partida e como elemento a ser superado, são preceitos dialéticos, mediadores da totalidade da Educação Social, Educação humana. Assim, a Educação Física é um elemento mediador do todo educacional, que pela sua ação prática, pode contribuir para negar deficiências culturais, e desarmonias corporais relacionadas com a exercitação motora.

Pedagogicamente a Educação Física Necessária se embasa na dialética e no materialismo histórico e particularmente considera como referencial metodológico a proposição de Engels:

"Todo o modo de concepção de Marx, porém, não é uma doutrina, mas um método. Não dá quaisquer dogmas prontos, mas pontos de apoio para uma investigação ulterior e o método para esta investigação." (Marx et Engels, 1986, p. 569, vol. I)

Objetivamente, a concepção de Educação Física Necessária origina-se do ser humano, e de acordo com Goldmann:

"O principal objeto de qualquer pensamento filosófico é o homem, sua consciência e seu comportamento, em última análise, toda filosofia é uma antropologia". (1979, p. 7)

Mas o ser humano é um homem concreto, "síntese de múltiplas determinações", vive em meio social, em condições muito determinadas, e conforme Marx:

"... na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, política e espiritual e não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina sua consciência." (1978, p. 129/130)

Centrando-se no ser humano como ser social, e na sua vivência concreta, o procedimento teórico-metodológico de compreender as particularidades, a totalidade, as contradições da Educação Física a partir do exercício físico - sua prática e sua teoria - a sociedade e seus componentes contraditórios e, tendo como referencial último a prática social permanente, como proposição metodológica, para os esclarecimentos sobre a Educação Física Escolar Necessária, requer-se destacar a sua essência, a correlação com o fenômeno educativo e com as aulas. O fenômeno da Educação Física Escolar caracteriza-se pela prática, com alterações quantitativas/qualitativas de conhecimentos e exercitações, que evidenciam contradições a serem resolvidas considerando a totalidade, tanto dos elementos fenomênicos das aulas de Educação Física Escolar, como a própria Educação e sua ambiência.

Ainda que na transcrição a seguir, Marx tenha se voltado especificamente para a economia política, podem-se entender melhor os procedimentos metodológicos deste trabalho, com a seguinte ci-

tação:

"Com este método partimos da primeira e mais simples relação que historicamente, faturalmente, se nos apresenta - neste caso, portanto, da primeira relação econômica com que deparamos. Analisamos esta relação, pelo fato de que é uma relação, acontece já que tem dois lados que se relacionam um com o outro. Cada um desses lados é considerado por si; decorre daí o modo do seu relacionamento mútuo, a sua ação recíproca. Dar-se-ão contradições que reclamam um solução..."(Marx et Engels, 1986, vol.I, p. 541)

O entendimento filosófico da Educação Física Necessária implica na compreensão do movimento das categorias analíticas, e do movimento, fundamento genérico dos processos e elementos da realidade objetiva, passa à atividade física humana. Da atividade física humana chega à essência da Educação Física e da cultura física como um todo, que é a exercitação física.

A exercitação física é entendida como essência da Educação Física porque:

1. Sem exercitação física é impossível a Educação Física humana. O corpo humano, sob a perspectiva de um setor da cultura a ele especificamente voltado, somente pode ser educado, desenvolvido, tanto no plano das qualidades físicas como das habilidades motrizes, se for exercitado. Sem a exercitação física, individualmente adequada, é impossível haver estimulação corporal significativa para se instalarem processos de melhorias morfofisiológicas e educativas.
2. Sem a exercitação física, as atividades "normais" dos seres humanos, tanto no plano escolar como extra-escolar, apenas propiciam estímulos motores que, no máximo, mantêm as condições físico-habilidosas já existentes. A teoria da Educação Física, da ginástica, dos esportes, dos jogos, somente pode acontecer a partir da prática e, mesmo como resultado da capacidade abstrativa, as teoriza-

ções sobre a Educação Física se validam com a prática.

3. A exercitação física é a essência da Educação Física, porque seu elemento principal, diferencial de outras atividades, se manifesta no plano escolar com aulas de Educação Física, notadamente sob a forma fenomênica que se apoia, como mediação, na ginástica, nos esportes e nos jogos.

A essência da Educação Física se caracteriza pela prática. A exercitação motora, para ser exercitação física real, e com significância para a melhorias corporais, morfofuncionais, requer obrigatoriamente atividade prática humana. Assim, como tipificação das formas fenomênicas da exercitação física, as formas gímnico-desportivas, são essencialmente práticas.

No processo real de seu acontecimento, a essência prática da Educação Física, se realiza como sessões ou aulas, nos quais os fenômenos se tipificam pela utilização mediadora de elementos que embasam a construção do conhecimento e da prática, como a ginástica, a dança, os esportes e os jogos.

Nas sessões ou nas aulas de Educação Física, como imperativo fenomênico, ocorrem *mudanças quantitativa/qualitativas*. Na relação entre a quantidade e intensidade dos estímulos se objetiva o teor real das aulas de Educação Física. Ao ultrapassarem determinados limites, ligados aos objetivos e desenvolvidos, conforme os métodos e técnicas apropriados, os conteúdos quantitativos das aulas de Educação Física se transformam em novos elementos de uma nova qualidade.

O entendimento dialético, de tratamento didático dos componentes "opostos" dos fenômenos e processos educativos, requer que

a par da quantidade e qualidade de prática, tenha-se o tratamento adequado também de certa quantidade e qualidade de teoria. A ligação entre a prática e a teoria nega a abordagem limitada, fracionada do objeto pedagógico. A resolução da contradição do fato de tratar apenas um dos polos do processo de exercitação física - seria um equívoco didático ter uma única referência pedagógica, atinente apenas ao componente motriz dos indivíduos em exercício - constitui-se como uma necessidade pedagógica, sendo pois, uma exigência para a elevação da qualidade fenomênica de aulas de Educação Física.

A prática é o referencial didático-metodológico primeiro, a partir do qual se movem os demais elementos constituintes do processo de ensino-aprendizagem. Como necessidade pedagógica, essa prática de indivíduos concretos e que acontece no meio social, precisa ser compreendida, conhecida nas suas mais profundas relações. Daí, para superar a contradição referentes ao tratamento didático somente da prática, requer-se que a teoria receba o mesmo tratamento. É preciso, pois, praticar a teoria.

E, na utilização da categoria prática, deve considerar-se o que diz Vázquez:

"O fato de que a prática determine a teoria não apenas como fonte - prática que amplia com suas exigências o horizonte de problemas e soluções da teoria -, como também como finalidade - como antecipação ideal de uma prática que ainda não existe -, demonstra, por sua vez, que as relações entre a teoria e a prática não podem ser encaradas de maneira simplista ou mecânica, isto é, como se toda teoria se baseasse de modo direto e imediato na prática." (1977, p. 233)

Nos processos de desenvolvimento otimizados das variáveis quantitativas e qualitativas, que se evidenciam nas aulas de Edu-

cação Física, ao se necessitar uma abordagem pedagógica no tratamento das *contradições*, precisa-se de conhecimento das partes componentes e inerentes aos processos e fenômenos da exercitação motora, de categorias tais como: a força, a flexibilidade, a contração, a descontração, o imediato, o futuro, o individual, o coletivo, a prática, a teoria, o aquecimento corporal, a volta à calma, etc.

A contradição, além de ser fonte do desenvolvimento, também é uma categoria da realidade concreta, como aspectos, tendências opostas e interagentes encontradas nos processos e fenômenos.

Assim, a partir das citadas categorias, do entendimento das contradições carentes de soluções nas aulas de Educação Física, e valorizando a *totalidade*, na fundamentação teórico-prática da Educação Física Necessária, associam-se, pedagogicamente, elementos culturais, fisiológicos e sociológicos. É devido ao tratamento dialético de elementos contraditórios inerentes à exercitação física, à ginástica e aos esportes, às aulas de Educação Física Escolar, que a concepção de Educação Física Necessária compreende a abordagem didática do individual, como ponto de partida e de chegada dos objetivos educacionais, obrigatoriamente interligado com o social, com a totalidade permeadora da realidade escolar. Daí a necessidade de relacionamento, de unicidade, entre o embasamento teórico-prático da pedagogia, da fisiologia do exercício físico e da sociologia do exercício físico.

A categoria totalidade propicia o entendimento e o necessário tratamento didático-pedagógico, da interligação entre os diversos fatores pertinentes à exercitação física. Assim, no presente tex-

to, sempre os elementos culturais devem ser correlacionados e entendidos como intimamente interligados com os elementos sociais e econômicos.

Nas soluções das contradições se movimenta para o *desenvolvimento*, para as superações das negações do idealizado e do real. E para este desenvolvimento otimizado se exige o conhecimento dos processos de ensino e aprendizagem norteados pela *totalidade*.

A totalidade incorre na captação da complexidade dos fenômenos, em que eles são compreendidos em processos e de forma inter-relacionados, e nunca isolados. A categoria totalidade implica no entendimento da não existência da Educação Física separada da Educação como um todo. *Não existe o homem apenas fisicamente educado*. A otimização do desenvolvimento corporal e o entendimento dos conhecimentos a ele relacionados concorrem para que a Educação Física seja apenas um dos componentes globais da totalidade da Educação Social.

Sob o requerimento metodológico da totalidade, o geral é, necessariamente, sempre relacionando com o particular. A totalidade se manifesta pela abordagem didática do conjunto de processos e de fatores inerentes à vida humana e a Educação Social, tanto referente à Educação Física Escolar como à Educação e às práticas culturais desenvolvidas em ambiente extra-escolar.

As particularidades da Educação Física Escolar e extra-escolar, pedagogicamente, requerem ser estudadas, centrando-se a partir da exercitação física dos alunos.

a. O exercício físico

A exercitação motora, essência da Educação Física Necessária, como todos os outros setores da cultura física, tem por base a realidade do movimento. O movimento é uma categoria fundamental porque abrange todos os processos que ocorrem no universo, desde os simples deslocamentos mecânicos dos corpos no espaço, como a queda de uma pedra, até processos mais complexos como o crescimento de uma árvore, as transformações sócio-políticas ou o raciocínio humano. O movimento é o modo de existência da matéria, já dizia Engels (1979,a), sem movimento não há vida, e tudo o que existe está em movimento. E em certos momentos as alterações dinâmicas cedem perante o seu componente estático. A atual formação terrestre pode exemplificar como a própria crosta da terra se movimenta. E nas ciências se percebe que o avanço do conhecimento é cada vez mais veloz e aprofundado.

Aceitando que tudo o que existe tem movimento, essa categoria se torna basilar para todos os fenômenos e processos da realidade objetiva e, por consequência, também da Educação Física.

Ao se abordar o movimento sob a perspectiva especificamente humana, ele toma a forma de *atividade*. Esta compreende o movimento humano que é possibilitado pela interação da totalidade corporal, em que a vontade abstrata, os estímulos cerebrais se objetivam em atividades físicas concretas, possibilitadas pela contração da musculatura estriada. No plano biológico, a interação pensamento-ação implica na atividade integrada do "todo corporal humano", e essa totalidade física com movimento, essa atividade é a forma hu-

mana de relação com o mundo.

A atividade física humana ocorre, interativamente, a partir da estimulação neural, cujos impulsos eletroquímicos possibilitam o deslizamento das proteínas musculares. Ao se contraírem os músculos, fulcrados nas alavancas ósseas, propiciam a ação humana. Para que os músculos se contraíam é necessário que existam, desde a vontade sensível do sujeito da atividade, até os elementos nutricionais apropriados, para suprir de energia a contração muscular, bem como as possibilidades catabólicas.

A contração muscular de um indivíduo particular ocorre com o sujeito vivendo em meio social, em sociedade. E a vida do sujeito, as suas atividades, são (inter)condicionadas social e primariamente pelo modo de produção da vida material.

As atividades físicas são condicionadas pela sociedade, porque é natural do ser humano viver socialmente e, conforme Marx: "Assim como é a própria sociedade que produz o homem enquanto homem, assim também ela é produzida por ele." (1978, p. 9)

De acordo com Engels (1979, b), foi a partir das atividades físicas, e por meio delas, do trabalho manual, que o homem pode diferenciar-se das outras espécies antropóides, podendo, assim sobreviver, formar grupos, humanizar-se, criar a civilização, a cultura.

Sobre a cultura, diz Mezhuiév:

"A cultura é inseparável da sociedade, pois abarca todo o conjunto de relações e laços sociais entre os homens como sujeitos da atividade. Sendo sempre sinônimo de desenvolvimento humano, a cultura coincide, portanto, com o desenvolvimento social, com o desenvolvimento do homem como ser social." (1980, p. 185/6)

A atividade humana é condicionada sócio-historicamente, por-

que ela varia, conforme os períodos de desenvolvimento social. A cultura - o grau quantitativo/qualitativo das atividades humanas, e suas realizações materiais e espirituais - se desenvolve a partir da satisfação das necessidades naturais, como alimento, descanso, abrigo, etc., e se diferencia também com a divisão social do trabalho.

As atividades físicas, especificadas como ações humanas, sociais, acontecem com a existência de tempo disponível. Somente após a satisfação de necessidades de sobrevivência é que o homem pode ocupar o tempo noutras atividades como pinturas, danças ou jogos.

Com o desenvolvimento social, as atividades humanas, particularmente aquelas ocorridas em períodos não-laborais, também evoluem. De pinturas em cavernas, o homem passa pintar em pranchetas, em apartamentos; de danças imitando animais ou simulando combates, o homem cria formas de exercitação motora sistematizada, com a atividade física associada à implementos só possíveis de criação pelo ser humano, como o material esportivo.

Na dinâmica do desenvolvimento sócio-histórico, é propiciado a que as atividades físicas humanas ao se estruturarem culturalmente, tomem a forma de exercício, tais como os exercícios terapêuticos, musicais ou matemáticos. Referindo-se especialmente a sociedade atual, urbanizada e tecnicizada, de modo contraditório e processual, como forma de desenvolvimento social, como realização humana, como meio de utilização do tempo livre disponível, como modo de negar o sedentarismo, sob a forma de educação, de recreação e como necessidade social, as atividades motoras tomam a forma

associação íntima do exercício físico com o *treinamento físico-esportivo*. A diversidade de formas e objetivos da exercitação física se ligam às particulares formas, como as gímnicas-desportivas que, por suas finalidades concretas, por seus fenômenos possíveis de previsão e planejamento, seguindo a característica de objetividade, possibilitam operacionalizações sob a forma de treinamento físico-desportivo.

O exercício físico incorre também numa *totalidade*, pois a exercitação motora não se reduz apenas a solicitação do aparato ósteo-muscular ou cardiovascular, mas como necessariamente presuppõe o homem concreto, sujeito da atividade, a exercitação física vai sempre além de melhorias aparentemente motoras, associando-se também a desenvolvimentos cognitivos, volitivos, éticos e sociais. Na exercitação motora voluntária um músculo não pode ser fortificado isoladamente dos demais sistemas e aparelhos corporais, nem um homem pode se exercitar ilhado do todo social concreto que o circunda, distante dos conflitos de classe. A exercitação motora está também intimamente relacionada com as práticas sociais.

O exercício físico, que é uma atividade física diferenciada, desenvolvida, particularizada, com objetivos, formas e conteúdos próprios, ainda que comum a outras áreas, na ambiência escolar se torna específico da Educação Física. Conseqüentemente a Educação Física, está indissoluvelmente ligada ao seus componentes teóricos, às suas ciências afins, que lhes dá suporte cognitivo-prático.

b. A teoria

Os conhecimentos e abstrações propiciadas, a partir da prática de exercícios físicos, os componentes teóricos da exercitação física possuem uma ligação com a Educação Física que vem desde a Grécia Antiga. Os *theorikós* surgiram juntamente com os jogos gregos antigos.

A teoria da Educação Física, abstrativamente, possui a capacidade de descrever e explicar cientificamente os fenômenos e processos decorrentes da exercitação física. Surgindo da prática concreta e da experimentação, a teoria da Educação Física, como toda a teoria, não possui uma existência afastada da prática, e só com ela se comprova verdadeiramente.

Por meio da teoria, é possível haver previsão e planejamento da exercitação motora. Sendo que toda a atividade física do ser humano também é uma atividade mental, assim, a teoria possibilita a que o homem antecipadamente à atividade, mentalize e compreenda seus atos e suas conseqüências.

À medida em que a Educação Física se desenvolve, também se desenvolve a sua teoria. Com a ligação da prática com a teoria, com o estudo, com o avanço científico, começam a se tornar menos ingênuos e errôneos, tanto a prática gímnico-desportiva, como os conhecimentos decorrentes dessa prática.

Diversas são as ciências que dão suporte teórico-prático à Educação Física, como a Biomecânica, Fisiologia, Bioquímica, Psicologia, Sociologia e Pedagogia, dentre outras. Historicamente, e associado ao desenvolvimento sócio-cultural, desenvolvimento das

forças produtivas, das ciências e da sociedade, à proporção que ocorrem evoluções, na totalidade sócio-cultural, também os diversos setores da cultura física se desenvolvem.

Nas fases mais antigas da Educação Física, era normal a prática ingênua, não planejada, empiricista, mas, aos poucos, foram sistematizando-se os conhecimentos que de genéricos passaram à específicos em cada campo particularizado da cultura física, e também da Educação Física Escolar. Da Mecânica clássica, passa-se para a Biomecânica, que associando as leis da Física e da Biologia, propiciam estudos, que possibilitam melhorarias no desempenho esportivo. Da Fisiologia Médica, aos poucos surge a disciplina da Fisiologia do Exercício, ou Fisiologia do Esporte, voltando-se para o funcionamento corporal em estado de estimulação motriz. A Bioquímica, associada a Fisiologia e outras ciências, como as referentes à alimentação, propicia conhecimentos sobre os processos metabólicos, estudando desde a composição do ar até o requerimentos nutricionais do ser humano na prática de determinados exercícios físicos. Na Psicologia surgem, dentre outras, a Psicologia do Desenvolvimento, a qual abordando as crianças e adolescentes, necessariamente aponta para a importância da exercitação motora, como condição natural do desenvolvimento da totalidade humana; bem como da Psicologia do Esporte, que estuda, sob o prisma psicológico, o homem durante a prática desportiva. A Sociologia, o estudo dos processos e regularidades da sociedade, também se desenvolve e cria setores específicos de estudos, como se tem com a Sociologia do Esporte e da Educação Física. E a ciência pertinente aos processos educativos, com a popularização da cultura física, tal como

as outras ciências citadas, também desenvolve um setor específico para o tratamento do homem em exercício, como se tem na Pedagogia Esportiva ou Pedagogia da Educação Física Escolar.

E, as formas mais comuns de exercitação motora, as quais compõem, como elementos mediadores, grande parte das aulas de Educação Física Escolar, são as formas gímnicas, esportivas e jogadas.

c. Ginástica, esporte e jogo

A palavra *ginástica* tem a grafia oriunda do termo grego *gymnastiké*, fazendo parte do legado da cultura helênica. Sobre ginástica, dizia Tissê, citado por Lapierre:

"A ginástica não é apenas uma arte do prazer, é a arte da vida para a saúde e para a beleza; é um dos ramos mais importantes da higiene pública. Sua função é, antes de tudo fisiológica, psíquica e social. Ela é tão séria como a própria vida, da qual é uma das primeiras funções." (1982, vol. I. p. 1)

Dentre as diversas conceituações, para o entendimento da ginástica, pode-se alinhar a proposição de Pereira:

"Entende-se por ginástica a exercitação corporal, o conjunto de exercícios físicos e mentais em ações que solicitem e ativem os diversos sistemas e aparelhos orgânicos, visando o desenvolvimento de qualidades físicas, mentais e sociais do ser humano. A ginástica consiste em atos motores visando a beleza estética, à eficiência e harmonia corporal." (1988 b, p. 227)

Uma sessão ou aula de ginástica pode realizar-se coletiva ou individualmente; utilizar ou não implementos; servir ou não como elemento preparatório para futuras práticas jogadas, esportivas; ter ou não música de fundo, que propicie o ritmo dos exercícios.

Mas em todos os casos, como forma particular de realização de exercícios físicos, enfatiza a solicitação corporal de modo que proporciona benefícios decorrentes da estimulação dos diversos componentes corporais (neural, ósseo, muscular, cardiorrespiratório, dentre outros).

A ginástica - especialmente nas suas formas analíticas, que tende a solicitação particularizada, de determinados segmentos e articulações - tem a capacidade de propiciar, objetivamente, o fortalecimento específico de certas regiões corporais, e de determinadas qualidades físicas; habilidades motoras e conhecimentos afins. Por meio da ginástica, numa sessão de Educação Física, pode-se controlar a intensidade dos exercícios físicos, o número de repetições e grau de dificuldade na execução dos movimentos, dentre outros parâmetros.

As diversas formas de ginástica, de movimentos organizados visando o desenvolvimento de qualidades físicas, com fortalecimento, descontração, alongamentos corporais, com objetivos pedagógicos, estéticos, militares, medicinais ou recreativos, também são tão antigos como outras formas culturais, como pintura ou dança. Formas gímnicas são encontradas desde a antigüidade, no oriente, como na Índia, com a *ioga*, e na China com o *vu shu*, e no ocidente, como atividade cultural marcante na Grécia Antiga.

Modernamente, a ginástica ressurgiu também como uma consequência do Renascimento. Ela reapareceu na Europa Continental a partir do final do século XVIII e no século XIX, nos seus pólos mais adiantados culturalmente, como na França, Alemanha, Suécia, Áustria, Dinamarca, e norte da Itália. A ginástica ressurgiu com

diversos enfoques, pedagógicos, militares e terapêuticos, e em alguns casos muito ligada às formas competitivas, aos esportes, como no caso dos *turner* alemães, em que era praticada em conjunto com a esgrima, tiro ao alvo e luta corpo-a-corpo. A ginástica também se manteve muito próxima da área médica, na fisioterapia, e ao ambiente militar, na preparação física de soldados. Essas relações, esportivas, medicinais e bélicas já se evidenciavam desde a Grécia Antiga. A exercitação física ginástica, como preparação para as ações competitivas era inerente aos jogos gregos. Médicos antigos, como Hipócrates e Galeno já consideravam as possibilidades terapêuticas da exercitação motora e, conforme Sudakov (1986) atribui-se a Avicena (médico do mundo árabe que viveu na Idade Média) a assertiva: "Se fazes exercícios físicos não precisas de remédios". Já no século XX, de acordo com Mathews (1980), foi a partir de estudos de Kraus - cujos dados, dos meados da década de cinquenta, em plena "Guerra Fria", demonstravam que as crianças norte-americanas estavam inferiorizadas, no plano da proficiência motora, em relação a crianças de países da Europa Ocidental - que o governo dos Estados Unidos desenvolveu programas de melhoria do condicionamento físico para sua população.

Na atualidade, as diversas formas de ginástica são elementos da cultura que, relacionadas com o nível de desenvolvimento das forças produtivas, com o desenvolvimento sócio-cultural de determinados países, de modo geral, se tipificam como possibilidades que dispõe o ser humano de ocupar saudavelmente o seu tempo livre.

Sobre o esporte, dizem Krawczyk, Jaworski et Ulatowski, citados por Lüschen et Weis:

"O esporte é um problema complexo, polifacético, um elemento integrante das mudanças econômicas, sócio-políticas e culturais dentro do mundo moderno." (1979, p. 142)

Tendo em conta as diversas formas e conceituações anteriores sobre o esporte, no entendimento desse fenômeno, considera-se como sendo a aculturação, objetivação, das atividades físicas humanas, formas desenvolvidas das atividades do homem, incorrendo em prática intencional, metódica de exercícios físicos, com objetivos competitivos, obedecendo a regulamentos específicos, e que possam contribuir para o aperfeiçoamento integral do ser humano. É uma atividade subliminarmente política, e sócio-histórica, cuja essência é a exercitação motora, sendo intrinsecamente lúdica e podendo se converter em elemento educativo, de lazer, bem como forma de trabalho social.

Modernamente o esporte, a regulamentação competitiva das atividades humanas - e o fator competição, a necessidade de superar um oponente; o tempo; um adversário; um animal; um obstáculo natural ou culturalmente determinado, é um elemento diferencial do esporte da ginástica - surgiu na Inglaterra, como atividade de tempo livre, oriunda das tradições regionais das ilhas britânicas, aliada aos fatores sócio-culturais propiciados pelo capitalismo. A influência inglesa no esporte pode ser sentida já com a terminologia, que universalmente utiliza a palavra *sport*.

O esporte caracteriza-se por ser um fato social, de marcante participação coletiva. Na imensa maioria das formas esportivas, joga-se com alguém, sendo que um gol, uma cesta, uma cortada são realizações coletivas, fruto da ação grupal. Mesmo os esportes marcadamente individuais, como o atletismo, o pugilismo, ou a na-

tação, além de necessitar de dispor de elementos para comparação e orientação físico-técnico-tática, durante os treinamentos e já na competição - no "momento maior" do esporte como fato cultural particularizado - a sua realização requer a participação com outras pessoas.

O esporte é utilizado largamente como atividade de tempo livre, podendo, também ser motivo de atividade profissional. Em decorrência da divisão social do trabalho, da especialização de determinadas profissões, e do desenvolvimento da civilização, na atualidade existem estamentos laborais que são compostos por pessoas que têm como meio de ganhar o sustento, o trabalho com o esporte e com a ginástica, como os professores de Educação Física.

O esporte, notadamente nas suas formas coletivas, tem um componente ético muito ressaltado, pois implica num conjunto de exercícios físicos, de atividades ocorridas circundadas pelos fatores competitivos. Considerando "as fraquezas do homem", de, sob certas situações, fazer uso de meios escusos para obter vantagens, o esporte adota regras de conduta e legislação próprias. A prática esportiva é honesta por princípio, e todos são iguais perante o esporte. Mas, para evitar os abusos de determinadas situações, para que a honestidade e a vitória do mais capaz não sejam contestadas, cada esporte possui o seu código regulamentar. Em todos os esportes, existem penalidades singulares para determinadas infrações e, como regra básica, nunca um ato doloso pode servir para que a pena imposta beneficie quem o pratique.

No esporte também o elemento lúdico é muito marcante, o que juntamente com o fator competição, contribui para a diferenciação

da ginástica. Ainda que ginástica também seja prazerosa, no esporte a dimensão lúdica é mais evidente. E a ludicidade e assistemática que podem perpassar o esporte são muito mais notadas, quando ele é praticado sob a forma de jogo, de recreação.

No ambiente esportivo se evidenciam diferenças de possibilidades educativo-recreativas na utilização dos diversos esportes. Assim, esportes como o golfe, que na sua prática regular requer muito espaço, e que acontece ao ar livre, se diferencia do voleibol, que não requer tanto espaço. Ambos são empregados como atividades de lazer, mas solicitam e desenvolvem qualidades motoras diversas.

As diferentes formas de esporte, conforme frizado anteriormente, estão intimamente interligadas, intercondicionadas, como elementos sócio-econômico-culturais particulares. O meio geográfico, o clima e as tradições particulares da ambiência desportiva influem marcadamente na sua prática e no seu desenvolvimento. Mas o desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia é igualmente repassado para as atividades de tempo livre, as quais do mesmo modo podem propiciar lucros e influir na economia. Isto faz com que os fatores climáticos e ambientais, que numa determinada etapa socio-econômica poderiam prejudicar a prática esportiva, sejam superados. Realidades como ambientes abrigados das intempéries; a utilização e transporte de grandes quantidades de materiais diversos, como terra, água e madeira; a luz elétrica e o aquecimento ou congelamento ambientais possibilitam que esportes como natação, patinação no gelo, passando pela prancha à vela, motocross, alpinismo e atletismo, possam ser praticados em qualquer

período do dia e em qualquer época do ano.

Na atualidade, a prática desportiva pode servir de exemplo das realizações culturais em determinado estágio societário, em decorrência dos interesses e vontades culturais possibilitados pelo nível de desenvolvimento sócio-econômico. A prática desportiva é um fenômeno cultural marcante do século XX e tende a se desenvolver na medida em que as sociedades também se desenvolvem.

Com relação ao jogo, também uma de suas características diferenciais aponta para um fenômeno cultural, onde, nos casos relativos à Educação Física, seja necessário um determinado grau de esforço físico. Sob o prisma fenomênico, todo o esporte é jogo, mas nem todo o jogo é esporte. As diversas formas culturais jogadas, como os denominados jogos de azar, jogos de cartas, possuem regras a obedecer e oponentes a superar, mas a exercitação física é mínima. Assim, ao ocupar uma determinada e importante parcela do tempo livre em atividade com pouco movimento, como por exemplo: permanecer sentado jogando cartas, ao longo de toda uma tarde de fim de semana, nega-se a exercitação motora significativa, estando mais perto do sedentarismo do que do exercício físico.

No setor cultural da Educação Física, a referência é feita ao jogo recreativo, onde a atividade física humana possa tomar forma de exercitação motora, como na prática esportiva informal. O jogo compreende as formas de exercícios físicos, especialmente jogos esportivo-recreativos, onde o lúdico é o componente primário da sua objetivação. No jogo recreativo, o folguedo e a brincadeira vêm em primeiro lugar. O jogo desportivo-recreativo se liga ao prazer, à satisfação desinteressada, como muitas vezes são as ati-

vidades recreativas de tempo livre.

Ainda que seja um meio universal de atividade educativa e recreativa infantil, o ser humano tem no jogo uma forma de entretenimento que, nas suas diversas concepções e práticas, pode ser utilizada ao longo de toda a vida. O jogo compreende a atividade física, a competição e o regramento, mas estes pressupostos cedem lugar ao objetivo de recreação. E de acordo com Huizinga:

"No que diz respeito às características formas do jogo, todos os observadores dão grande ênfase ao fato de ser ele *desinteressado*." (1980, p. 11)

Os esportes, de modo quase unânime, são originários de exercícios físicos praticados sob formas jogadas. Os jogos no seu desenvolvimento como forma cultural, ao evoluírem, ao se estruturarem e estabelecerem normas, se transformam em esportes. E os esportes, por sua vez, quando em determinadas situações, como no seu aprendizado e treinamento, têm suas regras e outros componentes estruturais violados, assumindo então, de novo, a forma de jogo. Como exemplo disso tem-se o "Jogo dos 10 passes", do andebol. Assim, pode-se destacar a conclusão do ciclo: jogo-esporte-jogo.

E, como consequência das variações quantitativas/qualitativas dos movimentos humanos, das objetivações ocorridas na execução motora decorrentes da prática gímnico-desportiva-recreativa, poderão desenvolver-se qualidades e habilidades físicas e, também, desde que para tal a ação docente se proponha, uma abordagem aprofundada e inter-relacionada com outros elementos da Educação Física, as capacidades cognitivas, volitivas e éticas.

d. As qualidades e habilidades físicas

Na totalidade da exercitação corporal humana, onde o que se movimenta é *homem inteiro*, conforme Lukács, (Heller, 1989, p. 27), nunca um músculo é desenvolvido voluntariamente de forma isolada; nem também é desenvolvida apenas uma das capacidades humanas. Durante a exercitação física humana, que é uma atividade social, somente algumas qualidades é que serão mais solicitadas que outras. As qualidades físicas, no setor cultural particular da Educação Física, significam determinadas possibilidades humanas que podem ser desenvolvidas a partir de estímulos específicos.

De acordo com diversos autores, as principais qualidades físicas são: *força, resistência, velocidade, flexibilidade e coordenação*, as quais se inclui a *descontração*. O referencial bibliográfico sobre as qualidades motoras de modo geral, são oriundos da Educação Física extra-escolar, principalmente do esporte de alto nível.

As qualidades físicas não podem serem entendidas somente a partir da utilização elementos da Física, Fisiologia ou da Psicologia. As qualidades físicas apresentam determinadas dificuldades de definição, pois, na totalidade sócio-cultural, na contração muscular objetivada de um indivíduo concreto, o funcionamento corporal inter-relaciona-se com diversos elementos, como os processos técnicos e educativos, volitivos.

A *força* é a qualidade física básica, pois é a partir dela que se pode mover um segmento corporal. Se, "sem movimento não há vida", sem força não há "movimento". A força implica na possibili-

dade de ser vencida uma resistência por meio do movimento proporcionado pela contração muscular. Sobre a força, diz Tubino (1979, p. 180):

" É a qualidade física que permite um músculo ou grupo de músculos produzir uma tensão e vencer uma resistência na ação de empurrar, tracionar ou elevar".

A resistência é a qualidade física que permite a manutenção da realização de determinadas atividades, por certo tempo, sem prejuízo da eficiência. Das diversas classificações e divisões da resistência, ao se reportar para a Educação Física Escolar, destaca-se a resistência aeróbica e a resistência muscular localizada. A resistência aeróbica, com exercitação com equilíbrio de consumo e aporte de oxigênio, é particularmente indicada para escolares. A resistência muscular localizada, por enfatizar a resistência de força, é indicada como procedimento para o desenvolvimento da força dinâmica, adequado para escolares ainda em fase de crescimento, também como para auxiliar no aprendizado da técnica gestual, pela constante repetição dos exercícios.

A resistência aeróbica implica na execução de exercícios aeróbicos, e conforme Astrand et Rodhal (1981, p. 269):

" ... uma condição de estado estável (*steady state*) denota uma situação de trabalho na qual a captação de oxigênio se iguala a necessidade de oxigênio por parte dos tecidos; conseqüentemente, não ocorre acúmulo de ácido láctico no corpo".

Além de trazer benefícios significativos para o aparato cardíaco-respiratório, como conseqüência da exercitação aeróbica, esse tipo de exercício diminui a ansiedade, a depressão e, logo após a exercitação, evindecia-se um estado de relaxamento corporal.

A velocidade implica na rapidez de realização de movimentos,

sendo fundamental para o sucesso nas principais modalidades esportivas, incorrendo em velocidade de reação, locomoção, repetição, etc. Zatiorski, citado por Mitra et Mogos (1982, p. 55) diz que a velocidade "é a capacidade de efetuar as ações motoras num tempo mínimo para as respectivas condições".

A *flexibilidade* é a qualidade física que se constitui pela elasticidade muscular e mobilidade articular, implicando nas possibilidades de afastamento segmentar, de amplitude de angulação dos segmentos corporais. Dizem Hollmann et Hettinger (1983, p. 157):

"Definimos a flexibilidade ou a elasticidade como sendo a extensão possível no âmbito de movimentos voluntários, em uma ou mais articulações".

A *coordenação* se relaciona com a execução correta dos movimentos, com a perícia gestual, sendo, conforme certos autores sinônimo de agilidade, destreza, habilidade e técnica. Associada à coordenação tem-se as *habilidades motoras*, que dizem respeito a realização gestual correta, a técnica gímico-desportiva. Dizem Hollmann et Hettinger (1983, p. 127) sobre a coordenação, que também a identificam como técnica:

"... entendemos por coordenação a ação sinérgica do sistema nervoso central e da musculatura esquelética, dentro de uma determinada sequência de movimentos. Quanto maior for a qualidade da coordenação, tanto mais fácil e precisamente será o movimento."

Ao lado de qualidades motoras decorrentes enfaticamente da contração muscular voluntária, elemento caracteristicamente "ativo", existe o requerimento de abordagem do seu componente "passivo", da capacidade de descontração corporal. A qualidade física *descontração* implica no relaxamento corporal ou segmentar; compre-

ende a capacidade motora do sujeito de emitir estímulos para diminuir o tônus muscular, "soltar" o corpo. Diz Auriol (1985, p. 20):

"Ao descontraír-se vai permitir que a respiração se torne tranqüila, que o coração bata calmamente, que os conteúdos digestivos cizulem sem problemas..."

Para Tubino (1979, p. 181), a descontração "é a qualidade física compreendida como um fenômeno neuromuscular resultante de uma redução de tensão no músculo esquelético."

Inerentes às consequências do ser humano em exercício físico, aditam-se as qualidades motrizes a estimulação e solicitação das possibilidades cognitivas. Decorrentes do entendimento dialético da exercitação motora, utilizando categorias como a contradição e a totalidade, ao exercitar-se fisicamente o ser humano continua sendo um ser que raciocina, e do conjunto atuante de corpo e mente, com o desenvolvimento de qualidades físicas, também deve ser propiciado o desenvolvimento de conhecimentos, de convicções, das capacidades volitivas.

A *capacidade cognitiva*, desenvolvida a partir da exercitação física, incorre nos conhecimentos assimilados crítica e profundamente relativos aos aspectos teóricos inerentes aos fenômenos e processos que envolvem a prática gímnico-desportiva-recreativa, notadamente conhecimentos técnicos, biológicos e sociais.

O conhecimento sobre a Educação Física, necessariamente implica no entendimento da necessidade de exercitação motora de modo perene. E, para que se exercite continuamente é preciso conhecer os locais e as condições concretas que possibilitam as práticas corporais, como as gímnico-desportivas. Assim, além de conhecimentos relativos aos componentes biológicos e técnicos, a Educação

Física, requer, como critério de necessidade, também abordar os componentes sócio-culturais, relativos à exercitação física.

A esses conhecimentos também perpassam os componentes das *relações éticas*, dos aspectos morais, referentes ao comportamento individual e as demais pessoas; ao relacionamento dos indivíduos na totalidade social.

Também associado indissoluvelmente ao conhecimento, pela exercitação motora, tem-se o desenvolvimento da *vontade*, do gosto pelo exercício. A partir da prática e do conhecimento, manifesta-se a convicção da necessidade de exercitação física permanente. A Educação Física continuada compreende a exercitação física individualmente otimizada realizada ao longo da vida, com caráter ontogénico. Requer que o sujeito da atividade tenha na exercitação física uma prática cultural constante, e que ocupe certos períodos de seu tempo livre, idealmente um espaço diário, com ginástica ou esporte, de modo autônomo e consciente.

E a exercitação motora continuada é exigência necessária para que os benefícios decorrentes das práticas gímnico-desportivas também sejam permanentes. Corretamente desenvolvida a exercitação física está associada ao bem-estar dos indivíduos. A exercitação motora contribui para a humanização societária porque acarreta inúmeras conseqüências benéficas ao ser humano.

Além dos reconhecidos benefícios para o crescimento e desenvolvimento adequado das crianças, proporcionados pela atividade física, pode-se alinhar:

- Para a mineralização das matrizes ósseas é necessária a estimulação mecânica, pela ação de trações exercidas pelos músculos es-

triados;

- As fibras elásticas dos pulmões aumentam até adolescência com a contribuição significativa da atividade física;
- A exercitação física contribui para estimulação das secreções das substâncias tóxicas, melhora circulação sanguínea, reativa as funções epiteliais, ósteomusculares e cárdiovasculares.

Na atualidade, a prática permanente de exercícios físicos contribui, à sua maneira, para que sejam negados e superados - ainda que parcialmente - os malefícios do sedentarismo. Atualmente, a exercitação motora é uma necessidade advinda do atual estágio de desenvolvimento social. Mesmo que na realidade objetiva co-existam com relações sociais e de produção de níveis pré-capitalistas - como certas jornadas laborais na pecuária, agricultura e na pesca, que duram de sol-a-sol, e também noutros setores do "mundo do trabalho" em que a atividade física é intensa - a grosso modo, na maioria dos casos, a atividade motora de trabalho profissional e de outras atividades se caracteriza pela pouca movimentação. E a falta de atividade contribui para que se estabeleçam processos negativos para a saúde. Sobre a atividade física cotidiana, Hüllemann (1978) diz que a vida profissional mecanizada não possibilita situações de prover uma estimulação suficiente para a manutenção da saúde e, com isso, as atividades de tempo livre assumem uma importância crescente.

Para Hollmann et Hettinger (1983, p. 404/5) a inatividade compreende:

"A solicitação muscular que cronicamente se situe abaixo de um limiar de estímulo, cuja a ultrapassagem é necessária para a manutenção ou para o aumento da capacidade funcional."

De acordo com esses autores, a inatividade extrema como o repouso no leito, leva à diminuição no volume cardíaco, no débito cardíaco e na capacidade geral de desempenho, dentre outras alterações fisiológicas que, genericamente, comprometem a saúde.

Conforme a Organização Mundial da Saúde, não se resume a saúde na ausência de enfermidades, mas compreende um "bem-estar físico, social e mental". Atualmente a exercitação motora, continuada e otimizada individualmente, contribui para prevenir moléstias, cujas origens também são sociais.

Associada à hábitos saudáveis de vida - tais repouso periódico, abstenção do uso de drogas, junto a uma alimentação apropriada, na qual se eliminem certos fatores de risco para a saúde, como gorduras, sal e açúcar em excesso - a exercitação física possui a sua parte na manutenção de uma vida de melhor qualidade.

Barnard et Ilman (1982, p. 178) informam que para a manutenção da saúde eram considerados como "hábitos de ouro" os seguintes procedimentos cotidianos: não fumar, manter atividade física regular, abster-se do álcool ou usá-lo moderadamente, dormir sete a oito horas por dia, manter o peso apropriado, tomar café da manhã regularmente e não comer entre as refeições.

Astrand (1977), salienta que, com a diminuição no aporte de calorias diárias, como na menor ingestão de cem Kcal por dia, como com a abstenção do açúcar, associada a uma exercitação física de andar diariamente dois quilômetros, em um ano um indivíduo considerado normal fisicamente, perderá 12 kilos de gorduras corporais.

Conforme Mathews (1980), decorrente do desenvolvimento advindo pela prática de exercícios físicos, a qualidade motora

força, além de possuir a capacidade de ajudar o ser humano no dia-a-dia, também contribui para a estética corporal, para a beleza física. De acordo com Astrand et Rodhal (1980), a força ajuda na manutenção da densidade e resistência óssea de idosos. Diz ainda Mathews (1980) que aliada a flexibilidade, a força auxilia a eliminação de certos casos de dores lombares.

Universalizada desde o início dos anos setenta, o treinamento da resistência aeróbica ajuda a evitar problemas coronários. Cooper (1979) informa que o desenvolvimento da condição aeróbica melhora a vivacidade e a produtividade mental, além de atenuar efeitos de problemas psicossomáticos.

Rigatto (1966) cita dados de pesquisa com indivíduos sedentários e com indivíduos condicionados fisicamente, constatando que os sujeitos em melhor condição física apresentavam resultados mais satisfatórios em parâmetros referentes à frequência cardíaca e respiratória, volume de oxigênio consumido e eliminado por minuto, dentre outros.

Ainda de acordo com Rigatto (1984), a exercitação física propicia o desenvolvimento do que denominou "Seis Corações do Homem", que são: o "coração periférico" (constituído pelas veias valvuladas dos membros), o "coração abdominal" (formado pela veia cava inferior e pela tricúspide), o "coração pulmonar" (constituído pela circulação pulmonar), o "coração ventricular direito", o "coração ventricular esquerdo" e o "coração arterial" (formado pelas artérias, pelas primeiras válvulas venosas e ciclicamente alterados pelo volume sistólico).

O exercício físico há muito se associa à prevenção de doen-

ças coronarianas. São conhecidas as pesquisas de Morris et al (1973), citados por Hüllemann (1978), realizadas com os cobradores e os motoristas de ônibus urbanos na Inglaterra. Estudos como os de Stamler e de Paffenberger, citados por Cooper (1979), também dão conta que as pessoas que são mais ativas têm menor incidências de coronariopatias.

De modo geral, a exercitação física permanente contribui as pessoas a terem um maior de peso coporal oriundo de massa muscular; menor percentual de gordura; maior capilarização; mais elasticidade nos vasos sanguíneos; mais predisposição ao trabalho; e menor predisposição ao cansaço.

Exercícios de ginástica elementar, como os conhecidos exercícios abdominais, contribuem para uma melhor função digestiva, para com o peristaltismo intestinal, são importantes para a postura corporal e para saúde da coluna lombar.

A exercitação física permanente ajuda na manutenção das formas e perfis corporais, bem como no funcionamento motor otimizado, de modo a que as características da juventude, como a flexibilidade e a postura, tendam a se manter pelo maior tempo possível.

O exercício físico promove o fortalecimento de determinados grupamentos musculares e com isso contribui na manutenção da postura ideal, que além do componente estético, possui a sua dimensão social. Potentados e nobres caracteristicamente possuem um porte altivo, deslocando-se com a cabeça erguida. Já para os subservientes e humildes, o andar cabisbaixo é o normal. Assim, o acostumar e manter o andar elegante, os ombros e a cabeça eretos, como consequência da Educação Social, da Educação Física, também são exi-

gências para o sentimento de igualdade e dignidade humanas.

A exercitação motora permanente contribui para que se negue a velhice, atrasando o *relógio biológico*, postergando o estabelecimento dos processos de envelhecimento. Sob esses processos, diz Hüllemann (1978) que pode distinguir a velhice pelos seguintes parâmetros: perda da função fisiológica, perda da forma corporal e perda da saúde. A exercitação física, metódica e continuada, ajuda na refutação da perda das funções, pois ao se estimular uma função orgânica está fortalecendo-se o órgão por ela responsável, como no caso da estimulação cardíaca, ou como dizia Tissie, citado por Diem (1966, p. 215): "É necessário robustecer primeiro a função para que se possa robustecer o órgão". Nega a perda da forma, pois a estimulação física ajuda na manutenção dos contornos corporais e a ideal forma orgânica-funcional. E por superar os quadros em que se podem instalar certos processos patológicos, o exercício físico ajuda na manutenção da saúde.

Os hábitos de vida saudáveis, nos quais se encontram a constante exercitação física, contribuem para uma significativa melhora na qualidade de vida. Kiriluk (1983) cita estudos realizados com mais de 2.500 casos de pessoas que se exercitavam sistematicamente, onde houve um retardamento no envelhecimento das funções motoras de 10 a 15 anos.

Hollmann et Hettinger (1983) informam que a exercitação física regular dos 30 aos 40 anos de idade, dessa forma conservando o nível de condicionamento físico, incorre num retardo dos processos biológicos de envelhecimento e proporciona a possibilidade de manter os "quarenta" por mais vinte anos.

A exercitação física proporciona aos seus praticantes uma sensação agradável de bem-estar. Rigatto (1984) informa que somente o exercício físico pode estimular o cérebro de modo que haja a secreção das denominadas "morfinas endógenas" (endorfinas), responsáveis pela sensação de prazer advinda após a exercitação motora.

Pereira (1987), em estudo com mulheres, servidoras públicas de meia-idade, após trinta e cinco sessões de ginástica, além da manutenção do peso corporal e desenvolvimento altamente significativo, estatisticamente, de qualidades físicas como: resistência aeróbica, resistência muscular localizada, força rápida e flexibilidade, encontrou também melhorias no plano do bem-estar, com eliminação de dores lombares, sono mais tranquilo, melhor disposição para o trabalho, e diminuição de níveis de hipertensão arterial.

Essa preocupação para com a exercitação física continuada, que associada a hábitos saudáveis de vida contribui para a manutenção dos parâmetros de existência próprios da juventude, mais distante do que uma pretensa associação a um "patológico medo da morte", está, sim, muito mais próxima de uma concepção de mundo dialética, onde também se valoriza o "hedonismo", e que é somente na realidade sócio-cultural concreta que ela pode acontecer.

e. A exercitação física e a sociedade

Ao se abordar as particularidades da cultura física, da exercitação motora permanente, correlacionada com a generalidade da totalidade social, o referencial dialético se orienta para que o homem concreto, sob o requerimento da igualdade social, necessite considerar que a igualdade e a cidadania são, antes de mais nada, igualdade e possibilidades para o usufruto das conquistas da humanidade. A humanização, a socialização do ser humano, e as reais igualdades e liberdades dizem respeito à igualdade e liberdade de viver plenamente. As sociedades não serão totalmente livres e igualitárias convivendo com determinados desníveis, marcadamente de origem social, de usufruto de possibilidades culturais. E compondo as possibilidades culturais encontra-se a exercitação física individualmente otimizada.

Sobre a relação entre a cultura física e a sociedade, resente-se a falta de estudos prévios, pois nossa jovem Educação Física ainda privilegia teoricamente os estudos sobre os campos pedagógicos e fisiológicos, relegando a um segundo plano a sociologia do exercício físico.

Pereira (1979), em estudo realizado em cidade considerada como de "Porte Médio", através de entrevistas e análises de instalações e instituições de prática formal gímnico-desportiva, dentre outros pontos, constatou que de um universo habitacional urbano com cerca de 200.000 pessoas, menos de 3% dessas costumavam exercitar-se fisicamente de forma voluntária. Os indivíduos com mais de 35 anos de idade, bem como as mulheres eram minoria na frequên-

cia das instalações, sendo que as crianças eram a grande maioria; quase que não havia pessoas negras ou mulatas freqüentando os clubes sociais e academias de ginástica e esportes, com exceção do futebol e do boxe; e o preço para a freqüências às instalações importava em cerca de 5% da renda familiar, renda esta que estava 35% comprometida com a alimentação e outros 35% com a moradia.

A exercitação física continuada, e otimizada individualmente, somente pode ocorrer de forma concreta se, para tal houver determinadas condições. As situações atuais para que seja possível a prática contínua de exercícios físicos, são, em última instância, determinadas pela condição social do sujeito da prática. Vivendo em sociedade de classes, a cultura, as possibilidades de usufruto das conquistas da humanidade ressentir-se-ão das condições classistas. A cultura também se desenvolve, tendo como pano de fundo a ambiência de conflitos sociais, por vezes subliminados, e por vezes explicitados.

Desde o berço da Educação Física, na Grécia Antiga, se evidenciavam diferenças objetivas quanto a prática de exercícios físicos pelos habitantes das cidades-Estado. Afora as particularidades de gênero, referente a posição da mulher na sociedade, elas, mais os homens livres, mas não cidadãos, e a imensa maioria da população, os escravos, não podiam participar de um dos elementos mais marcantes do mundo grego antigo, que eram os eventos competitivos, como os Jogos Olímpicos. Principalmente para os escravos, sobre os ombros dos quais recaíam as atividades produtivas, as atividades de cultura física inexistiam. Pela sua posição na sociedade, sem tempo livre, sem acesso às instituições educacionais for-

mais, nem às instalações gímnicas, os escravos estavam alienados da exercitação física.

Sob o modo de produção feudal, com os servos como responsáveis pelo trabalho, pela produção material de uma sociedade marcadamente rural, notadamente nos seus períodos iniciais e médios, a eles também era dificultada a exercitação física metódica. A exercitação motora, que tinha na nobreza os participantes dessa forma de cultura, possuía uma ênfase militarista. Se a cavalaria dominava a arte bélica, a exercitação física metódica se voltava para o nobre cavaleiro, pois os servos participavam das batalhas como infantas. Para os servos, a cultura física tendia a se resumir às formas mais simples, jogos e lutas, ocorridas nos feriados e nas feiras comerciais. Na Educação Escolar medieval, com o *trivium* e o *quadrivium*, inexistia a disciplina Educação Física e se a posição da mulher na cultura em geral era, a grosso modo, inferior a do homem, na cultura física a participação feminina era ainda mais limitada.

A cultura física como um todo, e notadamente a prática gímnico-desportiva-recreativa são fenômenos típicos do século XX. A moderna Educação Física Escolar se desvela como uma necessidade sócio-cultural que acompanha o nível de desenvolvimento das forças produtivas, da tecnologia, da evolução social. É característica de sociedades com relativo desenvolvimento industrial e com a maioria da população vivendo em meios urbanos. Na atualidade a exercitação física, gímnica-desportiva e recreativa, tende a abranger todo o globo terrestre e acontece nos mais diversos sistemas sócio-econômicos e agrupamentos étnicos. Em nossa realidade, uma realidade

social cada vez mais urbanizada, a cultura física tem praticantes das mais diversas idades e condições sociais, porém, marcadamente, possuem uma prática cultural condizente com suas possibilidades temporais, materiais, educativo-culturais e econômico-financeiras.

Em sociedade com altos desníveis pecuniários e classistas, também se evidenciam diferenças objetivas na utilização prática do tempo livre disponível. Para as camadas assalariadas, e suas aproximadas: subempregados, desempregados, dentre outras, tanto o tempo livre disponível, bem como a educação - a vontade e o gosto pela exercitação física estão indissoluvelmente ligados aos processos educativos devido a que a volição depende do conhecimento e da prática - a disponibilidade material, e as condições econômicas para praticar exercícios físicos são menores, quantitativa e qualitativamente, do que as mesmas condições para as classes dominantes, e suas camadas aproximadas, como profissionais liberais, e assalariados de altos rendimentos. Assim, a existência de grande percentual de pessoas apresentando deficiências culturais, com baixo nível de condicionamento físico, de habilidades motoras e de conhecimento sobre a Educação Física, a grosso modo, não se pode atribuir estas deficiências apenas aos indivíduos, mas sim, é necessário encontrar as causas últimas que dificultam as práticas culturais, e essas diferenças se encontram no estágio de desenvolvimento da formação sócio-econômica.

Em nossa realidade atual, que é de uma sociedade que se fundamenta no modo de produção capitalista, a qual ainda se ressentida dos efeitos do capitalismo periférico, híbrido de país desenvolvido e de país de "terceiro-mundo", certos aspectos específicos des-

sa formação sócio-econômica, tais como a existência de contingentes de trabalhadores desempregados, e do trabalho social com distribuição desigual das riquezas produzidas, contribuem para que as práticas culturais também evidenciem as desigualdades classistas.

Essas diferenças sociais também se revelam, concretamente, na existência de altos níveis de diferenciação entre os indivíduos que apresentam distintos indicativos de nível de escolarização, de tipo de moradia, de alimentação, de modo de vida, de utilização do tempo livre e, dentre outras de possibilidades de exercitação física. O nível de condicionamento físico-desportivo, reflete-se nas diferenças culturais e morfofuncionais objetivas que as pessoas apresentam. Assim, decorre da Educação, da cultura do indivíduo, que ele entenda o desenrolar de uma partida de tênis, ou a importância de correr metodicamente por vinte minutos, mantendo essa exercitação num patamar aeróbico. Resultante do nível de condicionamento físico diferenciado socialmente entre os sujeitos, como a partir do condicionamento físico globalizado, em que a prática gímnico-desportiva propicia o desenvolvimento multifacético de várias qualidades físicas, mesmo que numa análise superficial eles não revelem grandes diferenças corporais, no plano da proficiência motora e bioquímica, o sujeito "treinado" apresenta condições de exercitação motora melhorada, bem como valores quantitativo/qualitativo elevados de elementos como hemoglobina, mioglobina, mitocôndria, espessamento ósseo, força muscular, flexibilidade, etc.

Especificamente no tocante à exercitação física, gímnico-desportiva, as classes hegemônicas conseguem, sem sacrifícios, utilizar o maior tempo livre disponível - facilitado por melhores

meios de transporte - em atividades como: freqüentar clubes sociais onde se pratiquem os mais diversos esportes, bem como academias e institutos de ginástica. Podem possuir barcos, motocicletas, bicicletas, e aparatos de ginástica, como esteiras rolantes, cicloergômetros, máquinas e aparelhos para musculação, etc. Associadas às possibilidades temporais, materiais e econômicas, as classes abastadas, também possuem a exercitação física como ideal a ser buscado, pois tem acesso às informações que apontam para os benefícios estéticos e lúdicos que a cultura física possibilita.

De certa forma, ainda que existam elementos das camadas assalariadas que utilizam o tempo livre com a exercitação física e elementos das classes hegemônicas que não se dispõem a utilizar o tempo livre exercitando-se formalmente, de modo geral, a alienação em relação à cultura ainda que possa abranger todos os estamentos classistas, atinge muito mais os pobres do que os ricos. Alienação das classes abastadas é resolvida de modo diverso, pode mais facilmente ser superada, pois estas dispõem de melhores condições temporais, educacionais, materiais e financeiras.

Já para as camadas assalariadas, a prática gímnico-deportiva, limitada por dificuldades de menor tempo livre disponível - as jornadas laborais de quarenta e quatro horas semanais, fora as horas extras, e o tempo perdido no deslocamento de casa para o trabalho, contribuem para isso - por menor acesso às informações sobre a exercitação física; bem como limitadas pelo pouco poder aquisitivo para pagar, sem sacrifícios, mensalidades e prestações de clubes e de academias; tem nas instalações materiais também um grande delimitante. As práticas culturais que ocorrem a céu aber-

to, além de ficarem sob os caprichos da natureza, por serem utilizadas somente nos fins de semana, o que contribui para que os estímulos motores sejam fisiologicamente insuficientes, apontam para a exercitação física apenas de cunho recreativo, de folguedo. Ao que pese a recreação semanal possuir a sua validade, sob o prisma da necessidade de exercitação física permanente, deixa a desejar, pois para a significativa exercitação motora, os preceitos da fisiologia do exercício estabelecem um patamar ideal de cerca de três a quatro vezes por semana (Cooper, 1985; Buenache, 1985; McArdle, Katch et Katch, 1985; dentre outros).

Em nossa realidade, as atividades recreativas, de origem esportiva, mas de cunho passivo, como a assistência a jogos, via televisão e a freqüência a estádios, ainda que contribuam para o entretenimento, e também se associem à passividade cultural e político-ideológica, levam, pela limitação das atividades motoras, aos reforços dos processos de estabelecimento do sedentarismo. Na existência de altos níveis desportivos, notadamente no futebol, é peculiar a existência de grandes contingentes de espectadores. Porém o aspecto negativo, nefasto dessa relação está na redução do interesse esportivo à assistência aos eventos, a passividade recreativa. O interesse desportivo em si nada possui de maléfico, a sua hegemonia em termos de passividade recreativa, contradição não idealmente resolvida, é que se torna nefasta.

Assim, o atual estágio de desenvolvimento propicia a que diferenças sociais se evidenciem em diferenças de práticas culturais e, dentre as práticas culturais, a exercitação motora permanentemente também resente o peso das precárias condições de vida de grande

parte da população na atualidade.

Em concordância com as desigualdades sócio-econômico-culturais, a noção liberal de igualdade de oportunidades são maculadas. Ainda que existam certas "ilhas culturais" imersas num "mar" de condições adversas, a realidade concreta faz com que seja impossível a ocorrência de prática ideal de exercícios físicos nas periferias citadinas, nos bairros onde residem a maioria da população, os trabalhadores assalariados e seus familiares, bem como nas vilas surgidas de invasões de terrenos urbanos, nas favelas ou em outros locais e regiões onde inexistem ou sejam precários os sistemas de esgotos, ruas pavimentadas e iluminação pública. E as deficientes condições para a exercitação física também se evidenciam nas pequenas cidades interioranas. Tomando como referencial as particularidades do Rio Grande do Sul, de acordo com os dados do FIBGE (1990), dos 333 municípios deste Estado, existiam 242 (perfazendo 22,9% do total da população e 72,7% do total dos municípios) que tinham até 20.000 habitantes; e havia ainda apenas 5 municípios com mais de 200.000 habitantes. Esses dados revelam que uma significativa parcela da população gaúcha residia em cidades pequenas, dificultando a existência de instituições onde fosse possível a prática de exercícios físicos, como clubes, academias e mesmos escolas públicas, com um ideal nível material.

Também seria uma situação *kafkiana*, que em meio da pobreza, onde convivem pessoas que percebem baixos salários, ainda que houvesse ótimas instalações gímnico-desportivo-recreativas, que os assalariados pobres e os trabalhadores desempregados dispusessem de tempo para dedicar-se à exercitação motora. Continuará sendo

uma situação ilusória, que num meio carente, ainda que aí houvesse boas instalações, e tempo para as práticas culturais, também existissem professores de Educação Física bem pagos para orientar a exercitação física. Ainda com relação à totalidade de indicadores sociais e às possibilidades de exercitação física, na realidade brasileira existem, minoritariamente, contingentes populacionais com padrões de vida de "primeiro mundo", mas a grande maioria da população vive em dificuldades. Conforme Jaguaribe et al (1986):

- De uma população de cerca de 135 milhões de habitantes, existiam 49,6% que tinham menos de vinte anos de idade;
- Dos 52,4 milhões de pessoas que compunham a população economicamente ocupada (PEQ), 29,8% trabalhavam na agricultura, 21,7% na indústria e 16,6% nos serviços;
- A renda per capita se situava em 2 mil dólares norte-americanos;

E, ainda de acordo com esses autores:

"Os 52,4 milhões de brasileiros integrantes da PEQ se acham fortemente concentrados nos mais baixos níveis salariais, 29,3% dos trabalhadores (exclusive os sem rendimentos) ganham até um salário mínimo". (p. 17)

"Mais da metade das famílias (52,6%) brasileiras, portanto, se encontra numa faixa que varia da estrita miséria (28,3%) à estrita pobreza (23,3%)... Dos poucos mais de 29 milhões de domicílios apurados pelo PNAD de 1984 do IBGE, apenas 66,2% estão ligados à rede de água e 25,6% à rede de esgoto. Somente 57% tem lixo coletado e somente 53,6% dispõem de um filtro". (pp. 18-19)

"32,9% (PNAD 1984) dos brasileiros se encontram num nível de miséria, comparável aos mais pobres padrões afro-asiáticos". (p. 92)

Ainda, embasando-se em dados referentes aos meados da década passada, nos quais certos efeitos da nossa crise sócio-econômica ainda não eram tão fortes como atualmente, conforme Furtado (1984), as previsões para o futuro eram pessimistas, pois:

"Avançamos pelo quarto ano de recessão e mesmo as hipóteses mais otimistas com respeito ao comportamento de nossa economia no futuro imediato indicam que, muito provavelmente, estaremos no final do decênio com uma produção por habitante similiar à que tivemos dez anos antes, com uma acrescida massa de desempregados e subempregados, um enorme atraso na construção residencial, séria degradação dos serviços de saúde pública, de educação elementar, enfim um país semi-devastado, como se houvessemos sido varridos por uma peste ou uma guerra".
(p. 9)

Assim, para uma grande parcela da população a cultura de tempo livre inexistente, pela simples inexistência de espaço disponível na luta pela sobrevivência.

A cultura física acompanha o conjunto dos outros indicadores sócio-culturais, pois a exercitação física permanente está indissociavelmente ligada a hábitos saudáveis e ideais condições de vida. Genericamente, nos locais onde sejam minorizados os problemas sócio-econômicos, também é onde existem as melhores condições materiais, temporais e culturais, educativas, para o ideal desenvolvimento da cultura física.

Como elementos característicos das instalações e dos praticantes de exercícios físicos, as camadas abastadas dispõem de clubes e instituições, como academias de ginástica, com elevado nível de implementos e de material. Já, como característica da cultura física das camadas assalariadas e pobres, tem-se os terrenos baldios e as praças com poucas instalações materiais, ainda que para certos grupos de assalariados existam também clubes e instalações gímnicas. De certa forma, escola rica, contando também com boas instalações e possibilidades de várias formas de exercitação gímnico-desportiva e clube com piscina, com quadras esportivas e instalações ginásticas tipificam os locais da cultura física das ca-

madras abastadas; e, escola pobre de periferia, cujas instalações para Educação Física se resumem, quando existem, em uma quadra esportiva acimentada, e campo de futebol, com goleiras sem redes, e sem grama na pequena área, tipificam as instalações esportivas das classes assalariadas.

Porém, o que existe na realidade, são apropriações e utilizações particularizadas por determinados segmentos classistas, de elementos da cultura universal. Snyders (1981, p. 341) destaca que "não há matemáticas proletárias diferentes das matemáticas burguesas", da mesma forma, a ginástica, o esporte e o jogo também são oriundos e possibilitados pelo trabalho coletivo. A condição classista dos sujeitos da atividade é que determinam suas possibilidades culturais.

Se os governantes nunca, concretamente, propiciaram a que houvesse privilégio ou tratamento adequado, no campo das políticas públicas, para com a Educação Escolarizada, imagine-se para com a Educação Física, para com a popularização da exercitação física. Salvo raras exceções, nacionalmente, inexistem programas de popularização e de propiciamento de condições materiais, instalativas, para a exercitação física. E a própria noção de interligação entre as condições sócio-econômicas e culturais concretas contribuem para inexistência da popularização da exercitação física, via iniciativas governamentais, bem como para as iniciativas particulares.

No campo das iniciativas particulares, como os sindicatos mal dispõem de condições para as lutas econômicas, para buscar evitar as perdas salariais, eles não conseguem levar a diante as

lutas culturais, nas quais se encontra a exercitação física.

Assim, a Educação Física, se desenvolve envolta numa totalidade de elementos, dos quais o principal se configura no econômico-classista. A partir dos indicativos econômicos, de modo interligado, movem-se os demais. E, na realidade objetiva, as condições educativo-culturais, nutricionais, de saúde, materiais, e temporais, na imensa maioria dos casos, ainda são privilégios de classe. Porém, mesmo que em última instância o sistema sócio-econômico condicione a prática de exercícios físicos na sociedade, no bojo das mudanças inerentes às possibilidades de prática social propiciadas pelas - há pouco conquistadas - liberdades e possibilidades sócio-políticas, se evidenciam espaços e situações em que a Educação Social, e sua implementação concreta, contribua a fim de que ocorram melhorias sócio-culturais. Estas melhorias - que se traduzem em processos de diminuição de mazelas socialmente estabelecidas, tais como baixos salários, pouco tempo livre, poucas instalações gímnico-desportiva-recreativas, e pouco conhecimento e falta de vontade de praticar exercícios físicos - podem ser alcançadas com a participação social consciente. E essa participação social e cultural consciente, ao lado da exercitação motora otimizada, é um dos objetivos da Educação Física Escolar Necessária.

Então, também como objetivo da Educação Física Necessária, não como dogma, mas como elemento concreto para o desenvolvimento social, tem-se o requerimento para a superação, da atual realidade sócio-cultural. A ideal solução das contradições sócio-culturais que obstaculizam o desenvolvimento da cidadania, a satisfação total das necessidades concretas humanas aí incluídas, as necessida-

des de exercitação física otimizada, são impossíveis na atual realidade sócio-cultural. Sob o entendimento capitalista da cultura, a exercitação física também se transforma em categoria econômica, e tende a ser usada como mediação para ganhos pecuniários. Assim o acesso à cultura, mediado em instância última por aspectos econômicos, tende a excluir um grande contingente da população de suas possibilidades de prática, contribuindo para a sua alienação cultural, restringindo fatualmente as suas possibilidades de vida em sociedade. De certa forma, principalmente onde não evidencia possibilidades de gerar lucros, e onde suas elites dirigentes tem uma visão limitada de cultura, o capitalismo é inimigo da cultura, pois se opõe concretamente à real igualdade cultural entre os seres humanos.

A Educação Física Necessária configura-se, assim, em elemento de mediação para a Educação Social, Educação real do ser humano. Os processos educativos e, imperativamente também os voltados especificamente para a corporeidade, compreendem a imediatidade e a ulterioridade da prática social, como elementos necessários para a comprovação do alcance da cultura, das atividades concretas dos sujeitos sociais. Como elemento necessário para Educação Física, tem-se que a participação social, considerando objetivamente as possibilidades sócio-culturais propiciadas pela atual fase de desenvolvimento do sistema sócio-econômico, e liberdades políticas, na qual se busque, cada vez mais, a humanização e socialização do ser humano. Essa humanização socializada do homem implica em processos ativos de superação dos quadros negativos atuais da nossa sociedade.

A conscientização da necessidade de mudanças sócio-culturais entende que, para a melhoria na cultura física se necessita, também, de melhorias na totalidade de outros indicadores culturais e de qualidade de vida. Não pode existir uma prática cultural harmoniosa e, por conseguinte sujeitos idealmente desenvolvidos, em sociedade desarmoniosa. Ao se propor alterar a realidade no setor específico da exercitação física, é necessário, também, pugnar-se por mudanças nos outros setores da cultura, e daí se estará apontando para mudanças profundas de cunho estrutural, para romper com o passado, e acabar com o que Snyders (1981) chama de "pré-história da cultura".

E essa prática social, escolar e extra-escolar, que se incentiva nas aulas de Educação Física, também se orienta a partir da contribuição de Suchodolski (1984, p. 117), para quem:

"O ideal não deve nem sancionar a vida atual, nem tomar uma forma totalmente alheia a essa vida. Importa facultar à vida humana condições e encorajamentos, garantias e organização tais que possa tornar-se base de desenvolvimento e da formação, base da criação da *essência humana*".

2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física Escolar Necessária é a parte da Educação Social que se volta "particularizadamente", para a corpo humano e, sob a exigência da unicidade corporal, acontece, pedagogicamente, a partir dos processos motores. Ela não pode ser entendida e desenvolvida sem o seu obrigatório relacionamento com a totalidade da Educação Escolar. E essa Educação formalmente desenvolvida, de

uma ou de outra forma, reflete a influência das pessoas sobre as outras, e também interesses sócio-econômicos.

Sobre a Educação, diz Meier (1984, p. 11):

"Na sua qualidade de processo social que se orienta por meios socialmente estabelecidos e levados à prática com determinados conteúdos sociais, a educação se desenvolve sempre em condições concretas dadas".

Ainda de acordo com esse autor, a Educação se refere à prática social e assimilação de conceitos humanos essenciais, e essa assimilação deve ser entendida como objetivação.

Na totalidade compreendida pela Educação Escolarizada, existe a parte que se volta objetivamente para o aspecto físico, motriz, dos processos de formação dos educandos, que é a Educação Física Escolar. Com a visão de que "a Educação é única ou não é Educação", a Educação Física se constitui em mais um elemento do todo educativo escolar: intelectual, artístico, laboral-técnológico, etc.

A categoria totalidade, vital referencial para o relacionamento da Educação Física Escolar com a Educação, do entendimento unitário de ser humano, bem como do relacionamento do indivíduo com o contexto sócio-cultural, é tributária da contribuição de Lukács (1974, p.42), para quem: a totalidade não pode ser entendida a menos que o sujeito que a encarar não seja ele próprio uma totalidade.

A inserção da Educação Física na totalidade escolar implica em a conceber como um componente formal do currículo escolar. O conceito de currículo é entendido em conformidade com Saviani (1980, p. 66):

"... existe atualmente uma tendência a se considerar o currículo com sendo o conjunto das atividades (incluindo o material físico e humano a elas destinado), que se cumprem com vistas a um determinado fim. Este é um conceito muito amplo, pois abrange todos os elementos relacionados com a escola."

A Educação, desenvolvida na escola, irá compor o currículo da Educação Formal, a qual, conforme Cury (1985, p. 105):

"... é a educação que tem na escola seu ponto principal de referência. Nascida dos problemas e necessidades do mundo da produção, tem toda uma estrutura hierárquica, cronológica e burocrática."

A Educação Escolar também é histórica, pois acompanha, com interações dialéticas, o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção. E, conforme Snyders (1981), no campo da Educação, expressam-se os ideais das classes dominantes, sendo local de confronto de idéias e de interesses.

E o caráter histórico da Educação pode ser explicitado conforme a colocação de Vieira Pinto (1982), para quem ela é um processo exponencial, fato existencial, fenômeno cultural, modalidade de trabalho social, fato consciente, por essência ação concreta e por natureza contraditória, desenvolvida sobre o fundamento do processo econômico da sociedade.

A Educação Física Escolar se desenvolve concretamente em local denominado *escola*, também podendo ser chamada de educandário, instituto, colégio, etc. Existindo como decorrência do desenvolvimento social, oriunda da tipificação cultural urbana, a escola e sua ambiência, se caracterizam como o espaço específico para a Educação Social formalizada, regulada legalmente. As escolas, com suas diferenças, tanto arquitetônicas, do tipo e do nível das construções, bem como referentes aos componentes literários, ins-

trumentais, docentes, discentes e de pessoal de apoio, refletem as realidades sócio-culturais contextualizadas. Nas escolas é que se caracterizam os acontecimentos processuais educativos, onde a cultura de determinado período sócio-histórico é transmitida didaticamente.

A escola também é entendida como um centro cultural, cujas tarefas não se resumem apenas na escolarização formal legal, mas também envolve outros campos das relações sociais, tais como as atividades culturais particulares que nela ocorrem, e que abrangem desde competições esportivas até festividades de formaturas.

Um dos pontos centrais da Educação escolarizada, que compõe o ritual pedagógico configura-se nos períodos formais de ensino, as aulas. Incluídas as aulas de Educação Física, elas compreendem um certo espaço de tempo, em que um grupo de alunos com intenção de aprendizado, se encontram com o professor, o qual é pago para ensinar determinada(s) matéria(s), num conjunto que envolve professor, alunos e conhecimento.

As aulas de Educação Física Escolar se dividem em dois tipos. O primeiro diz respeito as aulas regulares, desenvolvidas em períodos normais, e com as mesmas características das demais disciplinas componentes do programa da escola.

Sob a consideração, em primeiro lugar, de que é preciso acostumar os escolares à exercitação física continuada e autonomamente, com as diversas formas de exercícios físicos; em segundo, considerando a necessidade de abordagem de forma didática e otimizada dos conhecimentos referentes às amplas relações da prática de exercícios físicos, a Educação Física Escolar Necessária defende

que as aulas de Educação Física Escolar se desenvolvam obrigatoriamente com um intervalo de um dia entre as três aulas regulares. Assim, imperiosamente, semanalmente, cada aula programática de Educação Física aconteceria em espaços de tempo de 48 horas.

Essas aulas de Educação Física, de participação compulsória, e diferenciadas a cada adiantamento, seriam comuns a todos os alunos regularmente matriculados na escola, tanto dos cursos diurnos como dos noturnos. Para estes alunos, os objetivos das aulas formais de Educação Física Escolar, inicialmente cumpririam um papel de compensação das consequências maléficas das suas atividades profissionais, que geralmente costumam trabalhar diariamente por oito horas, antes de participarem das aulas à noite. Assim, ainda de uma forma mais enfática que aos alunos dos outros turnos, importaria que o professor de Educação Física Escolar dispusesse de conhecimentos aprofundados sobre as atividades laborais e de condições de vida dos alunos.

O segundo tipo de aula de Educação Física Escolar, a ser desenvolvido também no segundo grau, refere-se as aulas que acontecem noutros períodos de atividades escolares que não os das aulas formais. Com participação voluntária, conforme os interesses grupais e particulares dos alunos, as aulas de Educação Física Escolar extraclasse se desenvolveriam, genericamente, nos períodos em que as instalações de Educação Física da escola não estivessem ocupadas pelas atividades das aulas regulares. As características dessas aulas se norteariam pelos mesmos paradigmas pedagógicos das outras aulas, apenas com as adequações particulares de cada tipo de aula, que poderiam ser compostos por atividades de dança, de

esportes e ou ginástica.

Essas atividades escolares de participação voluntária, teriam duas variantes. Uma referente ao esporte escolar, visando à formação de equipes esportivas, para as quais o nível de proficiência esportiva necessariamente orientaria a formação dos grupos. E um segundo tipo, seria o que objetivasse a participação ativa e informal, como recreação, de alunos que mesmo não possuindo altos níveis de proficiência esportiva, participassem dessas atividades como meio de ocupar o tempo livre e vivenciar ainda mais a sua escola.

As aulas de Educação Física, sob a perspectiva da necessidade pedagógica, requerem que sejam organizadas e desenvolvidas de tal maneira, que não haja exclusões nem generalizações. Todos os alunos, independentemente de suas atividades extraclasse, como participação em grupos de teatro, coral ou mesmo esporte escolar, participariam dessas aulas. Buscando a exercitação física educativa otimizada, particularizada a cada aluno, mas em ambiente coletivo, onde todos, pedagogicamente, formalmente são iguais, apenas os conteúdos de cada aula poderiam ser adequados a determinadas particularidades de alunos que por atividades e necessidades ímpares, possam ter certa participação diferenciada durante as aulas. Assim, por exemplo, a um aluno que participe de equipe escolar de atletismo, e que requeira desenvolver a força explosiva nos membros inferiores, de forma diferenciada de outros alunos, em momentos apropriados das aulas, a ele seria possibilitado realizar exercícios especiais visando contribuir para com suas expectativas esportivas extraclasse.

A partir do fenômeno *aula de Educação Física*, centrando-se no conjunto professor-aluno-conhecimento (teoria, prática e inter-relacionamentos dos exercícios físicos), e retomando a colocação de Pereira (1988 b, p. 111): "Dialeleticamente, a Educação Física é um meio para a realização humana", a concepção de Educação Física Necessária se volta didaticamente para a realidade concreta. *É nesse mundo, nesse momento, em meio as contradições sócio-econômico-culturais, que as aulas acontecem, que professor e alunos vivem e devem, necessariamente, buscar a felicidade, exercer a sua humanização.*

O professor de Educação Física é um ser humano que com seus sonhos e necessidades, em meio as contradições da realidade, faz-se educador, um profissional, intelectual (no sentido gramsciano), que de suas aulas tira o seu sustento. Como bem afirma Domingues (1985), o professor é o principal mediador na quantidade e qualidade de diálogo entre os alunos, entre o conhecimento e a criatividade, sendo por definição agente no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

O professor de Educação Física Escolar necessita desenvolver os conteúdos de forma a socializar a cultura, a buscar formar hábitos culturais novos, criar novas necessidades nos alunos. E, conforme Gramsci (1986, p. 13):

"Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais", significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializa-las".

Ainda na senda da contribuição gramsciana, a ação pedagógica do professor requer que busque superar o denominado senso comum, ou "a filosofia dos não filósofos" (Gramsci, 1986). Além de propi-

ciar estímulos que desenvolvam qualidades e habilidades físicas, de esclarecer sobre os fundamentos teóricos da exercitação física, bem como de difundir o gosto pela prática gímnico-desportiva, a prática pedagógica necessita superar o empiricismo, os desconhecimentos e os tabus relativos, tanto à Educação Física, como aos hábitos saudáveis de vida. Requer, embasado cientificamente, negar e superar os procedimentos e insuficientes conhecimentos relativos à exercitação física. Dogmas como: a musculação "endurece" as articulações; ou que, sob o prisma esportivo, as dietas vegetarianas seriam superiores as dietas mistas, necessitam ter uma abordagem pedagógica por parte do professor. Aliás, sob o enfoque da totalidade, da abrangência da ação pedagógica, já dizia Makarenko (1981, p. 42) "em matéria de educação não existem coisas sem importância."

A Educação Física Necessária, ainda se apoiando em Makarenko (1976), concorda com esse autor quando diz que na pedagogia, como obra social, o professor precisa responder pelo produto do seu trabalho. E também tem suporte em Gramsci (1979), com visão do educador formar pessoas cultas, e não apenas instruídas; bem como na necessidade do educador se tornar um "intelectual orgânico" (Gramsci, 1986), participando ativamente das práticas sócio-políticas. Esse envolvimento da Educação, e do educador com a política, além de Gramsci, também se fundamenta na anterior colocação de Lenine, citado por Pistrak (1981, p. 28):

"É impossível colocar o trabalho intelectual fora da política (...) A idéia de uma educação apolítica ou neutra não passa de uma hipocrisia da burguesia, um meio de enganar as massas."

E a tomada de posição política por parte do educador, decorre do aprofundamento do seu questionamento filosófico-pedagógico a

respeito da realidade sócio-cultural. Quando é necessário levar a ciência às suas conclusões finais, ao se aprofundar o estudo sobre determinadas situações-problema de caráter pedagógico, percebe-se que em última instância, os fatores sócio-classistas se apresentam como determinantes. A prática pedagógica necessariamente conduz os indivíduos à prática social, progressista ou conservadora. E, a interligação coerente da atividade profissional do professor de Educação Física com a política, entre a atividade docente e a prática social, é uma decorrência do nível de conscientização do professor-cidadão. E, como dizia Marx: "A minha relação com o que me rodeia é a minha consciência".(Marx et Engels, 1986, vol. I, p. 22)

Sem deixar de primar pela Educação Corporal, o que não pode ocorrer a não ser que haja a *exercitação motora operacionalizada didaticamente*, a Educação Física Escolar Necessária também se orienta por teorias pedagógicas que podem ser exemplificadas com as proposições de Makarenko (1976) de "exigir e respeitar", e de Gramsci (1979) de "acelerar e disciplinar". Essa abordagem que parte da essência da Educação Física - a *exercitação física acontecida na realidade objetiva*, em meios às suas contradições e influências ideológicas - irá se operacionalizar em ações que envolvem indivíduos concretos, "inteiros", no caso dos alunos das escolas públicas de segundo grau, adolescentes de ambos os sexos.

Na atividade da prática profissional do professor de Educação Física Escolar, na forma e conteúdos de suas aulas, se desenvolverá a sua concepção filosófico-pedagógica. Tanto pelo o que desenvolve nas aulas de Educação Física Escolar, como pelo que deixa

de desenvolver nessas atividades, por sua ação ou por sua omissão, a sua prática pedagógica revela o seu entendimento de homem, de sociedade, de Educação Física e de cultura.

Porém, mesmo que destacadamente se considere a ideologia que, obrigatoriamente, perpassa as aulas de Educação Física Escolar, pois como fato social não pode fugir da realidade circundante, não se aceita que nesses encontros de professor-alunos-práticas/conhecimentos, se desenvolva o proselitismo de cunho político-partidário. Mas, também não pode concordar com a ingenuidade das mentalidades acríticas, que erram pelo desconhecimento, pela não contextualização da realidade da exercitação física, como prática sócio-cultural concreta. A ação pedagógica desenvolvida regularmente nas aulas de Educação Física Escolar, e que aborda a realidade objetiva, o faz de forma didática e sem demagogia, pois daí, poderia correr o risco de "se transformar em catequese", como diz Cury (1985, p. 15).

Assim, o professor da Educação Física Escolar Necessária não pode posicionar-se ideologicamente com a denominada "falsa consciência". Entende-se, pois, que a ligação didática da Educação Física com o universo sócio-cultural circundante é um momento do processo de desenvolvimento da totalidade histórica, a qual requer ser estudada e superada concretamente.

Os escolares, que vivem objetivamente em sociedade, ou seja, "nos conjuntos de relações sociais", são os referenciais últimos da Educação Física Escolar Necessária, e didaticamente se evidenciam como sujeitos das aulas formais. É a eles que se objetivam o desenvolvimento das qualidades e habilidades físicas e os conheci-

mentos e convicções relacionados à exercitação física permanente de modo autônomo, consciente. Esse entendimento da importância de tomar os adolescentes como sujeitos da prática cultural escolar, concorda com Heller (1982, p. 34), quando diz que "não existe pensamento sem sentimento, nem sentimento sem conceitualização, nem ação sem autor."

Os alunos, além dos problemas de ordem econômica, que se vivenciam na atual etapa da crise da economia brasileira - e o sistema capitalista tem como componente de seu desenvolvimento as situações de crises periódicas - e se refletem no aspecto financeiro, também apresentarão condições problemáticas de cunho etário. Assim, além das situações concretas, sócio-econômico-culturais, que afetam a realidade da vida dos adolescentes, estes também apresentarão no cotidiano escolar, condições de alterações de cunho ontogênico e comportamentais de uma etapa da existência em que a pessoa passa de criança a adulto.

Em nossa realidade, os alunos que cursam o segundo grau, compreendem uma minoria do total de adolescentes que poderiam estar nesse nível de estudo. Notadamente em escolas pertencentes as redes estaduais de ensino, os alunos que chegaram ao segundo grau, oriundos das camadas assalariadas da população, revelam dispor de força de vontade e condições tais, que superaram todas as adversidades sócio-econômicas e se elevaram a um patamar que atinge uma ínfima parcela dos estudantes brasileiros. Isso propicia o entendimento de que, a princípio, são escolares com todas as possibilidades para assimilar criticamente conhecimentos, bem como para se exercitarem fisicamente.

Os alunos do segundo grau, também se caracterizam por apresentar certos comportamentos que oscilam entre a apatia e o engajamento. Algumas vezes agem alienadamente, onde a passividade frente à vida é a tônica; outras vezes se engajam acriticamente em causas diversas, que vão da religião à política partidária; e noutras a contestação sem reflexão mais aprofundada - mas afinal são pessoas com menos de vinte anos de idade - é contra tudo, religião, política, educação, etc. Sobre certos comportamentos típicos dos adolescentes, ainda tem validade a citação de Suchodolski (1984, p. 11): "... a juventude atual que exprime a sua revolta confusa face ao mal, agindo mal".

Sob o prisma psicológico, Devlin (1974) destaca que na adolescência se há o fortalecimento do "eu"; Mosquera (1977) informa que os adolescentes mais privilegiados economicamente conseguem melhor autogerir as angústias e provações como as advindas da situação de se submeterem às provas de vestibulares universitários; e Sears et Feldman (1979), destacam que além das alterações psicológicas particularizadas, na adolescência também ocorrem aumentos de possibilidades fisiológicas. Sobre isso diz Weineck:

"As proporções equilibradas, o sistema psíquico estabilizado, o nível intelectual aumentado, e a capacidade de observação melhorada fazem da adolescência a "segunda idade de ouro para a aprendizagem". A alta aptidão psicofísica para as cargas, associada à plasticidade, que permanece grande, do sistema nervoso central - típico dessa idade de crescimento em seu conjunto - permitem manter um treinamento amplo e intenso. É no fim da adolescência que se situa, para alguns esportes, a idade de "performance" máxima, o que permite desde já a execução de todos os conteúdos e métodos de treinamento dos adultos." (1986, p. 44)

A Educação Física Escolar, ao trabalhar com adolescentes, irá nortear-se pela necessária orientação de estimulação indivi-

dualizada. Ainda que as necessidades sociais propiciem valorização das práticas coletivas, a exercitação física, devido às variações particulares de cunho etário-biológico, requer que os estímulos sejam ao máximo singulares, para evitar equívocos de tratar com igualdade situações desiguais. Assim, no ambiente coletivo das aulas, a estimulação se orienta pelas individualidades que se desenvolvem otimizadamente. A coletividade - ainda que com as contradições históricas de meios sociais hostis - somente pode tender para o desenvolvimento harmônico, se as individualidades, que a compõe, se desenvolverem harmonicamente. Não existe sociedade desenvolvida idealmente de forma abstrata, o desenvolvimento sócio-cultural é sempre concreto. E, essa concretude é composta por seres individuais que vivem coletivamente. Então, o desenvolvimento individual pressupõe o desenvolvimento social e vice-versa.

Assim, com a Educação Física Escolar Necessária, os alunos dispõem de possibilidades para tratar de suas individualidades, de suas subjetividades. Essa exigência, de estimulação corporal individual, se caracteriza como um dos paradigmas orientadores das aulas de Educação Física Escolar. A Educação Física Escolar Necessária trata tanto dos anseios individualizados dos alunos, como das necessidades sócio-culturais coletivas, embora tendo que superar certos graus de desconhecimento dessa relação por parte dos adolescentes.

Sempre considerando a realidade concreta, requer levar em conta que podem ocorrer equívocos educativos na escolarização no nível do primeiro grau, falhas pedagógicas que propiciam a que determinados alunos evidenciem proficiência e conhecimentos defi-

cientemente. Assim, para esses alunos necessita-se, ainda que em conjunto com os demais partícipes das aulas formais, procedimentos pedagógicos especiais, com ênfases e cobranças.

No desenvolvimento didático-pedagógico cotidiano da Educação Física Escolar Necessária, se tem como requisito fundamental, a íntima e indissolúvel ligação entre objetivos, conteúdos, procedimentos, avaliação.

Essa interligação pedagógica, que valoriza a ação docente para a ideal formação multifacética dos educandos, e que acontece a partir da exercitação física, se apoia nas *necessidades concretas* requeridas por uma visão educativa que considera imperioso o desenvolvimento da Educação Física com objetivo de prática social.

O entendimento de buscar ampliar os horizontes culturais dos educandos, visando a superação das limitações sócio-culturais atuais, também concorda com Meier (1984, p. 48), para quem:

"O desenvolvimento do indivíduo em personalidade depende da riqueza de suas atividades pelas quais se integra no sistema de relações sociais. O homem se transforma tanto mais em uma personalidade rica, consciente, quanto mais abarquem seus campos de atividade e quanto mais ricas sejam suas relações sociais. O homem "rico" - assinalava Marx - é ao mesmo tempo o homem necessitado de uma totalidade de manifestações humanas vitais".

Diz Lukács (1974), "hegelianamente", que a liberdade é a necessidade reconhecida. Assim, o conceito de necessidade ligado à Educação Física Escolar, possui um caráter libertário, humanístico, social.

E quais são as necessidades dos escolares do segundo grau? Quais são as necessidades desses cidadãos, futuros trabalhadores? Elas não diferem das demais necessidades do ser humano na atualidade. As necessidades humanas-sociais, abordadas pedagogicamente

na Educação Física Escolar se orientam para o imediato e o para futuro a partir dos paradigmas particulares da parte da educação escolarizada que se volta especificamente para a corporeidade.

As necessidades ligadas à Educação Física Escolar, tal como as demais necessidades humanas, de certo modo não podem ser plenamente solucionadas. As necessidades da Educação Física Escolar estão, tal qual o ser humano e a sociedade, sempre evoluindo. Uma necessidade solucionada é mais um dado para que novas necessidades surjam. As necessidades e suas satisfações dizem respeito a momentos, elas evoluem, desenvolvem-se, e apontam para novas necessidades.

Assim, a Educação Física Escolar Necessária possui dois elementos, indissociavelmente interligados, envolvendo objetivos, conteúdos e procedimentos de ensino, que são: 1º) a prática da Educação Física, ou o exercício físico educativo individual e otimizadamente desenvolvido; 2º) a teoria da Educação Física, ou os conhecimentos referentes à exercitação física educativa.

a. A Prática da Exercitação Física Educativa.

A Educação Física Escolar Necessária tem como objetivo fundamental, o desenvolvimento didático-pedagógico de conteúdos que supram as necessidades de exercitação corporal dos educandos. Visa o seu desenvolvimento polifacético, centrando-se no desenvolvimento de qualidades e habilidades físicas. A exercitação física centra-se no fortalecimento corporal, ligando-se à estética, à maxi-

mização das possibilidades motoras, ao desempenho motriz e às habilidades físico-desportivas. Esses exercícios físicos, desenvolvidos escolarmente, de modo mais aprofundado possível para adolescentes escolares de segundo grau, necessitam ser entendidos e assimilados como objetivação, e suas particularidades correlacionadas com a totalidade sócio-cultural.

A Educação Física Escolar Necessária se embasa, concretamente, na exercitação motora, pois como essência da Educação Física, o exercício físico é o elemento a partir do qual se desenvolvem os processos educativos, sendo, dialeticamente, elemento objetivo da Educação e elemento mediador da ação educativa humana.

Essa estimulação física maximizada é impossível em ambiente escolar sem a disciplina Educação Física, pois nenhuma outra disciplina ou atividade componente do currículo pode suprir esse conjunto de necessidades dos educandos. A não-estimulação física individualmente significativa, por parte da Educação Física Escolar, determina que os alunos apenas mantenham as condições de conhecimentos e proficiência físico-habilidosa sancionada pela sociedade, e passível de existência pela realidade cultural de fora da escola. E essa deficiência cultural extra-escolar, é decorrente dos interesses das camadas dominantes, e distantes dos carecimentos das classes populares, da cultura física popular.

No plano escolar, com as atividades recreativas, esportivas ou jogadas, ainda que nessas atividades se evidenciem aprendizados, manutenções e mesmo desenvolvimento de determinadas qualidades e habilidades físicas, elas ainda não seriam otimizadas pedagogicamente. Os inúmeros acontecimentos desportivo-recreativos que

aí ocorressem, não teriam a orientação pedagógico-docente para, didaticamente, abordar aprofundadamente esses fatos.

Um requisito metodológico característico da Educação Física Escolar Necessária se tem com a *estimulação individualizada ascendente*. A exercitação física, ginástica ou esportiva, sempre é estimulada a ser aumentada, quantitativa/qualitativamente, a cada aula, e por cada aluno particularmente, dentro de limites didáticos e das individualidades.

No plano ginástico, a partir de dados iniciais e sempre considerando os objetivos a serem atingidos, a cada aula, a exercitação motora vai aumentando de intensidade, podendo contar para isso com a utilização de implementos que acarretem mais esforços e maior grau de dificuldade nos exercícios, ou com maior tempo de exercitação em comparação ao tempo de descanso, etc.

Esportivamente, à medida em que os alunos vão aumentando o grau de proficiência, tanto no ataque como na defesa, os níveis de dificuldade também se elevam, e o que parece simples, como fintar um adversário e marcar ponto, no basquete ou futebol, se por um lado é facilitado pela melhoria da habilidade de atacar, por outro lado é dificultado pela melhoria na habilidade de defender que também dispõe o seu adversário, que é seu colega de aula de Educação Física Escolar.

E, a exigência constante de auto-superação, e o entendimento destas superações, são preceitos vitais da Educação Física Escolar Necessária.

b. A Teoria da Exercitação Física Educativa.

Em conexão orgânica e indissolúvel à prática de exercícios físicos, nas aulas de Educação Física, tem-se a *necessidade de tratamento didático da teoria*. A proposição característica da Educação Física Escolar Necessária de abordar adequadamente a teoria da Educação Física, também se embasa na tese que diz:

"A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis". (Marx et Engels, 1986, vol. I, p. 3)

Sublinha-se o termo *compreender* para destacar a interligação entre a práxis e a cognição.

O tratamento otimizado apenas da prática de exercícios físicos, apenas do lado "prático" da Educação Física Escolar, ainda que fundamental - e um fenômeno não se resume no seu fundamento - é um tratamento pedagógico limitado. A redução da Educação Física Escolar somente à prática gímnico-desportiva-recreativa abrange apenas um elemento do fenômeno pedagógico, e esse elemento está indissolúvelmente ligado à totalidade fenomênica. Na realidade objetiva, somente a prática pela prática, não propicia os entendimentos aprofundados relativos aos acontecimentos, tanto no nível da individualidade e da técnica gestual, das particularidades no plano das microrrelações; como no nível sócio-cultural geral circundante, nível das macrorrelações. Para a Educação Física Escolar Necessária, como requerimento didático-pedagógico, o particular tem que ser correlacionado com o geral, a prática com a teoria, o indivíduo com a sociedade, o imediato com o futuro, e cultura escolar com a cultura extra-escolar, etc.

Considerando a conexão obrigatória entre objetivos e conteúdos, a partir dos acontecimentos práticos das aulas de Educação Física Escolar, a teoria sobre essas práticas inicialmente aborda os seus elementos mais simples, parte da exercitação física elementar, e aos poucos, vai aprofundando-se. Do simples se passa ao complexo, e de noções, o conhecimento se desloca para elementos mais aprofundados, das particularidades da exercitação gímnico-desportiva-recreativa imediata a teoria da Educação Física Escolar vai até a sua prática em meio social, realizada concretamente fora do ambiente escolar. Assim, a teoria da Educação Física não se esquece das singularidades de cunho biológico da exercitação física imediata, nem tampouco das generalidades sócio-culturais extra-escolares.

A teoria da Educação Física diz respeito aos elementos gnoseológicos que perpassam a exercitação física, compreendendo os conhecimentos biológicos, técnicos, volitivos e sócio-históricos. Ou seja, conhecimentos que, originando-se da exercitação motora, abordem o ser humano em exercício e a cultura na sociedade concreta.

O desenvolvimento dos conhecimentos sobre a Educação Física requer ser didaticamente tratado de forma a "socializar" essa cultura. Quase que panfletariamente, os conhecimentos referentes à Educação Física necessitam ser divulgados, propagandeados, como forma de se buscar, ainda que limitadamente, uma melhor distribuição do saber entre as camadas assalariadas da população.

A teoria referente à dimensão biológica, implica que fundamentada na exercitação física, aos alunos sejam propiciadas infor-

mações sobre o corpo humano, seu funcionamento normal e em exercício e a *necessidade da prática permanente da cultura física*. A *exercitação física metódica e permanente* é um requisito fundamental para a validade da perenidade dos processos educativos formais.

Os elementos teóricos da parte biológica da Educação Física Escolar implicam em elementos anátomo-fisiológicos, em indicativos referentes a proficiência motora, e a padrões e normas relativas a orientação para a *exercitação física otimizada, ascendente*. Os índices de proficiência motora podem ter base nas proposições encontradas em Mathews (1980), Cooper (1985) e Kiss (1987), dentre outros.

A *exercitação física continuada*, que se reporta ao caráter de *ulterioridade da Educação Escolar*, tem como requisito vital que no futuro os alunos reservem um espaço de tempo na sua vida para *auto-realizarem exercícios físicos*, e não apenas como atividade recreativa esporádica. Essa proposição concorda com o que diz Suchodolski (1977, p. 18) "*cabe afirmar que a educação tem sido sempre uma preparação com vistas ao futuro*", e que se reporta à cultura como *cultura de todos os dias e não só de domingo*.

A *cultura física permanente* também se fundamenta na propriedade que tem o exercício físico desenvolvido ao longo da vida, com método e seqüência, de "*atrasar o relógio biológico*", associando-se assim à *juvenologia*. A fundamentação teórica da necessidade de *exercitação corporal escolar e ao longo do tempo*, encontra-se em obras de *tratam do setor relativo à fisiologia do exercício*, anteriormente citadas.

A relação da Educação Física Escolarizada e o seu caráter de ulterioridade, concorda com Meier (1984, p. 22), para quem:

"A educação desempenha sempre uma função social dialéctica dupla: a transmissão do passado e a antecipação do futuro".

A partir da prática de exercitação motora escolar, os conhecimentos referentes à necessidade da cultura física permanente visam o desenvolvimento da *convicção*, da vontade de participar da cultura ao longo da vida. Como destacam Marinko et Shtraks (1982): os conhecimentos são fundamentais para o desenvolvimento das convicções, dos sentimentos pessoais, que devem ser sentidas, vivenciadas pelos indivíduos. Assim, pelas aulas de Educação Física Escolar, além das qualidades e habilidades motoras para suprimento das necessidades dos alunos, exige-se também que seja desenvolvido o *hábito* da exercitação física e da prática social.

A teoria referente à dimensão social da Educação Física diz respeito à *necessidade de conhecimento da realidade sócio-cultural* onde vivem os alunos e às possibilidades de prática da cultura física, indo além dos meros conhecimentos e práticas de cunho biológico (desenvolvimento de qualidades físicas com informes fisiológicos) e técnico (desenvolvimento de habilidades motoras, gímnico-desportivas). O conhecimento da realidade cultural busca mostrar, criticamente, os condicionamentos sócio-culturais decorrentes das contradições oriundas em última instância do modo de produção da vida material. Esse pressuposto pedagógico se apoia em Gramsci, citado por Ezpeleta et Rockwell: "... o ponto de partida da elaboração crítica é a consciência daquilo que realmente aí está." (1986, p. 60)

A abordagem da sociedade e de suas contradições referentes ao setor da cultura que envolve o exercício físico, tanto no plano escolar como, necessariamente, no plano extra-escolar, articula a Educação Física Escolar com a cidadania. A cidadania, que se origina do *citroen* da Revolução Francesa, caracteriza-se como sendo um objetivo pedagógico a ser alcançado não apenas na disciplina da Educação Física Escolar, mas sim um objetivo geral, interdisciplinar. O conceito de cidadão, advindo com a queda da Bastilha, possuía, e ainda possui um caráter revolucionário, pois aponta para a igualdade social entre os indivíduos. Essa igualdade requer ser conquistada e mantida a todo o momento. A cidadania, na atualidade, incorre em reconhecimentos dos direitos de cidadão, de homem livre e "necessitado" de práticas sócio-culturais. A cidadania, como a ética, não pode existir pela metade. Assim, o estímulo do desenvolvimento da cidadania, está ligado ao estímulo da participação social, e daí a melhores possibilidades de práticas culturais. A busca da cidadania incorre na procura pedagógica de tomada de posição frente ao mundo, e requer o envolvimento consciente do aluno. É uma ato que se propõe libertador dos egoísmos e pequenices individualistas, pois para pensar na sua vida futura, ao se aprofundarem os questionamentos, é preciso pensar também na realidade social circundante. Um indivíduo com espírito crítico, altruísta, não poderá pensar somente em si e na sua cultura, como se ele e suas atividades ocorressem isolados dos demais. Para ajudar a si, tanto imediata, como ulteriormente, os sujeitos necessitam ajudar aos outros. Esse entendimento da responsabilidade individual frente ao coletivo também é objeto da parte teórica das aulas

e da cultura, e a participação social consciente, esclarecidas e incentivadas didaticamente nas aulas, podem contribuir para que se supere a alienação e a passividade dos alunos, pois em conformidade com Snyders (1981, p. 313): "para os analfabetos não há política no verdadeiro sentido das palavras, mas só mexericos".

A participação sócio-cultural ativa é a forma de que o cidadão dispõe para interagir com a cultura, com a sociedade. Isso concorda com Suchodolski (1984, p. 123), quando diz:

"É sempre através da participação na luta para criar um mundo humano que possa dar a cada homem condições de vida e desenvolvimento humanos que a jovem geração se pode verdadeiramente afirmar."

Essa ênfase participativa, ao propor o cuidado permanente com a individualidade e com a sociedade - notadamente na América Latina, onde as liberdades democráticas e a cidadania são costumazmente violentadas - *constitui-se assim numa ação social de caráter revolucionário*. Ainda que a exercitação física escolar "não mude o mundo", que no plano da imediatidade mude apenas os sujeitos da atividade, o incentivo da participação sócio-cultural, escolar e extra-escolar, debatido e compreendido nas aulas de Educação Física Escolar configura-se como um elemento tipificador, diferencial, desta concepção pedagógica.

A atividade sócio-cultural, escolar e extra-escolar, implica na *necessidade de desenvolvimento da autodisciplina*, tanto para a exercitação motora, como para a prática social. A disciplina era chamada por Makarenko (1981) de "resultado geral do processo educativo," sendo, pois também objeto da Educação Escolar. E, se as camadas hegemônicas se apropriaram do conceito de disciplina como meio auxiliar na reprodução social e maximização de lucros, sob o

prisma do desenvolvimento social, da superação da atual realidade, esse atributo do homem consciente, implica em desenvolver educativa e otimizada as possibilidades culturais e políticas que estão distantes das camadas assalariadas da população.

A disciplina, a Educação da vontade, possui um caráter pedagógico de extrema importância a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolar. O entendimento da necessidade da ulterioridade da Educação implica em que no futuro, não só para com sistematização e sequência da exercitação física autônoma, mas também para a exercitação da cidadania, para participação na sociedade e na cultura, a disciplina se transforme numa potência social, num requisito do cidadão educado na sua totalidade.

E a Educação Física Escolar necessita também ser operacionalizada, desenvolvendo as possibilidades de *Educação Ética* dando ênfase ao comportamento honrado, coerente, do indivíduo em relação aos demais. Ainda que possa parecer ingênuo, pois numa sociedade onde em muitos casos "fica difícil descobrir onde termina a honestidade e começa a intrujice", o desenvolvimento pela Educação Física das capacidades de honestidade, altruísmo, companheirismo, verdade, participação e coerência, requer da prática pedagógica um posicionamento de "contra-propaganda" às visões de que os fins justificam os meios, do "levar vantagem em tudo". A coerência e a moralidade também são requisitos a serem desenvolvidos escolarmente, pois conforme diz Makarenko (1981, p. 70): "a honestidade não cai do céu..."

Para a operacionalização destes carecimentos, em que o tempo dedicado à exercitação motora é privilegiado e compõe a parte

principal das aulas, existe a necessidade de máximo aproveitamento dos períodos de aulas de Educação Física Escolar. Esse aproveitamento otimizado do tempo regular de aulas, incorre numa interação ideal entre professor e alunos, bem como na capacidade docente de organizar essas aulas, desenvolver adequadamente os programas, visando que os alunos participem e assimilem o melhor possível da situação de ensino-aprendizagem. Essa necessidade de otimizar o aproveitamento temporal busca ir contra o que se está na literatura, onde se constata que os alunos perdem tempo com outras atividades em lugar de tratarem do desenvolvimento dos conteúdos, conforme Domingues (1985) e Silberman (1971) e Reimer (1983), citados por Enguita (1989).

c. Os Conteúdos da Educação Física Escolar Necessária.

O referencial pedagógico, de tratar aprofundadamente de determinada relação fundamental, concreta, e a partir dela inter-relacioná-la com as demais, propicia uma acentuada ênfase nos conteúdos a serem desenvolvidos escolarmente. Sempre mantendo uma interligação indissociável entre o conteúdo e a forma, na relação pedagógica escolar dessas categorias, tal como noutras, o primeiro é dominante. No caso da Educação Física Escolar, os acontecimentos pedagógicos têm suas formas particulares de realização, mas a exercitação física tem primazia. Sob a perspectiva fisiológica, se o estímulo for insuficiente, a realização formal "correta" também será equivocada.

A ênfatizaço no desenvolvimento dos conteúdos se apoia na contribuição de Snyders(1978, p. 309), destacando que:

"O que baseia uma pedagogia, o que constitui o critério entre as pedagogias são os conteúdos que estas apresentam, ou mais explicitamente, as atitudes a que se propõe levar os alunos: a que tipo de homem esperam formar."

E essa proposição conteudista também  tributária a Saviani (1986, p. 59), que diz:

"Os conteúdos são fundamentais e, sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela se tranforma num arremedo, ela se tranforma numa farsa."

Especificamente para os escolares de segundo grau, os conteúdos da Educação Física Escolar Necessária requerem que, mesmo desenvolvendo-se aulas com destacados conteúdos esportivos, que se centrem na exercitação ginástica. Em um segundo plano, deixando um espaço significativo para a ginástica de cunho analítico, os conteúdos também se constituirão com as práticas esportivas, onde suas contradições particulares - como o privilégio de certos grupamentos musculares e qualidades físicas - buscam serem solucionadas com a ginástica de cunho compensatório. Nas aulas de Educação Física Escolar, com práticas gímnico-desportivas, as possibilidades de desenvolvimento da cognição, os componentes fisiológicos e sócio-históricos, bem como as situações de tratar com os elementos ticos são operacionalizados didaticamente a cada aula.

Os conteúdos das aulas de Educação Física Escolar se estruturam com exercícios físicos, gímnico-desportivos, que propiciem o desenvolvimento de qualidades físicas básicas, que são:

- A força, importante para tonificar e desenvolver os músculos e fortalecer as articulações, contribuindo para com a estética, como

para melhorar a postura e as formas corporais. A força a ser desenvolvida na Educação Física Escolar, genericamente, procuraria abranger a totalidade corporal, respeitando as particularidades individuais.

- A *resistência*, tanto muscular local, como principalmente a resistência aeróbica que tal como a força, é uma qualidade física basilar para o desenvolvimento das demais, estando ainda associada à manutenção da condição de saúde do aparato cardiovascular. Os exercícios, gímnicos e esportivos, seriam realizados de modo a aumentar o consumo de oxigênio de forma mais ampla possível.

- A *velocidade*, correlacionada com força, como atributo importante para a proficiência na maioria das modalidades esportivas, teria o tratamento particularizado para cada modalidade, e genericamente em todos os tipos de aulas, como qualidade física basilar.

- A *flexibilidade* que, junto com a força, se associa à saúde do aparato mio-articular e à postura ideal, também se caracteriza como requisito para a proficiência otimizada em diversos esportes. De forma dialética, interdependente e como mediações particulares, relacionada com a força muscular, a flexibilidade se desenvolveria notadamente no nível do tronco-quadril, e da articulação escápulo-umeral.

As *habilidades* a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física Escolar, dizem respeito às capacidades de realizações gestuais otimizadas gímnicas e esportivas. No campo ginástico, referem-se às técnicas de realização dos mais variados exercícios. No campo esportivo, pendem-se à capacidade de execução otimizada dos fundamentos e elementos constitutivos dos esportes que compõem os

prógramas de Educação Física Escolar. As habilidades motoras, as técnicas gímnico-desportivas são, antes de mais nada, *possibilidades humanas*. Elas necessitam ser assimiladas como objetivações, gestos pensados - embora com determinado grau de condicionamento e automatização.

Tanto as diversas formas ginásticas, como os esportes e os jogos, ao serem utilizados como meio de Educação Social, necessitam ser "adaptados" pedagogicamente com os objetivos e conteúdos educacionais.

Além da ligação com a teoria, com a abordagem sócio-fisiológica aprofundada, a prática gímnico-desportiva-recreativa, em ambiência e com objetivos educacionais formais, necessita ter o seu desenvolvimento orientado para as individualidades e necessidades particulares dos alunos. Assim, a ginástica e o esporte necessitam ter seus paradigmas estruturais modificados, pois originalmente se constituem como de atividades de fora do ambiente escolar, sem preocupações educacionais.

Essas alterações pedagógicas podem caracterizar-se como no uso da ginástica de forma "compensatória", principalmente associada aos esportes e jogos, e no uso da teoria, com o desenvolvimento gradativo de conhecimentos e convicções sobre a exercitação física. Com o referencial da categoria totalidade na orientação pedagógica visando o desenvolvimento individual e prática social, bem como, didaticamente, buscando solucionar contradições e deficiências particulares a cada setor cultural, assim, tanto a ginástica como o esporte são "modificados escolarmente".

O ambiente escolar difere do ambiente extra-escolar, conse-

qüentemente, também a exercitação física escolar requer ser diferente da exercitação física de fora da escola. As necessárias adequações didáticas, desenvolvidas na ambiência escolar, que tipificam o meio escolarizado, levam à diferenciações práticas da exercitação física que caracteriza a Educação Física Escolar Necessária. Essas alterações didático-pedagógicas acarretam tantas mudanças à ginástica e ao esporte "normais", que: aulas "com" ginástica e "com" esportes, não são consideradas aulas "de" ginástica e nem "de" esportes. Pois, na exercitação ginástica e esportiva, apenas o desenvolvimento de qualidades físicas e habilidades motoras, associando a estética à ludicidade são os objetivos primeiros e imediatos. Já, na Educação Física Escolar Necessária, a educação social do indivíduo é o objetivo fundamental a ser alcançado, e as qualidades e habilidades motoras, bem como a recreação apenas são meios educativos e não fins em si mesmos.

Na Educação Física Escolar Necessária, os objetivos educacionais propiciam que se aborde, didática e regularmente, o componente teórico da exercitação ginástica e esportiva. Assim, sempre que a necessidade pedagógica requerer, pode haver interrupções das atividades para que se transmitam orientações teóricas, que propiciem momentos de discussão sobre certos fatos. Isso contribui para que o desenvolvimento dos conteúdos de uma aula de Educação Física Escolar sejam diversos da prática ginástica ou esportiva.

Sobre a utilização otimizada pedagogicamente da ginástica e do esporte escolar, particularmente do andebol, a partir dos quais o professor de Educação Física Escolar poderia orientar questionamentos e reflexões dos alunos sobre si mesmos e sobre o contexto

social circundante, ou seja, de procedimentos didáticos visando a extrair ao máximo o potencial educativo da prática esportiva escolar, pode-se consultar Pereira (1989).

Também na organização de cada aula de forma que haja esse espaço para a teoria, tem-se ligação com a vida futura dos alunos, onde eles devem deixar espaço cotidiano para, além dos hábitos de higiene, cuidarem também de seus corpos. Assim, a Educação Física Escolar Necessária se associa a Educação para a saúde. E esta, conforme Mosquera et Stobaus (1984, p. 36) é:

" Uma abordagem necessária para superar a brecha entre os descobrimentos científicos sobre saúde e a aplicação que o homem faz deles no dia a dia".

Os conteúdos das aulas de Educação Física devem tratar com o imediato da vida real dos escolares, sempre visando a ligação com suas potencialidades momentâneas e também ulteriores. Deve pois, lembrar que viverão a maior parte do tempo em ambiente não-escolar.

Como conteúdos teóricos da Educação Física Escolar Necessária se incluiriam os conhecimentos ontogenéticos, de modificações corporais ao longo da vida, e outros, como os referentes a alimentação, repouso e hábitos saudáveis de vida, que incorrem em negação e combate aos vícios, como o uso do tabaco e do álcool.

Se no campo prático, o melhor desempenho físico-habilidoso é um objetivo a ser atingido pelo desenvolvimento didático dos conteúdos, no campo teórico, à medida que os alunos do segundo grau vão evoluindo escolarmente, também vão sendo aprofundados os conhecimentos sócio-biológicos. Por exemplo, se na prática, se objetiva que os alunos joguem voleibol da melhor maneira possível, do-

minando todos os fundamentos, e que tenham conhecimento das regras, na teoria, objetiva-se que os alunos dominem, não de forma ingênua, tanto os conhecimentos de cunho biológico, com informações sobre o corpo humano em exercício, sobre a atividade integrada do cérebro, dos ossos e dos músculos, sobre as alterações morfofuncionais advindas com a idade e as suas necessidades particulares. E também os necessários conhecimentos sociais sobre os esportes, tais como: onde se originou, onde podem ser praticados na atualidade, quais os requisitos para essas práticas, por quais motivos isso acontece, quem se beneficia disso, quais as consequências das alineações culturais, e como isso pode ser superado.

No rol dos conteúdos, se alinham as diversas formas ginásticas, com uma visão de estimular o corpo na sua totalidade, com e sem aparelhos e implementos. E nos esportes aí trabalhados, além dos "tradicionais", como futebol, vôlei, basquete e andebol, podem ser incluídos aqueles que se prestem para a exercitação física permanente, que o professor tenha condições de usar pedagogicamente.

Entendidos como conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas formais de Educação Física Escolar, se alinham todos as diversas formas gímnicas-desportivas que sejam praticadas em ambiente extra-escolar e adequados aos objetivos pedagógicos. Isto incorre na inclusão de formas culturais, que por privilégios de classes estão disponíveis apenas às camadas que dispõem de maiores recursos financeiros, como o judô, o caratê, a ginástica aeróbica, dentre outras, desde que os professores disponham de condições profissionais de ensinar esses esportes, e se tenham possibilidades materia-

is, ainda que improvisadas. E as improvisações não podem ser tomadas como regras, mas como exceção momentânea. Afinal, como todos os conteúdos escolares, os conteúdos de Educação Física são também históricos, apenas exprimem a cultura do momento, e essa cultura momentânea precisa ser desenvolvida, popularizada e superada.

Também são parte integrante dos conteúdos programáticos, curriculares, os exercícios gímnicos-desportivos, a serem realizados pelos alunos em períodos extra-escolar, mas de forma autônoma. Estas atividades, orientadas e controladas pelo professor de Educação Física Escolar, tal como as demais tarefas de outras disciplinas, têm o caráter de "deveres para casa". Com tipificação de tarefas individualizadas, principalmente para os dias em que não houvesse aulas regulares de Educação Física, estas atividades discentes se caracterizam como exercícios físicos realizados independentemente pelos alunos, em suas casas ou em outros locais onde possam se exercitar, como em clubes ou praças esportivas. Essas tarefas objetivam tanto a melhoria do desempenho, como o costume pela exercitação diária, consciente e autônoma.

As contraditórias sensações de prazer e de desconforto, de satisfação e de cansaço, de alegria e de tristeza, dentre outras, que momentaneamente ocorrem partir da prática gímnicos-desportiva, necessitam ter os devidos esclarecimentos e tratamento didático, por parte do professor.

Os procedimentos didático-pedagógico no desenvolvimento da Educação Física Escolar Necessária, tem como base o *convencimento*. O professor necessita ter capacidade de transmitir informações, de convencer os alunos sobre as suas proposições, de forma que as au-

las sejam pautadas por comportamento de responsabilidade, de atitudes humanas, com seriedade, respeito, bom humor e autodisciplina. Para os alunos se convencerem da necessidade imediata e futura da exercitação física otimizada e prática social, os alunos também precisam de conhecerem os potenciais da cultura física e da participação sócio-política-cultural. Ainda que as repetições dos exercícios, por vezes, possam tornar-se enfadonhas, os alunos devem estar convencidos de que é indispensável a execução correta e otimizada dos exercícios. Tal qual certos preceitos da higiene, como escovar os dentes ou tomar banho, são procedimentos "inquestionáveis", também assim a exercitação física requer ser entendida e praticada.

Em cada período de aula, deixa-se espaço, geralmente ao final ou no início da mesma, para que o professor transmita informações científicas, divulgue textos, cite ou empreste livros, popularize obras sobre Educação Física, além das habituais conversas informais com os alunos. Nesses espaços - didaticamente programados, e parte integrante das aulas, tais como as fases de introdução, aquecimento, principal e volta à calma - é que prioritariamente são tratados os elementos teóricos da Educação Física. Esse tratamento pedagógico da teoria nas aulas e noutras atividades regulares de Educação Física Escolar, não se resume na mera difusão de informações, ou em diálogos informais com os alunos, mas sim deve ser considerada como elemento formal, real das aulas. Didaticamente, compreende esclarecimentos aprofundados e fundamentados cientificamente. E, como parte integrante dos conteúdos escolares, também a teoria deve ser avaliada.

O planejamento da Educação Física fica a cargo do coletivo de professores, que o discute antes de iniciar os períodos letivos. Posteriormente, na primeira aula do período letivo, esse planejamento necessita ser debatido com os alunos, para que, caso exista a possibilidade, estes contribuam com propostas na forma e no conteúdo de desenvolvimento do programa, desde que não se oponham aos objetivos da Educação Física. Após a sua forma redacional final, constando os dias da semana, locais, conteúdos, objetivos, procedimentos e material utilizado, o programa de cada série-ano, necessita ser divulgado à comunidade, sendo fixado, preferencialmente, na área de Educação Física. Isto propicia a programação dos alunos para com a Educação Física Escolar, expõe publicamente as tarefas docentes-discentes, e contribui para a discussão sobre a exercitação física no cotidiano escolar.

Utilizando uma das primeiras aulas de Educação Física Escolar, a cada ano, o professor aplica a cada uma de suas turmas, um questionário, com questões que versem sobre a vida dos seus alunos, principalmente sobre a parte da cultura física e dos hábitos e condições de vida a ela relacionados. O objetivo de tal procedimento deve-se a necessidade do professor conhecer ao máximo os seus alunos. A partir do conhecimento das particularidades de cada educando, o professor poderá orientar as generalidades de suas aulas de Educação Física, que são comuns a todos em cada adiantamento. Esses dados sobre os alunos incluem informes sobre as condições de saúde, de proficiência e de habilidades motoras, de conhecimentos sobre a Educação Física Escolar, e também sobre as possibilidades culturais deles fora da escola, que em muito influem na

sua participação nas aulas regulares de Educação Física.

As avaliações em Educação Física têm como base testes iniciais, de acompanhamento e finais. Testes teóricos propiciam informes sobre os alunos, sobre suas condições de vida e de cultura, e também conhecimentos específicos sobre Educação Física. A eles somam-se testes práticos de proficiência física, como para determinar o consumo máximo de oxigênio, flexibilidade e força repetitiva, dentre outros, bem como testes específico-desportivos. As avaliações são necessárias para o professor conhecer o aluno, sua cultura e sua condição física; para os alunos se autoconhecerem; para orientar o desenvolvimento das aulas; bem como propiciar subsídios para a evolução teórico-prática Educação Física enquanto disciplina escolar.

As avaliações iniciais propiciam a determinação do nível sócio-cognitivo-motriz que revela as reais condições dos alunos. Esses dados são importantes para o desenvolvimento das aulas, para as diferenciações de ênfases de determinadas qualidades físicas, de determinados grupamentos musculares, e de determinadas habilidades de diferentes alunos.

Os materiais e instalações adequados para a Educação Física Escolar Necessária se constituem em delimitantes das possibilidades de maximizar o processo de ensino-aprendizagem. Na medida em que forem abundantes e modernos, ajudam a propiciar condições de melhor desenvolver as aulas, e quando forem insuficientes, a criatividade do professor será mais solicitada. Importa também que os alunos se acostumem a participar de aulas de Educação Física com material farto, com pouco material e mesmo com exercícios sem ma-

terial. Isto decorre de que, coerente com a necessidade da exerci-
tação física permanente, como ao longo da vida, nem sempre se pode
ter condições ideais para a prática gímnico-desportiva, torna-se
importante ter conhecimentos e proficiência para se exercitar,
utilizando apenas o corpo.

Quadro Nº 1 - Educação Física Necessária

Temas	Autores	Princípios	Aplicações
Bases teóricas da educação física necessária.	Marx, Engels, Lukács Goldmann, Heller, Vázquez, Cury, Pereira.	Materialismo histórico, categorias dialéticas, pedagogia.	Essência e fenômeno da educação física, relação sociedade-indivíduo-cultura necessidade, contradição, totalidade.
O exercício físico.	Mezuhiév, Pereira.	Determinação conceitual.	Exercitação física como objetivação prático-pedagógica de atividades físicas humanas. Cultura.
A teoria	Pereira.	Componente necessário do exercício físico educativo.	Explicações, descrições, antevistas ligadas à prática de exercícios físicos. Conhecimentos.
Ginástica, esporte e jogo	Tissiê; Krawczyki, Jaworski & Ulatowski; Huizinga; Pereira.	Elementos sócio-culturais mediadores na educação física.	Gin. = realização metódica de exer- cícios físicos; esp. = prática com petitiva e regulamentada; jogo = exercitação desinteressada, lúdica.
Qualidades e habilidades físicas	Hüllemann; Mitra & Mogos; Hollmann & Hettinger; ... Weineck; Tubino; Cooper; Astrand & Rodhal; Rigatto	Força, resistência, velocidade, flexibilidade, descontração, coordenação (técnica); hábitos saudáveis e qualidade de vida	Possibilidades motoras humanas desenvolvidas pela prática, ligadas a hábitos saudáveis propicia desenvolvimento físico e melhoria na quantidade-qualidade de vida. Negação do sedentarismo.
Exercício físico e sociedade.	Jaguanibe; Furtado; FIBGE; Cooper; Buenache; Mac Ardle, Katch & Katch; Pereira.	Sociologia e fisiologia do exercício físico; benefícios e possibilidades sociais de prática.	Determinação sócio-econômica da cultura, a totalidade social; o real como ponto de partida a superar. Frequência ideal da exercitação física.
Educação física escolar necessária.	Meier, Saviani, Snyders Cury, Vieira Pinto, Gramsci Makarenko, Domingues, Mosquera & Stobaus, Devlin Cooper, Mathews, Pereira.	Educação, educação física, escola, currículo (prática- teoria, ginástica, esporte, jogo), qualidades e habili- dades físicas, ética auto- disciplina, saúde e vida.	E. F. desenvolvida escolarmente; prática pedagógica "exige e respeita, acelera e disciplina"; currículo como totalidade; exercitação consciente (ligação imediate-futuro); prática social. E. F. permanente; ética e volição; alunos como sujeitos. A teoria didáti- ca e aprofundadamente tratada.

3. A PESQUISA

Na procura de entendimento aprofundado da realidade da Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, propôs-se realizar um estudo de campo, no qual se teve como principal meio para a coleta de informações a observação sistemática do cotidiano escolar.

Foi uma pesquisa do tipo etnográfico, em que, além de Observações e Registros de realidades escolares, também se utilizaram Entrevistas com professores e alunos, Questionários respondidos pelos escolares, e Análise de documentos referentes à Educação Física Escolar. No tocante à realidade sócio-cultural extra-escolar, também foram feitas Observações, Registros e Entrevistas com pessoas responsáveis por informações que propiciassem um melhor entendimento da realidade dos setores da cultura que envolviam a exercitação física.

Neste estudo, o principal meio para a captação da realidade da Educação Física desenvolvida em escolas públicas consistiu na Observação e no Registro do cotidiano escolar. De acordo com Osipov et al (1988, p. 464), Observação incorre em:

"Método de recompilação de informações sobre o objeto social estudado mediante a percepção e registro diretos dos fatores concernentes ao objeto estudado e significativos desde o ponto de vista dos objetivos da investigação".

A necessidade de conhecer o todo, nas suas particularidades, como requerimento metodológico, também se pode fundamentar em Lukács (1979, p. 240), quando diz:"

"Para bem conhecer o objeto, (...) devemos apreender e explorar todos os seus aspectos, todas as suas correlações, todas as "mediações". Nunca aí chegaremos completamente, mas a exigência em método multilateral nos garantirá contra erros, contra o dogmatismo".

A pesquisa de cunho etnográfico em Educação Física Escolar também é tributária da epistemologia da chamada "Nova Sociologia", de origem britânica que, conforme Sarup (1980), iniciou o uso da etnografia em pesquisa pedagógica.

De acordo com Ezpeleta et Rockwell (1986, p. 31):

"Na década de setenta, desenvolveu-se, especialmente nos países anglo-saxões, um modo diferente de pesquisar no campo educacional, a etnografia. Ligada à antropologia e à sociologia qualitativa, logo se constituiu numa opção radicalmente diversa dos paradigmas dominantes na pesquisa educacional."

No Brasil vários autores se utilizaram da etnografia para a captação da realidade do cotidiano escolar, dentre os quais pode-se citar André (1987) e Domingues (1985).

Conforme André (1987), a pesquisa de campo de cunho etnográfico, valendo-se da Observação participante e de Entrevistas, pressupõe uma aproximação direta e prolongada do pesquisador com a situação/fenômeno investigado.

Ezpeleta et Rockwell (1986, p. 35), dizem que o uso da Observação para captação da realidade revela bem mais do que a simples opção metodológica por parte do pesquisador, pois implica em adotar posicionamentos aprofundados devido ao nível de obtenção dos dados. Ou seja:

"Ao adotar a etnografia no campo da pesquisa educacional, é importante não aceitá-la como uma simples técnica, mas antes tratá-la como uma opção metodológica, no sentido de que todo método implica uma teoria."

No presente trabalho foram estudadas quatro escolas, três

pertencentes à rede estadual de ensino e uma pertencente à rede particular de confissão católica. Por meio de Observações contínuas, metódicas, buscou-se captar os momentos da realidade fatural da Educação Física Escolar, obtendo elementos para comparações com depoimentos de professores e alunos, de forma a relacionar a dinâmica do cotidiano estudado com realidades prático-pedagógicas do passado. As Observações das realidades escolares e extra-escolares também propiciaram a captação de momentos da realidade sócio-histórica-cultural, que compunham etapas do amplo processo de formação dos alunos e dos professores. Ainda que atinentes a períodos e situações particulares, essas realidades observadas e registradas refletiam verdades objetivas de momentos da vida das pessoas envolvidas no estudo.

Mesmo que se fixando nos acontecimentos referentes à Educação Física Escolar o autor que esteve "imerso" nas realidades das escolas, como elementos para discussões e entendimento da própria Educação Física, também observou e registrou outras situações e realidades consideradas como significativas para os propósitos deste trabalho.

Também se realizaram Entrevistas com o objetivo de obter informes sobre os professores e captar mais aprofundadamente a sua visão filosófico-pedagógica. Foram efetuadas sete Entrevistas (vide anexo 1, Entrevista com os Professores): uma com o sujeito "M", da escola "A"; outra com o sujeito da escola "B"; duas na escola "C"; e três na escola "D".

Para o conhecimento mais aprofundado da realidade sócio-cultural dos alunos, e também para confirmar (ou não) certas afirma-

tivas obtidas com os professores, entrevistaram-se alguns alunos, escolhidos aleatoriamente. Cada questão da Entrevista era minuciosamente esclarecida antes deles a responderem. (vide anexo 2, Entrevista com os Alunos).

Também visando ao melhor entendimento da realidade sócio-cultural dos alunos, de suas condições de vida, de cultura e atividades de tempo livre, aplicou-se um Questionário (vide anexo 3, Questionário com os Alunos). Os conteúdos desses dois instrumentos, Entrevistas e Questionários, foram elaborados tendo em vista as reais necessidades de maiores informações encontradas no decorrer da pesquisa.

Sobre a utilização desses instrumentos, diz Thiollent (1982, p. 21):

"O uso de questionários e entrevistas não é sinônimo de empiricismo quando estas técnicas, consideradas como meios de captação de informações a ser criticada, e não como um fim em si, são submetidas ao controle metodológico e subordinadas a uma verdadeira preocupação de teoria sociológica."

O uso de Questionários na pesquisa educacional também pode ser exemplificado com o estudo de Pucci et Sguissardi (1989), realizado no interior do estado de São Paulo, centrando-se na qualidade de ensino para os alunos trabalhadores. Dentre outros pontos, eles encontraram carências materiais, falta de espaço físico para certas atividades, e a "inexistência" da escola nos fins de semana para mais de 90% dos alunos.

Além da Observação, Entrevistas e Questionários, neste estudo se utilizou, de forma complementar, mas indispensável, a Análise Documental. Realizou-se um estudo crítico de documentos produzidos pelos professores e pelas próprias instituições onde se de-

envolveu a pesquisa. Estes documentos foram os Registros de conteúdos das aulas, os programas de Educação Física das escolas, e textos relativos à linha filosófico-pedagógica das instituições.

Conforme Osipov et al (1988, p. 261): " ... se denomina documento a um objeto especificamente criado pelo homem para a transmissão ou conservação de informação."

Ainda de acordo com este autor, dentre outros pontos, para a Análise Documental, são necessários questionamentos sobre o conteúdo, a representatividade, o contexto, os autores, a finalidade e a confiabilidade dos documentos.

O controle das variáveis do presente estudo ficou a cargo do próprio autor. Somente ele realizou as Observações e os Registros das aulas e outras realidades do cotidiano escolar, procedeu às Entrevistas e aplicou os Questionários, registrou e analisou documentos, bem como captou elementos sócio-culturais da realidade extra-escolar. Os motivos de se centrar o trabalho de coleta e análise dos dados, em apenas uma pessoa, decorreram das dificuldades e particularidades pertinentes ao objeto de estudo. Pois foram grandes os problemas para observar e registrar a dinâmica das aulas, com os alunos literalmente *correndo* durante as mesmas. Apenas o autor do estudo poderia observar e registrar, de forma apropriada, as atividades do conjunto professor e alunos. Para alguém não tão conhecedor da realidade dessa Educação Física específica, como para um leigo, uma sessão ginástica poderia não divergir de outra, pois em ambas os alunos estariam exercitando-se, mas um exercício de flexibilidade difere, objetivamente, de um exercício de força, ainda que gestualmente possam apresentar similaridades. As consta-

tações sobre o cotidiano escolar e extra-escolar, bem como dados sobre professores e alunos se encontram no Anexo 5 (O Cotidiano Constatado).

De acordo com o envolvimento do autor no objeto de estudo, a técnica utilizada pode ser considerada como de Observação Participante. Conforme Osipov et al (1988, p. 307), a Observação participante é:

"... aquela na qual o observador numa ou noutra medida está incluído diretamente no processo estudado, se encontra em contato com as pessoas observadas e toma parte nas atividades destas."

Em virtude do envolvimento do autor com as realidades escolares observadas, houve, ainda que poucas, situações em que aconteceu certa interferência deste no desenvolvimento normal da Educação Física Escolar. Uma dessas ações poderia tipificar-se como quando o autor ficou "vigilando" uma turma de alunos que, em aula de Educação Física, jogavam futebol, enquanto a professora necessitou deslocar-se até a secretaria por breves instantes. Porém, de modo geral, durante as Observações procedeu-se de forma a interferir o mínimo possível nas atividades cotidianas de Educação Física Escolar, e teve-se esse comportamento a fim de não "mascarar" os dados a serem coletados.

Durante todas as Observações, procurou-se captar ao máximo as realidades, pois conforme Ezpeleta et Rockwell (1986, p. 50): "(...) deve-se insistir em *observar tudo* mesmo que isto seja impossível". Porém, ainda em concordância com estas autoras, que dizem ser o processo de Observação sempre seletivo, o autor do presente estudo, ao observar as aulas e demais realidades da Educação Física no cotidiano escolar, em função dos seus objetivos, norteou se-

us procedimentos buscando analisar o conteúdo das atividades, principalmente a exercitação física dos alunos e a ação prático-pedagógica dos professores.

No processo de conhecimento de uma determinada realidade objetiva, necessita-se de prévio Referencial Teórico, que no caso foi anteriormente explicitado na concepção de Educação Física Escolar Necessária, o que evidencia um posicionamento fundamentado quanto aos fatos analisados, bem como quanto às evidências que tendem a "permanecer sob os fatos". E, conforme Heller (1982, p. 40):

" ... a crítica só pode ser efetuada se adota-se um ponto de vista específico. Jamais vi uma crítica "neutra", privada de um ponto de vista, de uma opção, de um juízo de valor. Sem isso não é possível elaborar nenhuma teoria crítica."

Porém, mesmo que embasado na concepção filosófico-pedagógica da Educação Física Escolar Necessária, não significou que o autor do estudo partiu de pré-julgamentos, com interpretações distorcidas da realidade, ou de visões estereotipadas, pois, em conformidade com Heller (1989), quem não se liberta de seus preconceitos, acaba fracassando, inclusive pessoalmente. Assim, as organizações categóricas para a análise dos dados ficaram em aberto, ou seja, elas foram elaboradas durante os processos de Observações e, principalmente, após a coleta do material.

No presente estudo, a atenção do pesquisador fixou-se no conjunto professor-aluno, principalmente durante as atividades ocorridas especificamente no ambiente da Educação Física Escolar, e tendo por base as aulas programáticas, regulares de Educação Física. Ao centrar-se as Observações na ação docente, primeiramente

se levou em consideração a grande importância que tem o professor no ambiente escolar - por experiência própria do autor do estudo e também anteriormente vivenciada na realidade concreta - e que também lhe é atribuída por autores como Makarenko (1976), Gramsci (1979), Saviani (1980).

O autor da pesquisa acompanhou os professores e os alunos, observando-os em atividades como: aulas formais (programáticas) de Educação Física que ocorriam, uma, duas ou três vezes por semana; sessões de treinamento físico-desportivo, que aconteciam de uma ou duas vezes semanais; bem como outras atividades que envolviam a exercitação motora dos educandos e a ação dos professores, como festividades escolares com atividades esportivas e competições em que participaram equipes esportivas escolares. Para observar estas realidades, o autor sempre chegou ao local alguns minutos antes de se iniciar o evento.

Na principal escola "A", as Observações foram realizadas de forma contínua, por todo um semestre letivo. Nas escolas "B", "C" e "D", as Observações se realizaram de forma diluída. Nestas escolas o autor realizou várias visitas, sequenciais e alternadas. No primeiro caso, procurou-se assistir o professor o máximo de vezes que foi possível ao longo de um semestre letivo. Nas demais, optou-se por uma quantidade de Observações que propiciaram entendimentos sobre essas realidades e confrontadas com as Observações da primeira escola.

Decorrente do interesse do autor, as Observações privilegiaram a Educação Física desenvolvida no segundo grau. Esse procedimento implicou em, primeiramente, observar as aulas de Educação

Física desse nível de ensino e, partindo das oportunidades surgidas no decorrer dessas Observações, também registrar realidades referentes à Educação Física do primeiro grau. Como o autor não poderia fechar os olhos para a realidade circundante, em muitas situações, enquanto observava e registrava o que acontecia especificamente nas aulas de Educação Física com alunos do segundo grau, em quadras próximas havia aulas para as turmas do primeiro grau com outros professores. Assim, também se fez registros - ainda que com menor detalhamento - dessas ocorrências.

Para um melhor desenvolvimento desta pesquisa, o autor realizou um estudo piloto, para encontrar a melhor forma de observar e de registrar rapidamente os acontecimentos das aulas de Educação Física. Esse estudo piloto foi efetuado em uma escola de segundo grau, com sete aulas observadas durante o primeiro semestre letivo de 1991.

No estudo propriamente dito, foram observadas quatro escolas. A escola "A", escola com turmas de pré-primário, primeiro e segundo graus, pertencente à rede estadual de ensino, situada num bairro periférico da cidade em que se realizou o estudo. A escola "B", também uma escola com as mesmas características da primeira, mas situada noutro bairro. A escola "C", situada na zona central da cidade, tendo somente alunos de segundo grau. E a escola "D", pertencente à rede particular, de confissão católica, com alunos desde o pré-primário até o segundo grau, situada na zona central da cidade.

Conforme dados da Secretaria de Educação (Rio Grande do Sul, 1992), essas escolas estudadas, com turmas de primeiro e segundo

grau de ensino, compunham o universo de instituições, que no estado perfazia um total de 333 estabelecimentos. Havia 7 escolas da rede federal de ensino, outras 7 ligadas às redes municipais, 211 pertencentes à rede estadual de ensino, e 108 às redes particulares.

A escolha destas escolas decorreu das possibilidades operacionais para a realização do estudo. O procedimento para realizar as Observações consistiu num primeiro contato com os professores de Educação Física, e depois com a direção da escola. A partir desse entendimento, o autor do estudo tomou por escrito a anuência dos professores e da direção, para realizar as Observações. Nas demais escolas, "B", "C" e "D", as Observações e demais atividades se realizaram apenas com a autorização dos professores.

Os apontamentos decorrentes das Observações foram anotados em quatro cadernos de cem folhas cada um, utilizando caneta com tinta de cor preta. No alto das páginas numeradas, de cada um dos cadernos, foi anotado a data, dia da semana, período do turno, o número da aula ou atividade a ser observada, o nome do professor, o número da turma, o horário legal e horário real de início da aula e, após o final da mesma anotou-se as principais atividades ocorridas.

Na escola "A", nas sete primeiras aulas observadas, o autor do estudo permaneceu bem próximo, cerca de 3 metros, do conjunto professor-alunos. Nas demais aulas ficou mais distante, mais de 10 metros, mas ainda podendo ouvir muito do que o professor dizia. Nas últimas 8 aulas, também devido a idiossincrasias comportamentais da professora (que abruptamente se sentiu incomodada com a

presença do autor), as Observações foram realizadas de fora da escola, além da cerca de tela, do outro lado da rua. Nas demais escolas não houve problemas de Observações, e o autor do estudo permaneceu sempre bem próximo das atividades do conjunto professor-alunos.

Durante a realização das Observações, alguns professores e alunos chegaram a questionar o autor sobre o que ele estava fazendo. A fim de não comprometer o trabalho, era transmitida a informação de que se "desejava verificar os movimentos dos alunos em aulas de Educação Física para cotejá-los com as suas atividades físicas em outras disciplinas, como as que ocorriam em salas de aula."

Nos apontamentos, o autor do estudo se valeu de abreviaturas. Por exemplo: *P.* significou professor ou professora; σ^{\uparrow} , alunos: ϕ , alunas; ϕ^{\uparrow} significou alunos e alunas, toda a turma de escolares que estavam sendo observados; *C.* significou voz de comando da professora; *Q.*, quadra esportiva; *AQC.* foi o período da aula destinado ao aquecimento; *I.*, início; *F.*, fim; *GIN.*, ginástica; *FUT.*, futebol; *VLB.*, voleibol; *ADB.*, andebol; *BQT.*, basquetebol; *CORR.*, corrida; *B.*, bola; *s/*, sem; *c/*, com; *ñ.*, não; *tbém.*, também; e outras formas de redação que possibilitaram acelerar a escrita, a fim de não deixar de observar ao máximo, enquanto escrevia. Para registrar os acontecimentos ginásticos e esportivos, o autor desenhou bonecos que imitavam os alunos durante os exercícios e, ao lado escreveu ou o nome popular do exercício, ou para qual segmento corporal ele se destinava, como "Polichinelo" ou "Abdominal".

Na escola "A", foram observadas cinqüenta e duas aulas regulares de Educação Física, relativas somente ao segundo grau, fora outros acontecimentos, tais como:

- Treinamentos de atletismo dos alunos membros da equipe representante da escola;
- Eventos esportivos como competições de futebol de salão e de voleibol e corrida "rústica", ocorridas durante as festividades de comemoração do aniversário da escola;
- Participação de equipes em competições de atletismo e voleibol que se realizaram fora da escola.

Nessa escola, ainda foram aplicados quarenta Questionários e feitas vinte entrevistas com os alunos. Colheram-se depoimentos informais de professores, tanto da professora observada, como também de outros dois professores que trabalhavam com o primeiro grau, de alunos, e de pais de alunos. Esses depoimentos advinham de conversas informais, nas quais o autor do presente estudo fazia perguntas e atentamente ouvia o que era respondido. Logo após cessada a conversa, com anotação de data, horário e autor do depoimento, tudo o que fora ouvido era registrado, buscando o máximo de fidelidade, inclusive na gíria e nos erros de linguagem.

Procurou-se registrar tudo o que fosse importante e referente à Educação Física. Obtiveram-se cópias de programas e planos de curso de Educação Física e de todas as aulas de Educação Física que foram registradas nos diários de classe.

As cinqüenta e duas aulas regulares observadas assim se distribuíram mensalmente: 11 aulas em setembro, 25 aulas em outubro, 7 aulas em novembro e 9 aulas em dezembro. Por adiantamento obser-

varam-se: 14 aulas com a turma primeiro ano "A", 20 aulas com a turma primeiro ano "B", e 18 aulas com as turmas de segundo e terceiro anos, as quais tinham aulas de Educação Física no mesmo horário.

Quanto aos dias de semana das aulas regulares observadas, nas segundas-feiras foram 16 aulas, nas quartas-feiras 13, nas sextas-feiras 13, e nos sábados foram 10 aulas.

Na escola "B", foram realizadas 10 Observações e Registros de aulas regulares de Educação Física, sendo que 3 aconteceram em outubro de 1991, 4 em abril, e outras 3 em maio de 1992. Tal como na escola "A", nessa escola também foi acompanhada uma única professora que trabalhou com a Educação Física no segundo grau. Ainda na mesma, foram efetuadas 7 Entrevistas com alunos do segundo grau e aplicados Questionários a 28 alunos. Na escola "B", as aulas de Educação Física ocorreram no turno inverso das demais disciplinas. Assim, os alunos do segundo grau, no turno da tarde apenas foram à escola para assistir aulas de Educação Física.

Na escola "C", foram feitas Observações e Registros de 16 aulas regulares. Três aulas foram em outubro de 1991, 9 em novembro do mesmo ano e 4 em maio de 1992. Foram observados todos os dois professores de Educação Física da escola, um de cada sexo. Doze aulas observadas se desenvolveram no turno da tarde e quatro pela manhã. Foram realizadas 6 Entrevistas e 29 alunos responderam ao Questionário. As aulas de Educação Física na escola "C" ocorreram no mesmo período das demais aulas. Houve três turnos, sendo dois com aulas regulares de Educação Física, nas manhãs e tardes.

Na escola "D", da rede particular de ensino, foram observa-

das 14 aulas regulares, de quatro professores. Todas ocorreram no turno da manhã, entremeadas com as demais disciplinas. Foram observadas 2 aulas em outubro e 3 aulas em novembro de 1991, e mais 7 aulas em abril e 2 aulas em maio de 1992. Foram realizadas 10 Entrevistas e aplicados 35 Questionários.

Próximo do final dos períodos de Observações, o autor do estudo entrevistou três professores de Educação Física, individualmente e em local discreto e sossegado. Também, já na parte final das Observações, foram aplicados os Questionários e realizadas as Entrevistas com os alunos, igualmente procedidas individualmente e em local apropriado. Nas Entrevistas com os alunos, além de explicar detalhadamente o que se desejava em cada questão, também se valeu do uso de figuras, para esclarecer os alunos, como no caso de itens sobre testes motores. As Entrevistas com os professores de todas as escolas contiveram as mesmas questões. Essas questões se aprofundavam conforme as respostas, mas na sua estrutura geral foi igual para todos. O mesmo aconteceu com as Entrevistas com os alunos, que foram diferentes das realizadas com os professores, mas foram iguais para todos os alunos das quatro escolas.

Na escola "A", o autor conseguiu aplicar os Questionários a quase todos os alunos do segundo grau, nas próprias salas de aula. Antes deles responderem às questões, foram dadas todas as explicações possíveis. Nas outras escola, o autor deixou os Questionários, no mínimo para toda uma turma, com o professor que havia tido suas aulas observadas. Os Questionários foram respondidos pelos alunos em suas casas e, posteriormente entregues ao professor de Educação Física, o qual os repassou ao autor. Anteriormente, ao lado do professor de cada turma, o autor, leu as questões e expli-

cou os objetivos e os procedimentos para responder Questionários, os quais contiveram as mesmas questões para todas as escolas estudadas.

Após obtidos os dados com as Observações, e os Questionários, o autor anotou os conteúdos das aulas registradas nos diários de classes. Na escola "A" isso ocorreu após toda a anterior coleta de material. Nas outras escolas, durante a Entrevista se questionou os professores sobre os conteúdos registrados nos diários de classe, que se referiam ao letivo de 1991. O objetivo foi melhor entender o encontrado nos Registros e poder confrontar com os apontamentos das observações das aulas.

As Observações e Registros da realidade sócio-cultural, que envolveram as escolas e os alunos deste estudo, assim como os bairros onde residiam a maioria dos alunos da escola "A", foram sendo feitas durante o período das Observações, de setembro de 1991 a janeiro de 1992. Além de Observações informais sobre esses bairros, feitos durante os deslocamentos até a escola "A", realizaram-se visitas específicas, em dias de semana, e em fins de semana. Com esses procedimentos se objetivou verificar a realidade cultural dos moradores nos períodos de trabalho e nos períodos de tempo livre.

Para a obtenção dos dados da realidade sócio-cultural, no ambiente extra-escolar, já no segundo semestre de 1992, foram feitas entrevistas, com os funcionários de clubes e de funcionários e proprietários de academias.

Uma síntese quantitativa dos instrumentos de coleta de dados e respectivas escolas, encontra-se em anexo (quadro 2, Metodologia).

QUADRO Nº 2 - METODOLOGIA

Local Escolas	Obs. de Aulas	Atividades		
		Entrev. com Profs.	Entrev. com Alunos	Quest. com Alunos
Escola "A"	52	01	20	40
Escola "B"	10	01	07	28
Escola "C"	16	02	06	29
Escola "D"	14	03	10	35
Total	92	07	43	132

Observação

As análises documentais das aulas registradas nos diários de classe, e dos planos de curso ou programas de Educação Física, foram realizadas em todas as quatro escolas ("A", "B", "C" e "D").

4. O COTIDIANO PENSADO

4.1 AS ESCOLAS

A escola "A" espelhou parte da realidade da educação escolar pública pertencente à rede estadual de ensino. Contraditoriamente, ela em muito diferiu e também em muito se igualou a outras realidades educacionais.

No tocante ao ensino do segundo grau, a sua localização periférica, foi comum à outras escolas, ainda que na maioria dos casos as aulas do segundo grau ocorressem somente no turno da noite.

Quanto as instalações para a Educação Física Escolar, a escola "A" se situou num patamar intermediário. Existiam escolas da rede estadual de ensino que dispunham de melhores instalações, havia ainda escolas com instalações similares, como a escola "B", e outras com instalações ainda mais carentes, como a escola "C".

Na escola onde se desenvolveu o estudo piloto do presente trabalho, além de existirem muitas bolas para prática de diversos esportes, arcos, bastões, maçãs, arcos, halteres manuais e comuns, havia ainda ginásio esportivo coberto, pista de atletismo, duas quadras poli-esportivas, uma de futebol de sete elementos, e uma piscina térmica. Essa escola, de segundo grau, pertencia a rede federal de ensino, sendo também uma escola pública e gratuita. Mas essa escola foi exceção e não regra na realidade material/instaltiva das demais escolas com ensino de segundo grau na cidade. Porém a sua existência revelou que, mesmo na órbitra do ensino esta-

tal, poderiam existir escolas com adequadas instalações para a Educação Física Escolar.

As realidades sócio-culturais relativas à escola "A", e também a das outras instituições estudadas, refletiram, objetivamente, a realidade da Educação Física Escolar, e da Educação Escolarizada, no momento vivenciado. Suas instalações, seus ritos, suas ênfases, particularidades e generalidades das escolas estudadas, constituiu parte da totalidade educacional escolar. Esses momentos da realidade no início da década de noventa, exprimiram a importância dada a Educação Física, e a Educação Escolar, pelo pensamento das classes dirigentes; revelou importantes tópicos da prática pedagógica, prática profissional dos professores de Educação Física Escolar; mostrou os elementos da cultura física que foram utilizados como meio de educação escolar; e revelou também comportamentos e atividades dos alunos estudantes do segundo grau.

Na visão das classes dirigentes, notadamente relativas aos governos estaduais, de gestões passadas e da atual gestão, para a Educação Física Escolar, uma quadra esportiva cimentada, ao ar livre, despojada de outras instalações, e algumas bolas e outros materiais, bastavam para a Educação do setor corporal dos filhos das classes assalariadas.

Ao se atribuir as deficiências da Educação Escolar, e da Educação Física, aos governantes e às camadas dirigentes, pois somente eles possuem poder político e financeiro para mudar essa realidade, se embasou em Marx que diz:

"As idéias das classes dominantes são, em todas as épocas, as idéias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. (...) As idéias dominantes não são mais do que expressão ideal das relações materiais dominantes." (Marx et Engels, vol. I, p. 38/9)

Essa despreocupação para com a Educação Física, que não diferiu em muito da (des)preocupação governamental para com a outras disciplinas, fazia parte da concepção de homem e de sociedade que as camadas dirigentes, que em última instância estão alinhadas de uma ou de outra forma com o modo de produção capitalista. A deficiência material-instalativa em relação à Educação Física Escolar, acompanhou as demais deficiências de outras disciplinas e mesmo da escola como um todo. A partir do entendimento das camadas dirigentes, demonstradas na prática, pela alocação de material e instalações educacionais, percebeu-se que para elas - cujos filhos de modo geral não estudam em escolas públicas pertencentes à rede estadual de ensino - no tocante à Educação Física, uma quadra poli-esportiva já bastava.

Mas o descaso - histórico - para com a Educação Escolar, e Educação Física ainda mais em particular, não se limitou ao campo das instalações e materiais. Como um reflexo classista mais saliente, nas escolas públicas da rede estadual, as greves do magistério espelharam os conflitos de interesses e de concepções de Educação, e de homem e de sociedade.

Na escola "A", e noutras escolas da rede estadual, o terceiro bimestre letivo de 1991 iniciou a 20 de setembro, diferentemente do que acontecia normalmente até o final dos anos setenta, quando o ano letivo começava em março e acabava no final de novembro. Porém, desde que houve possibilidades políticas para reinvi-

dicações classistas, com o início da derrocada da ditadura, o magistério estadual gaúcho realizou inúmeras greves. E essas greves apenas concorreram para que as perdas salariais não fossem maiores, afora algumas outras conquistas. Mesmo com todas paralisações, a categoria dos professores estaduais não evitou que seus salários perdessem o poder aquisitivo e, de modo geral, a profissão de professor estadual ficasse desprestigiada. A valorização do magistério, com a ênfase no aspecto econômico, salarial - uma vez que é a partir do elemento pecuniário que se satisfazem muitas das necessidades humanas - não foi conseguida, ainda que constantemente tentada. Conforme dados do CPERS-Sindicato (1991), houve paralisações nas escolas estaduais nos anos de 1979, 1980, 1982, 1985, 1987, 1988, 1989, 1990 e 1991 e, em muitos desses anos o desenvolvimento normal do ano letivo foi alterado.

Mas na escola particular, após 1964, houve greve com duração de menos de um mês, somente no ano de 1989.

Em 1991, a greve do magistério iniciou em 8 de março e acabou em 20 de maio. No tocante a Educação Física Escolar, isso se refletiu que as aulas regulares devessem se estender por todo o mês de dezembro e meados do janeiro. Outra consequência, também relacionada com a greve, foi o da falta de tempo para as competições esportivas, que ocorriam anualmente, como Jogos Escolares Gaúchos, promovidos pela Secretaria Estadual da Educação. Isso contribuiu para frustrar muitos alunos e professores, que trabalharam e se prepararam para finais de jogos que não aconteceram.

As condições materiais-instalativas, bem como as paralisações por motivos grevistas contribuiu para desvelar uma escola

classista, de uma sociedade de classes com profundas disparidades sócio-econômico-culturais. A escola "A", bem como as demais escolas estaduais, dispunha de deficientes instalações materiais, e também sofreu problemas de cunho didático-pedagógico devido às greves. Já a escola particular, ainda que no passado também tenha vivenciado paralisações por reivindicações classistas, evidenciou melhores instalações para a Educação Física, e em 1991 e 1992 não teve problemas com greves. Assim, na escola pública, seus alunos e professores sofreram com deficiências materiais e com os reflexos das lutas de classes, do confronto quase anual entre magistério e governo estadual, o que não aconteceu na escola particular. Sob esse aspecto se somou mais uma vantagem cultural-educativa para os alunos da escola que se dedica à Educação dos filhos das camadas abastadas. Pode-se, assim, constatar que como as camadas dirigentes dispunham de escola adequada à Educação de seus filhos, coerente com os seus propósitos, com a sua ideologia, não se preocupavam com a escola pública e nem com os conflitos classistas que lá ocorriam, e que contribuía ainda mais para que o teor qualitativo da mesma fosse diminuído.

Um outro dado de cunho ideológico, que se refletiu na escola "A" e nas demais escolas estaduais, foi o da ausência de uma linha filosófico-pedagógica explícita e buscada no nível didático. A escola particular, ainda que encontrado em registro de aula, em diário de classe - aula sobre a Campanha da Fraternidade - mas que não se percebeu no cotidiano da Educação Física, possuía uma linha filosófica a ser seguida, o que já era uma orientação. Já as escolas públicas não dispuseram de um referencial filosófico nítido.

Assim, a escola pública, e isso se refletiu na Educação Física, evidenciou uma "liberdade" pedagógica, em que não houve comprometimento com nenhuma corrente filosófica explícita, sobressaindo-se os valores que se aproximavam com o que se poderia classificar de "liberalismo pragmático-pedagógico".

A não existência de uma linha filosófico-pedagógica determinada desobrigou os professores a seguirem normativamente uma só padronização didática, o que possibilitou flexibilizações nas práticas pedagógicas. Esse liberalismo pedagógico propiciou que a Educação Física Escolar cotidiana se mostrasse muito próxima de uma "anarquia didática". Os atos pedagógicos, em todas as escolas, com as possibilidades de os professores "trabalharem livremente", evidenciaram comportamentos similares, tanto na forma como no conteúdo desenvolvido escolarmente, tipificados por certas simplificações pedagógicas, superficialidades nas práticas docentes.

E essa "anarquia didática" e "liberdade de trabalho docente" já fora percebida nos meados da década de setenta. Nesse período, onde as liberdades democráticas e a cidadania inexistiam, particularmente no setor da Educação Física Escolar, dentre as contradições da realidade, e desde que não passasse do "gímnico-desportivo para o sócio-classista", ou seja, que não se abordasse o técnico-fisiológico ligado ao sócio-político, já se notava a "liberdade pedagógica" de escolha de conteúdos e formas de trabalho nas escolas.

4.2 OS PROFESSORES

Os professores foram profissionais da Educação Física, com formação superior, quase a metade com especialização no nível de pós-graduação, e todos dispunham de mais de cinco anos de experiência e formação profissional. Um único caso de professor de Educação Física Escolar que não havia concluído a formação universitária se encontrou na escola "D", possivelmente como um exemplo da autonomia administrativa desse tipo de escola, que podia contratar os profissionais que lhe aprouvesse.

A maioria desses professores também se caracterizou por possuírem outros empregos. Essa situação se atribuiu à necessidade de complementar os poucos salários percebidos. Um professor com regime de trabalho de 40 horas semanais, situado no nível 6 (o mais elevado) do plano de carreira do magistério estadual, e na classe "A" (inicial), percebeu em outubro de 1991 cerca de cr\$ 213.000,00, o que significou pouco mais de 5 salários mínimos, ou algo como 285 dólares norte-americanos mensais. Assim, não restava aos professores outra alternativa a não ser buscar outro emprego, e essa situação se refletiu na Educação Física Escolar.

Em decorrência dos baixos salários percebidos, notou-se uma falta de motivação por parte dos professores. Não se conheceu um só professor estadual que estivesse satisfeito com sua situação econômica. Como forma de mudar essa situação, os professores lutavam desesperadamente, o que resultou nas greves anteriormente citadas. Além da quebra de continuidade nas seqüências das aulas durante as greves, devido à participação nas assembleias gerais da

categoria, que aconteceram na cidade de Porto Alegre, os professores também faltaram as aulas e com isso, causaram prejuízos aos alunos.

Ainda em decorrência da deficiente situação econômica dos professores, refletida nos processos pedagógicos, ocorreu que, por motivo de também trabalharem em outras escolas, os professores buscaram organizar seus horários nas escolas estudadas deixando espaço para o outro emprego. Daí a realidade de aulas de Educação Física Escolar em dias seguidos na semana, duas aulas no mesmo dia intercaladas com aulas de outras disciplinas, como no caso da escola "A", ou as chamadas "dobradinhas", duas aulas seguidas de Educação Física no mesmo dia da semana, como no caso das escolas "B" e "C".

Ainda que se possa atribuir certas deficiências pedagógicas aos professores de Educação Física individualmente, por deméritos de competência e de desleixo no exercício da atividade profissional, é necessário destacar os aspectos financeiros que condicionaram a situação econômica dos professores. Vivendo em sociedade altamente mediada por valores pecuniários, a qualidade de ensino estava diretamente ligada a percebimentos salariais. Mesmo que somente o argumento econômico não fosse válido para muitos problemas encontrados, como o do tratamento simplista do componente teórico da Educação Física Escolar, com os baixos salários percebidos a argumentação em favor de maior empenho profissional ficava dificultada. O aspecto econômico não era o único culpado, mas era o primeiro referencial. E, essa atribuição de causa, em última instância, ao aspecto econômico de muitos problemas e realidades en-

contradas, concorda a seguinte citação de Engels, in Marx et Engels (1986, vol. III, p. 566):

"O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, artístico, etc., repousa sobre o econômico. Mas todos eles reagem também sobre os outros e sobre a base econômica."

Por motivos econômicos, na escola "A", e também na escola "C", um só educador trabalhou com aulas regulares de Educação Física para ambos os sexos. Essa situação contrariou a legislação em vigor, Decreto nº 69.450, que determina a separação por gênero nas aulas de Educação Física Escolar. Em ligação com os problemas anteriormente citados, de aulas de Educação Física "dobradinhas" e aulas em dias seguidos da semana, essa junção de adolescentes de sexo diferentes em mesma aula complicava a atuação do professor de Educação Física e, ao final de tudo, minorava o teor qualitativo das aulas. O professor, ao ter que trabalhar com rapazes e moças numa mesma aula, com valores altamente diferenciados de estatura, peso corporal, condição física e habilidades motoras, tinha grandes problemas de organização e desenvolvimento didáticos.

Assim, em consequência das idéias políticas das elites dirigentes, a deficiente condição econômica dos profissionais da Educação Escolar, contribuiu para que mais uma vez, se fizesse a inexorável constatação de que o capitalismo, nas suas condições particulares brasileiras, e em relação à Educação Escolarizada, era inimigo da cultura e do bem-estar dos membros da sociedade. Devido às vontades políticas os recursos não foram carregados para o pagamento de salários dignos aos profissionais da Educação Escolarizada e com isto além dos professores também os alunos sofreram com a situação sócio-econômica adversa.

Assim, mesmo tendo certas discordâncias com a proposições das chamadas correntes "não-diretivas" em Educação Física, como algumas que aparecem em Mosston (1978), sob a óptica da Educação Física Necessária, até como tarefas oriundas do professor, defende-se que os alunos precisam de autonomia, da capacidade de criação, de iniciativa nas aulas de Educação Física Escolar. As aulas sob comando que foram observadas não eram sinônimos de autoritarismo, mas elas impediam que, principalmente nas aulas ginásticas e de fundamentos esportivos, os alunos usassem seu potencial criativo e mesmo memorizador.

Os professores de Educação Física Escolar, tal como outros profissionais de outras áreas, nas suas atividades docentes, revelaram características preferenciais na forma de atuar e na seleção de conteúdos, notadamente ginásticos. No tocante à seleção e aplicação de exercícios ginásticos, perceberam-se diferenças quanto ao sexo e quanto à orientação esportiva anterior do professor. A professora da escola "A", que anteriormente praticara atletismo, enfatizou exercícios para membros inferiores. Na escola "C", a professora desenvolveu aulas de ginástica com música de fundo e privilegiou exercícios ritmados, ligados à dança, com gestos muito femininos, mesmo que nessas aulas, para turma mista, estivessem muitos alunos do sexo masculino e que esses movimentos, para eles, fossem classificados como fracos. Nessa mesma escola, já o professor, também para turmas mistas, incentivou exercícios de força, ainda que adequados à execução por parte das alunas. Na escola "D", o professor, que noutra escola trabalhava com futebol, comandou exercícios típicos desse esporte.

Também como característica profissional, certos professores, nas aulas com conteúdos ginásticos, além de demonstrarem a maioria dos exercícios, também realizaram alguns com seus alunos. Principalmente os exercícios de flexibilidade, ou os que não necessitavam deitar-se, alguns professores executaram os exercícios por duas ou três aulas seguidas, no mesmo ritmo dos escolares. De certa forma, além das diretivas das tarefas a serem executadas, citando como deveria ser realizado o exercício ou pronunciando nome popular de outros, como por exemplo: "Inclinando o Tronco à Frente", ou "Fazendo Polichinelo", sempre os professores realizaram alguma gestualização para os alunos. Essas atividades foram características da prática docente do professor de Educação Física, que, desse modo, evidenciaram uma maior atividade física-profissional que diferiu das dos outros seus colegas de outras disciplinas.

Essas particularidades de ação profissional dos professores durante as aulas, a não ser pelas deficiências de alcance pedagógico, como não usar implementos nas aulas de ginástica e tratar em conjunto os alunos e as alunas, não tiveram um caráter negativo. Cada pessoa de fato imprime sua forma de trabalho na atividade profissional, e "o estilo é o homem", dizia Buffon.

As diferenças e particularidades dos professores de Educação Física: na utilização de exercícios ginásticos, nas preferências desportivas, nos modos de avaliar - uma professora da escola "D" a cada aula de Educação Física preencheu uma ficha marcando as ações individuais de suas alunas - e mesmo nas formas gerais da prática pedagógica, que em muito refletiu aspectos de personalidade, reve-

laram que a Educação Física desenvolvida no cotidiano do segundo grau, contraditoriamente, não foi homogênea.

E a crítica que se faz às repetições de procedimentos que tipificaram tais práticas pedagógicas, advém que os professores necessitam não se limitar profissional e didaticamente. Se os professores se fundamentassem e agissem de uma forma mais dialética, eles romperiam com suas próprias limitações.

Um ponto a ser destacado da relação professor-aluno foi o da empatia entre eles. Os professores trataram informalmente os seus alunos. Com a exceção da professora da escola "A", que para alguns alunos - o que não ocorreu tão nitidamente com relação às alunas - ela apresentou um certo distanciamento e falta de diálogo, os demais professores estudados apresentaram um tipo de comportamento de aproximação e afetividade. E nas escolas "C" e "D" essa relação afetiva foi bem mais notada. Por exemplo, na escola "C" o professor de Educação Física foi citado como o de maior possibilidade de diálogo da instituição. Na escola "D", quando o professor, ao concluir a aula, desejou: "Bom fim de semana, pessoal!" os alunos, em conjunto, responderam: "Pra você também, Fulano!" (apelido pelo qual o professor era conhecido). O tratamento do professor de Educação Física na primeira pessoa, sem pronomes de tratamento ou mesmo pelo apelido, ainda que comum até a professores de outras disciplinas, revelou uma orientação para a igualdade entre professor e alunos e diferenciada entre professores de Educação Física e direção da escola. Em nenhuma escola estudada os alunos trataram diretora ou diretor da escola da mesma forma que os professores de Educação Física.

A Educação Física na escola "A" - mas havia conhecimento de ocorrências também em outras instituições, como onde foi realizado o estudo piloto - revelou uma profunda contradição de ação pedagógica por parte da professora "M". Em meados do ano letivo, na maioria das aulas, ela exigiu que os alunos participassem com a vestimenta apropriada para a Educação Física, mas nas últimas aulas do ano, ocasião em que as atividades desportivas-recreativas foram bem mais utilizadas, não se importou com a vestimenta. Daí, muitos alunos participaram das aulas de Educação Física até vestindo calças "jeans", o que antes foi proibido motivando a infreqüência.

Na prática pedagógica observada, também não se constatou diferenças significativas, sob o prisma qualitativo, de aprofundamento de elementos técnicos e de assuntos relativos à Educação Física, entre os professores que haviam ou não cursado pós-graduação. O motivo de tal homogenização das atividades profissionais atribui-se à similaridade de conteúdos tratados nas diversas aulas e escolas observadas. O paradigma recreativo-esportivo tendeu a uma homogenidade na prática pedagógica, por um lado incentivando a atividade prazerosa dos alunos, por outro evidenciando uma preocupação para com a realização técnica-esportiva correta.

A prática pedagógica mais observada se resumiu ao paradigma *recreativo-esportivo*, sendo que com raras exceções a dimensão fisiológica dos processos e fenômenos relativos à exercitação física foi destacado. Dos diários de classe das aulas de Educação Física, na escola "A", durante todo o ano letivo de 1991, houve apenas um registro de aula abordando "A Importância da Educação Física"; e na escola "C" duas aulas abordando a coluna vertebral. O completo

esquecimento dos aspectos sócio-políticos, didaticamente abordados, alinharam os procedimentos profissionais dos professores de Educação Física com limitações pedagógicas e com o conservadorismo político. Mesmo que alguns professores de Educação Física observados até tivessem participação nos movimentos de sua categoria profissional, por suas atividades docentes, pelos conteúdos tratados, eles se postaram de modo conservador, alienadamente. Nenhum aluno citou que algum professor didaticamente tratasse de política em aulas de Educação Física. Assim, essa disciplina escolar, componente do todo curricular formal, devido principalmente a prática pedagógica dos professores, concordou com Althusser (1974), no sentido de que ela compõe o aparelho ideológico de Estado. Nessas aulas, a ideologia conservadora não foi contestada, e mesmo com as lutas de classe dos professores estaduais, com greves quase anuais, isso não se refletiu nas práticas pedagógicas, como elementos de desenvolvimento de uma noção crítica da realidade sócio-cultural.

Essa passividade ideológica, à sua maneira, confirmou a assertiva de que, sob o prisma da alienação política, conforme Marx et Engels, (1986, vol. III, p. 557):

"A ideologia é um processo que com efeito, é completado com consciência pelo chamado pensador, mas com uma consciência falsa. As forças impulsionadoras propriamente ditas que o movem parecem-lhe desconhecida."

Assim, ainda que fora da escola, alguns professores se alinharam com as orientações políticas que buscam mudanças sociais, as suas atividades docentes se caracterizaram pelo posicionamento acrítico. Desenvolveram conservadoramente os conteúdos de suas au-

las de modo a concordar com a ideologia das camadas dominantes. A partir de suas aulas cotidianas, os professores de Educação Física Escolar não assumiram, e por isso não transmitiram, os valores de sua classe social, mas sim, assumiram os valores das classes dominantes.

4.3 OS ALUNOS

A imensa maioria dos estudantes do segundo grau em escola pública, pertencente a rede estadual de ensino, como nas escolas "A", "B" e "C", se originaram das camadas assalariadas da população. Os dados relativos à origem classista dos alunos confirmaram a idéia inicial de que, de fato, mesmo no segundo grau de ensino, a escola pública ainda se destinava aos alunos mais pobres. Nas escolas estaduais, os pais com formação de nível superior ou que não eram assalariados, compuseram uma minoria inexpressiva, completamente oposto do que aconteceu com na escola particular.

Os alunos da escola "A", bem como os das demais escolas, tenderam a se vestir "uniformizadamente", com calçados como tênis ou botinas, calças e jaquetas "jeans" e agasalhos esportivos. As variações de modo geral ficaram no tocante a qualidade das roupas e calçados, sendo que os alunos mais abastados, como os da escola "D" trajaram melhores roupas.

Os alunos da escola particular podiam ser classificados como "alunos de primeiro mundo", não apenas pela quase total ausência de alunos de pele escura nas aulas, onde predominaram louros e

claros, mas também pela vestimenta, uniformizada. Foi impossível fazer uma confrontação entre peso e estatura dos alunos das escolas estaduais e os da escola particular, porque os das primeiras escolas não tiveram seus valores de peso e estatura aferidos pelos professores de Educação Física. Mas os índices médios de peso e estatura obtidos junto a escola "D" colocaram as moças dessa amostra classificadas levemente acima da linha média, encontrada nos estudos de Marcondes et al (1982). Uma vez à atribuição de falha pedagógica aos professores das escolas estaduais, que não trataram de dados biométricos - e os conhecimentos aprofundados ao máximo possível sobre sua pessoa, sobre sua vida, ainda que somente no plano corpóreo-motor, são elementos importantes para a construção da subjetividade dos alunos - a questão socio-econômica volta a ser destacada. As saudáveis alunas da escola "D" representaram a parcela da população urbana brasileira que tinha à disposição, no mínimo, três refeições diárias, dentre outros indicativos sociais. Se isso fosse estendido para toda a população, a qualidade de vida e mesmo os índices antropométricos provavelmente seriam outros. Os dados relativos à corporeidade também possuem sua ligação com os indicadores sociais. Importaria, pois, mudanças sócio-estruturais para que todos os alunos - salvo a situação da cor da pele - de todas as escolas apresentassem índices biotipológicos evoluídos, de "primeiro mundo". Com o fim de contribuir para essas mudanças, entende-se também que sejam necessárias aulas de Educação Física Escolar que não se reduzam apenas à prática esportiva-recreativa.

Como uma "contradição da idade", ainda que andassem "uniformizados" fora da escola, para as aulas de Educação Física eles re-

negaram o uniforme. Na escola "A", observou-se por várias ocasiões que, enquanto a professora realizava a chamada, os alunos trocavam passes ou faziam embaixadas com as bolas de voleibol ou futebol, trajando calças "jeans" e demonstrando que estariam dispostos a participar ativamente das aulas. Porém, quando a professora determinou que colocassem calções ou calças de agasalho esportivo para prática, eles deixaram o local de Educação Física. Na escola "D", a resistência ao uniforme padronizado para a Educação Física, também foi apontado como uma das principais oposições dos alunos à essa disciplina. Mesmo não confundindo uniformidade com unidade, pode-se constatar que na escola "D", escola rica, os alunos, devido ao uso de vestimenta padronizada para a Educação Física, e para as demais aulas, não desgastaram suas roupas usuais nas aulas, o que não aconteceu nas escolas estaduais. Aí, como não houve padronização na vestimenta para a Educação Física, nem para as demais disciplinas, os alunos desgastaram mais rapidamente suas roupas. Mesmo tendo que colocar a questão do uniforme escolar com muita cautela, não se deixou de constatar que os alunos da escola rica faziam economia, usando vestimenta padronizada, o que não ocorreu com os alunos das escolas pobres.

Ainda que o confronto entre as realidades das escolas públicas com a escola particular não fizesse parte específica do objeto de estudo, foi impossível fugir ao relacionamento entre as situações concretas que surgiram no decorrer da pesquisa. Os alunos das escolas públicas, em oposição aos da escola particular, na sua maioria, não freqüentaram clubes ou instituições, onde fosse possível a prática de exercícios físicos. Assim se critica os professo-

res de Educação Física das escolas públicas, que não trataram da realidade sócio-cultural de seus alunos, pois a eles não foi observado nenhum incentivo à participação ativa sócio-cultural, em atividades fora da escola. Os alunos das escolas mais pobres, também foram os mais pobres na cultura, nas possibilidades recreativas ligadas à cultura física.

De modo geral, todos os alunos tinham interesses de leitura similares, onde o esporte foi destacado, mas as atividades esportivas, de tempo livre, foram minoria. O futebol e voleibol se destacaram como os esportes mais apreciados, revelando também, que as moças dispunham de uma prática de exercícios físicos inferior a dos rapazes. Assim, afora, ser comum as alunas ajudarem nas tarefas domésticas, iniciando a chamada dupla jornada de trabalho bem antes de se casarem, tinham menores possibilidades de práticas culturais que os seus colegas do sexo masculino. Esse dado é importante para ser tratado na teoria da Educação Física Escolar, para, além de mostrar a realidade sócio-cultural, enfatizar a importância da participação social feminina no sentido de romper com essa situação.

Ainda no tocante às atividades de tempo livre, os alunos de todas as escolas demonstraram interesses similares e coerentes com suas idades. Eles ocuparam o tempo livre estudando, assistindo a televisão, ouvindo música, passeando, namorando e indo a festas.

E, quanto ao gostar e desgostar de certos conteúdos de Educação Física Escolar, Pereira (1988, a) já havia anteriormente constatado as mesmas preferências. Isso implica em que, além da necessidade de diálogo e persuasão dos alunos, para aprenderem a

superar e a realizar certas tarefas que desdenham, importa, também, não considerar totalmente o que os alunos desejam. Se os professores de Educação Física Escolar se orientassem apenas pelos gostos de seus alunos, as aulas ficariam muito complicadas. Cumpre destacar também, como uma particularidade da Educação Física, que os alunos costumavam revelar o que gostavam e o que não gostavam; mas nunca se ouviu um aluno reclamar a um professor de Matemática que não gostava de exercícios com frações, ou para o professor de Português, que não apreciava palavras com dois esses. Fez parte da realidade escolar, alunos gostarem ou não de certos conteúdos de Educação Física, como ginástica ou andebol, mas demonstraram medo de serem reprovados em disciplinas como Física ou Matemática.

Levando em conta a relevância da faixa etária dos adolescentes, os alunos, de ambos os sexos e de todas as escolas estavam satisfeitos e também insatisfeitos com seus corpos e sua condição física. As principais insatisfações foram expressas a partir da estética, com alunos querendo aumentar de peso, aumentar as circunferências, ou então diminuir o peso corporal. Essas angústias também não foram didaticamente tratadas em nenhuma aula observada.

Como categoria dialética, na concepção de Educação Física Escolar Necessária, a corporeidade tem uma importância pedagógica vital, porque trata da vida concreta dos alunos. É com seus corpos e na atual realidade sócio-cultural que os escolares vivem aqui e agora, mas as questões relativas ao físico e às suas possibilidades motoras e sócio-culturais não foram didaticamente tratadas com os alunos nas aulas de Educação Física. E isso, mais uma vez, poderia ser classificado como omissão e falha nos processos educati-

vos relativos à Educação Física Escolar. Os alunos trataram de seus corpos, na maioria das vezes, sob a forma de atividades recreativas, mas os corpos das pessoas são algo muito sério para serem educados apenas ludicamente. Mais uma vez, a falta de tratamento aprofundado da teoria da Educação Física Escolar incorreu em deficiência pedagógica.

Mas como reflexo da posição classista dos alunos, nas escolas públicas, ainda que muitos desejassem cursar faculdades, muitos deles, após concluir o segundo grau, queriam realizar cursos técnicos. Ter uma profissão de nível médio não foi objetivo de nenhum aluno da escola "D". Assim, autoconhecendo suas necessidades e possibilidades, os alunos das escolas estaduais revelaram aspirações bem menores que os alunos da escola particular.

Com satisfação, percebeu-se que a maioria dos alunos, de todas as escolas, renegavam vícios como o fumo e a bebida e, quando bebiam, o faziam moderadamente. A qualidade e os hábitos saudáveis de vida infelizmente não foram didaticamente trabalhados pelos professores de Educação Física. Em meio a tanta propaganda de cigarros e bebidas que utilizam o esporte na sua promoção, fazer com que os alunos conhecessem as desvantagens dos vícios e municiá-los com informações para que, no futuro, eles as disseminassem em seus meios culturais, poderia ser mais uma tarefa dos professores de Educação Física.

Decorrente, não apenas da prática pedagógica dos professores observados, mas também dos seus professores anteriores, os alunos das escolas estudadas, com raras exceções, não conheciam valores indicativos de seus níveis de proficiência motora. A Educação Fisi-

ca Escolar não pode se resumir em aferições de condicionamento físico, mas sem determinado nível de condição física, possível e necessariamente determinado individualmente, ela deixa muito a desejar.

Com a exceção da escola "B", que de forma até exorbitante realizou testes motores, os alunos das demais escolas, salvo raros casos de prática gímnico-desportiva extra-escolar, desconheciam seus índices de proficiência física em testes conhecidos, como os testes abdominais, de apoio, e de resistência aeróbica. Sobre o teste dos 12 minutos, houve dados que informaram sobre o número de voltas percorridas nos locais onde aconteciam os testes. Isso revelou uma limitação no aprofundamento do uso do teste para determinar o consumo máximo de oxigênio. Não foram feitas inferências sobre o consumo máximo de oxigênio calculado a partir da distância percorrida em 12 minutos, expressos em mililitros de oxigênio por quilograma de peso corporal por minuto. Considera-se que era uma limitação pedagógica o simples conhecimento, por parte dos alunos, do número de voltas num percurso ou a distância percorrida em 12 minutos, e o não cálculo do que isso representaria para eles em padronização de medida de consumo máximo de oxigênio. Para isso bastaria aplicar a equação proposta por Cooper, citado por Pini (1978, p. 170) que simplificadamente é: D (distância em metros percorrida em 12 minutos) - 504 dividido por 45. Os números 504 e 45, que na equação inteira possuem outros algarismos após a vírgula, são valores constantes. A partir desses indicativos, seria possível um maior inter-relacionamento do nível de condicionamento aeróbico e a sua importância para a saúde e para a qualidade de

vida.

Os alunos, de todas as escolas desconheciam quais seriam os seus valores de frequência cardíaca máxima. Associada ao desenvolvimento da resistência aeróbica, e conforme vários autores, como Hollmann et Hettinger (1983) e McArdle, Katch et Katch (1985) sendo parâmetro para acompanhamento e desenvolvimento da resistência aeróbica, a frequência cardíaca máxima possui assim uma importância muito grande. Se o aluno conhecer a sua frequência cardíaca máxima, ele pode, autonomamente, acompanhar e manter a exercitação física nos limites da aerobicidade, sabendo quando está aquém ou além do que é indicado para a sua idade. A partir da seguinte fórmula: 220 (valor constante) menos a idade em anos, tem-se a frequência cardíaca máxima calculada. E um percentual em torno de 70% do índice obtido individualmente, também indicado para adolescentes, é considerado como prescrito para a manutenção da pulsação durante exercícios, como a corrida, visando o desenvolvimento da resistência aeróbica. Os alunos desconheciam essa fórmula e seus índices devido a que, nas aulas de Educação Física, esse conteúdo não lhes foi ensinado pelos professores.

Salvo as exceções, como daqueles raros alunos que praticaram esportes metodicamente fora da escola, em que locais os filhos das classes assalariadas poderiam ter tais informações, se não nas aulas regulares de Educação Física Escolar?

E essa fórmula simples, ou ainda a técnica de contagem das frequência cardíaca, com tomadas no pescoço ou no pulso, são impossíveis de serem aprendidas em aulas práticas de voleibol ou futebol ou durante a exercitação gínastica. Somente com a teoria da

Educação Física os alunos poderiam assimilar esses conhecimentos.

Mas os alunos foram quase unânimes em informar positivamente, e demonstrar, quanto seus índices de proficiência na flexibilidade determinada no nível do tronco e do quadril. De modo geral, todos os alunos entrevistados, no tocante à flexibilidade, demonstraram que tinham capacidade de se situar no nível considerado como mediano, considerando o teste de Wells et Dillon, citado por Mathews (1980).

No início do texto, foi destacada a importância da categoria prática. Pois bem, nas observações das aulas, a flexibilidade foi uma das qualidades motoras mais trabalhadas pelos alunos. Além dos movimentos de alongamentos musculares forçados realizados durante as práticas desportivas, esses tipos de exercícios foram frequentemente realizados nas aulas específicas de ginástica e, principalmente nas sessões de aquecimento pré-desportivo. E como consequência destas ênfases, constatou-se que os alunos, em termos de teste de proficiência de flexibilidade não deixaram a desejar. A partir desta constatação, a crítica que se faz é da falta de desenvolvimento adequado das aulas regulares de Educação Física. Se os alunos puderam dar uma resposta positiva na flexibilidade, também poderiam fazê-la em outros tipos de proficiência motora.

A maioria dos alunos consideraram que a Educação Física era importante em sua vida, associando o exercício com a saúde e bem-estar. Porém, salvo o caso dos alunos da escola "C", até como uma forma de mostrar que existiram diferenças entre práticas pedagógicas e entre alunos das escolas, os alunos não atribuíram importância para as aulas regulares de Educação Física Escolar. A maioria

deles não sentiu a influência da Educação Física Escolar em sua vida. E essa contradição refletiu a realidade estudada. Por um lado as aulas de Educação Física se desenvolveram recreativa e prazerosamente, e isso foi importante para os alunos. Por outro lado, a não diferenciação objetiva entre aula regular de Educação Física Escolar e as atividades lúdicas de lazer contribuiu para o não percebimento da influência da Educação Física Escolar na formação das subjetividades dos alunos.

Devido à ausência da teoria da Educação Física Escolar, e falha pedagógica também de outros professores de outras disciplinas, os alunos do segundo grau desdenharam a política. A grande maioria das respostas dos alunos durante as entrevistas não se assemelhavam ao que se poderia imaginar de entendimento expresso por alunos do segundo grau. Grassou um analfabetismo político, uma alienação terrível associando a política com delitos e coisas negativas.

Salientando que o tratamento didático da política, em indissolúvel ligação com a realidade sócio-cultural, com Educação Escolar, com a Educação Física, com o esporte, com a ginástica e com a recreação, faz parte de modo imprescindível dos conteúdos e objetivos da Educação Física Escolar Necessária, em oposição a essa concepção pedagógica, se percebeu que as deficiências no tratamento da teoria no cotidiano escolar não se resumiram apenas às falhas no campo da fisiologia do exercício, mas também no tocante à sociologia. A não abordagem da necessidade da exercitação física permanente levou a que não se tratasse das condições concretas para a prática gímnico-desportiva-recreativa em ambiente escolar e

extra-escolar, e daí não houve referências ao social, nem ao político. Os alunos se revelaram alienados, passivos, conservadores, inclusive devido a que, nas aulas de Educação Física Escolar, não foi dada a importância que a política tem para a cultura como um todo e cultura física em particular. Tristemente, os alunos não perceberam ligação alguma entre Educação Física e política, e ao ouvir esses depoimentos, o poema de Brecht erigindo "o analfabetismo político como o pior analfabetismo" imediatamente vinha à memória.

4.4 PLANEJAMENTOS, OBJETIVOS E AVALIAÇÕES

O planejamento da Educação Física, em todas as escolas estudadas foi de competência dos professores, com a exclusão dos alunos. Isso foi similar a que Pereira et al (1983) já haviam constatado. Os professores antes de iniciar as atividades de aulas regulares, de posse do conhecimento sobre quais adiantamentos e em quais turnos iriam trabalhar decidiram sobre os conteúdos, locais de trabalho, e dias em que cada um utilizava tal dependência para as suas aulas.

Na escola "A", por exemplo, não existiu plano de curso com objetivos detalhados, mas sim, uma lista de conteúdos a serem tratados a cada bimestre letivo. Esse programa foi escrito nos cadernos de chamada, tal como aconteceu na escola "B". Na escola "C" houve planos de curso já com objetivos e em folha especial. Na escola "D", os planos de curso de Educação Física foram encadernados

em conjunto com todos os outros planos de outras disciplinas, por adiantamento.

Os conteúdos da escola "A" e das demais escolas estudadas foram constituídos basicamente por ginástica e esportes. Os esportes foram o andebol, o atletismo, o basquete, o futebol e o voleibol. Esses conteúdos que foram trabalhados na escola "A" no ano de 1991, e nas demais escolas em 1991 e 1992, sendo que, a partir de 1992 se tornaram comuns a todas as escolas da região escolar, cuja Delegacia de Educação tinha sede na cidade onde o estudo foi realizado. Esse programa iniciava no primeiro grau e se estendia até o segundo, onde se percebeu um incentivo para a prática esportiva. Explicitamente, essa lista de conteúdos não contemplou nem os objetivos e nem a avaliação em Educação Física Escolar, ficando subentendido, a partir da implementação do que se propunha, que por meio do desenvolvimento de tais conteúdos gímnico-desportivos, os alunos apenas teriam melhorias na condição física-desportiva-recreativa.

Esta listagem de conteúdos foi originada a partir de reuniões dos professores de Educação Física da região. Eles listaram tais conteúdos a partir de suas possibilidades instalativas, costumes, práticas e experiências profissionais e, conseqüentemente, revelaram suas concepções filosófico-pedagógicas.

Considerando que o professor necessita gerar necessidades nos alunos, e que também precisa aumentar o teor cultural dos mesmos, propiciando o conhecimento das diversas formas culturais, essa listagem de conteúdos foi pobre, não acrescentou muito ao que havia de usual fora da escola. Assim, a escola reproduziu a cultu-

ra extra-escolar, fazendo-o de forma limitada. Naturalmente que sempre a escola irá contribuir para essa reprodução, e a Educação Física também o fará. Uma crítica que pode aqui ser feita decorre de que esse rol de conteúdos ginásticos e principalmente esportivos, se limitou a poucos esportes, não percebendo-se a inclusão de nada de mais moderno do que era trabalhado há 20 anos. E a cultura e a sociedade mudaram muito em 20 anos.

Questionados sobre a origem de tais conteúdos, eles responderam que era costume, e não expressaram preocupação em saber a origem de tais tradições.

Nessa listagem de conteúdos não houve referências quanto à literatura que orientou tais opções gímnico-desportivas. Porém, toda a literatura citada pelos professores, e encontrada nas escolas, seguia o que aqui se denomina paradigma técnico-esportivo-fisiológico. Eram obras "técnicas", geralmente ginásticas e esportivas, voltadas, na imensa maioria das vezes, para as práticas culturais desenvolvidas fora da escola. No andebol, por exemplo, na obra de Martini (1984), o que se encontra são os fundamentos desportivos, elementos técnicos e táticos, individuais e coletivos e sistemas de jogo, de ataque e de defesa. Nessa obra não há referências sobre a escola ou sobre a pedagogia escolar. É uma obra técnica de boa qualidade, mas, se for seguida literalmente, em ambiente escolar, as atividades dos alunos se assemelhariam às atividades de atletas que atuam em qualquer local, exceto em escola. Os objetivos dessa obra não se orientam por paradigmas educativos escolares. Despreocupações para com o pedagógico-escolar também se evidenciaram noutras obras citadas, como nas de Fernandes (1978

a, 1978 b, e 1979) de atletismo, e na de Anderson (1983) livro de ginástica que trata especificamente da flexibilidade.

Em todas as obras citadas e consultadas nas bibliotecas das escolas, em nenhuma houve referências sócio-históricas críticas. O que se encontrou sobre a história dos esportes, estava muito mais próxima de uma descrição fatural-cronológica do que uma abordagem crítico-pedagógica. Os acontecimentos desportivos eram relatados como se ocorressem isolados do restante da cultura e da sociedade. Os conflitos sócio-classistas inexistiam nessas obras.

Mais uma vez como exemplo das maiores possibilidades culturais-educativas evidenciadas pela escola "D", foi nessa instituição que se encontrou a maior quantidade de obras e volumes sobre Educação Física.

E os planejamentos nem sempre foram cumpridos na íntegra. Assim, na escola "A", foi encontrado listado como conteúdo de Educação Física para o ano de 1991, a realização de exames biométrico, mas na prática isso não foi feito.

Se no desenvolvimento cotidiano das aulas o planejamento não foi cumprido, também, oficialmente, não foi aferido. Pelo menos na escola "A", durante todo um semestre letivo, e nas outras aulas observadas, em nenhuma desses casos se tomou conhecimento de que algum professor ligado à Delegacia de Educação houvesse visitado a escola, para verificar o desenvolvimento da Educação Física.

Na orientação dialética, valorizando a *totalidade*, e em conformidade com Saviani (1986), pedagogicamente se evidencia uma interligação obrigatória entre objetivos, conteúdos, avaliações e procedimentos de ensino. É impossível separar os objetivos que se

deseja atingir dos conteúdos a serem trabalhados. E, na Educação Física Escolar em particular, valorizando a categoria *prática* como um de seus elementos fenomênicos principais, os objetivos somente podem ser alcançados pela implementação prática dos conteúdos.

Os objetivos a serem atingidos nas aulas de Educação Física, constatados pelas observações, foram de manutenção e melhorias na condição física dos alunos, bem como o aprendizado e prática desportiva-recreativa. Decorrente das observações de aulas, dos depoimentos dos alunos, dos registros das aulas em diários de classe, das listagens de conteúdos e das informações dos próprios professores, a partir da ênfase gímnica-desportiva, oriundas dessas práticas, os alunos somente poderiam melhorar as capacidades motoras, aprender os fundamentos e elementos táticos dos esportes, especialmente os coletivos.

Foi sintomático, a constatação de que em esportes, como andebol, e mesmo voleibol, verificou-se que os professores ensinavam os fundamentos desportivos com atividades individuais e em pequenos grupos, porém, no tocante ao futebol, nunca foi observada uma só aula em que os alunos aprendessem ou treinassem seus fundamentos, passes, deslocamentos com a bola e chutes a gol. As aulas em que se utilizou o futebol foram sempre de prática recreativa. O aprendizado e fixação dos elementos constitutivos desse esporte aconteceram durante as práticas jogadas.

O paradigma recreativo-técnico-fisiológico orientou as aulas de Educação Física Escolar, sendo que a recreação dos alunos ocorreu principalmente sob a forma jogada. Muitas aulas foram explicitamente de prática esportiva, em que os alunos jogaram ou

sem um período de aquecimento prévio, tendo ou não a orientação ou arbitragem dos professores.

A dimensão técnica verificada nas aulas observadas se ateve à realização gestual orientada para a eficiência e correção dos movimentos. No andebol, foi verificado que havia a preocupação para com a recepção, passe e arremesso, e no voleibol para com o toque por cima, a manchete e o saque. Os professores orientaram e corrigiram os alunos, demonstraram e determinaram exercícios para a melhoria gestual. Na ginástica, os professores corrigiram certas posições em que os exercícios localizados não eram corretamente executados.

E a dimensão fisiológica, minoritária em relação às demais, foi trabalhada durante as aulas, notadamente de ginástica. Quando aconteceram foram sob uma forma um tanto limitada e simplistas. Por exemplo, a professora "M", da escola "A", durante exercícios de flexibilidade, dizia que se não fizessem a quantidade determinada de repetições, os alunos no futuro "ficariam enferrujados..."

Assim, os objetivos de ensino da Educação Física Escolar que poderiam ser atingidos, a partir das atividades práticas das aulas regulares, se reduziram a algumas informações verbais no plano da fisiologia do exercício, muito esporádicas, sem documentação e sem cobrança avaliativa; ao prazer da prática recreativa e em melhorias na condição físico-habilidosa.

No tocante as melhorias da condição física, estas aconteceram principalmente devido à participação ativa dos alunos nas práticas desportivas e também em algumas das atividades ginásticas. Ainda que com dificuldades para inferir o quanto de melhorias da

condição física dos alunos, da participação nas sessões ginásticas, nas práticas recreativas e mesmo durante as atividades de aprendizado e fixação dos fundamentos desportivos, necessariamente os alunos por se exercitarem fisicamente possivelmente obtiveram alguma mudança positiva na condição motora.

Durante seus depoimentos, os professores de Educação Física, falaram de objetivos de práticas recreativas, em melhorias no condicionamento físico, em propiciar elementos para que os alunos gostassem do esporte e o praticassem no futuro, em noções desportivas e de primeiros socorros, em conhecimentos ginásticos e de consciência do movimento, em domínio geral de cada esporte, de regras desportivas, em trabalhar as qualidades motoras de forma educativa e propiciar conhecimentos sobre seus dados biométricos, em educar para a vida e socialização dos alunos, e inclusive, como no caso do professor da escola "C", em abordagem sociológica. Mas, a partir das Observações, Entrevistas, Questionários e Análise Documental, pode-se inferir que nem todas essas generalidades pedagógicas foram atingidas, mas só algumas, num baixo nível e na maioria dos casos sem controle sobre as mesmas.

Notadamente sobre os objetivos de conhecimentos fisiológicos e sociológicos não se evidenciaram, de fato, que eles puderam ser atingidos, pois os conteúdos hegemônicos das aulas observadas e desenvolvidas, na realidade destacaram a prática gímnico-desportiva-recreativa, que não deixou lugar para a teoria crítica, sócio-biológica.

Esses objetivos, decorrentes da implementação prática dos conteúdos, se revelaram limitados e não-conscientizadores. Não se

voltaram para as necessidades concretas, imediatas e futuras dos alunos, não tiveram objetivos de conscientização dos carecimentos da exercitação física permanente. E, de acordo com Marx et Engels (1986, vol. I, p, 14):

"A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida."

E, a partir da realidade objetiva dos educandos, e do requisito de exercitação física continuada, Pereira (1988 b, p. 190), defende que:

"... no "seu processo real de vida", o homem consciente pode dispor dos benefícios da cultura física, em todas as etapas de sua vida, como meio de negar o sedentarismo, do modo que em processos de exercitação tenha uma opção de prática cultural. E essa prática cultural deve ter finalidades tais como a felicidade e realização humana."

A respeito de que os professores falaram ao autor do estudo sobre os objetivos de suas aulas de Educação Física Escolar, precisa-se considerar que foram "falas do momento". Ainda que os professores pensassem por certo tempo, antes de responder, e que soubessem que aquilo estava sendo anotado em sua presença, é necessário ponderar que não foram respostas elaboradas, como para um texto. Porém, ainda que dissessem algo diferente, haveria contradição entre seus discursos e suas práticas. Na escola "A", por exemplo, durante todo um semestre letivo, nunca foi observado que a professora, em período algum de aula houvesse citado um livro, ou que em alguma oportunidade houvesse entregue uma folha com informações teóricas sobre a Educação Física, ou que tivesse conversado sobre elementos sociológicos ou fisiológicos com seus alunos. Assim, os objetivos a serem alcançados nas aulas de Educação Física foram

eminentemente esportivo-recreativos, e de alguma melhoria da condição físico-habilidosa.

Algo extremamente preocupante constatado foi que os alunos tinham apenas vagas idéias sobre quais eram os objetivos das aulas de Educação Física Escolar, ou associavam esses objetivos somente à melhoria da condição física. Assim, alienadamente, os alunos participaram das aulas sem saber com exatidão para o que o faziam. E conforme Makarenko, citado por Meier (1984, p. 90)

"Um trabalho pedagógico que não persiga um objetivo claro, minucioso e conhecido em seus detalhes, é um trabalho educativo apolítico"

Não houve questionamentos sobre o que se desejava com os alunos. Essa postura foi conservadora porque isso contribuiu para que os jovens se acostumassem a realizar tarefas sem questionarem os motivos de tais ações. Se a cidadania pressupõe a participação com espírito crítico - não apenas com espírito de crítica, o que muito mais simples - a crítica necessita de questionamentos e de seus referenciais teóricos, e eles requerem ser aprendidos, principalmente em ambiente escolar, e nessa ambiência a Educação Física se constitui com um componente pedagógico importante.

Dentre outros pontos, a Educação Física Escolar falhou, enquanto Educação, devido a ser tratada de uma forma impositiva, alienada, cujos objetivos, e cujas finalidades que se constuem em elementos vitais de quaisquer atividades humanas, foram desconhecidos pelos alunos. Pereira (1988, b), destacando como elemento educativo a dúvida pedagógica, os questionamentos sobre os objetivos e conteúdos da Educação Física Escolar, bem como sobre os seus condicionantes sócio-culturais, propõe as chamadas "proposições

absurdas" como bater palmas sem motivo, ficar imóvel frente a uma parede ou ainda realizar gestos como bater no nariz ou puxar as orelhas. Segundo ele, estas atividades contribuem para que os alunos quando estão apenas seguindo as diretivas do professor, parem para pensar e iniciem questionamentos sobre suas ações tanto nas aulas de Educação Física, como na sociedade e na cultura extra-escolar.

Porém, com objetivos mais esclarecidos, com conteúdos didaticamente desenvolvidos, com tarefas conscientizadoras e questionadoras, com avaliações teórico-práticas metódicas e compreendidas, as aulas de Educação Física Escolar poderiam romper com as limitações de ênfases lúdicas. Mesmo destacando que a cultura esportiva, que o folguedo, que a recreação são extremamente importantes como objetivos e conteúdos das aulas, o lúdico não pode ser o objetivo e o conteúdo hegemônico das aulas. A corporeidade, a cultura física e a prática social são elementos muito sérios e caros para as camadas assalariadas e para seus filhos, e não podem ser desdenhados em detrimento da brincadeira. Os conteúdos técnico-fisiológico-sociológicos necessitam ter primazia objetiva nas aulas de Educação Física, sob pena de minoração dos objetivos de ensino a serem alcançados. Os objetivos lúdicos podem até ser atingidos com maior presteza e facilidade, mas limitam e simplificam os necessários objetivos educativos. De certa forma, com objetivos recreativos, a Educação Física Escolar estudada tendeu para uma "inferiorização qualitativa" dos conteúdos, de modo muito similar às ações cotidianas da vida comum, simplificadas e rotineiras.

As avaliações realizadas na Educação Física nas escolas estudadas revelaram semelhanças e diferenças. Como semelhanças, encontrou-se que, em todas as avaliações, o papel do professor foi fundamental, e a partir dele é que as notas foram registradas. Mesmo com as auto-avaliações que certos professores utilizaram, a nota final decorria dos entendimentos dos professores.

Outro ponto de semelhança na avaliação foi a utilização da observação por parte do professor, e atribuição de notas sob critérios de interesse, da participação e demonstração de certa proficiência na prática gímnica-desportiva.

Como diferenças e semelhanças, encontrou-se: o uso de muitos testes motores, ainda que não fossem considerados em sua totalidade para as notas dos alunos, como na escola "B", os testes usados na escola "D", e o uso de fichas diárias nas aulas utilizadas por uma professora também dessa escola.

Na escola "A" a professora atribuiu nota pelo que observou dos alunos, de uma forma subjetiva. Durante todo o segundo semestre letivo observado, não houve nenhuma aula de Educação Física, cujo conteúdo pudesse ser considerado com componente de um processo avaliativo objetivo. Percebeu-se uma certa "improvisação" que se poderia notar já na análise das notas dos alunos. No último bimestre, para o primeiro "A", todos os alunos receberam a mesma nota dez. Nos outros adiantamentos as notas variaram de dez a seis. Nesse bimestre não ocorreram notas cinco tal como aconteceu em bimestres anteriores.

Tal como se encontrou, no tocante aos objetivos, também sobre as avaliações, uma realidade tristemente criticável foi a do

desconhecimento quase total por parte dos alunos, sobre os seus critérios e conteúdos. Um percentual muito grande dos alunos não tinha certeza se o professor os avaliava considerando o interesse e a participação nas aulas. E foi um desconhecimento sobre a avaliação, um elemento fundamental em qualquer situação da vida humana. Conservadoramente, os professores não informaram, de forma clara, os procedimentos, os conteúdos e a escala de valores da avaliação na Educação Física Escolar. Isso contribuiu para que os alunos se acostumassem a realizar tarefas e a serem avaliados sem questionar, duvidar ou interrogarem-se sobre suas ações no processo educativo como um todo. Para que avaliar? Por que avaliar de determinada forma? Por que considerar tais objetivos e conteúdos como elementos constitutivos das aulas e do processo avaliativo? Esses questionamentos os alunos revelaram que não se faziam.

Outro ponto a ser destacado na crítica à avaliação em Educação Física Escolar, diz respeito à teoria da Educação Física, pois nem mesmo simples testes teóricos, fizeram parte das avaliações. Não se observou professores avaliando teoricamente seus alunos, e tanto professores como alunos foram unânimes em informar que não havia testes ou avaliações teóricas. Dessa forma, também no processo avaliativo foi separada a prática da teoria. Mas na realidade observada isso tinha algo de coerente. No desenvolvimento cotidiano das aulas de Educação Física não houve o tratamento didático da teoria, salvo as exceções - dias de mau tempo ou alunos dispensados - coerentemente com essa postura também não houve avaliações teóricas. O conhecimento mais crítico e aprofundado referente ao exercício físico não foi nem desenvolvido cotidianamente e nem co-

brado avaliativamente.

4.5 OUTRAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Afora as aulas regulares, a Educação Física Escolar também se caracterizou por propiciar a que os alunos mais interessados e mais bem dotados atleticamente treinassem e participassem das equipes desportivas representativas das suas escolas.

Na escola "A", os alunos do segundo grau, tiveram treinamentos de atletismo na parte da tarde. Em algumas segundas-feiras esses treinos ocorreram no estádio de atletismo de responsabilidade de um quartel do exército; outras tardes eles aconteceram na própria escola. E em muitas aulas regulares de Educação Física, um aluno e uma aluna que compunham a equipe da escola, se afastaram dos colegas e treinaram sozinhos ou com supervisão esporádica da professora.

Na escola "B" os treinamentos de voleibol ocorreram durante a tarde, logo após as aulas regulares de Educação Física, e nos sábados, pela manhã. Na escola "D" os treinamentos das equipes desportivas foram no final das tardes.

Essas atividades se caracterizaram pela participação voluntária dos alunos. Não houve chamada para esse tipo de atividade curricular. A professora da escola "B" relatou que havia um acordo entre ela e os alunos que desejavam representar a escola. Eram multados, em valores simbólicos, os alunos que chegavam atrasados para os treinamentos. Os valores arrecadados eram destinados a um

fundo comum para comprar refrigerantes e lanches quando participassem de competições.

Na escola "A", ocorreu um caso de que, mesmo que não houvesse treinamentos sistemáticos de voleibol, devido ao interesse dos alunos, a professora os inscreveu em competições ocorridas na primavera. Os alunos se auto-organizaram e participaram do evento. Diferentemente do que aconteceu com o atletismo, onde a escola obteve sucesso, nessa competição de voleibol, os alunos ficaram classificados nas últimas posições.

Em todas as escolas estaduais estudadas ocorreram competições interséries, principalmente de voleibol e futebol de salão. Na escola "D" algumas vezes, durante as aulas regulares de Educação Física, houve jogos de uma turma contra outra, de um mesmo adiantamento.

E, como já foi citado, a participação dos alunos em competições, tanto dentro como fora da escola, foi motivo de registros em diários de classes como aulas dadas, em todas as escolas estudadas.

As competições esportivas fizeram parte do currículo e do universo cultural das escolas. Em festividades como aniversário das escolas jogos de futebol e de voleibol foram constituintes naturais das atividades. Na escola "A", por exemplo, durante os eventos de comemoração de seu aniversário, além do voleibol e do futebol de salão, houve também uma corrida de rua, "rústica", com intensa participação dos alunos. Entre as festividades, nenhuma outra atraiu tantos participantes como as ligadas à Educação Física.

Na escola "D", durante a realização da denominada Olimpíada das Cores eram suspensas as demais aulas, e havia ainda uma significativa participação dos pais dos alunos. Toda a escola se voltava para as competições esportivas que ocorriam no início do segundo semestre letivo.

No atletismo e nos esportes coletivos, as equipes das escolas da rede estadual, após se classificarem em competições na sua cidade, poderiam até viajar para outras localidades, do Estado. Já os alunos da escola "D", que na época da coleta dos dados não costumavam participar dos jogos em que competiam também as escolas estaduais, por dois anos seguidos participaram, com as equipes de andebol, de competições esportivas na cidade de Buenos Aires, na República Argentina, onde enfrentaram equipes de escolas da mesma confissão religiosa católica.

A participação dos alunos em treinamentos no esporte escolar e os jogos realizados nas escolas podem se caracterizar como elementos educativos a mais que as instituições ofereciam. De modo geral, nas escolas periféricas, típicas, como as escolas "A" e "B", com poucas instalações e possibilidades materiais, se não houvesse essas atividades, a Educação Física ficaria ainda mais pobre. Ainda que, com toda a crítica que se faça, da participação desportiva daqueles mais interessados eleticamente dotados, entende-se que o esporte escolar tem mais pontos positivos que negativos. Uma crítica que se faz é que, devido à participação em competições ser considerada como aula regular, e devidamente registrada, elas diminuíam o número real de aulas para todos os alunos. E os educandos em geral, não apenas os mais dotados, necessitam

regularmente das aulas de Educação Física. Um outro ponto a ser criticado foram as poucas as opções desportivas oferecidas e que tinham organização e competições. Na escola federal, em que foi realizado o teste piloto, os alunos competiam até em natação, mas nessa escola existia piscina térmica, o que era impensado em escolas como a "C", que não dispunha nem de uma pequena quadra cimentada.

Porém, mesmo percebendo que os alunos que participaram das equipes esportivas escolares foram os que evidenciaram mais interesse nas aulas de Educação Física, ao responderam as entrevistas, eles revelaram que, devido a ênfase técnica-tática e de desempenho físico, esses treinamentos não propiciaram o desenvolvimento de um entendimento crítico da exercitação física, tanto no plano fisiológico, como no plano sociológico. Nos treinamentos de atletismo observados na escola "A", e que se assemelharam aos demais treinamentos vivenciados profissionalmente ao longo da carreira docente, eles se tipificaram apenas pela preocupação com a eficiência técnica gestual-esportiva, em como conseguir maiores índices atléticos. Ou seja, as possibilidades educativas dos esportes, nos treinamentos das equipes representativas das escolas, também não foram exploradas pedagogicamente.

E, dentre outras atividades ligadas à Educação Física Escolar, em algumas escolas, como na escola "C", os professores levaram seus alunos a participar de passeios ciclisticos, que ocorreram na cidade em alguns fins de semana. E isso foi contado como aula de Educação Física Escolar, tal como a assistência a filmes musicais, como o "Flashdance". A partir dos registros dos diários

de classes, percebeu-se que o conceito de aula de Educação Física escolar era muito elástico...

4.6 AS REGULARIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O procedimento administrativo-formal da chamada e registro de frequência e ausência dos alunos nem sempre aconteceu nas aulas de Educação Física Escolar. Desde o estudo piloto, se evidenciou que, devido a variações de atividades de Educação Física, particulares de cada professor, eles à sua maneira, realizaram a chamada dos alunos de modo diferenciado.

Minoritariamente foi constatado certos professores fazerem a chamada enunciando o número dos alunos, ou que registrando a frequência dos mesmos sem chamá-los nominalmente, através de observações ou com a ajuda de alunos que estivessem por perto. O usual foi que, no local onde aconteram as aulas de Educação Física ou em lugar próximo, o professor reunisse seus alunos ao redor, os chamasse nominalmente. Ainda que a maioria dos alunos ouvissem a chamada sem perturbar seus colegas, também foi corriqueiro que os alunos conversassem em voz baixa, brincassem com as bolas que estivessem próximas ou com seus amigos. Essas atitudes dos alunos, de certa forma não perturbou os professores, se bem que, em algumas vezes, como na escola "A", a professora parou a chamada e chamou a atenção desses alunos. Na escola "B", a professora muitas vezes realizou a chamada na sala de guarda do material de Educação Física. Ela ficou sentada atrás da escrivaninha e enquanto os alu-

nos permaneceram ao redor, sentados ou em pé.

Tal como se encontra em André (1987), também no presente estudo, o período de chamada foi utilizado para informes, e até para reforço dos laços afetivos entre o professor e seus alunos. Conversavam sobre assuntos gerais, esportes, atividades de fins de semana, sobre outras disciplinas, etc.

O tempo destinado à realização da chamada e às conversas informais entre professores e alunos foi de dois a dez minutos, computando todas aulas observadas.

O conjunto de atividades preparatórias das aulas, o "aquecimento", que nem sempre ocorreu, durou em média, de dois a cinco minutos, sendo geralmente constituído de corridas em grupos sob a forma de grande círculo, e de exercícios ginásticos localizados de flexibilidade.

Os conteúdos ginásticos, salvo os casos observados na escola "B", com exercícios dois-a-dois, se constituíram em ginástica localizada, sem utilização de implementos. Na escola "A", a professora utilizou as goleiras da quadra de futebol de salão e o muro da escola como barras de ginástica e como espaldares para realizar exercícios de flexibilidade. Na escola "B", a professora usou as arquibancadas do ginásio esportivo para realizar exercícios de força para os membros inferiores e superiores. Na escola "C", a professora muitas vezes utilizou música de fundo, e papelões como colchonetes. Em aulas na quadra esportiva, os alunos do professor dessa escola colocaram toalhas no solo, para realizar exercícios ginásticos nas posições deitadas.

Na escola "A", as aulas regulares de Educação Física foram

no mesmo turno das demais disciplinas, e os conteúdos mais observados foram voleibol, futebol de salão, ginástica, basquete, atletismo e andebol. Também como regularidade na Educação Física, em muitas aulas, os alunos passaram de um para outro esporte que era praticado concomitantemente. Isso tipificou uma prática recreativa e assistemática. Uma particularidade verificada foi que o basquete, ou a prática de seus fundamentos, que nem constou dos programas de Educação Física, ou dos registros nos diários de classe, no segundo semestre letivo, na escola "A", sob a forma recreativa teve uma frequência maior do que o conteúdo de andebol, o qual constou nos programas e nos registros.

Na escola "B" as aulas de Educação Física ocorreram em turno inverso as demais disciplinas. Como regularidades se encontrou uma ênfase no uso de testes físicos, daí os alunos dessa escola informarem com maior precisão sobre seus indicativos de proficiência motora. Os conteúdos desenvolvidos nas aulas foram a ginástica, sem implementos, individualmente e dois-a-dois, o voleibol, o andebol e futebol de salão. Muitas aulas de Educação Física aconteceram na quadra esportiva de um clube localizado próximo dessa escola, que foi emprestado, gratuitamente à escola.

Na escola "C", onde não havia local para a Educação Física Escolar, a partir do segundo semestre letivo de 1991, também conseguiu utilizar as dependências esportivas de uma entidade de classe para que os professores aí trabalhassem. Como regularidades, os conteúdos mais desenvolvidos escolarmente foram a ginástica e o voleibol, com atividades de aprendizado, fixação e jogo recreativo, e prática desportiva de futebol de salão. Nessa escola,

tal qual na escola "B", as aulas de Educação Física foram dobradinhas, duas seguidas num mesmo dia da semana e uma terceira noutra, e aconteceram no mesmo turno das demais disciplinas.

Na particular, dispondo de farto material para Educação Física, os conteúdos mais trabalhados, foram os testes motores, a ginástica olímpica, o voleibol, o futebol de salão, andebol e basquete. As aulas foram no mesmo turno das outras disciplinas, e como aulas regulares, para o primeiro e segundo anos, houve duas por semana, e para o terceiro ano do segundo grau, somente uma. Questionados sobre esse "arrepio" à legislação, pois o decreto nº 69.450 determina que sejam três aulas de Educação Física por semana, os professores informaram que outras atividades, extraclasse regulares, como treinamentos de equipes esportivas eram considerados como aulas regulares para fins legais.

Na escola "A", para a turma do primeiro ano "A", as atividades dos alunos nas aulas de Educação Física observadas, duraram em média 37,2 minutos, ou seja as aulas duraram em verdade 74% do total de duração legal que é de 50 minutos. Para o primeiro ano "B", duraram em média 35,7 minutos, perfazendo um total de 71,4% dos 50 minutos legais. E para o segundo e terceiro anos, a média de duração foi ainda menor, 26,6 minutos ou somente 53,2%.

Mas perdas de tempo nas aulas de Educação Física também ocorreram nas outras escolas. A média de duração das aulas de Educação Física, na escola "B" foi de 38 minutos (76%); na escola "C", de 31 minutos (62%) e na escola "D", 32,5 minutos (66%). Foi considerado como tempo útil, as atividades do conjunto professor-alunos, desde ao final da chamada ou quando se iniciavam de fato

as ações com características específicas da Educação Física Escolar, como o aquecimento pré-desportivo. Nesse tempo não foram descontados os períodos em que os professores paravam por momentos a exercitação ginástica ou esportiva a fim de fazer correções ou passar informações. Também não se descontou aquelas paradas das atividades dos alunos como para irem buscar uma bola que caiu distante do local da aula.

Estas perdas de tempo útil no desenvolvimento cotidiano das aulas de Educação Física, mais uma vez confirmam o que se encontrou na literatura. No tocante à redução do tempo destinado ao desenvolvimento dos conteúdos, essa situação das escolas públicas, mesmo com certas diferenças, se aproxima do constatado por Domingues (1985).

A redução quantitativa do tempo real de atividade dos alunos, implicou em diminuição qualitativa das aulas de Educação Física. Na relação dialética quantidade/qualidade, estas perdas de até mais de 40% do tempo destinado ao período normal das aulas influíam sobre o teor dos conteúdos desenvolvidos. Se as aulas fossem melhor planejadas e desenvolvidas essa redução poderia ser menor e o tempo perdido poderia ser utilizado de forma mais proveitosa. Sempre que o professor erra, os seus alunos perdem. Estas perdas de tempo útil das aulas decorreram também da ação docente, por não estabelecerem com seus alunos, normas pedagógicas mais eficientes para o desenvolvimento das aulas. Mas ocorreu que, independente da ação docente, como na escola "A", muitas vezes o último período acabou mais cedo devido a que o sinal sonoro para o encerramento do turno era emitido com antecedência. Nas escolas

"C" e "D", as perdas de tempo ocorreram porque os alunos levavam algum tempo para se deslocar até o local e ainda mudar de roupa após o sinal de início das aulas de Educação Física. Esse fato já havia sido constatado desde o estudo piloto. Quando ocorreram as aulas de Educação Física no mesmo turno das demais disciplinas, tanto as anteriores como as posteriores não acabaram mais cedo ou começaram mais tarde. Assim, os deslocamentos, das salas de aulas até o local da aula de Educação Física, e as trocas de roupas, aconteceram sempre no período destinado à Educação Física. Por isso, ela ficou com o tempo útil de exercitação física diminuído.

Os alunos dispensados e que não participassem ativamente das aulas de Educação Física na escola "A", tiveram tarefas de leitura de regras esportivas, com ou sem a apresentação de um resumo posteriormente. Mas nos dias em que a professora trabalhou com recreação, chamado "dia livre", essa norma não foi tão rigidamente seguida. Na escola "B", esses alunos nem apareceram na escola, pois as aulas de Educação Física foram em turno inverso. Na escola "C", eles não tiveram nenhuma outra tarefa, ficaram olhando seus colegas ou estudando. Na escola "D", um professor exigiu que os alunos observassem as aulas e redigissem um texto sobre o conteúdo desenvolvido. Já uma professora determinou leituras de textos sobre hábitos saudáveis de vida e sobre esportes. Nessa escola os professores informaram que, ao final do ano letivo, eram grandes as ausências dos alunos nas aulas de Educação Física porque eles utilizavam os períodos dessas aulas para estudarem para outras disciplinas. Essa atitude dos alunos, de relegarem a Educação Física, para valorizar outras disciplinas, foi comum a todas as es-

colas estudadas. Mas não se pode censurá-los por comportamentos desse tipo, pois, de acordo com a legislação, a disciplina Educação Física Escolar apenas reprova os alunos por infreqüência; nos vestibulares não são incluídas questões sobre Educação Física ou muito menos índices de proficiência motora ou desportiva; e a própria organização e desenvolvimento da Educação Física Escolar, devido ao seu caráter eminentemente desportivo-recreativo, contribui para que os alunos não reconheçam a sua importância e a tratem de uma forma inferiorizada em termos de prioridade na sua formação educacional, na sua cultura e na formação da sua subjetividade.

Nas escolas "A" e "B", que poderiam ser tipificadas como escolas estaduais de periferia, foi usual que algumas aulas de Educação Física para turmas do segundo grau, em consequência do pequeno número de alunos desse nível, elas fossem completadas com estudantes do primeiro grau, como os das oitavas séries. Nas outras escolas isso não ocorreu.

Na escola "A", durante todo o segundo semestre letivo de 1991, o número médio de alunos participantes das aulas de Educação Física foi de treze para o primeiro ano "A", de oito, para o primeiro ano "B", e de seis para a turma do segundo e terceiro ano. Na escola "B", o número médio de alunos participantes das aulas foi de vinte e três, mas aí se incluíram também alunos do primeiro grau, geralmente de 7ª e 8ª séries. Na escola "C" o número médio foi de quinze, e na escola "D" foi de dezenove. Nessa instituição se percebeu o maior número médio de alunos por turma. Por ser escola particular, possivelmente na busca da racionalidade professor-número de alunos-instalações, as salas de aulas estiveram sem-

pre "lotadas". E, a partir do número de alunos que constaram dos diários de classe, com frequência e notas no início e no final do ano letivo, constatou-se que a evasão escolar foi mínima.

Na rede estadual de ensino, os dias de mau tempo comprometeram enormemente a Educação Física. Quando ocorreram chuvas intensas, todo o bairro onde se situava a escola "A" ficou alagado, e os alunos tiveram dificuldade de chegar até essa escola. Como havia somente uma área coberta, mas sem paredes laterais, com chuva lateral ou vento forte, a exercitação física era impraticável. O mesmo aconteceu com as quadras de voleibol que tinham areia como piso, pois demoravam muito para secar. Na escola "B", por ocasião de mau tempo não houve aulas de Educação Física. A professora compareceu à escola, mas não os seus alunos. Na escola "C", até os professores conseguirem utilizar as dependências desportivas cedidas à escola, com mau tempo, umidade e após chuvas, o pátio onde costumeiramente haveria aula, também não oferecia condições de uso. Já na escola "D", por dispor de ginásio coberto com duas quadras esportivas, sala de ginástica olímpica e uma outra grande, mesmo com mau tempo, foi comum que os professores juntassem as turmas e os alunos praticassem futebol de salão ou voleibol. O tempo útil das aulas ficou reduzido por haver muitos alunos, que se revezaram ou jogando ou assistindo aos jogos dos colegas, mas nessa escola, mesmo com problemas climáticos, as aulas de Educação Física não foram suspensas.

Mais uma vez se evidenciou que os alunos das escolas públicas, pertencentes às classes assalariadas, foram os que sofreram com maior intensidade dos problemas materiais-instalativos, o que

se refletiu em qualidade de ensino. As diferenças objetivas clásticas também foram sentidas na Educação Física Escolar.

Salvo um caso de aula observada com prática desportiva de um professor da escola "D", que realizou exercícios de volta à calma, utilizando exercícios de alongamento, nas demais escolas estudadas a finalização das aulas aconteceu de modo abrupto. Genericamente, as aulas se estenderam até o sinal sonoro para o seu final ou pouco antes, quando o professor percebia que deveria acabar. Atividades de cunho sedante, exceto algumas caminhadas realizadas por alunos da escola "A", costumeiramente não ocorreram.

A volta à calma pode ser considerada como um aquecimento ao contrário. O aquecimento propicia a que aos poucos o organismo vá adaptando-se à maiores esforços, e à volta a calma tem por objetivo que ocorra o inverso, aos poucos o organismo volta a situação de normalidade. Para escolares saudáveis, adolescentes, interromper bruscamente uma atividade física intensa, é possível que não acarrete problemas, porém Cooper (1979) informa que para adultos, tanto passar do estado de normalidade para a realização de esforços bruscos e fortes, bem como estar exercitando-se fisicamente com intensidade e parar abruptamente, podem trazer prejuízos para o coração. Mais uma vez cumpre destacar que a Educação Física Escolar Necessária - concepção pedagógica que embasa a análise e crítica do cotidiano estudado - tem como um dos principais elementos norteadores da sua ação pedagógica o referencial do futuro, de a Educação Escolar preparar os alunos para a vida adulta, para a cultura extra-escolar. Assim, os professores de Educação Física, ao não transmitirem essas informações, teórico-práticas, de valo-

rização da volta à calma, estão relegando um aspecto importante do referencial da exercitação física permanente, ou seja, da sua realização gímico-desportiva-recreativa com método, com bases científicas.

Da análise das aulas observadas e registradas, dos informes de professores e alunos, do conjunto de todas as escolas estudadas, de uma forma contraditória, encontraram-se profundas diferenças, notadamente de cunho materiais-instalativos e de reflexos de lutas classistas, mas também grandes semelhanças. Essas aproximações, entre as práticas pedagógicas, e dos conteúdos desenvolvidos, de certa maneira, tendem a igualar as aulas de Educação Física nas quatro realidades estudadas. Tanto na ausência de tratamento didático da teoria, com aprofundamentos fisiológicos e sociológicos, como pela caracterização das aulas com práticas recreativas, gímico-desportivas, as escolas públicas se assemelharam à escola particular. Mas as necessidades culturais e as condições sociais das realidades eram diversas. Essa similaridade pedagógica, na prática e de uma forma alienante tentava igualar situações desiguais.

Uma contradição registrada em todas as escolas, foi que os alunos participavam com entusiasmo, demonstrando prazer ao realizarem aquelas atividades que lhes propiciasse satisfação imediata, mas evidenciavam resistência e desgosto nas atividades gímnicas, como corridas e exercícios localizados, que lhes dariam base cognitiva-técnica para cuidarem de suas subjetividades no imediato e no futuro. Isso não significa, em absoluto, que a exercitação desportiva-recreativa também não contribuisse para a formação dos

alunos. Porém, de uma maneira geral, a ginástica nas escolas não foi "tão prazerosa" como a recreação esportiva. Evidenciou-se que a deficiência do ato pedagógico de unir a prática com a teoria, não propiciando conhecimentos de cunho fisiológico necessários para a compreensão crítica da importância da exercitação motora metódica e permanente, contribuiu para o afastamento dos alunos da ginástica e para sua aproximação do esporte recreativo.

Essas similaridades de conteúdos escolares revelaram uma realidade diversa da encontrada por Silva (1988). Nesse estudo com o primeiro grau e não incluída a Educação Física, foram encontradas diferenças formais e de conteúdo entre as escolas para os filhos das camadas abastadas e para os filhos das classes trabalhadoras. Já aqui, na essência do processo educativo, constatou-se bem mais semelhanças do que diferenças.

As regularidades encontradas no cotidiano das quatro escolas estudadas, de uma forma sintética, se encontram nos quadros em anexo (Regularidades I e II)

QUADRO Nº 3 - REGULARIDADES I

Regularidades	Escola "A"	Escola "B"	Escola "C"	Escola "D"
Instalações	Quadra cimentada área coberta	Quadra cimentada área coberta	Pátio	Ginásio coberto, sala G. O. quadras cimentadas, outras.
Rede de Ensino	Estadual	Estadual	Estadual	Particular
Conseqüências de conflitos classistas (greves de profs.)	Freqüentes 9 desde 1979	Freqüentes Idem Esc. "A"	Freqüentes Idem Esc. "A"	Raros Uma em 1989.
Nível de ensino oferecido	Pré, 1º e 2º G.	1º e 2º Graus.	2º Grau.	Pré, 1º e 2º G.
Tempo médio de exercitação física dos alunos	66,2 % 33,2 min.	76 % 38 min.	62 % 31 min.	65 % 32,5 min.
Aulas de EF semanais	3, unitárias e "duplas"	3, unitárias e "dobradinhas"	3, unitárias e "dobradinhas"	1 e 2, unitárias.
Turmas qto. ao sexo	Mistas	Separadas	Mistas	Separadas
Horário das aulas EF	Mesmo Turno	Turno Inverso	Mesmo Turno	Mesmo Turno
Número de profs. EF.	Um	Um	Dois	Quatro
Origem classista dos alunos	Famílias Assalariadas	Famílias Assalariadas	Famílias Assalariadas	Famílias Abastadas
Nº médio de alunos nas aulas	09	23	15	19
Composição das turmas nas aulas de EF	1 c/ 1º G e só 2º G	Todas c/ 1º G	Só 2º G	Só 2º G

QUADRO Nº 4 - REGULARIDADES II

Escola "A"

CONTEUDOS: Prática desportiva-recreativa, ginástica individual sem implementos, voleibol, futebol de salão, basquete, atletismo, andebol, caminhadas, competições esportivas na escola e fora da escola.

OBJETIVOS: "Momentos de recreação", manutenção e desenvolvimento de qualidades e habilidades motoras, recreação.

AValiação: Testes motores, observações da profa. critérios de participação e interesse demonstrados pelos alunos na EF.

Ação docente: Planejamento e direção das aulas, procedimentos diretivos, empatia e ausência de empatia com os alunos; participação ativa em festividades e comemorações na escola.

Ação discente: Participação prazerosa no esporte recreativo, resistência à ginástica e andebol, participação em eventos comemorativos da escola.

TEORIA: Informes verbais assistemáticos durante as práticas, leitura de regras desportivas para os alunos não-praticantes.

Escola "B"

CONTEUDOS: Prática desportiva-recreativa, ginástica individual sem implementos e dois-a-dois, muitos (9) testes motores, futebol de salão, voleibol, andebol, caminhadas, competições esportivas na escola e fora da escola.

OBJETIVOS: "Noções de ginástica e esportes", recreação dos alunos, manutenção e desenvolvimento de qualidades e habilidades motoras (esportivas).

AValiação: Testes motores, critérios de participação e interesse dos alunos na EF determinados pela professora.

Ação docente: Planejamento e direção da EF, procedimentos diretivos.

Ação discente: Não compareciam na escola quando de mau tempo, participação prazerosa nas atividades esportivo-recreativas.

TEORIA: Informes verbais assistemáticos durante as práticas.

Escola "C"

CONTEUDOS: Prática desportiva-recreativa, ginástica individual com e sem música, caminhadas, futebol de salão, voleibol, andebol, competições esportivas na escola e fora da escola.

OBJETIVOS: "Crescimento dos alunos como um todo, não só no físico." "Integração dos alunos", recreação, manutenção e desenvolvimento de qualidades e habilidades motoras.

AValiação: Testes motores, observação pelos professores, critérios de participação, interesse e frequência nas aulas.

Ação docente: Planejamento e direção da EF, procedimentos diretivos, empatia com os alunos.

Ação discente: Participação prazerosa no esporte recreativo, empatia com os professores, resistência à ginástica.

TEORIA: Informes verbais assistemáticos durante as práticas, aulas teóricas (leitura de regras), assistência à filmes.

Escola "D"

CONTEUDOS: Prática desportiva-recreativa, ginástica (SAFG), circuito, futebol de salão, voleibol, basquete, andebol, ginástica olímpica, competições esportivas na escola e no estrangeiro.

OBJETIVOS: "Educar para a vida", "Domínio geral de ginástica e esportes", "Trabalho educativo da ginástica e dos esportes", recreação dos alunos, manutenção e desenvolvimento de qualidades e habilidades físicas.

AValiação: Testes motores, critérios de afetividade, participação, interesse e frequência na EF, auto-avaliação, uso de fichas nas avaliações (caso particular de uma profa.).

Ação docente: Planejamento e direção da EF, procedimentos diretivos, empatia com os alunos.

Ação discente: Participação prazerosa no esporte recreativo, resistência ao uso de agasalho esportivo padronizado, resistência geral à EF por excesso de atividades fora da escola.

TEORIA: Informes verbais assistemáticos durante as práticas, assistência à filmes em VT, leitura de textos escolhidos pela profa. no caso de alunos não praticantes das aulas de EF (caso isolado).

4.7 TIPOS DE "AULAS" DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As realidades encontradas no cotidiano escolar poderiam assim ser tipificadas:

1. Alunos sem aulas de Educação Física Escolar.

Essa situação, a qual não poderia ser considerada como um tipo de aula de Educação Física Escolar, foi uma realidade encontrada em todas as escolas estudadas. Constituíram-se naquelas situações onde, oficialmente, haveria aulas regulares de Educação Física e, por algum motivo os alunos não tiveram atividades. Ou seja, quando não houve aula de Educação Física, os alunos não se exercitaram, realizaram outras atividades.

Constatou-se isso em casos como os ocorridos na escola "A", devido à ausência da professora ou por motivo de festividades na escola. Na escola "B", quando de mau tempo, como as aulas foram em turno inverso, os alunos não apareciam na escola. Na escola "C", devido à professora faltar para participar de reuniões com outros professores na Delegacia de Educação. E na escola "D", por motivos de cancelamento de todas as aulas de um determinado período para que os alunos assistissem a uma palestra.

Nessa situação, a contradição principal a ser solucionada, a falta de exercitação física por parte dos alunos não ficou resolvida. Em decorrência da inatividade dos escolares, a não exercitação física contribuiu para que os processos de sedentarismo fossem reforçados. Os alunos, que durante aulas como Matemática ou Portu-

gês, passaram sentados e "cansando a cabeça", não tiveram na exercitação física, uma forma de também "cansar o corpo".

Assim, não havendo exercitação nas aulas de Educação Física, ainda que com ocorrências não seqüências, foram mantidos os conhecimentos e os níveis de condicionamento físico-habilidoso já existentes e tendendo a diminuir. Nessas ocasiões, sob o prisma da exercitação física, as escolas se assemelhavam em muito as escolas da Idade Média.

2. O professor "solta" a bola e os alunos jogam.

Esse tipo de aula foi bastante contemplado nas aulas observadas. O professor de Educação Física realizando ou não a chamada, reuniu seus alunos, entregou-lhes uma bola, geralmente de voleibol ou futebol de salão, e deixou os alunos se auto-organizarem e jogarem recreativamente. O professor se ausentou da aula, deslocando-se para outros locais, aparecendo na área de Educação Física por breves momentos e "dando uma olhada" nos alunos, ou ficou próximo do local do jogo, contentando-se somente em observar, sem interferir no desenrolar das atividades.

Nessa situação os alunos, além de não realizarem exercícios de aquecimento - e Cooper (1979), informa que ele contribui para ~~que se~~ evitem lesões mio-articulares e esforços cardíacos abruptos - praticavam o esporte de acordo com suas possibilidades individuais.

No tocante ao aquecimento, para os adolescentes, que se situam etário-biologicamente num período "áureo" da condição física, possivelmente não sentiram os efeitos, de mesmo estando com os

corpos em condição de normalidade e em baixas temperaturas, de maneira violenta, alteraram esse quadro homeostático. Porém, mais uma vez destaca-se o caráter de ulteriores da Educação Física Escolar. O aquecimento poderia não ter importância para jovens, mas no futuro, para a prática esportiva-recreativa de tempo livre, para pessoas de meia-idade, a preparação corporal é de suma importância. A não realização do aquecimento pré-desportivo revelou assim, mais uma deficiência pedagógica, e diminuiu a qualidade da "aula" de Educação Física Escolar.

Em todas as atividades de Educação Física Escolar cada aluno participava com sua condição física e conhecimentos, mas com referência à prática desportiva realizada "de acordo com as individualidades", o que se acentuou ainda mais quando com turmas mistas, a não organização e desenvolvimento didático das atividades, contribuíram para que os alunos mais fracos, ou as alunas, inferiorizadas em relação a peso corporal, estatura, condição física e habilidades esportivas tivessem uma participação limitada em relação aos colegas em melhores condições. Durante essas atividades, geralmente os alunos que mais necessitavam de exercitação física, foram os que menos tinham participação ativa. E, mesmo para aqueles alunos mais altos e mais habilidosos, a participação desportiva de colegas com menores habilidades propiciou a que o jogo ficasse monótono.

Sob o prisma ideológico, esse tipo de "aula" se alinhou com o ideário do liberalismo. E isso, à sua maneira, concorda com a assertiva de Cury (1985, p.93), para quem:

"De uma maneira geral, as idéias pedagógicas dominantes tem sua matriz no liberalismo. Dentro de sua complexidade, por vezes contraditória, ele propõe o princípio da harmonia em que as atividades individuais conduzem a um todo harmonioso, a uma conformidade que se baseia na atividade livre de cada indivíduo."

Tal qual a óptica do liberalismo político-econômico, esse tipo de aula também necessitou da coletividade para acontecer, era (é) impossível jogar voleibol ou futebol sem a participação coletiva, mas venceu ou se sobressaiu o mais forte ou que melhor fez acordos. Bastaram as regras esportivas serem seguidas, e seus objetivos se reduziram à prática recreativa, e não a Educação Social.

Mesmo a auto-organização dos alunos, escolhendo seus colegas de equipe e destacando em quais posições eles jogariam, não havendo o tratamento pedagógico por parte do professor, levou a que, por omissão do profissional de Educação Física Escolar, essas iniciativas não fossem abordadas com a profundidade necessária. E a auto-organização dos alunos, futuros trabalhadores assalariados, possui uma grande importância sob o prisma da participação sócio-cultural futura. Ensinar os alunos a participarem e se auto-organizarem também é uma condição de necessidade pedagógica que requer ser tratada didaticamente nas aulas de Educação Física.

Este tipo de "aula", que por um lado propiciou entretenimento, brincadeiras, participação auto-organizada, que oportunizou aprendizado e aperfeiçoamento de habilidades esportivas e melhoria na condição física, por outro contribuiu para que ocorressem enormes silêncios e omissões pedagógicas. Este tipo de "aula" - que nem precisa de espaço em ambiente escolar, pois também se caracteriza como podendo ocorrer em clubes, praças ou praias - educou

muito pouco em comparação com suas limitações e omissões.

Bento (1985) destaca, que o esporte na escola, como qualquer outra disciplina, necessita de modificações didáticas. Assim, a utilização do esporte na escola, tal qual acontece fora dela, revelou uma prática pedagógica limitada, ou inexistente.

Para este tipo de "aula", não se requer que se disponha de um profissional com nível superior. Além de uma pessoa para reunir os alunos ser quase dispensável, pois esses já estavam juntos em outras aulas, perceber salarialmente, ainda que pouco, para dar uma bola, olhar os mesmos jogarem e, posteriormente pegar novamente essa bola, contribuía para que a condição profissional do professor de Educação Física fosse depreciada. Sob o prisma financeiro quase que se percebeu uma certa equivalência salarial: os professores receberam salários pequenos, não como de profissionais de nível superior, e exerceram suas profissões num baixo nível de prática docente. E, quando alguns elementos de uma categoria profissional agem costumeiramente dessa maneira, isso facilita a crítica generalizadas e a deturpações que são negativamente utilizadas como argumentos nas lutas de classes, como as do magistério por melhores salários e qualidade de ensino. Para olhar alunos jogando, qualquer salário seria o bastante, e onde estaria a qualidade do ensino se essa prática recreativa não se distingue de atividades desportivas de lazer?

Assim, este tipo de "aula" de Educação Física, que inúmeras vezes foi observado, educou muito pouco, e pelos seus silêncios "deseducou" bastante, além de contribuir para a depreciação da prática pedagógica e da categoria profissional do magistério.

3. Práticas recreativas múltiplas

Este tipo de "aula" foi freqüente na escola "A". Caracterizou-se pela prática de esportes de forma recreativa, com ou sem aquecimento.

A prática desportiva-recreativa compreendeu formas jogadas de futebol de salão, voleibol e basquete. O futebol de salão, com a participação somente dos rapazes foi com os regulares dez elementos, ou com mais ou menos participantes. Por vezes jogaram até três contra três, sendo que não houve goleiros e somente foram validados os gols se a bola fosse chutada de dentro da área. Nessa forma, todos os alunos tiveram muita exercitação física, não havendo posições passivas como a dos goleiros.

O voleibol foi jogado com os regulares seis elementos para equipe, e também com sete ou oito para cada lado, mantendo-se posições e a rotação similares à da prática desportiva normal. Mas muitas vezes, jogaram duplas e trios, com variações nas regras. De modo geral, quando aumentou o número de participantes, diminuiu a exercitação física e, quando diminuiu o número de alunos jogando, aumentou a movimentação em quadra, pois havia mais espaço em quadra a ser coberto.

A prática do basquete consistiu em jogos de duplas e trios e, principalmente, competições de arremessos à cesta "Vinte e Um". Nos jogos de duplas e trios houve uma intensa exercitação física, mas na competição de arremessos e no "Vinte e Um" enquanto um aluno se exercitava, os demais tiveram atitudes passivas, apenas olhando o colega.

Nessas aulas, alguns alunos permaneceram todo o período praticando um só esporte, enquanto outros passaram de uma para outra atividade. E houve ainda alunos que, por não gostarem de certos esportes, preferiram ficar somente observando os colegas jogarem.

Considerando-se o caráter eminentemente recreativo e agradável desse tipo de aula, aos alunos foram propiciados estímulos variados e algumas possibilidades de diversificarem as suas atividades. Assim, poderia ocorrer uma espécie de compensação: no futebol de salão solicitaram os membros inferiores e, nos arremessos à cesta, no basquete, mobilizaram os membros superiores. E os estudantes também não poderiam reclamar que praticaram um esporte que não gostassem, pois, dentro de suas limitações, houve oportunidade para satisfação de gostos variados.

Tal qual no tipo de aula anterior, aqui foi possível a auto-organização dos alunos, mas também isso não foi aprofundado e nem explorado pedagogicamente.

Esse tipo de aula favoreceu a que os alunos associassem a prática desportiva-recreativa com aula de Educação Física Escolar. Contribuiu para uma confusão conceitual, e entendimento limitado quando aos reais objetivos da Educação Física.

Por omissão, houve uma depreciação na ação docente, com a professora como a "grande ausente" no processo. Ao deixar seus alunos brincando, descomprometidamente, ela não percebeu que se esgotavam os últimos períodos de sua vida, em que eles poderiam ter o acompanhamento de um profissional da Educação Física. Como o tempo não volta, cada aula desse tipo, ainda que houvessem pontos positivos, nessas atividades recreativas, também houve aspectos

negativos, na ocupação de um precioso tempo de uma forma inconsenquente, tão limitada pedagogicamente.

4. O professor divide os alunos em grupos e "solta" a bola

Esse tipo de "aula", ocorreu quando foi impossível formar apenas duas equipes com uma turma numerosa. Após o aquecimento, o professor dividiu os alunos, ou os orientou de modo que eles mesmo se dividissem. Houve casos, como na escola "B", em que a professora após contar seus alunos, utilizando o andebol como principal conteúdo da aula, pediu: "Quero 3 goleiros!" A partir dos voluntários, eles mesmos escolheram as equipes. Quando completas, os goleiros disputaram o "Discordar", quem perdeu ficou ao lado da quadra olhando, enquanto os colegas jogaram. Após certo tempo, os times foram substituindo-se em quadra, de modo que, por vezes, todas as equipes jogassem o mesmo número de partidas. Noutras vezes, a equipe que mais venceu, jogou por mais tempo.

Nas escolas "C" e "D", devido ao número de alunos em aula e apenas uma quadra, em certas ocasiões, metade da turma ficou sentada assistindo ao jogo da outra metade. De modo geral, os alunos que jogaram primeiro, como não deu mais tempo para participar de outro jogo, acabaram a aula mais cedo.

Além das críticas feitas ao tipo de "aula" anterior, na presente situação, ainda ocorreu que, na realidade, a aula de Educação Física Escolar, ou melhor, de aula de prática desportiva, ficou muito reduzida temporalmente para um terço ou até para a metade dos alunos. Houve perda de tempo para organizar os jovens e, quando eles não estiveram jogando, ficaram assistindo passivamente

ou no máximo torcendo por alguma das equipes. Com a diminuição quantitativa do tempo para a prática desportiva-recreativa, mesmo o componente lúdico ficou comprometido qualitativamente.

Mas o que poderia o professor de Educação Física fazer, enquanto os seus alunos jogavam? A Educação Física, dentre as suas particularidades, possui a característica fenomênica de centrar-se no aluno, ou seja, para o seu desenvolvimento requer constante participação discente. Além da participação ativa dos alunos, a Educação Física também se caracteriza por certos níveis de repetição das atividades, em forma e conteúdo. Assim, a ação do professor de ficar "de fora" da aula, enquanto os seus alunos jogam ou realizam outros tipos de exercícios, num primeiro momento possui o seu nível de "normalidade" didática.

Mas o "professor ausente" erra pelo que pode deixar de fazer. Deixando de lado o fato de não estar presente, quando poderia acontecer um acidente com algum aluno, não prestando socorro imediato - fato que não ocorreu durante todas as aulas observadas - em situações de prática desportiva escolar, ocorrem inúmeros acontecimentos que podem ser aproveitadas sob o prisma educativo.

A triste situação de haver apenas um espaço físico para a prática desportiva e o professor, além de dispor de uma só bola, ter que trabalhar com uma turma relativamente grande, pode ser atendida seguindo a proposição de Pereira (1989). Nesse ensaio, o autor, que se apoia em texto anterior, de 1980, com a utilização de técnicas de ensino para grande grupos, propõe para o caso de prática de esportes coletivos com muitos alunos em ambiente escolar, com precariedade de material e instalações, as seguintes al-

ternativas:

- Os alunos, quando não estão jogando, permanecem realizando exercícios ginásticos, em forma de rodízios no comando, pelos próprios alunos, ou sob o comando do professor, sempre os está orientando. Quando mudam as equipes no jogo mudam também os alunos na parte ginástica. Assim, além de melhorar a condição física geral e compensar as deficiências de solicitações de determinadas qualidades motoras e segmentos corporais, advindos da prática desportiva-recreativa, os alunos não permanecem parados, apenas assistindo seus a seus colegas jogarem.
- No caso de alguma impossibilidade de os alunos permanecerem exercitando-se ginasticamente, enquanto não podem participar da prática desportiva, o professor de Educação Física Escolar, sempre próximo do local das atividades dos seus alunos, distribui tarefas de observação, crítica e análise das ações dos seus colegas em jogo. Os papéis que se invertem posteriormente ainda na mesma aula. Ao final desta, os alunos reúnem-se, debatem, expressam opiniões, criticam e são criticados, tanto sob o aspecto técnico-tático desportivo como também ético, volitivo e cognitivo. O professor, ainda que limitado quanto ao tempo, busca organizar e incentivar o debate e a defesa de idéias dos seus alunos. Isso contribui para a observação crítica e para a fixação de um elemento fulcral da democracia, a divergência de opiniões e a defesa de seus pensamentos.
- Para todos os casos em que a parte principal da aula de Educação Física Escolar é desenvolvida sob a forma desportiva-recreativa, notadamente com esportes coletivos, o professor pode aproveitar as atividades dos alunos, para "descansar". Necessita, porém, perma-

necer próximo deles, observando o desenrolar das atividades. Situações como a de um aluno tentar obter vantagem de modo fraudulento; ou quando precipitadamente procura "resolver tudo sozinho"; ou ainda quando "foge" da bola ou de situações de confronto corporal com seus colegas, todos esses casos necessitam ter um tratamento pedagógico aprofundado pelo professor. Das situações acima citadas, o educador pode abordar - sempre fazendo ligações e referências delas com os conflitos sociais e a participação sócio-cultural escolar e extra-escolar - a ética e as normas de conduta em sociedade de classes, o individualismo e a participação social ativa, ou as omissões e passividades, etc.

5. Aula de aprendizado e prática esportiva.

Neste caso, com esportes coletivos, o professor de Educação Física orientou uma sessão ginástica de aquecimento, com ou sem bolas e, a seguir, geralmente com os alunos distribuídos em pequenos grupos, foram realizados exercícios de treinamento dos fundamentos desportivos.

Os casos observados de maior ocorrência foram os de aprendizado e aperfeiçoamento do voleibol. O professor permaneceu junto com os alunos, orientou, corrigiu defeitos gestuais-técnicos, incentivou, criticou, por vezes até jogou, completando equipes.

Em algumas situações, após essas duas fases, ao final da aula, os alunos costumaram praticar o esporte, jogando, com as turmas divididas de duas a quatro equipes. Na escola "A", quando as aulas foram com andebol, a prática desportiva finalizadora da aula não foi "tão recreativa", tão informal e lúdica como era com o vo-

leibol. Nas escolas "B" e "D", mesmo com o andebol, percebeu-se uma participação recreativa indiferenciada.

Inicialmente, se tem a crítica pela restrição do conteúdo das aulas em função da técnica desportiva, aceitando que a aula de Educação Física Escolar seja equivalente à de esporte. Nesse tipo de aula, na sua parte final, ocorreram casos em que muitos alunos ficaram contemplando os colegas jogarem, para, somente depois, poderem participar ativamente. Devido à similaridade de situações, as críticas e proposições anteriormente feitas também se aplicam ao presente caso.

Na escola "A", quando do treinamento de atletismo, ele também ocorreu durante as aulas regulares para os alunos membros da equipe escolar. Nessas aulas, esses alunos-atletas, se afastaram dos colegas e foram treinar suas modalidades, arremesso de peso e lançamento de dardo. E, tal como nos esportes coletivos, essa parte da aula, utilizando o atletismo, enfatizou a técnica gestual e o desempenho. O atletismo na escola "A", e a ginástica olímpica na escola "D", devido a serem esportes individuais, apresentaram somente duas fases, aquecimento e exercitação com os fundamentos desportivos.

Assim, esse tipo de "aula" pecou pela restrição do conteúdo da mesma quanto aos gestos técnicos-desportivos. Mas os paradigmas técnicos-desportivos diferem dos paradigmas pedagógicos escolares. A não utilização pedagógica otimizada da cultura desportiva, o não aprofundamento de questionamentos oriundos das atividades dos alunos, e a não transmissão de informações de cunho fisiológico e sociológico, mais uma vez, limitaram a qualidade das aulas. Essas

limitações qualitativas, tendem a aproximar o professor de Educação Física Escolar do instrutor desportivo, mas existe um abismo pedagógico entre eles. O educador persegue objetivos mais amplos, já o instrutor é imediatista e limitado ao seu esporte. Ou conforme Pereira (1989, b, p. 138)

" ... diferencia-se o educador do instrutor porque o primeiro, além do desempenho, da performance, procura mudar também a mentalidade dos educandos; procura não somente desenvolver qualidades físicas, mas formar cidadãos."

Essas atividades esportivas poderiam ser orientadas até por um ex-atleta, com preocupações apenas técnicas-competitivas. O aprendizado, o treinamento e a prática desportiva foi desenvolvida como se a escola, a quadra ou o estádio existissem ilhados da sociedade. O referencial de prática futura somente pretendia ser atingido pelas repetições gestuais e pelo domínio dos esportes pelos alunos. As informações de cunho fisiológico, sobre os benefícios da exercitação física permanente, ou os malefícios das práticas mal orientadas não ocorreram em nenhum dos casos observados. Também não encontrou-se, nesse tipo de aula, referências aos aspectos sociológicos do aprendizado e da prática desportiva escolar ou extra-escolar.

6. Aula de ginástica e prática desportiva.

Ainda que ocorressem, principalmente nas escolas "A" e "D", esse tipo de aula geralmente aconteceu, quando as aulas foram "dobradinhas". Na primeira aula, o conteúdo foi ginástico e na segunda foi esportivo.

A ginástica caracterizou-se como sessão de ginástica elemen-

tar, "Sessão de Atividades Físicas Generalizadas" (SAFG), como encontrou-se registrado na escola "D", com os alunos dispostos em um grande círculo, em cujo centro ficou o professor. O aquecimento, de modo genérico, foi constituído por caminhadas e corridas lentas ao redor da quadra esportiva ou pelo local onde ocorreria a aula, a seguir ainda sob o comando do professor, os alunos se exercitaram ginástica e individualmente, sem utilizar implementos. Os exercícios ginásticos, com as particularidades de cada professor, compreenderam polichinelos, abdominais, apoios, agachamentos, inclinações frontais do tronco e forçamentos de membros superiores e inferiores de modo a alongar os músculos e a amplitude articular, visando, principalmente, o desenvolvimento ou manutenção da coordenação, força, resistência muscular localizada e flexibilidade.

Logo a seguir, eles se dividiram em equipes, de duas a quatro, e jogaram voleibol ou futebol de salão. Quando de aula mista, como na escola "C", na parte ginástica os alunos e alunas se exercitaram juntos. Depois foram divididos quanto ao gênero. De modo geral as moças, jogaram voleibol e os rapazes futebol. Um muitos casos também os rapazes jogaram voleibol com as moças ou em equipes só do sexo masculino.

Nas aulas "dobradinhas" a parte de ginástica ocorreu sempre em primeiro lugar, durante o período da aula inicial. A seguir vinha a parte esportiva, que durou até o final regular do período. No caso de aula unitária, normal, com cinquenta minutos de duração, a parte ginástica levou de 15 a 20 minutos, e a parte esportiva, o restante do tempo. Sempre a prática esportiva teve maior duração que a prática ginástica. Quando de mais de duas equipes,

os alunos que sobraram, ficaram próximos do local da aula, assistindo ao jogo dos colegas, para depois os substituírem.

No tocante à parte esportiva da aula, as críticas e sugestões seriam as mesmas feitas anteriormente. No que se refere à parte gímnica, no plano fisiológico, a não utilização de implementos, maças, bastões, pequenos halteres, colchonetes, etc. a partir de certo tempo de prática, incorre em minoração qualitativa da aula. Grupamentos musculares, como os que fletem o antebraço sobre o braço, bem como os da região dorsal superior do tronco, na execução individual, sem outra sobrecarga a não ser o peso corporal-segmentar, têm uma estimulação inferior a dos grupamentos musculares que nesse tipo de aula realizam maiores esforços, como a musculatura anterior da coxa ou abdominal anterior. Assim, o uso de sobrecarga adicional propicia que, na mesma quantidade de tempo, por meio de exercícios ginásticos localizados, haja uma maior estimulação. A relação dialética quantidade de estímulos e qualidade de execução é evidente. Uma sessão ginástica individualizada, sem implementos, ainda que possua um enorme valor, principalmente no tocante ao aprendizado e fixação da técnica gestual gímnica, como meio de desenvolver várias qualidades físicas, inclusive a resistência aeróbica, e como autotreinamento ginástico, também se caracteriza pela sua pobreza em termos de implementos e de aumento das possibilidades de uma execução física mais eficiente, para um mesmo espaço de tempo. Realizar exercícios como abdominais ou rotações de membros superiores, utilizando pequenos halteres, e até mesmo mantendo em cada uma das mãos metade de um tijolo maciço, possibilita que se perceba a diferença em relação aos mesmos

exercícios sem qualquer sobrecarga.

Com a não utilização de colchonetes, verificou-se muitas vezes, os alunos, deitando-se no solo acimentado de uma quadra, desgastassem e sujassem as suas roupas mais rapidamente. Além disso, principalmente aqueles alunos mais magros, sentiam dores e desconforto por roçarem a região lombar no solo duro e àspero, quando da realização de certos exercícios em decúbito, como os abdominais.

Mais uma vez se retoma a ideologia anticultural das camadas dominantes. É a partir de suas idéias e vontades que são distribuídos os valores pecuniários e materiais-instalativos para a Educação Escolar. Inclusive, a falta de material, "empurrou" o professor de Educação Física para a prática desportiva. Sem implementos ginásticos, e dispondo só de uma bola, ficou difícil a exercitação gímnica e mesmo o aprendizado e treinamento desportivo, principalmente de esportes não tão populares regionalmente, como o andebol e o basquete. Isso contribuiu para que os alunos, tendendo a não aprenderem novas formas esportivas, reproduzissem culturalmente os esportes de fora de escola e mesmo apresentassem resistência ao aprendizado de outros.

A não dotação de adequados materiais gímnico-desportivos para a Educação Física Escolar, propiciou que a qualidade dessas aulas ficassem depreciadas, tanto sob o prisma fisiológico, referente à qualidade, intensidade e duração dos estímulos motores, como sob o prisma educativo do aprendizado de novas formas esportivas.

Essa limitação material também dificultou o trabalho do professor, que precisou recorrer à criatividade e ao improviso para

desenvolver suas aulas. Nos dias de mau tempo, com contínuos períodos de chuva, ou mesmo no inverno rigoroso - na cidade onde se desenvolveu este estudo, em meses como agosto, a média de temperatura pode ser até de 9 graus centígrados (Pereira, 1987) - também esse tipo de aula, que geralmente ocorreu ao ar livre, ficou prejudicado. Na região onde se desenvolveu o presente estudo, áreas cobertas e ventiladas são imprescindíveis para o adequado desenvolvimento da Educação Física Escolar. Referente a essa disciplina e no segundo grau, o descaso para a parte material-instalativa das escolas públicas da rede estadual foi enorme em relação à realidade material das escolas particulares. Na cidade em se desenvolveu este estudo, todas as escolas particulares dispunham de ginásios esportivos e áreas cobertas e fechadas, mas apenas duas escolas estaduais tinham áreas cobertas. Uma tinha um grande ginásio poli-esportivo, mal conservado e com inúmeras goteiras, e outra uma grande sala que poderia servir para a prática do basquete e do voleibol. As demais dispunham das quadras cimentadas, em dimensões semelhantes as da escola "A".

E as deficiências materiais também conduziram os professores a utilizarem, "não muito ortodoxamente", as caminhadas, como um tipo de aula, ou como parte de aula de Educação Física Escolar.

7. Aula de Educação Física com caminhadas.

Na escola "A", a professora em várias ocasiões determinou tarefas de realização caminhadas ao redor do quarteirão da escola geralmente na parte final de aula ginástica. A professora ficou no portão de entrada dos alunos, observando e contando o número de

voltas. Estes andaram num ritmo "quase de passeio", normalmente. Formaram grupos e, por isso, uns chegaram antes do que outros. Assim, para alguns, essas aulas acabaram mais cedo do que para outros.

Na escola "C", principalmente após chuvas, ou no inverno, a professora acompanhou os alunos em caminhadas que chegaram durar 90 minutos. Eles andaram desde o centro da cidade, onde se situava a escola, até outros bairros. Andaram em grupos e bem próximos uns dos outros. O ritmo também foi de caminhada normal. Devido ao trânsito de veículos, sinaleiras e cruzamentos, muitas vezes tiveram que parar por breves instantes para, logo a seguir, retomar a caminhada. Sob o prisma fisiológico, isso propiciou a que os estímulos motores, que já eram pequenos, fossem ainda mais reduzidos. A poluição do ar, decorrente dos gases emitidos pelos escapamentos dos veículos contribuiu para que essa exercitação, principalmente na região central da cidade, não fosse muito saudável.

Das entrevistas com os professores e do conhecimento empírico da realidade da Educação Física Escolar na cidade, tinha-se a informação de que o tipo de aula utilizando as caminhadas, era comum a outras escolas da rede estadual de segundo grau, pois as agruras materiais-instalativas das escolas estudadas foram comuns a muitas outras.

Esse tipo de aula teve como de positivo o fato de acostumar os alunos a realizarem, formalmente, um tipo de exercício físico recomendado a ser praticado por toda a vida, que é o da caminhada. Ainda que necessitando de muito mais tempo de exercitação para solicitar o envolvimento dos processos energéticos aeróbicos num ní-

vel de melhoria do condicionamento, as caminhadas incorrem na quase total impossibilidade de acidentes e traumatismos, e podem ser realizadas com vestimentas e calçados do dia-a-dia.

Porém, pela observação das atividades, em decorrência do exposto pelos professores em relação aos seus conteúdos, e pelo que os alunos informaram no tocante ao conhecimento da frequência cardíaca máxima calculada, as caminhadas não foram exploradas didaticamente, não foram nem questionadas ou aprofundadas, tanto sob o prisma sociológico, por quais motivos as escolas pobres, estaduais, não dispunham de instalações e materiais de Educação Física para os dias de mau tempo, ou sob o prisma fisiológico, da importância da exercitação física permanente, principalmente a que visasse ao desenvolvimento da aerobicidade.

Na perspectiva da exercitação física significativa, o andar "normalmente", ainda que por longa distância, incorre em estimulação insuficiente. No caso da escola "A", em que a parte da caminhada foi realizada lentamente, na última fase da aula, como uma atividade de cunho sedante, após a sessão ginástica, os objetivos de volta à calma foram atingidos, mas não foi propiciado que se alcançasse o patamar de estimulação cardíaca que tipificaria uma exercitação aeróbica. Na escola "C", como exercitação visando ao desenvolvimento da aerobicidade, isso dificilmente foi alcançado, devido ao ritmo lento das caminhadas, pois o patamar mínimo a ser atingido, acima de 50% da frequência cardíaca máxima calculada, era de cerca de 100 batimentos por minuto para alunos com uma média de idade de 18 anos. Assim, esse tipo de aula propiciou a recreação dos alunos e variação nas aulas de Educação Física Esco-

lar, mas não foi aprofundado fisiológica, sociológica ou tecnicamente. Mesmo tendo a sua validade pedagógica, tal qual outros tipos, as aulas com caminhadas evidenciaram um teor qualitativo inferiorizado, enquanto aula regular de Educação Física Escolar.

8. Aula de testes motores.

Os testes motores mais utilizados foram de resistência muscular localizada/força repetitiva, como abdominais e apoios: de flexibilidade, no nível do tronco/quadril; e de resistência aeróbica, com o teste dos 12 minutos, de Cooper. Na escola "B" houve vários outros testes, como que solicitava a região posterior do corpo, em especial a musculatura lombar, glútea e posterior da coxa. Na literatura especializada, não se encontram muitos desses testes, o que se infere que a professora, a partir de seus motivos, realizou testes nem sempre validados e fidedígnos estatisticamente.

Uma grande quantidade de testes também comprometeu o desenvolvimento do programa de Educação Física Escolar. Por ocuparem duas e até três aulas consecutivas na sua aplicação, os demais conteúdos programáticos não foram trabalhados. Durante a realização dos testes, se evidenciou que os alunos passaram muito tempo de modo passivo, ajudando a professora em atividades como segurar os tornozelos de um colega na realização de abdominais, ou contando o número de voltas que outros alunos realizaram no percurso do teste de andar/correr por 12 minutos.

Estes testes físicos, de modo geral, ainda que não utilizados somente seus índices, tiveram a sua contribuição para fins avalia-

tivos, de mensuração e notas.

Genericamente, muitos dos testes não se relacionaram com o desenvolvimento dos programas, porque as aulas de Educação Física, hegemonicamente foram aulas de conteúdos desportivos. Em decorrência da prática desportiva, ainda mais quando as turmas foram grandes, implicou que muitos alunos permanecessem sentados observando seus colegas jogarem. E, muitos esportes por não estimularem especificamente os grupamentos musculares que foram solicitados nos testes, como os músculos da região abdominal, durante as aulas regulares não foram propiciados esforços para a melhoria da eficiência motriz. Algo similar aconteceu com relação à resistência aeróbica. Os esportes coletivos como o voleibol solicitam o aparato cardiovascular em decorrência do esforço muscular de forma diferenciada a da atividade de corrida contínua por 12 minutos. Esportes coletivos como o voleibol e futebol de salão, possuem características anaeróbicas e aeróbicas, assim, o teor de aerobicidade a ser desenvolvido por um aluno particular durante um período de jogo, irá decorrer de variáveis como o nível do jogo, dos adversários, e principalmente da participação do sujeito. Se um aluno, durante todo um período de jogo, "fugir" da bola, ou por sua pouca habilidade tiver pouca participação, sob o prisma do desenvolvimento da resistência aeróbica, a estimulação na certa será insuficiente. E o futebol de salão, com a posição passiva do goleiro, e mesmo de jogadores que atuam "fixos", como os das posições de defensor e atacante centrais, também propiciam estimulações diferenciadas. Se um aluno realizou o teste dos 12 minutos, e uma vez por semana participou das aulas "dobradinhas" sempre como goleiro, não

tendo mais nenhuma outra exercitação física metódica fora do ambiente escolar, o que foi comum entre os alunos das escolas públicas estaduais, esse não terá condições de melhorar significativamente o seu consumo máximo de oxigênio. Mesmo que tenha uma vez por semana exercitação ginástica que estimule o aparato cardiorrespiratório no nível aeróbico uma só estimulação semanal é considerado como insuficiente.

Assim, o referencial da Educação Física Escolar Necessária aponta que o planejamento e desenvolvimento dos programas educativos cuidem desses detalhes, e mais uma vez reforça a hegemonia da exercitação ginástica escolar em relação à exercitação desportiva-recreativa. E, mesmo a necessária utilização de conteúdos desportivos na Educação Física precisa considerar sempre as individualidades dos alunos, suas atividades fora do ambiente escolar, seus interesses e gostos, bem como levar em conta as particularidades de cada esporte. Podem-se compensar certas deficiências de estimulação motora, bem como auxiliar os alunos a conjugar as atividades de práticas culturais de fora da escola com as da Educação Física Escolar.

Os testes motores, devidamente orientados e difundidos entre os alunos, são exigências importantes para a Educação Física Escolar. Os testes propiciam informes para a avaliação do desenvolvimento do programa. Contribuem para que os alunos se auto-avaliem, para que eles avaliem a Educação Física e a ação docente, bem como possibilitam que o professor também considere os índices e melhorias de proficiência dos alunos com finalidades avaliativas formais, para fins de conceitos e notas. Naturalmente, que, devido às

particularidades dos alunos e da Educação Física, considerar somente os índices de proficiência motora para fins de nota seria muito simplista limitando o alcance pedagógico que os testes podem propiciar.

Sob a perspectiva da Educação Física Escolar Necessária os conteúdos esportivos requerem acompanhamentos e avaliações também esportivas. "A prática é o critério de verdade", notadamente da prática esportiva. É jogando, competindo, que o professor avalia seu trabalho educativo-esportivo, e que os alunos se auto-avaliam. Principalmente por ocasião de derrotas - já que as vitórias têm muitos pais, mas as derrotas tendem a ser bastardas - os erros são ainda mais fáceis de ser apontados e didaticamente explorados.

Mas os testes motores e as avaliações desportivas ainda não contemplam todos os paradigmas pedagógicos da Educação Física Escolar Necessária. Os testes cognitivos se tipificam como elementos imprescindíveis para avaliar os conhecimentos teóricos dos alunos. O professor, para se diferenciar do mero instrutor ou determinador de tarefas, precisa tratar didaticamente da teoria da Educação Física, que também requer ser aferida. Não será por meio de repetições de exercícios abdominais que os alunos compreenderão a importância desses exercícios; não será apenas correndo, aumentando o consumo máximo de oxigênio que os alunos entenderão a necessidade da exercitação física permanente, nem os elementos sócio-culturais, classistas, condicionantes da cultura extra-escolar. Para que os alunos tenham conhecimentos teóricos, mais aprofundados para a sua faixa etária/cognitiva sobre a exercitação física, é preciso que o professor aborde didaticamente tais conteúdos. E, para que

não fique como informações sem importância, carece também que seja avaliado o seu grau de aprendizado. Assim, por meio da avaliação da teoria, ele também se estará auto-avaliando. Infelizmente, constatou-se que a teoria no cotidiano da Educação Física Escolar ou foi tratada informalmente, ou então somente quando não havia outra solução para ocupar o tempo de aulas regulares. A teoria foi renegada como algo alheio à Educação corporal dos alunos, e utilizada somente em último caso.

9. Aula teórica de Educação Física Escolar.

As informações sobre a exercitação física, observadas na escola "A", bem como em outras escolas, foram desenvolvidas, informalmente, durante o desenrolar das aulas.

Foi constatado em todas as escolas, bem como todos os professores e alunos entrevistados também o confirmaram, que no tocante à exercitação física ginástica, os informes sobre quais grupamentos musculares seriam solicitados ou quais as conseqüências das estimulações eram transmitidos verbalmente durante o desenvolver das aulas.

No tocante às regras esportivas, perceberam-se duas situações. Uma foi que os professores passavam informes sobre os procedimentos técnicos e comportamentais dos alunos durante exercícios de fundamentos desportivos e técnico-tático, e também o faziam durante as aulas ou parte das aulas que foram de prática desportiva. Outra foi que levavam seus alunos para a sala de aula e, utilizando o quadro verde, transmitiam os informes sobre as dimensões das quadras esportivas, sobre os fundamentos de regras e sobre o que

era permitido e o que era proibido que os atletas fizessem durante partidas. Na escola "A", os alunos que não participaram ativamente das aulas, por não estarem com a vestimenta apropriada, tiveram que copiar ou resumir tópicos sobre regras esportivas. Assim, o estudo das regras desportivas teve um caráter punitivo.

Na escola "D", para as alunas que não participaram ativamente das aulas, a professora determinou como tarefa, lerem sobre assuntos referente a hábitos de vida, e sobre generalidades desportivas. A crítica que se faz a esse procedimento, que já revelou uma programação e uma preocupação dessa professora para com o conhecimento sobre elementos da Educação Física, é que tais tarefas ficavam restritos àquelas alunas que não praticavam. As demais não passavam por essa situação. Assim, separou-se a teoria da prática. Os que não praticaram foram "punidos" com leituras, e os que praticaram foram "condenados" ao desconhecimento.

Fora o tratamento meramente informativo, no tocante aos aspectos fisiológicos e biomecânicos, com total ausência de referências sócio-históricas, atinentes à teoria da exercitação física escolar, e que não foi cobrado didaticamente, por parte de muitos professores, percebeu-se uma quase total identificação da teoria da Educação Física Escolar com regras esportivas. Então, ainda que com caráter informativo, ocorrendo muito raramente e não fazendo parte dos conteúdos dos programas de ensino, a parte teórica da Educação Física ou os conteúdos das aulas teóricas, em verdade pareciam estranhas à Educação Física Escolar.

Esses conteúdos e esse tipo de aula foram usados mais como uma variação dos procedimentos padrões das aulas normais de Educa-

ção Física, aulas eminentemente práticas. Na escola "C", por exemplo, em dias de mau tempo, os professores, por vezes, conduziam os alunos até a sala de aula e lá desenvolviam conteúdos com noções sobre anatomia humana, cinésiologia e fisiologia do exercício.

Um silêncio que também foi constatado, considerando em especial esse tipo de aula, foi o da ausência, quer em registros, quer em aulas observadas, da preocupação para com a beleza e cuidados faciais. Mesmo que a preocupação com o rosto não seja prerrogativa exclusiva feminina, considerando nossa cultura e o grande percentual de moças nas aulas de Educação Física no segundo grau, e a significativa participação de professoras, em nenhum momento se constataram informes ou esclarecimentos sobre esses aspectos estéticos. O rosto, tal qual outras partes do corpo, também faz parte da totalidade corpórea humana e também está relacionado com a Educação Física. A exigência de compreender a Educação Física numa visão globalizada, não pode desdenhar de certos aspectos que lhe estão relacionados. Assim, a noção de beleza fica comprometida se um aluno evidencia um porte ativo, ausência de adiposidades, bons indicadores de proficiência e habilidade motora, mas por outro lado, está com o cabelo em desalinho ou se lhe faltam dentes frontais. Igualmente às despreocupações com a alimentação apropriada e hábitos saudáveis de vida, percebeu-se descaso com o corpo numa totalidade. Conseqüentemente, isso ficou para ser de competência exclusiva da cultura extra-escolar. E fora da escola os aspectos financeiros se destacavam ainda mais, pendendo o favorecimento mais uma vez para as camadas mais abastadas. Então, por omissões docentes, diferenças sociais como as referentes às possibilidades de

cuidar da estética também se evidenciaram nos conteúdos e nas práticas pedagógicas no cotidiano da Educação Física Escolar.

10. Aula de ginástica com correções e informações.

Nesse tipo de aula, o professor que, em algumas situações também exercitou-se com a turma, além das diretivas para iniciar e finalizar cada tipo de exercício, também corrigiu, incentivou e criticou os alunos.

Na maioria das vezes, o professor se limitou a corrigir a técnica gestual dos alunos, com diretivas como: "Junte mais os braços," ou "Não dobre os joelhos". Algumas vezes, aconteceu que determinasse para todos os alunos, e para turmas mistas, um número fixo de repetições. Isso incorreu no erro de igualar os desiguais, contribuindo para que certas tarefas motoras fossem de muita intensidade para alguns, e de baixa intensidade para outros.

As críticas e reprimendas aconteceram quando as determinações não foram executadas a contento. E houve incentivos quando os alunos realizaram o que foi proposto.

Não de modo genérico, mas em várias ocasiões, os professores também passaram informações de cunho cinesiológico, citando para qual articulação ou para qual grupamento muscular se destinava tal exercício.

No tocante às informações relativas à fisiologia do exercício, reportando-se ao futuro, o teor desses informes foram muito limitados. Houve um caso, já citado na escola "A", que os exercícios de flexibilidade foram incentivados relacionando-os com a diminuição gradativa desse parâmetro motor decorrente do avanço da

idade de uma forma simplista.

Além dos silêncios sobre vários temas, em nenhuma aula observada e em nenhum registro foi contemplada a transmissão de informações sobre hábitos saudáveis de vida, como repouso, exercitação física constante e alimentação apropriada. A utilização ginástica de exercícios abdominais, com isto propiciando o aumento do tônus muscular nessa região, não foi relacionado com restrições calóricas e alimentação ideal, como forma de manter ou mesmo diminuir a circunferência da cintura.

As corridas e caminhadas com duração e intensidade de forma a propiciar o desenvolvimento da resistência aeróbica, nunca foram relacionadas com o funcionamento do aparato cardio-vascular-circulatório. Tanto que os alunos não souberam determinar a sua frequência cardíaca máxima calculada.

Assim, as aulas de ginástica tenderam a se resumir em realização gestual correta e execução dos exercícios por tempo ou pelo número de repetições pré-determinados pelo professor. As informações de cunho fisiológico foram poucas e não aprofundadas, com linguagem corriqueira, não técnica-científica.

As aulas de conteúdos ginásticos, como tipificação de aula de Educação Física Escolar, naturalmente que devem caracterizar-se pela exercitação física dos alunos. E essa exercitação física melhora qualitativamente se for desenvolvida sob o prisma da otimização individualizada das atividades. As correções, incentivos e críticas também fazem parte, de modo quase que obrigatório desse tipo de aula. A escola é antes de tudo um local de erros, e os alunos somente podem acertar, se tiverem oportunidade de também

errar. Os professores necessitam desenvolver os conteúdos com procedimentos didáticos que melhor se adaptem aos objetivos, incentivando os alunos, corrigindo quando de erros e elogiando quando de acertos. Mas informações de cunho biomecânico e fisiológico necessitam serem passadas aos educandos como uma *necessidade pedagógica*. Os alunos precisam saber para que, como, porquê e quando se realizam tais exercícios. Acostumar os alunos a realizarem tarefas sem questionamento revela uma postura conservadora, alienante. Os alunos, os futuros trabalhadores precisam, escolarmente, aprender quais são as conseqüências de suas atividades. Na Educação Física Escolar também não deve haver o desenvolvimento do conteúdo sem explicações sobre suas origens, relações, desenvolvimento e contradições.

Também como *necessidade pedagógica*, ao se reportar para a *exercitação física permanente*, para fora da escola e para o futuro, *necessariamente*, imperiosamente, o professor precisa tratar da cultura física e da sociedade. Numa aula de Educação Física Escolar com conteúdo ginástico, embora havendo correções gestuais, *exercitação motora individualizada* e informes de cunho biomecânico e fisiológica, ainda assim, incorre em *deficiência pedagógica* se não tratar, didaticamente, da *ambiência social*, das possibilidades culturais, das *contradições e conflitos* que circundam e alicercam a *exercitação física na realidade concreta*.

Em síntese, os tipos de "aulas" de Educação Física Escolar constatados se orientaram por padrões voltados para a *recreação*, para o *aprendizado e prática desportiva* e para a *melhoria da condição física dos alunos*. Já a *concepção de Educação Física Escolar*

Necessária, acrescenta a esses padrões os componentes teóricos, fisiológicos e sócio-históricos da exercitação física, que requer ser desenvolvida didática e individualmente, além de otimizada.

Se existissem trabalhos de cunho etnográficos anteriormente, seria possível constatar-se que as aulas aqui citadas - salvo exceções no tocante a mudanças de algumas regras esportivas e à atual hegemonia do voleibol como esporte escolar - poderiam também ser observadas há vinte anos atrás. Nos meados dos anos oitenta isso foi criticado por Pereira (1988 b, p 147-8), para quem:

"A quase exclusiva dedicação à prática, em detrimento do embasamento intelectual, da fundamentação teórica sobre o que é praticado, a não união do conhecimento com o exercício, compromete o processo educativo de modo global. A exclusividade da prática alienada da teoria dificulta uma exercitação física autônoma no futuro, a cultura física permanente, e revela graves falhas educativas, como a saída dos alunos do segundo grau com deficiência de formação intelectual."

No tocante às atuais liberdades democráticas, no sentido de se utilizar a realidade sócio-cultural para educar criticamente aos alunos, isso não ocorreu na ambiência escolar do segundo grau. Assim, a Educação Física Escolar aqui estudada, além de enfatizar a prática desportiva recreativa, repetiu o passado, e tanto sob a perspectiva fisiológica como sociológica, não abordou o presente e não se voltou para o futuro. E o futuro sempre dependeu do presente, o qual, expressando historicamente uma perversidade manifesta, somente pode ser superado pela ação consciente do exercício da cidadania.

4.8 O COTIDIANO QUESTIONADO

Na discussão sobre o cotidiano escolar, inicialmente se reportou às questões que nortearam este estudo. Elas diziam respeito aos conteúdos desenvolvidos com maior frequência; aos objetivos sócio-pedagógicos enfatizados; aos silêncios e omissões daí resultantes; às necessidades dos educandos; à orientação pedagógica para o futuro; à articulação da Educação Física Escolar com a escola e ambiência extra-escolar; trazendo, no seu todo, a análise de quem eram os alunos do segundo grau.

a. Ao se estudar o cotidiano da Educação Física Escolar de uma escola da rede estadual de ensino, situada na periferia urbana, e tendo como "contrapontos" outras três realidades, inicialmente se constataram as determinações de classe social atinentes à Educação Escolar. A problemática social se evidenciou na aparência dos alunos, nas condições materiais-instalativas das escolas, e também nos reflexos de conflitos classistas, tanto na situação dos professores que tendo outros empregos, precisaram conciliar os horários de suas aulas, como na ocorrência de greves por parte do magistério estadual.

Os principais conteúdos desenvolvidos nas aulas foram desportivos, com voleibol, andebol, futebol de salão, basquete, e também ginástica olímpica e atletismo. As aulas foram desenvolvidas com caráter de aprendizado e fixação dos fundamentos e de prática recreativa, notadamente o voleibol e futebol. Secundariamente

encontraram-se os conteúdos ginásticos, tipificados pela execução individualizada e sem implementos.

Esses conteúdos foram desenvolvidos com paradigmas muito próximos de atividades que são praticadas fora do ambiente escolar, devido principalmente à ausência de informações críticas, de cunho fisiológico e principalmente sociológico. Assim, os alunos revelaram desconhecimentos sócio-fisiológicos e baixo nível de proficiência motora em decorrência de que os professores não ensinaram a teoria da Educação Física Escolar, nem organizaram e desenvolveram as aulas de modo que os alunos se exercitassem significativamente.

Os professores foram os principais dirigentes de todas as atividades, desde o planejamento da Educação Física Escolar, passando pela sua aplicação prática até as avaliações, que se caracterizaram pela subjetividade, com a utilização de observação das atividades dos alunos e atribuição de notas em função de supostos interesses por eles demonstrados.

Como consequência dessa ênfase gímnica-desportiva-recreativa e quase total ausência de transmissão de informações mais aprofundadas, os alunos não tiveram uma idéia precisa sobre a avaliação e nem sobre os objetivos da Educação Física Escolar. A "cultura do silêncio", do não questionamento e do não conhecimento dos motivos de suas ações, enquanto sujeitos do processo educativo, contribuíram para que a escola, com a participação expressiva da Educação Física, se inserisse na concepção althusseriana de aparelho ideológico de Estado. Vários autores, como Bernstein (1984) e Apple (1989), têm tipificado formas de pedagogia invisível e de currícu-

lo oculto, que se articulam passivamente com os valores das classes hegemônicas. Estas, ao implementarem sua política no campo da Educação Escolar, na prática, diferentemente do discurso oficial, jamais trataram da educação como prioridade.

b. Os objetivos das aulas de Educação Física escolar cotidiana, se ativeram às atividades recreativas à manutenção e ao desenvolvimento de habilidades motoras e algumas qualidades físicas, dentre as quais se destacou a flexibilidade.

Como se alertou anteriormente, o corpo e a condição física dos sujeitos, a sua forma real de relação com o mundo, são algo muito importantes para se reduzir a Educação Escolar somente ao aspecto lúdico. A ludicidade é um componente importante para Educação Física Escolar, para a Educação Social como um todo, mas a sua primazia, ainda que por meio da prática desportiva, conduz, invariavelmente, ao descaso para com outros parâmetros do processo de Educação escolarizada. "Determinatio est negatio" já dizia Spinoza, e ao se ocupar o tempo destinado para a Educação Física majoritadamente com atividades recreativas, se está, objetivamente, negando espaço para o desenvolvimento físico harmonioso, particularizado a cada aluno, bem como negando o tratamento didático da teoria da Educação Física. Muitas qualidades motoras importantes, como a resistência muscular localizada, a resistência aeróbica e os conhecimentos críticos sobre a exercitação física e seus referenciais fisiológicos e sociológicos são impossíveis de ser desenvolvidos quando os alunos têm somente objetivos e conteúdos de cunho recreativo.

Esses objetivos de recreação e de algum desenvolvimento corporal e de habilidades esportivas, como no andebol e no basquete, também se revelaram limitados, tanto pelo seu alcance no tocante às relações das práticas esportivas com a sociedade e suas consequências fisiológicas, bem como não trouxeram muitas novidades culturais para os alunos.

Ao se limitar a reproduzir, no ambiente escolar, a cultura física extra-escolar, os professores não procuraram "gerar necessidades" nos seus alunos. Devido à sua formação profissional, e salvo uma exceção, como todos os professores tinham formação universitária, eles poderiam inserir como objetivos e conteúdos outras formas ginástica e esportivas que, a partir da estimulação motora significativa, pudessem contribuir para que se aumentasse o teor de conhecimento e de prática dos alunos. O conservadorismo que se evidenciou ao longo das Observações das aulas de Educação Física também diz respeito à resistência docentes à introdução de novos conteúdos, novos objetivos nas atividades cotidianas.

E o despertar necessidades nos alunos não se reduz somente aos requerimentos de prática contínua de exercícios físicos, mas, sim, inclui ao lado dessa prática cultural, a participação social também continuada. Se os objetivos da Educação Física se limitarem à prática esportiva, não se evidenciará a ligação entre a Educação e a sociedade. Não existe indivíduo apenas corporalmente educado, a educação deve ser encarada como uma totalidade na qual a prática consciente é essencial. Para buscar mudar a realidade, mesmo que se reduza às condições de prática gímnico-desportiva, é necessária a participação social. Se os atuais alunos, se os cida-

aulas regulares de Educação Física, também não auxiliou os alunos no "exercício consciente da cidadania".

A cidadania pressupõe a participação ativa e consciente principalmente na política, e a consciência disso necessita ser desenvolvida didaticamente. A não ligação da Educação com a participação política por parte dos professores, facilita a inatividade social, e a concordância passiva frente à realidade. Assim, na sua cotidianidade fatural, a Educação Física Escolar, contribuía, à sua maneira, para a formação do "não-cidadão".

d. E a Educação Física desenvolvida cotidianamente também apresentou uma resposta negativa, ainda que parcialmente, no tocante a contemplação das necessidades sócio-biológicas dos alunos.

A Educação Física estudada poderia considerar as necessidades de recreação dos alunos, devido ao destaque desportivo-recreativo como conteúdos mais utilizados escolarmente. Porém, analisando o espaçamento entre os estímulos ginásticos, a sua assistemática, geralmente com uma frequência de uma vez por semana; também a assistemática de estímulos corporais decorrentes da prática desportiva recreativa; bem como a ausência de padrões de controle sobre o que foi realizado cotidianamente, no tocante às necessidades de cunho biológico, e que se voltassem para o desenvolvimento harmônico corporal dos alunos, se apurou que também esse tipo de necessidade não foi satisfeito.

A constatação de deficiência do alcance da Educação Física Escolar no plano do desenvolvimento de qualidades motoras para os alunos, já foi destacado anteriormente, embora com alunos de pri-

meiro grau. Utilizando os testes de Kraus et Weber, Camargo Neto (1982) e Mello et Antunes (1991) também chegaram a conclusão de que os alunos de escolas públicas apresentavam sérias deficiências motoras.

Atente-se que esses estudos foram realizados com alunos do primeiro grau, e que na realidade estudada, tanto via legislação, decreto nº 69.450, como pelos conteúdos que os professores de Educação Física trabalharam, se enfatizou o aspecto recreativo, em detrimento do formativo.

No tocante às necessidades sócio-culturais, as respostas também foram negativas. Poucos foram os alunos que desenvolviam uma exercitação física metódica fora do ambiente escolar, e os professores não buscaram compensar essas deficiências. Somou-se a isto a falta de participação dos escolares no tocante a necessidade de relacionamento entre o que ocorre dentro e fora da escola, como fator de cidadania. Mais uma vez se constataram deficiências, simplificações do trabalho pedagógico, que relegaram a teoria como meio de melhorar o conteúdo das aulas e aprofundar os conhecimentos dos alunos.

As deficiências da Educação Física, não relacionando o sócio-classista com o cultural já haviam sido constadas por Pereira (1984). Nesse estudo, com alunos de últimas séries de segundo grau, não houve acertos na questão que tratava da participação de escravos e mulheres nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Assim, inferiu-se que não era abordada a história da Educação Física correlacionando os acontecimentos do passado com a realidade presente. Pois, se no modo de produção escravagista, os mantenedores da

sociedade, os escravos que trabalhavam manualmente, para que a cultura física grega pudesse acontecer, eram alijados de eventos como os Jogos Olímpicos, na atualidade, sob o modo de produção capitalista, na maioria dos casos, também os trabalhadores assalariados estão distantes de participarem ativamente da Educação Física.

As necessidades evoluem com os homens, com a sociedade, conforme o desenvolvimento das forças produtivas, conforme as relações sociais, e várias outras mediações. Assim, dificilmente as necessidades estarão completamente satisfeitas. E, sob o capitalismo atual, com a não-cidadania plena para todos os indivíduos, as necessidades sócio-biológicas - inclusas as referentes à Educação Escolar que reflete diferenças objetivas entre as classes sociais - tendem a se manter, e a não serem satisfeitas igualitariamente e democraticamente. Dialeticamente entende-se que somente no futuro - o qual depende de ações concretas do presente - com uma formação político-social superior, de cunho socialista, é que as necessidades humanas-sociais-culturais poderão ser melhor resolvidas, incluindo as relativas à Educação escolarizada.

e. Sobre se o que foi ensinado cotidianamente poderia orientar uma imediata e futura prática de exercícios físicos, genericamente a resposta poderia ser afirmativa. Principalmente no tocante ao voleibol, e também ao já costumeiro futebol, percebeu-se que, devido à constante prática recreativa, os alunos dominavam os fundamentos esportivos e regras, para terem nesses esportes formas agradáveis e úteis de ocupação tempo livre.

Mas e para os alunos que não se interessaram pelo futebol e pelo voleibol? E no futuro, quando desejarem jogar recreativamente e as condições materiais forem adversas?

O referencial de exercitação consciente no futuro não foi o principal referencial dos professores de Educação Física. A orientação de futuro decorreu da prática acrítica e isolada da teoria, num nível inferior de preocupação para com a cultura extra-escolar dos alunos. E, esse posicionamento é negado, quando se baseia em Suchodolski (1984, p. 119), que diz:

"Na concepção da educação dirigida para o futuro o presente dever ser submetido à crítica, e esta deve acelerar o processo de desaparecimento de tudo o que é antiquado e caduco, acelerando processo de concretização do que é novo, onde que este processo evolua de modo excessivamente lento e deficiente."

No tocante a autodisciplina para a exercitação ginástica, como aquecimento, volta à calma e meio de estimulação/fortalecimento segmentar particularizado às necessidades de cada aluno, já a resposta foi negativa. Tanto exercícios ginásticos analíticos ou de corridas aeróbicas, e suas devidas informações, não foram incentivados nas aulas observadas, não constaram explicitamente de Registros de aulas, nem foram citados como objetivos de ensino dos professores.

Tendo a futura exercitação física dos alunos, de forma metódica, consciente e permanente, como um dos critérios de referência para a estruturação e implementação das aulas de Educação Física, o desenvolvimento do gosto pela exercitação física autônoma requer ser enfatizada didaticamente. Nenhum aluno poderá gostar ou se acostumar com algo que não conhece detalhadamente, ou sem estar

convencido de sua necessidade. A exercitação física permanente, para passar do conhecimento e habilidades para as convições, em muitos casos o lado prazeroso da exercitação motora cede perante o desconforto. Mas ensinar a superar dificuldades também faz parte do processo educativo.

E sobre o desenvolvimento da autodisciplina, questiona Gramsci (1979, p. 133):

"Um estudioso de quarenta anos seria capaz de passar dezesseis horas seguidas numa mesa de trabalho se, desde menino, não tivesse assumido, por meio da coação mecânica, os hábitos psicofísicos apropriados?"

Dedicar 30 minutos diários ou com 48 horas de intervalo para a exercitação física utilitária, pode ser bem mais agradável do que permanecer estudando sentado, mas para isso requer ser objeto de aprendizado e compreensão de sua necessidade na Educação Física Escolar.

Assim, a predominância de atividades desportivo-recreativas, inferindo apenas à proficiências e conhecimentos relativos somente às atividades de folguedo, elas poderiam contribuir somente para a "cultura de domingo" e não para a "cultura de todos os dias" como propõe Suchodolski (1977)

f. A Educação Física escolar e as escolas estudadas se articularam positivamente com a sua ambiência social. As escolas de periferia, no tocante a Educação Física Escolar, foram quase "um centro cultural". Pelo pouco que fizeram, e a sua maneira, limitada pedagogicamente, a Educação Física foi um componente que de certa forma enriqueceu a comunidade. As atividades de Educação Física, notadamente competições comemorativas, atraíram, além de pais e morado-

res nas redondezas da escola, também muitos alunos, que assim tiveram oportunidades de participar ativamente da cultura.

A Educação Física e as escolas espelharam as condições sociais objetivas. As escolas estaduais, limitadas materialmente, ofereceram poucas oportunidades de práticas de cunho extraclasse, já a escola particular, com recursos, proporcionou mais oportunidades para a formação de seus alunos.

Mas a articulação entre a sociedade, a cultura, a Educação Física e as escolas, principalmente nas escolas estaduais, se revelou limitada às atividades fins, aos jogos, às competições. Não se percebeu o envolvimento das comunidades, dos alunos - de forma enfática e com o mesmo teor de participação ativa como nos esportes - nos problemas maiores da educação. Nas escolas públicas estaduais, mesmo que em 1991 houvesse a "ameaça" do Calendário Rotativo, e sua real implementação em muitas escolas em 1992, não se percebeu a articulação significativa de professores e alunos para rejeitarem tais medidas. A cultura do silêncio, da omissão, e da não participação, também se notou não só na Educação Física Escolar, mas noutras situações e disciplinas. Dos inúmeros exemplos de participação ativa dos escolares e mesmo de seus familiares em eventos esportivos promovidos pelas escolas, esse ativismo não foi repassado para outras situações que, no fundo, também influenciaram sobre o processo educativo, como por exemplo, a luta dos professores contra os baixos salários, e o autoritarismo do governo do Estado do Rio Grande do Sul, como no caso da suspensão dos processos eleitorais para as direções das escolas estaduais.

g. E quem foram os alunos do segundo grau e quais suas possibilidades sócio-culturais?

Nas escolas estaduais a imensa maioria dos alunos foram filhos das camadas assalariadas da população, o que não ocorreu na escola particular. Nas escolas estaduais, os alunos representaram aquela pequena parcela dos jovens que conseguiram resistir aos inúmeros problemas, agravados pelo aprofundamento na "crônica" crise capitalista brasileira e que chegaram até o segundo grau de ensino. De certa forma estavam mais próximos de serem heróis do que vítimas do sistema. Sob a óptica da Educação Física Escolar Necessária, para esses alunos deveriam ser feitos os maiores esforços pedagógicos para que tivessem o que de melhor houvesse no setor da cultura física. Além das barreiras sociais, tiveram que superar as barreiras da simplificação pedagógica, de tratamento, por um lado como se fossem alunos "de primeiro mundo", pois os conteúdos de Educação Física foram similares tanto nas escolas estaduais como na escola particular; por outro lado, como se suas condições de classe social não requeressem que lhes fossem propiciados conhecimentos críticos sobre a Educação Física, sobre as condições sócio-culturais delimitantes da exercitação física, e incentivos para que, participando politicamente, pudessem contribuir para as imperiosas mudanças na situação sócio-econômica-cultural.

E as possibilidades culturais extra-escolar dos alunos foram delimitadas, tanto pelo aspecto sócio-econômico, pelos elevados custos financeiros, quanto pelo baixo nível de desenvolvimento cultural geral. Intimamente ligados - o nível sócio-econômico e o

nível cultural - isso apontou para limitações nas formas de exercitação física. Salvo a hegemonia do futebol, nas suas várias formas, e do voleibol, as demais formas culturais estiveram distantes de serem popularizadas, mesmo para as camadas mais abastadas economicamente.

E a parcela feminina dos escolares ainda foi mais alijada da exercitação física autônoma. Já na adolescência, as alunas se acostumaram à dupla jornada de trabalho, pois além dos estudos em casa também ajudaram as mães nas lidas domésticas, o que diminuiu o tempo livre. E houve ainda a limitação cultural devido à condição feminina e a fatores como o da criminalidade existente na cidade, o que fazia com que - ainda que fosse difícil aos alunos reunirem-se em certas horas da noite para jogar futebol de salão - fosse impossível que o mesmo acontecesse às moças para jogar voleibol. O medo de assaltos também limitou a prática cultural feminina.

Entende-se que, para mudar esse quadro adverso de possibilidades culturais, é necessária a participação popular socialmente organizada. A Educação Física Escolar também pode contribuir para essa conscientização participativa, pois em concordância com Cury (1985, p. 123)

"... no pôr a descoberto as contradições, a educação levanta pressões que podem eventualmente forçar mudanças qualitativas, seja no seu interior, seja no lugar onde as próprias contradições nascem."

Em decorrência da participação consciente, ativa, política e culturalmente se poderia ter mais tempo livre, mais educação, mais clubes esportivos, mais tipos de esportes, mais instalações gímnicas-desportivas à disposição do povo, intimamente associadas a

mudanças estruturais, no modo de produção, contribuindo para o fim da miséria, do desemprego, das favelas, da prostituição, da diarreia, dos acidentes de trabalho, da recessão, enfim da não-cidadania ligada às enormes diferenças sociais e culturais, consequências, em última instância da apropriação privada e injusta dos excedentes econômicos. Porém, mais uma vez se toca no caráter alienante das aulas cotidianas de Educação Física, para as quais a política foi *tabu*, e a sociedade, os conflitos sociais e a cultura fora da escola não foram didaticamente trabalhados.

E o que fazer? Sob a ótica da *Educação Física Escolar Necessária* a própria ligação entre a teoria e prática, e entre a prática pedagógica, ação docente, e prática social, em ambiência extra-escolar, estão interligadas, compondo uma totalidade de vida e coerência. A partir das constatações e das críticas a ela elaboradas, inicialmente se depara com uma situação problemática concreta. A realidade é adversa, e a denuncia configura-se apenas como um momento da busca de mudanças. Assim, considerando que transformações incorrem em ações práticas e que a Educação Física Escolar se insere numa *totalidade*, requerem-se posturas ativas e que não se limitem apenas a um setor da cultura. Ao pugnar-se por mudanças na Educação Física, na prática pedagógica concreta, exige-se luta por mudanças nas suas amplas relações. Assim, a busca de alterações na realidade necessita de ações no campo das vontades individuais, e nas ações coletivas.

Para que a Educação Física Escolar se volte para a exercitação física individual e metódicamente desenvolvida, indissoluvelmente ligada ao tratamento didático de sua teoria, é preciso co-

nhecimento, planejamento, operacionalização e avaliação. O professor somente pode ensinar o que conhece. E, como a ciência está em constante evolução, também ele necessita de contínuo aprimoramento. Para selecionar o que considera como importante para os alunos, o professor necessita planejar com antecedência quais serão seus conteúdos a serem escolarmente desenvolvidos. E na implementação dos conteúdos, ligando a teoria com a prática, sua ação pedagógica precisa organizar as aulas de modo a que ocupe otimizada-mente todo o tempo disponível. E esse desenvolvimento de conteúdos requer ser metódicamente avaliado, para possibilitar informações sobre seu andamento e suas possíveis mudanças. Para esse salto qualitativo nas aulas, que de simples e improvisadas, passam a aprofundadas e planejadas, urge que os principais responsáveis pelas mesmas, os professores, também mudem, se interessem pela exercitação física permanente e pela prática social.

Somente com a participação social, participação coletiva, dos professores e das camadas sociais interessadas, é que podem ocorrer mudanças na cultura e na sociedade, visando ao novo, numa formação político-social mais democrática, superior. Somente pela participação política, pela cidadania, podem ocorrer mudanças no campo das políticas públicas relativas a salários de professores, instalações e materiais pedagógicos. Somente pela participação social, é que podem ser criados mais clubes esportivos, mais locais para a prática de exercícios físicos. E, tanto as mudanças no campo escolar, como da cultura extra-escolar, estão ligadas a uma totalidade de fatores. Para haver melhorias salariais exigem-se possibilidades econômicas; para se fundarem clubes, é preciso dinhei-

ro, espaço físico e tempo para a sua construção, etc. E essas situações se ligam a questões de saúde, para que os indivíduos possam realizar exercícios físicos prazerosamente; ao tempo livre, para que os assalariados possam dispor de espaço para usufruir da cultura; de gosto pela cultura física, de conhecimentos, para discernir sobre quais formas e meios de exercitação física. Enfim, esta ligação entre a Educação Física Escolar e a sociedade, se insere na totalidade elementos a serem superados da atual realidade sócio-política-econômica.

Além de mudanças nas práticas e conhecimentos pedagógicos, para que a Educação Física Escolar avance qualitativamente, são necessárias também mudanças nas práticas sociais. E essas posturas ativas se constituem em meios de solucionar os problemas levantados neste texto.

Naturalmente que a proposição de na Educação Física criticar-se a sociedade não é novidade, e além do próprio autor, dentre outros podem ser mencionados Bento (1985) e Souza Filho (1988). No presente trabalho, além da fundamentação teórico-metodológica dialética, e de referenciar-se a partir de estudo de cunho etnográfico realizado com o segundo grau, deve-se destacar o postulado de que a crítica social conste da teoria da Educação Física Escolar. Teoria esta que ocupe, didaticamente, espaço regular nas aulas cotidianas.

5 CONCLUSÕES

5.1 A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A proposição da Educação Física Escolar Necessária, além de jamais relegar a um segundo plano a exercitação motora individualmente otimizada dos alunos a ser desenvolvida no ambiente coletivo das aulas e outras atividades de Educação Física, salienta que para ser maximizado o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, também seja adequadamente abordada a teoria. Somente com implementação didática, regular e metódica dos conteúdos prático-teóricos referentes a exercitação física, ginástica, esportiva ou recreativa, e suas amplas e profundas relações fisiológicas e sociais, unindo a prática com a teoria, que a Educação Física Escolar pode dar um salto qualitativo, superando a prática meramente recreativa e acrítica.

A deficiência do tratamento da teoria e da prática foi reclamada exaustivamente, ao longo deste texto, e já era uma antiga preocupação pedagógica do autor, pois para Pereira (1988 b. p. 170):

"A proposição dialética faz com que se adeque e implemente os conteúdos práticos de Educação Física, de modo predominante, ao lado de conteúdos teóricos. Isso implica em capacidade de dosar e valorizar a teoria e a prática, alternando e unindo estímulos que solicitem o físico, nos diversos sistemas, como o sistema orgânico e neuro-motor; e a parte cognitiva e moral, estimulando o raciocínio, a criatividade, a responsabilidade, a coragem, a participação, etc. A dialética visa superar pedagogicamente o antagonismo da teoria x prática."

Tendo sempre como preceito metodológico a proposição da necessidade de ligar a prática com a teoria, deve-se destacar um determinado grau de autonomia existente em ambas. Na realidade objetiva percebe-se, em certos momentos dos processos, a autonomia da teoria frente à prática, o mesmo acontecendo em relação à prática frente à teoria. Em determinados momentos do movimento das etapas dos fenômenos e processos, existem certos acontecimentos marcadamente teóricos e outros marcadamente práticos. No caso dos acontecimentos teóricos, e relativos à Educação Física Escolar, a partir das proposições da fisiologia do exercício, pode-se prescrever e antecipar exercícios e metas a serem atingidas. Lembre-se, é na prática que se verifica o critério de verdade da teoria, que a teoria somente se "vivifica" na ação concreta. Deve-se também destacar que não há prática sem teoria, visto que as mais simples atividades humanas são realizadas também abstrativamente, pois existem níveis da teoria, e que toda a elaboração teórica requer a ação concreta dos sujeitos. As abstrações mentais requerem a participação ativa, corpórea, de quem a elabora.

Considerando a relevância da prática pedagógica dos professores, cumpre salientar que somente eles podem organizar e desenvolver as aulas de modo que, além da exercitação física educativa individualmente desenvolvida, também, se aborde, aprofundada e metodicamente, a sua teoria. Pois, em concordância com Gramsci (1979, p. 132):

"Na realidade, um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais *instruídos*, mas não conseguirá que sejam mais cultos."

Essa problemática de destacar a união da teoria com a práti-

ca, de praticar a teoria, didaticamente nas aulas regulares e em outras atividades educativas, como requerem determinados conhecimentos a serem desenvolvidos pelo professor, faz que essa situação negue que a Educação Física Escolar possa ser atividade profissional de pessoas sem formação de nível superior. A exigência de tratamento didático da união da teoria com a prática, adquire assim, um posicionamento de cunho classista, que reclama a existência de profissionais de Educação Física de nível universitário. Somente pessoas qualificadas profissionalmente, podem abordar prática e teoricamente, com o devido aprofundamento, temas fisiológicos e sociológicos, que num primeiro momento, se originam da exercitação física dos adolescentes. Isso contribui para o afastamento da ambiência escolar, de pessoas "curiosas" ou ex-atletas, "eminente-mente práticos", mas cujos conhecimentos se atém somente ao aspecto técnico ou desportivo-recreativo.

Assim, se coloca perante os professores a necessidade de tratar pedagogicamente também a teoria da Educação Física Escolar, sem deixar de lado a exercitação física dos alunos. Para o tratamento dialético, polifacético do fenômeno educativo, ele não pode reduzir-se a sua essencialidade mas, da forma mais aprofundada e metódica possível necessita ser tratado na sua totalidade, nas suas contradições, nas suas mais amplas relações. A Educação Física erra, quando só trata da prática da ginástica, dos esportes e da recreação; erra, quando só trata da teoria desses meios educativos; e também erra, quando só liga a teoria à prática sob os aspectos técnicos (biomecânicos) e fisiológicos. A Educação Física somente acerta, quando une aos elementos acima expostos também os

aspectos sociais da exercitação física, destacando a necessidade de participação perene na construção da cidadania, da subjetividade e da sociedade. Pois a teoria somente se realiza com a prática, e como diz Vázquez (1977, p. 206-7):

"A teoria em si - nesse como em qualquer outro caso - não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências..."

Então, na Educação Física Escolar, a teoria não se pode reduzir a meras informações, mas didaticamente necessita ser discutida, aprofundada, e avaliativamente aferida. A teoria da Educação Física Escolar necessita saltar qualitativamente dos conhecimentos para as convicções, para a conscientização, a fim de, juntamente com as habilidades motoras e melhorias no condicionamento físico, propiciar elementos para a prática cultural permanente. Essa prática permanente, do presente concreto, aponta para o futuro ainda como abstração, virtual. No tocante ao caráter de ulterioridade inerente aos processos educativos escolares, volta-se a concordar com Suchodolski (1984, p. 120), quando diz:

"Se queremos educar os jovens de modo a tornarem-se verdadeiros e autênticos artífices de um mundo melhor é necessário ensiná-los a trabalhar para o futuro, a compreender que o futuro é condicionado pelo esforço do nosso trabalho presente."

O cotidiano da Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau e constatada no presente estudo, hegemonizou a prática esportiva-recreativa, e secundariamente, ginástica. Essa prática esteve muito ligada a um valor de cunho pragmático. E, esse pragmatismo tendeu a se nivelar ao senso comum, quase sem teoria ou

com um mínimo dela.

No cotidiano escolar estudado a teoria foi mínima, e entendida como simplificação pedagógica. Essa simplificação pode ser associada aos reducionismos das ações cotidianas tratadas por Heller (1989), onde para se atravessar uma rua, não se faz cálculos matemáticos da velocidade dos veículos, e no cotidiano escolar também não se faziam abordagens aprofundadas sobre os conteúdos desenvolvidos e suas conseqüências sócio-fisiológico-culturais. A utilidade da prática imediata foi o referencial maior para a transmissão das informações, para a "teoria" da Educação Física.

Esta "fuga" do aprofundamento pedagógico e aproximação do utilitarismo cotidiano, na qual a Educação Física Escolar se afasta da Educação Social, e se liga à prática esportiva recreativa, sem reflexões, concorda com o que Vásquez (1977, p. 212) diz:

"... fiel ao ponto de vista do senso comum, do "homem da rua", o pragmatismo reduz o prático ao utilitário, com o que acaba por dissolver o teórico no útil."

Este pragmatismo imediatista em realidade negou a teoria, onde ela foi tratada com desdém, como punição ou como tarefa complementar, utilizada em último caso.

De modo muito similiar ao "analfabeto político brechtiano", o professor de Educação Física pragmático, também estufou o peito e se orgulhou de "ser eminentemente prático". Na sua visão hipertrofiada da prática, esquecendo a teoria, e por não realizar didaticamente a ligação entre esses componentes do fenômeno das aulas de Educação Física Escolar, evidenciou-se a hegemonia unilateral de apenas um dos lados da relação do acontecimento pedagógico. O praticismo esportivo-recreativo, que mesmo na sua fatualidade co-

tidiana sob o prisma do paradigma técnico-fisiológico deixou a desejar, devido ao seu inferior nivelamento da exercitação motora, levou, dentre outros pontos, a um apoliticismo e a uma não orientação para o presente e nem para o futuro dos alunos.

No intuito de buscar satisfazer as necessidades imediatas de prática desportiva-recreativa, essa prática pedagógica acabou por deformar ou esvaziar a consciência política dos alunos. E conforme Vásquez (1977, pp. 12/13):

"A despolitização cria, assim, um imenso vazio nas consciências, vazio que só pode ser útil à classe dominante, que recheia as consciências com atos, preconceitos, hábitos, lugares-comuns e preocupações que, enfim, contribuem fortemente para manter a ordem social vigente. O apoliticismo de grandes setores da sociedade os exclui da participação consciente na solução dos problemas econômicos, políticos e sociais fundamentais e, com isso, fica desembaraçado o caminho para que uma minoria se encarregue dessas tarefas de acordo com seus interesses particulares de grupo ou de classe."

Numa elaboração epistemológica, referente às especificidades da Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, a teoria pode se classificar em dois níveis.

1º Nível teórico superficial.

Nesse nível, a teoria da Educação Física Escolar está ligada ao pragmatismo imediatista. Seu conteúdo tem o caráter de noções não aprofundadas, ou no máximo aprofundadas buscando satisfazer a necessidade da objetividade da técnica gestual-esportiva.

A teoria da Educação Física nesse nível tende a simplificação, aos informes práticos, verbais e utilitários, de cunho técnico-fisiológico. Seus conteúdos só seriam tratados desde que apresentassem utilidade imediata, como no caso para incentivar a prá-

tica esportivo-recreativa.

Além de possuir um caráter de informalidade e assistemática, nesse nível, a teoria se limita ao imediato e centra-se no aluno e em sua exercitação motora momentânea. A teoria aparece, não como um elemento real, componente da totalidade dos fenômenos dos conteúdos das aulas, mas como complementação.

2º Nível teórico dialético-crítico.

Nesse nível, a teoria da Educação Física busca aprofundar os questionamentos e informações que ocorrem e se originam a partir da prática da exercitação física individualmente otimizada e didaticamente desenvolvida escolarmente. Superando o nível inicial, de simples informações, aprofunda os questionamentos, procurando destacar a origem, o desenvolvimento, as relações e as contradições que perpassam os fenômenos e processos da exercitação motora ocorridos nas aulas regulares e noutras atividades de Educação Física Escolar.

Aqui, não são nem o utilitarismo imediato e nem as necessidades momentâneas dos alunos, que orientam os conteúdos teóricos a serem didaticamente tratados. A teoria da Educação Física Escolar Necessária, como foi visto anteriormente, se volta para os esclarecimentos e desenvolvimento das convicções dos carecimentos de exercitação motora permanente de indivíduos concretos vivendo em meio das contradições de sociedade de classes.

Na Educação Física Escolar, no nível teórico dialético-crítico, com referência à exercitação física dos alunos, os conhecimen-

tos são abordados sob a forma de pares categóricos, tais como: prática e teoria, imediato e futuro, juventude-idade adulta e velhice, individual e coletivo, trabalho e tempo livre, necessidade e possibilidade, etc. Necessariamente, ao tratar da exercitação motora dos indivíduos de forma perene, dentro e fora da ambiência escolar, no imediato e no futuro, a teoria da Educação Física Escolar necessariamente questiona as contradições sociedade. Para que esse questionamento seja aprofundado, no plano da individualidade e da coletividade, no tratamento da teoria, a prática pedagógica docente pode, necessariamente, interligar categorias como: trabalho assalariado e capital, e do tempo de exercitação física significativa, pode passar para o uso do tempo livre, e daí fazendo relações com a mais-valia relativa e absoluta. Dos benefícios da exercitação física permanente, e das possibilidades culturais, pode-se tratar das relações de produção e as condições reais de vida das classes assalariadas; e da cooperação/competição inerente a prática esportiva abordar a cooperação coletiva sindical e as lutas de classes, etc.

Destaque-se que o aprofundamento desses conhecimentos se atém, especificamente, à Educação Física Escolar. Assim, tanto o corpo humano como a realidade das possibilidades sócio-culturais requerem ser estudados com referência à exercitação física educativa otimizada. Tanto a Fisiologia, a Biomecânica, a História e a Sociologia, ao serem aprofundadas teoricamente nas aulas regulares de Educação Física Escolar, referem-se, inicialmente, à exercitação física dos alunos. Isto não significa que a teoria da Educação Física Escolar se limite à realidade da cultura física dos escola-

res, pois ela deve, necessária e didaticamente tratar outros elementos ligados à cultura e à sociedade como um todo.

Esses dois níveis teóricos, como todo o conhecimento, também são históricos e expressam possibilidades culturais de certa etapa da cultura. Conforme Engels:

"O pensar teórico de cada época - portanto, também o da nossa - é um produto histórico que, em tempos diversos, toma uma forma muito diversa e, por isso, um conteúdo muito diverso. A ciência do pensar é, portanto, tal como qualquer outra, uma ciência histórica, a ciência do desenvolvimento histórico do pensar humano." (Marx et Engels, 1986, p. 64. vol. III)

De certa forma, o primeiro nível de teoria da Educação Física ocorre há muito tempo na ambiência escolar (vide Pereira, 1984). Já o segundo nível tem a sua possibilidade de existência em nossa realidade apenas após a conquista das liberdades democráticas, após os meados da década de oitenta. Pois, na realidade latino-americana, somente com condições democráticas é possível aprofundar os conhecimentos e questionamentos referentes à exercitação física.

O nível dialético-crítico também é determinado pelo nível de desenvolvimento científico. Para ultrapassar o nível teórico superficial, que se tipifica por informações não aprofundadas, no segundo nível teórico são necessários conhecimentos científicos. Esses conhecimentos dependem do grau de desenvolvimento da ciência e das evoluções na cultura que envolve a exercitação física. Há trinta anos atrás a exercitação aeróbica não possuía a mesma valorização que na atualidade; bem como muitos esportes, como o voleibol, tinham, sob certos aspectos, uma prática diversa da atual, como no caso das possibilidades ofensivas dos jogadores de

defesa.

Além disso, a utilização apropriada da teoria da Educação Física Escolar no nível dialético-crítico só é possível com uma também apropriada metodologia. A redução das aulas à conteúdos gím-nico-desportivo-recreativos, e daí mantendo-se a teoria num nível primário, acrítico, impossibilita que sejam didaticamente tratados conhecimentos como os relativos ao funcionamento corporal em esforço, e sobre as contradições sócio-culturais da sociedade. Para tal, a teoria no nível dialético-crítico requer um espaço significativo no desenvolvimento das aulas regulares de Educação Física Escolar.

Metodologicamente, a Educação Física Escolar Necessária propõe que a cada aula regular haja um espaço para informes e debates, e que o professor elabore textos e os distribua aos alunos, assim como qualquer outro tipo de material que propicie o diálogo e a reflexão. Da mesma forma, para compartilhar seus conhecimentos com os jovens, pode emprestar livros, utilizar a biblioteca escolar, e usar outros recursos, como jornal mural.

Como a teoria da Educação Física compõe os programas e as aulas regulares, o seu aprendizado necessita também ser aferido por meio de avaliações, tal qual a proficiência de habilidades e qualidades físicas.

Essas proposições inferem também a conteúdos teóricos mínimos a serem assimilados pelos alunos no segundo grau. Na Educação Física Escolar Necessária, determina-se que os alunos, ao concluírem o segundo grau, disponham de um determinado nível de proficiência físico-habilidosa e de conhecimentos relativos à exercita-

ção física.

E, sejam quais forem os conteúdos e os níveis de proficiência física e de habilidades motoras que se propõe que os alunos devam dispor no segundo grau, espera-se, imperiosamente, que eles também se apropriem de sólidos conhecimentos relativos às formas de exercitação física que praticaram e em que foram escolarmente avaliados.

Assim, de uma forma muito sintética, considerando que a teoria, no nível dialético-crítico, em primeiro lugar que ela faz parte integrante e fundamental dos fenômenos de exercitação física das aulas regulares de Educação Física Escolar; e em segundo lugar que somente por meio da teoria nessas aulas é possível o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o ser humano em exercício e a sua prática sócio-cultural, pode-se resumir a presente tese nessa proposição: *A partir da exercitação física individualmente otimizada, também a teoria seja desenvolvida didaticamente nas aulas regulares de Educação Física Escolar.*

5.2 FINAL

A começar pelos elementos sobre a realidade da Educação Física Escolar desenvolvida no segundo grau, em quatro escolas, três pertencentes à rede estadual e uma à particular, e em locais destinados a exercitação física em ambiente extra-escolar da zona urbana de uma cidade da região sul do Rio Grande do Sul, no início da década de noventa, obtidos por meio de estudo de cunho etnográfica.

fico, com Observações, Entrevistas, Questionários, e Análises Documentais, e criticados sob a óptica do que se denomina de *Educação Física Escolar Necessária*, a qual se origina da exercitação física otimizada, individual e metodicamente desenvolvida e também, didaticamente, trata da teoria, que compreende o conjunto de professores, alunos e conhecimentos, como componentes dialéticos de uma totalidade social, e que a Educação Física é um elemento de mediação pedagógica, pôde-se concluir que:

- na Educação Física Escolar também se refletiram, de modo muito destacado, tal como nas escolas e noutras disciplinas escolares, problemas de condições sócio-econômicos, que afetaram professores, alunos e a cultura como um todo;
- com as diferenças e semelhanças dos contextos educativos em escolas estaduais e particular, a Educação Física Escolar privilegiou a prática esportiva de cunho recreativo;
- essa hegemonia desportiva ocorreu com especial destaque para o futebol e o voleibol e, secundariamente, também compôs os conteúdos da Educação Física Escolar, a ginástica, o andebol, o basquete e o atletismo;
- decorrente da prática recreativa, ainda que realizada prazerosamente, percebeu-se, na maioria dos casos, uma deficiente estimulação motora, incapaz de satisfazer as necessidades dos adolescentes;
- na cotidianidade da Educação Física Escolar, a prática desportiva-recreativa não deixou espaços para o tratamento didático da teoria da Educação Física;
- devido à orientação docente por paradigmas técnicos-recreativos, e procedimentos metodológicos aproximados da exercitação esportiva

realizada fora da escola, a não abordagem didática cotidiana da teoria, não propiciou aos alunos conhecimentos fisiológicos e sociológicos referentes à Educação Física;

- dentre as limitações pedagógicas do cotidiano escolar, se encontrou a não-preocupação para com o exercício da cidadania, da prática social;

- e esses desconhecimentos depreciaram as aulas de Educação Física Escolar, as quais assim, se caracterizaram por um entendimento e um desenvolvimento simplificado dos processos educativos.

Conclui-se então que, tendo em vista as realidades estudadas, ao ensejarem-se melhorias quantitativas/qualitativas das aulas de Educação Física Escolar, como um momento dos processos contínuos de superação das suas contradições, precisa-se solucionar diversos problemas, que dizem respeito a situações sócio-econômicas objetivas, e a aspectos volitivos, atitudes educativas e práticas docentes. Por uma lado necessitam-se mudanças nas práticas pedagógicas, visando à superação dos equívocos aqui constatados e criticados; e ligadas a essas, incentivo à prática social coletiva, para ajudar-se nas transformações sócio-culturais, contribuindo para que se superem os quadros negativos da realidade, voltando-se para uma formação político-social superior, com melhorias de condições de trabalho, de tempo livre, de cultura, enfim melhores condições de vida, e nas quais se insere a exercitação física.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa: Presença, 1974.
- ANDERSON, B. Alongue-se. São Paulo: Summus, 1983.
- ANDRÉ, M. E. D. A Pesquisa no Cotidiano da Escola e o Repensar da Didática. Educação e Sociedade, São Paulo, nº 27, p. 84-92, set. 1987.
- APPLE, M. W. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ASTRAND, P-O. Saúde e Condição Física. Lisboa: Ministério da Educação e Investigação Científica, 1977.
- ASTRAND, P-O., RODHAL, K. Tratado de Fisiologia do Exercício. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- AURIOL, B. Introdução aos Métodos de Relaxamento. São Paulo: Manole, 1985.
- BARNARD, C., ILMAN, J. A Máquina Humana. Rio de Janeiro: JB, 1982.
- BENTO, J. O Desporto na Escola. Revista da Universidade do Aveiro. Aveiro, v. 6. nº 1 e 2, p. 61-72, 1985.
- BERNSTEIN, B. Classes e Pedagogia: Visível e Invisível. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: nº 49, p. 26-42, 1984.
- BORSARI, J. R. Educação Física, da Pré-escola à Universidade. São Paulo: EDUSP, 1980.
- BRASIL. Constituição de 1937.
- _____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

- ____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Diretrizes e Bases para Ensino de 1º e 2º Graus.
- ____. Lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982. Altera Dispositivos da Lei nº 5.692/71 referentes à Profissionalização do 2º Grau.
- ____. Decreto nº 69.450, de 8 de outubro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024/61 e da alínea "c" do artigo 40 da Lei nº 5.540/68.

BUENACHE, J. V. Culturismo Moderno. Barcelona: Hispano Europea, 1985.

CAMARGO NETTO, F. A Capacidade Muscular Mínima e a Flexibilidade dos Estudantes de Escolas Estaduais de 1º Grau de Porto Alegre Frente aos Testes de Kraus e Weber. Educação Física e Desportos, Porto Alegre, nº 1, p. 16-23, 1982.

CENTRO DOS PROFESSORES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL-CPERS.

CPERS, 1991. Porto Alegre: Amostra Pesquisa e Projetos, 1991.

COOPER, K. H. Saúde Total. Rio de Janeiro: Unilivros, 1979.

____. O Programa Aeróbico para o Bem-estar Total. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

COOPERATIVA HABITACIONAL DO RIO GRANDE DO SUL (COHAB/RS).

Informes, 28.5.1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regras Oficiais de Futebol.

Rio de Janeiro: Palestra, s/d.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. Regras Oficiais de Ginástica Rítmica Desportiva. Rio de Janeiro: Palestra, 1989.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. Regras Oficiais de Handebol.

Rio de Janeiro: Palestra, 1989.

- CURY, C. R. J. Educação e Contradição. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1985.
- DAIUTO, M. Basquetebol. São Paulo: Cia. Brasil, 1974.
- DEVLIN, W. J. Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo: Paulinas, 1974.
- DIEKERT, KREISS, MEUSEL. Ginástica, Esportes, Jogos a Partir dos 8 Anos. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1982.
- DIEM, C. Historia de los Deportes. Barcelona: Luis de Caralt. 1966.
- DOMINGUES, J. L. O Cotidiano da Escola de 1º Grau, o Sonho e a Realidade. São Paulo: Tese de Doutorado em Educação, PUCSP, 1985.
- DURRWACHTER, G. Voleibol, Aprender Jogando. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1984.
- ENGELS, F. Anti-Dühring. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, a.
- _____. Dialética da Natureza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, b.
- ENGUITA, M. F. A Face Oculta da Escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- EZPELETA, J., ROCKWELL, E. Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1986.
- FERNANDES, J. L. Atletismo, Saltos, São Paulo: EDUSP, 1978, a.
- _____. Atletismo, Arremessos. São Paulo: EDUSP, 1978, b.
- _____. Atletismo, Corridas. São Paulo: EDUSP, 1979.
- FRIGOTTO, G. A Produtividade da Escola Improdutiva. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1984.
- FRITZEN, S. J. Jogos Dirigidos, Recreação e Aulas de Educação Física. Petrópolis; Vozes, 1982.

- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativa da População Residente em 01-07-90, segundo os Municípios e a Situação Político-Administrativa Vigente em 15-11-89, com Indicação dos Coeficientes do T. C. U. relativos ao F. P. M. Porto Alegre: FIBGE-DEGE-RS, 1990.
- FURTADO, C. Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1984.
- GAYA, A. A. Treinamento Físico na Adolescência. Educação Física e Desportos. Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do RS, Porto Alegre, nº 4, p. 3-7, 1983.
- GOLDMANN, L. Dialética e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- GUERRA, M. Recreação e Jogos. Porto Alegre: SAGRA, 1973.
- GULLAR, F. Toda Poesia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- HELLER, Á. Teoría de las Necesidades en Marx. Barcelona: Península, 1978.
- _____. Teoria de los Sentimientos. Barcelona: Fontanamara, 1982.
- _____. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOLLMANN, W., HETTINGER, T. Medicina de Esporte. São Paulo: Manole, 1983.
- HÜLLEMANN, D. K. Medicina Esportiva, Clínica e Prática. São Paulo: EDUSP, 1978

- HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- INSTITUTO TÉCNICO DE PESQUISA E ASSESSORIA. Programa Banco de Dados: Boletim Informativo. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, setembro de 1989.
- IUDIN, P.; ROSENTAL, M. Pequeno Dicionário Filosófico. São Paulo: Exposição do Livro, 1959.
- JAGUARIBE, H. et al. Brasil, 2.000 - Para um Novo Pacto Social. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1986.
- KASLER, H. Handbol, del Aprendizage a la Competencia. Buenos Aires: Kapelusz, 1976.
- KIRILUK, V. Los Deportes. Moscou: Novosti, 1981
- KISS, M. A. D. P. Avaliação em Educação Física. São Paulo: Manole, 1987.
- KÓS, TEPLY, VOLRÁB. Ginástica - 1200 Exercícios. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.
- KUNZ, E. O Esporte Enquanto Fator Determinante da Educação Física. Contexto e Educação. Ijuí, nº 15, p. 63-73, jul/set 1989.
- LAPIERRE, A. A Reeducação Física. São Paulo: Manole, 1982.
- LUSCHEN, G., WEIS, K. Sociologia del Deporte. Valladolid: Miñon, 1979.
- LUKÁCS, G. História e Consciência de Classe. Porto: Escorpião, 1974.
- _____. Existencialismo ou Marxismo. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MACHADO, N. V. Educação Física e Recreação para o Pré-Escolar. Porto Alegre: PRODIL, 1986.
- MAKARENKO, A. Banderas en las Torres. Moscou: Progreso, 1976.

- _____. Conferências sobre a Educação Infantil. São Paulo: Moraes, 1981.
- MARCONDES, E. et al. Crescimento e Desenvolvimento Pubertário em Crianças e Adolescentes Brasileiros. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1982.
- MARINHO, I. P. História Geral da Educação Física. São Paulo: Cia. Brasil, 1980.
- MARINKO, J. L., SHTRAKS, G. M. Metodologia do Ensino das Ciências Sociais. Moscou: Progresso, 1984.
- MARTINI, K. O Andebol, Técnica, Tática, Metodologia. Lisboa: Europa-América, 1984.
- MATHEWS, D. K. Medidas e Avaliação em Educação Física. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- MARX, K. O Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos. São Paulo: Abril, 1978.
- MARX, K., ENGELS, F. Obras Escolhidas. Lisboa: Avante, 1986.
- MCARDLE, W. D., KATCH, F. S., KATCH, V. I. Fisiologia do Exercício. Rio de Janeiro: Interamericana, 1985.
- MEDEIROS, E. B. Jogos para Recreação Infantil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- MEIER, A. Sociologia de la Educacion. Habana: Ciencias Sociales, 1984.
- MELLO, P. R. B., ANTUNES, G. L. Esta é a Educação Física que Queremos? Anais do 12º SIMPÓSIO NACIONAL DE GINÁSTICA, ESEF/UFPEL. Pelotas, 1991.

- MEUSEL, H. Jogos de Corrida, de Luta e de Bola. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- MEZHUIÉV, V. La Cultura y la Historia. Moscou: Progreso, 1980.
- MITRA, G., MOGOS, A. O Desenvolvimento das Qualidades Motoras no Jovem Atleta. Lisboa: Horizonte, 1982.
- MOSQUERA, J. J. M. Adolescência e Provação. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- _____. Os Novos Papéis dos Professores de Educação Física. Educação Física e Desportos. Porto Alegre: n° 2, p. 19-24, 1982.
- MOSQUERA J. J. M., STOBAS, C. Educação para a Saúde: Desafio para Sociedades em Mudança. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1984.
- MOSSTON, M. La Enseña de la Educación Física; del Comando al Descubrimiento. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- MUNARO, C. Estudo Descritivo do Perfil Profissional do Professor de Educação Física para o Ensino de I e II Graus. Santa Maria: Dissertação de Mestrado em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, 1984.
- OLIVEIRA, A. A. B. Análise Crítica do Currículo das Disciplinas Práticas do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Santa Maria: Dissertação de Mestrado em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, 1988.
- OSIPOV, G. (Org.) Libro de Trabajo del Sociólogo. Moscou: Progreso, 1988.
- PEREIRA, F. M.. A Prática de Esporte em Cidade de Porte Médio. Pelotas: 1979. (material xerografado).

- ____. Educação Física, uma Prática Permanente. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, nº 53, p. 18-21, 1984.
- ____. A Ginástica Intervalada como Atividade Física Utilitária. Santa Maria: Dissertação de Mestrado em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, 1987.
- ____. A Opinião dos Educandos no Planjamento da Educação Física Escolar. Anais do 9º SIMPÓSIO NACIONAL DE GINÁSTICA, ESEF/UFPEL. Pelotas, 1988 a.
- ____. Dialética da Cultura Física, Introdução à Crítica da Educação Física, do Esporte e da Recreação. São Paulo: Ícone. 1988 b.
- ____. Concepção Dialética de Esporte Escolar. Motrivivência, Aracajú, Universidade Federal de Sergipe. nº 2, p. 55-66, 1989.
- ____. Educação Física Escolar no 2º Grau, Conteúdos e Contradições. Pelotas: 1991. (material xerografado).
- PEREIRA, F. M. et al. A Prática da Educação Física nas Escolas Técnicas Federais. Subsídios para o Seminário Nacional de Professores de Educação Física do 2º Grau. Pelotas: Escola Técnica Federal de Pelotas, 1983, (material xerografado).
- PINI, M. C. Fisiologia Esportiva. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1978.
- PINI, M. C., BARBANTI, W. J. Guia para Aulas de Educação Física. São Paulo: MEC, 1971.
- PISTRAK. Fundamentos da Escola do Trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- PUCCI, B., SGUISSARDI, V. A Qualidade do Ensino para os Alunos Trabalhadores. Em Aberto, Brasília, nº 44, p. 9-22, 1989.
- RAZO, L. Caderno Técnico - Handebol. São Paulo: Abril/MEC, 1973.
- RIGATTO, M. Longevidade e atividade física. Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ano 10, p. 35-40, 1966.
- _____. Os Seis Corações do Homem. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. nº 43, p. 149-160, 1984.
- RIO GRANDE DO SUL. Estatísticas Educacionais 1990 - Educação Pré-Escolar, Ensino Regular de 1º e 2º Graus. Porto Alegre: Secretaria de Educação, 1992.
- SAUER, E. Ginástica Rítmica Escolar. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1991.
- SAVIANI, D. Educação, do Senso Comum à Consciência Filosófica. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1980.
- _____. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1986.
- SARUP, M. Marxismo e Educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- SCHAFF, A. et al. O Futuro da Classe Operária. Voz da Unidade, São Paulo: nº 505, 1990.
- SEARS, R.R., FELDMAN, S.S. As Sete Idades do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SILVA, T. T. Distribuição de Conhecimento Escolar e Reprodução Social. Educação e Realidade. Porto Alegre: v. 1, nº 13, p. 3-16, 1988.

- SOUZA FILHO, J. L. Educação Física de 5ª a 8ª Série: Uma Análise Crítica da Prática em Escolas de Porto Alegre. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.
- SNYDERS, G. Para Onde Vão as Pedagogias Não-diretivas?. Lisboa: Moraes, 1978.
- _____. Escola, Classe e Luta de Classes. Lisboa: Moraes. 1981.
- SUCHODOLSKI, B. La Educación Humana del Hombre. Barcelona: Laia, 1977.
- _____. A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas. Lisboa: Horizonte, 1984.
- SUDAKOV, V. El Vale Deportivo. El Deporte en la URSS. Moscu: n° 284, p. 4-9, 1986.
- SUVOROV, Y. P., GRISHIN, O. N. Voleibol, Iniciação. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- TEIXEIRA, H. V., PINI, M. C. Aulas de Educação Física, 1ª Grau. São Paulo: IBRASA/MEC, 1978.
- THIOLLENT, M. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo: Polis. 1982.
- TUBINO, M. J. G. Metodologia Científica do Treinamento Esportivo. São Paulo: IBRASA, 1979.
- VÁSQUEZ, A. S. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1977.
- VIEIRA PINTO, A. Setes Lições sobre a Educação de Adultos. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1982.

WEIMAR, Antônio Carlos B. Atividades Físico-Desportivas de Trabalhadores. Pelotas: Monografia de Especialização em Ginástica Escolar da Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 1990.

WEINECK, J. Manual de Treinamento Esportivo. São Paulo: Manole, 1986.

WINTERSTEIN, P. J. O Desempenho do Professor de Educação Física Avaliado por Alunos da 1ª Série do 2º Grau - Um Estudo Comparativo entre Escolas Particulares e Estaduais da Cidade de Campinas. São Paulo: Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação Física, 1987.

7 ANEXOS

7.1 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

- 1) Data: _____.
- 2) Sexo: _____.
- 3) Idade: _____.
- 4) Estado Civil: _____.
- 5) Formação profissional: _____.
- 6) Pós-Graduação: _____.
- 7) Tempo de magistério: _____.
- 8) Tempo de magistério na atual escola: _____.
- 9) Outro emprego: _____.
- 10) Quais foram os conteúdos de suas aulas de Educação Física neste ano? _____.
- 11) Quais foram seus objetivos nessas aulas? _____.
- 12) Como foram as avaliações em Educação Física? _____.
- 13) Como foi tratada a teoria da Educação Física? _____.
- 14) Qual foi a literatura que você usou nas aulas de Educação Física? _____.
- 15) Quais foram as atividades extraclasse que você desenvolveu neste ano? _____.
- 16) Como foi feito o planejamento da Educação Física neste ano? _____.
- 17) Quais são as facilidades que você encontrou para desenvolver suas aulas de Educação Física? _____.
- 18) Quais são as dificuldades que você encontrou para desenvolver suas aulas de Educação Física? _____.
- 19) Como são suas relações com a direção e outros setores da escola? _____.

7.2 ENTREVISTA COM OS ALUNOS

- 1) O que você considerou como condicionante da Educação Física na atualidade? _____
- 2) O exercício físico é necessário na sua vida? _____
- 3) Você está satisfeito com a sua condição física, com seu corpo? _____
- 4) Você conhece o seu nível de condicionamento físico? _____
- 4.1) Quantas repetições de abdominais, com as mãos cruzadas na nuca, joelhos fletidos e com um colega segurando seus pés no solo, você é capaz de fazer em um minuto? _____
- 4.2) Quantas repetições de flexão e extensão dos cotovelos, com as mãos apoiadas no solo ("apoios"), você consegue fazer? _____
- 4.3) Qual a sua frequência cardíaca máxima? _____
- 4.4) Qual a distância que consegue percorrer num teste de 12 minutos ("Teste de Cooper")? _____
- 4.4) Quanto a sua flexibilidade, você toca com a ponta dos dedos da mãos no solo, frente aos pés, mantendo os joelhos retos? _____
- 5) As aulas de Educação Física influenciam na sua vida fora da escola? _____
- 6) O que você praticou nas aulas de Educação Física nesse ano? _____
- 7) Esse você participou de competições esportivas aqui na escola? _____
- 8) Nesse ano, como foram as avaliações em Educação Física? _____
- 9) Você conhece os objetivos das aulas de Educação Física? _____
- 10) O que a professora ensinou de teoria nas aulas de Educação Física nesse ano? _____
- 11) Sobre quais assuntos a professora falou nas aulas de Educação Física? _____
- 12) A professora de Educação Física emprestou livros para vocês? _____
- 13) O que você gostou e o que não gostou nas aulas de Educação Física? _____
- 14) Qual é o seu entendimento sobre política? _____
- 15) A professora falou de política nas aulas de Educação Física? _____
- 16) Você se interessa por política? _____
- 17) Qual a relação que existe entre política e Educação Física? _____
- 18) Quais são seus planos para o futuro? _____

7.3 QUESTIONÁRIO

- 1) Data _____.
- 2) Turma _____.
- 3) Idade _____ anos.
- 4) Sexo _____.
- 5) Profissão do pai _____.
- 6) Profissão da mãe _____.
- 7) Bairro onde mora _____.
- 8) Distância da casa até a escola _____.
- 9) Meio de deslocamento casa-escola _____.
- 10) Fuma _____.
- 11) Ingestão de bebidas alcoólicas _____.
- 12) Trabalho _____.
- 13) Assunto de interesse em livros, jornais ou revistas _____.
- 14) Você frequenta clube ou instituição onde haja prática de exercícios físicos? _____.
- 15) Onde você reside há espaço para realizar exercícios físicos? _____.
- 16) Descreva as suas atuais atividades costumeiras no tempo livre diário _____.
- 17) Descreva suas atuais atividades costumeiras aos sábados _____.
- 18) Descreva suas atuais atividades costumeiras aos domingos _____.
- 19) Descreva suas atuais atividades costumeiras nos feriados _____.
- 20) Descreva suas atividades nas últimas férias _____.
- 21) Na Educação Física desta escola, de que você gosta _____.
- 22) Na Educação Física desta escola, de que você não gosta _____.

7.4 ENTREVISTA EM CLUBES SOCIAIS E ACADEMIAS

1. Data _____.
2. Instituição _____.
3. Localização _____.
4. Tempo de atividade _____.
5. Descrição da instalações _____

_____.
6. Atividade principal. _____.
7. Horário de funcionamento _____.
8. Número de profissionais que trabalham na instituição _____
_____.
9. Número e faixa etária dos frequentadores _____
_____.
10. Preço e condições para frequentar as instalações _____
_____.
11. Informes sobre outras instituições similares da cidade _____
_____.

7.5 O COTIDIANO CONSTATADO

1. Estudo Piloto

Com o objetivo de consolidar uma metodologia de Observações e Registros das regularidades em relação à aulas de Educação Física Escolar, em 26 e 27 de agosto de 1991, procedeu-se a um "estudo piloto".

Esse estudo consistiu em Observações e Registros de aulas de Educação Física, desenvolvido numa escola técnica de segundo grau, pertencente à rede federal de ensino.

Após a concordância dos professores de Educação Física dessa escola, foram observadas sete aulas regulares, escolhidas aleatoriamente. Os professores observados foram três homens, e três mulheres, sendo que houve quatro aulas com turmas masculinas e três aulas com turmas femininas.

Os conteúdos das aulas observadas foram duas com ginástica, duas com voleibol, uma com basquete, uma com futebol de sete elementos e outra com natação.

Ambas as aulas com ginástica se desenvolveram utilizando a pista de atletismo, com percurso de 270 metros. Uma não utilizou implementos, outra usou colchonetes para a realização de exercícios analíticos para a região abdominal. Em ambas objetivou-se o desenvolvimento de resistência aeróbica e resistência muscular localizada.

Uma aula com voleibol aconteceu no ginásio coberto, e a outra numa quadra ao ar livre, com piso cimentado. Uma visou o aprendizado e treinamento de fundamentos do esporte, outra teve como objetivo a prática de cunho recreativo.

A aula com basquetebol, que ocorreu numa quadra cimentada, compreendeu aprendizado e fixação de fundamentos seguidos de jogo. A aula com futebol, que se desenvolveu na quadra ensaibrada, foi enfaticamente de prática recreativa. Durante a aula com natação, que se realizou na piscina térmica da escola, as alunas que já nadavam, se exercitaram com percursos de nado acompanhando as raias da piscina; e as alunas que apresentavam deficiência realizaram exercícios de habilidades aquáticas e de fundamentos do nado "crawl".

Constatou-se que as principais regularidades, observadas e registadas nessas aulas, foram atinentes à técnica gestual, às habilidades desportivas; à melhoria do condicionamento físico; e à recreação dos alunos.

Os alunos, exceto nas atividades recreativas, executaram os exercícios a partir de diretivas dos professores. Na relação interpessoal professor-alunos, houve um misto de respeito e afetuosidade, com tratamento informal.

Apenas numa aula não houve a chamada formal dos alunos e, em todas as aulas antes de se iniciar a parte principal, houve uma parte preparatória, "aquecimento", com exercícios ginásticos, com flexões e alongamentos, ou execução de alguns fundamentos do esporte a ser praticado, voleibol ou basquetebol.

As turmas de alunos foram divididas quanto ao gênero. Todos

os alunos participantes das aulas trajaram camisetas, calções, calças de abrigo, meias e tênis de cores variadas. Na piscina as garotas portaram biquínis e maiôs diversos. O número médio de alunos em cada aula foi de quinze. A duração média das atividades dos alunos foi de 25 minutos, cronometrados desde o final da chamada até o sinal do professor encerrando a exercitação física. O período legal de cada aula foi de 45 minutos, mas nesse tempo, os alunos necessitaram sair da sua sala de aula, chegar até a área de Educação Física, trocar de roupa, calção, camiseta, tênis, participar da aula propriamente dita, retrocar a vestimenta, e chegar na sala da próxima aula antes do devido o sinal. Por isso, o tempo de exercitação física dos alunos, ficou reduzido a quase a metade.

A partir desse estudo piloto, o autor constatou a necessidade de, durante as Observações, os Registros e as Cronometragens, se posicionar de forma a ouvir os diálogos entre o professor e os alunos, sem chamar a atenção do grupo, bem como de utilizar figuras e abreviações nos citados Registros.

2. A Escola "A"

A partir de informações sobre as escolas públicas pertencentes à rede estadual de ensino existentes na cidade, obtidas junto à Delegacia de Educação, foi escolhida para coletar a maior parte dos dados sobre a Educação Física desenvolvida no segundo grau, uma escola situada numa zona urbana periférica, no bairro aqui denominado de bairro "T".

No dia 30 de agosto de 1991 o autor do estudo colheu as assinaturas de autorização para se realizarem as observações de aulas nessa escola. As assinaturas foram da vice-diretora e de três professores de Educação Física, inclusive da professora que lecionou para as turmas do segundo grau. Dentre outros termos, desse documento pode-se transcrever:

"Autorização

Nós, da direção e professores de Educação Física da Escola Estadual de 1º e 2º Graus (...), autorizamos o professor Flávio Medeiros Pereira, a realizar observações de aulas de Educação Física neste estabelecimento, durante o segundo semestre letivo de 1991.

As observações de aulas não interferirão no desenvolvimento normal das mesmas..."

A seguir tinha-se a data já citada e as quatro assinaturas.

A escola "A" foi criada em 1974, mas em 1986 mudou-se para as atuais instalações. Ela ocupava todo um quarteirão, sendo cercada, numa pequena parte da entrada por muro e, na maior parte por cerca de tela de arame. O prédio da administração escolar, com secretaria, direção e sala dos professores, bem como outros dois outros, com salas de aulas para o primeiro e segundo graus, tinham dois pavimentos. Com um só piso havia três prédios: um do refeitório, cozinha e cantina; um da biblioteca e de uma ampla sala de aula; e um terceiro com duas aulas para o pré-primário. Havia, ainda a casa da servente que se situava próxima às dependências do pré-primário. Uma ampla área coberta ligava os prédios com as salas de aulas para primeiro e segundo graus e o refeitório.

Na referida escola as salas de aula eram relativamente amplas, com boa ventilação e claridade. Os corredores eram limpos, bem como os sanitários eram asseados e exalavam odor de desinfetantes.

O portão de entrada da escola "A", durante o período do recreio foi fechado com corrente e cadeado, somente foi aberto por servidora da escola, quando da saída eventual de algum aluno.

Especificamente para a Educação Física, essa escola dispôs da área coberta (AC), com 8,80 metros de largura por 28 metros de comprimento e cerca de pouco mais de 4 metros de altura, e em cujas colunas e numa parede, foram fixadas três cestas de basquetebol. Ainda na área coberta, de modo transversal, em duas de suas colunas, foi possível se fixar rede de voleibol. Ao "ar livre", contou-se ainda com duas quadras de voleibol (Q1 e Q2), ensaiadas, sem demarcações e constituídas de três postes de concreto nos quais se a marravam redes; uma quadra para futebol de salão e andebol, com 16 metros de largura por 28 metros de comprimento, cimentada, com iluminação e com goleiras de metal (QC); uma outra tosca e irregular quadra de voleibol, com piso de terra e grama; uma improvisada caixa de salto em distância e altura (quase um "buraco" na grama do pátio preenchido com areia grossa) e uma área para arremesso de peso e disco, feita de tijolos rejuntados e não rebocados. As quadras esportivas e instalações de atletismo localizavam-se no pátio da escola de forma que os prédios, área coberta, refeitório, biblioteca, salas para o pré-primário e casa da servente, as cercaram por três lados, ficando um lado "livre" voltado para a cerca de tela.

Próximo à biblioteca, situou-se uma ampla sala de aula, quadrada, com cerca de 7 x 8 metros, que quase nunca foi usada pelos professores. Uma professora de Educação Física, do primeiro grau, relatou ao autor que, anteriormente, já utilizara essa sala para

desenvolver aulas de Educação Física, mas, devido a problemas quanto à limpeza da mesma, ela a deixou de utilizar. A referida sala, nem no inverno foi usada para aulas de Educação Física, e mesmo nos dias de mau tempo, permaneceu fechada.

Na biblioteca da escola "A" havia dezesseis volumes de livros referentes à Educação Física. Existiam dois exemplares do "Guia para aulas de Educação Física", de Pini et Barbanti (1971) e de "Jogos Dirigidos, Recreação e Aulas de Educação Física", de Fritzen (1982). Com um exemplar havia: "Jogos para Recreação Infantil", de Medeiros (1961), somente o segundo volume; "Caderno Técnico - Handebol", sob a forma de instrução programada, de Razo (1973); "Aulas de Educação Física - 1º Grau", de Teixeira et Pini (1978) e "Ginástica, Esporte e Jogos a Partir dos 8 Anos", de Diekert, Kreiss et Meusel (1982). Com data de catalogação pela biblioteca da escola "A" de agosto de 1991, encontrou-se: "Ginástica - 1200 Exercícios", de Kós, Teply et Volráb (1979); "Jogos de Corrida, de Luta e de Bola", de Meusel (1983); "Educação Física e Recreação para o Pré-Escolar", de Machado (1986); "Regras Oficiais de Handebol", da Confederação Brasileira de Handebol (1989); "Regras Oficiais de Ginástica Rítmica Desportiva", da Confederação Brasileira de Ginástica, 1989; "Voleibol, Iniciação", de Suvorov et Grishin, (1990); "Ginástica Rítmica Escolar", de Sauer (1991) e "Regras Oficiais de Futebol" da Confederação Brasileira de Futebol, sem data de publicação.

A professora anteriormente citada, contou que também promovera aulas de ginástica para mulheres moradoras do bairro "T", em período após cessadas as aulas no turno da tarde. Também por moti-

vos administrativos, não mais isso aconteceu.

Durante as aulas, os professores utilizaram várias bolas, até três para aulas de basquete, e mesmo cinco ou mais bolas para esportes como andebol. Havia também dardos, discos e pesos para o atletismo, redes para futebol de salão e andebol, e para voleibol. Foi obtida a informação de que esse material, principalmente bolas e redes, fora comprado com verbas oriundas da Secretaria Estadual de Educação e também decorrentes de promoções da escola.

Nos períodos de recreio, como forma de ocupar o tempo, os escolares adolescentes, permaneceram conversando, sobre assuntos como televisão (*videoclips* e *shows*) futebol, música e, mesmo namorando. Mas, principalmente os rapazes, havendo oportunidade e implementos, trocaram passes de voleibol e futebol. Mesmo que tenha sido mais comum para os alunos do primeiro grau, houve alunos do segundo grau que, durante o recreio, brincaram de lutas, simulando principalmente chutes de caratê.

Acima do local da cantina, por onde foi feito o atendimento aos alunos, havia um espaço que servia de "jornal mural". Nesse local, eram afixados cartazes do sindicato dos professores (CPERS) divulgando assembléias, informes sobre vestibulares, bem como divulgação de bingos promovidos pela escola, dentre outros. Como um exemplo da precária situação econômica vivida pelos professores estaduais, nesse painel também encontrou-se um cartaz de uma professora que oferecia seus préstimos em confecção de lembranças para festas de aniversários. Era mais uma forma de trabalho a fim de obter um pouco mais de ganhos financeiros.

Durante o período de Observações, na cantina da escola, fo-

ram vendidos refrigerantes, doces, balas, e salgadinhos tipo Chips. Porém, não houve nem leite, nem frutas para vender.

Nessa mesma época, na escola "A" desenrolou-se o processo de eleição direta para diretor, o mesmo que ocorreu noutras instituições da rede estadual de ensino, porém, por decisão do governador do Estado do Rio Grande do Sul, esse processo foi sustado. Somado ao descontentamento geral dos professores por motivos salariais, esse fato contribuiu para acirrar ainda mais os ânimos contra o governo estadual. Numa eleição simulada, o professor de Educação Física, que tratava de turmas do primeiro grau, ainda que sua carga horária fosse somente de vinte horas, e "sem fazer propaganda eleitoral", ficou classificado em terceiro lugar.

2.1 A Professora de Educação Física

Na escola "A" trabalharam cerca de cem professores, sendo quatro de Educação Física. Desses havia uma professora para as turmas de pré-primário; uma outra para as turmas de quinta e sexta séries; um professor para as sétimas séries; e mais uma professora para turmas de quintas e oitavas séries do primeiro grau e todas as três séries do segundo grau.

Tal como noutras realidades vivenciadas e conhecidas, os professores de Educação Física da escola "A" apresentaram diferenças quanto ao tratamento com os alunos, entre si, bem como quanto ao desenvolvimento de suas aulas.

Das mudanças que ocorreram na Educação Física Escolar da es-

cola "A", uma foi detectada a partir de depoimentos de professores e de alunos. Um mudança sentida pelos alunos, foi da aposentadoria de um professor, que aconteceu no início do ano letivo. Um aluno assim relatou:

"O professor "G" (inicial do primeiro nome) só dava futebol. Era só futebol para os alunos e quase nada para as gurias. Quem jogava no time da escola só tirava 10. Quem não jogava também não rodava, mas não tirava 10.

A equipe da escola era só "panela". Desde que ele saiu acabaram as "penelinhas..."

De modo geral os professores de Educação Física, ainda que informalmente, conheciam seus alunos. Sabiam em que bairro moravam, e também de algumas de suas dificuldades, principalmente no tocante aos alunos das séries iniciais do primeiro grau, pois, alguns foram ajudados por professores de Educação Física, que conseguiram agasalhos esportivos e tênis já usados.

Tendo como base principalmente o critério de participação ativa dos alunos nas aulas, os professores de Educação Física da escola "A", inclusive a professora "M", consideraram que as turmas um (71, 81, 1ª "A") foram as melhores da instituição.

O professor de Educação Física da escola "A" informou que, decorrente de sua situação trabalhista, contrato de vinte horas de trabalho semanais, em outubro de 1991 percebera como salário a importância de cr\$ 42.000,00, cerca de um salário mínimo. Considerando que o dólar norte-americano foi cotado a cr\$ 750,00, ele percebeu US\$ 56 nesse mês.

A professora, aqui denominada de professora "M", por lecionar Educação Física para todas as turmas do segundo grau, foi observada durante todos os dois últimos bimestres de 1991, isto é,

por todo um semestre letivo.

Ela trabalhou durante as aulas sempre com vestimenta considerada como apropriada para Educação Física (agasalho esportivo), sendo que, nos dias com muito calor, sol forte, usou óculos escuros e boné, arregaçou as mangas da camiseta até os ombros e a calça do abrigo até logo abaixo do joelho. Era uma mulher de pele e cabelos claros, com estatura média e, visualmente não revelava adiposidades.

No dia 27 de novembro de 1991 foi realizada a entrevista com essa professora. A partir dessa entrevista, soube-se que a professora "M", tinha 30 anos de idade, era solteira, formou-se, com licenciatura plena em Educação Física numa faculdade pertencente à Universidade Federal, no ano de 1982. cursara especialização, ao nível de pós-graduação, em Ginástica Escolar, no ano de 1983, e em Treinamento Físico, em 1984. Trabalhava com Educação Física no magistério desde 1984, seu regime de trabalho era de quarenta horas semanais, no plano de carreira do magistério estadual se situava no nível "seis", e lecionava na escola "A" desde 1989. Dados obtidos junto ao núcleo do CPERS-Sindicato, informaram que um professor estadual que situado na classe "A", e contando com 3 triênios, em outubro de 1991 perceberia um salário em torno de cr\$ 213.200,00. Essa professora possuía ainda outro emprego, como professora de Educação Física no magistério municipal de uma cidade próxima.

Na escola "A", a professora "M" trabalhou com aulas regulares de Educação Física pelas manhãs, nas segundas, quartas, sextas e sábados, com turmas de oitavas séries e de segundo grau. Algumas segundas-feiras pela parte da tarde orientou treinamentos de atle-

tismo para equipe da escola, e nas quartas e sextas-feiras no turno da tarde teve aulas com as quintas séries.

Sobre os conteúdos de suas aulas, desenvolvidas no decorrer do ano de 1991, no segundo grau (e também no primeiro grau), informou que trabalhara com atletismo, ao longo do primeiro, segundo e terceiro bimestres. No segundo bimestre, também trabalhou futebol de salão e voleibol. No atletismo desenvolveu corridas de velocidade e resistência; saltos em distância, triplo e altura; e arremessos de peso e disco. No terceiro bimestre, também trabalhou andebol. De modo geral, em cada semana houve uma aula de ginástica; uma aula de esporte, com tratamento técnico dos fundamentos, e uma aula de recreação, geralmente futebol de salão e voleibol. Esse dia de recreação foi denominado de "dia livre", que variava conforme a disponibilidade de local e material.

Ela relatou também que não realizou testes biométricos, pois além de não haver balança, também não via utilidade prática nos seus dados.

Quanto aos motivos que a levaram a trabalhar esses conteúdos, declarou que já eram de costume da escola; sendo comum à outras escolas; e que ela particularmente gostava do atletismo, pois havia sido atleta no passado.

Sobre os objetivos dessas aulas, a professora "M" respondeu: "Momentos de recreação, um trabalho orgânico por série, tudo junto, que tenham conhecimento e gosto, e prática de atividades físicas."

Sobre as avaliações em Educação Física a professora "M" comentou: "Acho superdifícil avaliar. Dou nota para não ficar compa-

rativo... Sei que os alunos têm direito a ter faltas, pra que castigar."

Ainda sobre as avaliações, seus alunos foram submetidos a testes físicos apenas no primeiro e segundo bimestre, com os seguintes exercícios:

- Abdominal em trinta segundos, em decúbito dorsal, joelhos fletidos e fixos no solo com a ajuda de um colega, e mãos cruzadas nos ombros, o sujeito senta-se até o tronco estar na vertical e volta a deitar;
- Exercício em apoio, "masculino" e "feminino" (no apoio "masculino" o sujeito, com o tronco ereto, apoia-se no solo apenas com as palmas das mãos e a ponta dos pés, e flete e estende os cotovelos; no "feminino", o sujeito age como no anterior, mas mantém os joelhos apoiados no solo);
- "Teste de Cooper", andar-correr ao redor da quadra cimentada, com o sujeito buscando percorrer a maior distância possível em 12 minutos.

Para fins de nota, não considerou totalmente os resultados dos alunos nesses testes, pois alguns não haviam sido corretamente executados. "Para uma aula de Educação Física isso não cabe, serve só para eles mesmos se avaliarem", disse a professora "M", informando, ainda, que esses testes foram "esquecidos", pois não mais se voltou a eles. Assim, não realizou os pós-testes físicos.

O que se considera como teoria da Educação Física Escolar nem constou do programa. A professora "M" apenas tratou de regras esportivas, seguindo os conteúdos. Ocasionalmente levou os alunos para a sala de aula para abordar a teoria. Assim, a teoria da Edu-

cação Física Escolar resumiu-se a regras esportivas.

Na literatura utilizada como fundamentação de suas aulas, ela utilizou os livros de regras desportivas; no andebol usou o livro de Martini(1984); no atletismo os de Fernandes(1978/9); e também usou polígrafos diversos do período em que cursou a Faculdade de Educação Física.

A professora "M" trabalhou com os alunos do segundo grau, em conjunto com alunos do primeiro grau, no ano de 1991, com treinos de atletismo, que ocorreram nas segundas-feiras pela parte da tarde. Essa equipe representativa da escola "A" participou dos Jogos Escolares Gaúchos. A professora "M" informou que em 1991, por decisão da Secretaria Estadual de Educação, não se realizaram as finais desses jogos, o que frustrou os alunos e professores que treinaram durante todo o ano.

Com equipes de voleibol, seus alunos representaram a escola nos Jogos da Primavera. Junto com outra professora de Educação Física, organizou, ajudou na arbitragem e na premiação de eventos, competições internas e jogos comemorativos do aniversário da escola, nos quais os alunos do primeiro e do segundo grau participaram no atletismo, futebol de salão e voleibol de duplas.

Quanto ao planejamento da Educação Física Escolar, a professora "M" confessou: "É individual, este ano a secretaria não me pediu nada...". Mas a professora de Educação Física que lecionou para o primeiro grau, passou, para o autor, uma lista de conteúdos, comum aos professores de primeiro e de segundo graus, os quais deveriam ser trabalhados escolarmente durante o ano de 1991.

A existência de várias bolas esportivas, e o espaço físico

existente foram considerados como facilidades que a escola "A" propiciava para o desenvolvimento das aulas de Educação Física. E deficiências materiais, como a inexistência de aparelho de som, de sala específica de Educação Física, e de outros implementos, foram consideradas pela professora "M", como dificuldades para o bom desenvolvimento da Educação Física. Os materiais e implementos de atletismo, utilizados em aulas e em treinamentos, como peso, dardo, trena, etc, pertenciam à própria professora. Ainda sobre dificuldades, a professora "M" disse: "Acho que a gente é um pouco acomodada, poderia se fazer um cronograma para os alunos usarem a quadra iluminada à noite, ou para outras atividades extraclasse". Aqui por perto não tem lugar para praticar esporte... "

2.2 Os Alunos do Segundo Grau

Na escola "A" estudaram cerca de 1300 alunos, sendo 300 foram alunos do Curso Supletivo, que desenvolvido durante a noite, e que, acompanhando dispositivos legais, não teve aulas de Educação Física. Os demais alunos estudaram pela manhã, da sétima até a oitava série do primeiro grau e todo o segundo grau; pela tarde estudaram os do pré-primário e os das quintas e sextas séries.

Fora as turmas de pré-primário e de primeira até a quarta série, houve cinco turmas de quintas séries, quatro de sextas séries, três de sétimas, três de oitavas, duas turmas de primeiro ano do segundo grau e mais uma turma de segundo ano, e outra de terceiro ano do segundo grau.

As observações constantes, desde setembro de 1991 até janeiro de 1992, revelaram que os escolares, particularmente os do segundo grau, para freqüentarem a escola "A", de certa forma costumaram se vestir "uniformizadamente". Nos pés, para ambos os sexos, foi usual o calçado tipo tênis branco ou colorido, ou botinas de cor marrom ou preta. Os rapazes costumaram trajar regularmente calças jeans, ou calças de abrigo, geralmente de moleton. As garotas quando não com jeans ou moletens, também usaram calças tipo fuseau. No tronco foi comum entre os rapazes e as moças o uso de camisetas de malhas brancas ou coloridas, com ou sem desenhos, e com ou sem escritos, estes, geralmente, em inglês, e também moletens para combinar com as calças de abrigos esportivos. Nos dias mais frios, trajaram jaquetas "jeans" ou de nylon e blusões de malha de lã.

Para obter dados que propiciassem um conhecimento mais aprofundado dos alunos, de 25 a 29 de novembro de 1991, foi aplicado um Questionário a todas as turmas do segundo grau. Esse Questionário foi respondido por 40 alunos. A ele responderam todos os alunos que estavam em sala de aula nos dias de aplicação do mesmo. Responderam quase todos os alunos do primeiro ano, nas turmas "A" e "B", dezesseis e quinze alunos, e todos os alunos do segundo e do terceiro anos, quatro e cinco alunos respectivamente.

Com base nas informações desse Questionário, soube-se que esses alunos tinham uma média de idade de 17 anos, sendo a idade mínima de 14 anos e a máxima de 22 anos.

Quase na sua totalidade esses alunos procederam de famílias de trabalhadores assalariados de baixa renda (inferida a partir da

ocupação profissional de seus pais). As ocupações mais comuns dos pais dos alunos foram: aposentados, industriários, metalúrgicos, mecânicos, motoristas de caminhão, investigadores policiais e secretários. De todos os pais de alunos, houve apenas um que era empresário (não se sabe de que tipo), um que era advogado e um empreiteiro de obras. Houve ainda pais que eram eletricitista, pedreiro, bancário, pintor, serralheiro, funcionário público, motorista, bombeiro, dentre outros de ocupações assalariadas.

A grande maioria das mães dos alunos, trabalharam com afazeres domésticos, eram "donas de casa". Encontrou-se apenas duas professoras e uma psicóloga. Dentre outras profissões das mães dos alunos do segundo grau houveram: servente (escolar ?), municipalista, auxiliar de enfermagem, funcionária pública.

Quase a totalidade dos alunos reside no bairro "T", onde se localizava a escola "A", sendo que os demais alunos ou moraram no bairro "SD", limítrofe ao bairro anterior, ou, casos raros, residiram noutros locais. Assim, a maior parte dos alunos se deslocou caminhando da residência até a escola e depois retornar.

Quanto aos hábitos de vida dos alunos do segundo grau, apenas uma minoria afirmou que costumava fumar (7,5% dos alunos). Quase a metade deles nunca bebeu, e dentre os alunos que usaram álcool, beberam somente nos fins de semana, em festas. Na grande maioria das suas residências, em 85% delas, havia espaços onde seria possível exercitar-se fisicamente, como em pátios ou garagens.

A maioria dos alunos ainda não trabalhara profissionalmente. Cerca de 30% dos alunos além de estudar pela manhã, também tiveram afazeres profissionais, geralmente pela parte da tarde ou nos fins

de semana. Alguns foram estagiários em bancos, outros exerceram profissões como padeiro, auxiliar de mecânico, ou balconista.

Os seus assuntos preferidos em revistas ou jornais, foram esportes (futebol e automobilismo), horóscopo, secção policial, entrevistas variadas, música, ecologia, saúde, televisão, crônica social e moda. Houve apenas um caso de interesse sobre economia, outro sobre história, e ainda um terceiro que se interessou por política.

A maioria, mais de 60% dos alunos, não freqüentou nenhum clube ou local onde formalmente fosse possível exercitar-se fisicamente. Houve duas garotas que freqüentaram academia de dança; dois alunos participaram das equipes de juniores de times de futebol de campo, profissional, da cidade; dois rapazes praticantes de musculação; um nadou regularmente, competindo por um clube; e outro treinou caratê. Dos clubes sociais citados pelos alunos, nenhum dispunha de locais para a prática de esportes como golfe. A maioria dos clubes freqüentados, eram instituições cujas instalações privilegiavam o futebol, o voleibol, bem como as atividades aquáticas em piscinas convencionais, para uso somente no verão.

O tempo livre diário, disponível após as aulas pelas manhãs e o sono noturno, foi ocupado, majoritariamente e respectivamente, em assistir televisão, dormir e descansar, estudar, ouvir música e rádio, jogar futebol, executar tarefas domésticas e realizar leitura. Com exercitação física, houve os casos anteriores citados, mais algumas atividades de andar de bicicleta e jogar voleibol.

O tempo disponível nos sábados, foi ocupado, pela ordem: em realizar tarefas domésticas; passear e visitar amigos; sair à noi-

te para festas e boates; jogar ou assistir futebol, estudar e assistir televisão. No setor de atividades recreativas relativas à Educação Física, foram citadas: jogar futebol (a maioria dos casos), jogar voleibol, andar de bicicleta, e jogar futebol de botão.

Os domingos foram ocupados, majoritariamente, por atividades como: dormir, descansar; assistir televisão; ouvir música, passear e visitar amigos e parentes; estudar; jogar e assistir futebol.

Quando ocorria feriado, na maioria dos casos não realizaram nenhuma atividade específica, mas geralmente usavam-no para dormir, descansar, ficar em casa e, também para passeios, visitas, assistir televisão, jogar futebol e estudar.

Nas suas últimas férias de verão, eles freqüentaram clubes, onde também jogaram futebol, voleibol, usaram as instalações de piscinas, viajaram, passearam, acamparam e foram à praia. Relativas à Educação Física, afora as atividades já citadas, durante as férias, alguns se exercitaram ginasticamente, correram na rua, nadaram e pescaram.

Especificamente sobre a Educação Física Escolar, desenvolvida durante o ano de 1991, os alunos do segundo grau, contraditoriamente, e pela ordem de preferência, revelaram que gostavam de conteúdos com voleibol, futebol, ginástica, basquete, "jogos", atletismo e andebol. Não gostavam de conteúdos com ginástica, futebol, voleibol, "jogos", basquete, teoria da Educação Física, corridas, atletismo.

Em entrevistas, perguntados sobre o que consideravam como condicionantes para a Educação Física - após alguns exemplos da

realidade da prática de exercícios físicos na atualidade, como nas escolas, numas existindo ginásios cobertos e até piscinas, e noutras dispondo muitas vezes de somente uma quadra cimentada e mal conservada, e em ambiente extra-escolar, onde algumas pessoas se exercitam fisicamente, como correndo pelas ruas, ou que freqüentam clubes e academias, e com outras que não se exercitam nunca - a maioria dos alunos revelou que não sabia os motivos das contradições da realidade sócio-cultural, o que determinava as condições e situações da Educação Física Escolar e extra-escolar da atualidade. Ocorreram algumas respostas com certo grau de elaboração, como: "Falta de interesse do governo". "A sociedade não dá à Educação Física o valor correto que na minha opinião tem". "É da condição financeira do Brasil, se as riquezas fossem aproveitadas melhor, teria melhor educação". "Acho que vem há muito tempo, para o governo incompetente fica a escola com diferença de recursos". "Falta uma orientação de estrutura do esporte bem definida". "Porque as pessoas não dão muita importância para a Educação Física". Mas também houve respostas como: "Não tenho a menor idéia".

Quase a totalidade dos alunos considerou que a exercitação física, a ginástica e o esporte, eram importantes, necessários, para as suas vidas. Dentre os argumentos, houve os seguintes: "Acho importante para a saúde". "Acho importante na vida de qualquer um, claro que não em excesso". "Sim, pela estética, para não ficar gorda". "É, acho que de certa forma se ficar parada enferruja". "Sim, para manter a condição física". "Acho que sim. Não gosto mas acho que é bom. As aulas de Educação Física servem como descontração para o pessoal". "É importante, mas não faço e não

está fazendo falta."

Os alunos informaram "divididamente" sobre se estavam satisfeitos com seus corpos, com sua condição física. Cerca da metade estava satisfeito, e quase o mesmo número estava insatisfeito. Alguns não precisaram a resposta, e outros informaram que estavam melhorando...

A maioria dos alunos, não soube o seu nível de condicionamento físico, sendo que alguns disseram: "Nem imagino." "Como assim?"

Sobre seus resultados em testes, como repetições de abdominais em um minuto a maioria não soube de seus índices. Outros responderam números de uma forma "aleatória": 20, 25, 30-35, mais ou menos 40, etc. Alguns disseram: "Me lembro do teste aqui na escola, não me lembro quantos eu fiz". Ou ainda: "Não sei, mas acho que a professora deve saber."

Sobre quantas repetições consecutivas do exercício em apoio seriam capazes de executar, os alunos revelaram desconhecem suas possibilidades motoras. Alguns até "arriscaram" índices aleatórios: mais ou menos 40, 5 a 10, 25-30. Um aluno disse: "Sou um fracasso, faço mais ou menos 8..."

Sobre a frequência cardíaca máxima calculada, a maioria dos alunos, 75%, não souberam responder. Houve respostas como: "mais ou menos 80", "a última foi 180".

Quase a metade dos adolescentes do segundo grau da escola "A" desconheceu qual a distância que seria capaz de percorrer em 12 minutos, num Teste de Cooper. Os demais apenas informaram a distância em termos de voltas, 20, 25, 27, percorridas ao redor da

quadra cimentada da escola, que tinha 88 metros cada volta. Apenas um informou uma distância padronizada: "Fiz 2.500-3.000 metros."

Porém a maioria dos alunos informou que tinha um índice apropriado na flexibilidade, medida no nível do tronco-quadril, inclusive demonstrando, mesmo informalmente, que conseguiam tocar, com a ponta dos dedos das mãos, no solo, junto aos dedos dos pés, mantendo os joelhos eretos enquanto curvavam o tronco à frente.

A maioria dos alunos informou que as aulas regulares de Educação Física Escolar não influenciou na sua vida, na sua cultura, fora da escola. Alguns alunos disseram:

- "Acho que tem uma certa influência, aqui não dá pra ter uma idéia, ela (a professora) só dá a bola para jogar..."
- "Tem, este ano é que teve exercícios todas as segundas, nas quartas voleibol e nas sextas liberdade para o futebol."
- "Sim, acho que sim. Porque antes, nos outros colégios, eu não fazia ginástica, e agora eu faço ginástica em casa."

A respeito dos conteúdos das aulas de Educação Física desenvolvidas este ano, sobre o que fizeram durante as aulas de Educação Física, os alunos responderam que foram aulas com futebol, andebol, voleibol e ginástica. Algumas respostas possuíram um caráter bastante esclarecedor:

- "Ginástica, na maioria das aulas, as alunas só faziam ginástica e os rapazes só jogavam."
- "Só futebol, eu acho mau, eu não gosto de futebol."
- "Só ginástica, com bastante flexibilidade, e os rapazes jogam."
- "Foi futebol e voleibol, nunca deu uma corrida, só futebol e voleibol."

- "Ginástica, voleibol, futebol e ocasionalmente andebol."
- "Sou dispensada, mas foram aulas de voleibol, ginástica, corridas na volta da quadra, mas o que eu mais vi foram aulas de voleibol."

A maioria dos alunos não participara das competições desportivas da escola, os demais participaram no futebol, voleibol e atletismo.

Sobre as avaliações em Educação Física Escolar, muitos alunos desconheciam como foram feitas, outros atribuíram valor pela participação, pela prática, pela presença, pelo uso de agasalho de Educação Física, pela participação nas equipes esportivas da escola. Hoje respostas como:

- "Só pelo futebol, uma vez fizemos o teste de Cooper".
- "Não sei. Sei que tinha que vir com uniforme de Educação Física, senão ela colocava falta".

Os alunos também desconheciam os objetivos das aulas de Educação Física Escolar. Houve respostas como: "Se ela falou sobre os objetivos não me lembro." "Acho que é o desenvolvimento da coordenação..." "Não seria para a pessoa ter mais condição física com as aulas de Educação Física?" "A "M" (professora) não falava muito nisso, no dia que ela dá exercício, ela manda correr 3 ou 4 minutos ao redor da quadra e dá ginástica, noutro dia larga a bola. Ela não fala muito."

A maioria desses alunos também informou que a professora "M" não tratou da teoria da Educação Física Escolar. Alguns informaram que na parte teórica foram tratadas somente as regras desportivas, principalmente de andebol e voleibol. Certos alunos res-

ponderam:

- "Só regras, não passou mais nada, só dava a bola."
- "Não falava nada, só largava a bola e nada, acho até falta de interesse da professora em explicar."
- "Só quando não fazia aula, sem uniforme de Educação Física. Dava um livro de futebol ou andebol e dizia: Copiem tal coisa. Resumo."

Ainda insistindo na temática "teoria da Educação Física Escolar", sobre quais assuntos que a professora "M" conversara com eles, muitos alunos informaram que ela não teve o costume didático de conversar com eles. Alguns disseram que ela, nas aulas de Educação Física, falou sobre as regras dos esportes, e outros responderam que só conversou sobre competições esportivas. Ouviu-se também:

- "Não costumava conversar com os alunos. Só com as alunas que chamava para o lado."
- "Muito pouca ela falava com a gente, mais a gente jogava."
- "Sobre regras, voleibol."

Os escolares informaram que a professora "M" fora os referentes às regras esportivas não emprestou livros aos alunos. Mas também disseram que eles próprios não solicitaram livros à mesma.

Os alunos do segundo grau, na sua maioria, não expressaram um conceito formado sobre política. Houve declarações como: "Para mim é um antro que tem uma cambada de ladrão lá dentro." "Na maior parte dos casos só serve para deixar o pobre cada vez mais pobre, cobrando impostos, enriquecendo às custas do povo." Conforme os alunos, a professora "M" não falou de política durante as aulas. Um aluno disse: "De vez em quando ela falava sobre o governador..."

E outro confessou: "Este ano não, mas no passado só no Lula."

A grande maioria deles também não se interessou por política, bem como não encontrou relação entre a Educação Física e a política. Sobre essa relação, um aluno disse: "Tem, o governo não ajuda a Educação Física, não tem bolas, nem material". E outro falou: "Pode até ter, mas eu desconheço".

Sobre seus planos para o futuro, alguns alunos declararam não saber ainda o que fazer; outros disseram que pretendiam, após concluir o segundo grau, fazer curso de complementação profissional em escola técnica; outros manifestaram desejo de cursar faculdades como Educação Física, Direito, Psicologia, Veterinária, Medicina e Física. Um aluno disse que pretendia cursar a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Alguns alunos, em diversas oportunidades, conversaram informalmente com o autor do estudo, e no final de novembro de 1991, um rapaz do primeiro ano "A" contou o seguinte:

"Este ano no atletismo fiquei com um terceiro lugar, mas não teve medalha. No ano passado tirei medalhas no salto triplo e na corrida de rua, ganhei até um troféu. O problema é que neste colégio não tem onde treinar. A gente tem que ir treinar no quartel.

Pena que aqui não tenha andebol. Eu gosto de andebol, só que neste ano só tivemos uma aula de andebol. A professora não dá andebol..."

2.3 As Aulas de Educação Física

As aulas regulares de Educação Física Escolar para o segundo grau na escola "A", ocorreram no período da manhã. Houve cinco aulas por turno, que se iniciou às 7 h 45 min e se encerrou às 12 h 10 min. A primeira aula durou desde às 7 h 45 min até às 8 h 35 min; a segunda das 8 h 35 min até às 9 h 25 min; a terceira das 9 h 25 min até às 10 h 15 min. Daí até às 10 h 30 min foi o período do recreio. A quarta aula durou das 10 h 30 min até às 11 h 20 min e a quinta das 11 h 20 min até às 12 h 10 min. Cada aula durou, portanto, cinqüenta minutos, e as aulas de Educação Física aconteceram entremeadas às outras disciplinas.

Nas segundas-feiras, após duas aulas anteriores com turmas da oitava série, a professora "M" no terceiro período da manhã lecionou Educação Física para a turma do primeiro "B". E, no último período da manhã tiveram aula de Educação Física as turmas do segundo e terceiro anos, juntamente com os alunos da turma "83" da oitava série.

Nas quartas-feiras, após duas aulas anteriores com turmas de oitavas séries, no quarto período das manhãs houve aula para a turma do primeiro "B", e no último período tiveram aulas os segundos e terceiros anos.

Nas sextas-feiras, no segundo período houve aula de Educação Física para a turma do primeiro "A". No terceiro período a aula foi para a turma do primeiro "B". Após a professora continuou desenvolvendo aulas para as turmas das oitavas séries.

Nos sábados, a primeira aula da manhã foi com a turma do pri-

meiro "A". No terceiro período tiveram aula o segundo e o terceiro anos. No quarto período novamente houve aula para o primeiro "A".

Assim, o primeiro "A" teve uma aula de Educação Física na sexta-feira, no segundo período, e duas no sábado, no primeiro e quarto períodos. O primeiro "B" teve aulas de Educação Física nas segundas, quartas e sextas-feiras. O segundo e o terceiro anos, tiveram aulas nas segundas, nas quartas e nos sábados. Sendo que no primeiro período da semana a aula de Educação Física aconteceu sempre em conjunto com os alunos da turma "83" da oitava série.

As aulas de Educação Física, na grade das disciplinas da escola "A", se distribuíram a partir da disponibilidade de horário que o professor apresentou na secretaria para que esta ordenasse as aulas na semana. Devido aos horários apresentados pelos professores, é que ocorreram situações como as aulas "dobradinhas" (dois períodos seguidos de aulas de Educação Física) ou então do caso da turma do primeiro "A", com duas aulas entremeadas com outras disciplinas.

Na escola "A", tal como ocorreu desde o primeiro grau, nas aulas de Educação Física Escolar do segundo grau, as turmas foram mistas. Ou seja, na mesma aula, com o mesmo professor, com os mesmos conteúdos se exercitaram os alunos e as alunas.

A partir do dia 20 de setembro de 1991, data do começo do segundo semestre letivo, o autor deste estudo iniciou as Observações e os Registros das aulas na escola "A". Até o final da década de setenta, para a rede estadual de ensino, poderia considerar-se como normal que o segundo semestre, o terceiro bimestre letivo, iniciasse nos primeiros dias de agosto de cada ano. Porém, devido

às constantes greves - nas quais, de forma desesperada o magistério estadual gaúcho lutou tanto pela qualidade do ensino, como para não sofrer ainda maiores perdas salariais, dentre outras pautas de reivindicações - ocorreram paralisações das aulas. No ano de 1991 não foi diferente. Devido a greve que durou de março até maio, o terceiro bimestre somente foi iniciado em 20 de setembro.

O conjunto professora "M" e alunos foram observados em cinquenta e duas aulas regulares de Educação Física Escolar. Foram observadas 14 aulas da turma do primeiro ano "A"; 20 aulas da turma do primeiro ano "B"; e 18 aulas das turmas do segundo e do terceiro anos.

O sinal para cada período foi emitido por uma sirene, assim, a partir desse sinal sonoro, se iniciaram as aulas regulares de Educação Física. Desde o início oficial dessas aulas até o início real, com atividades do conjunto professora-alunos, nas aulas observadas houve uma demora média de sete minutos e meio. Houveram casos, dos sábados, em que o quarto período do turno da manhã era a última aula de Educação Física da semana da professora "M", em que por vezes essa aula iniciou mais cedo, de quatro a quinze minutos, com uma média de início de oito minutos adiantados.

Muitas vezes, ao sinal de início da aula, os alunos já estavam junto com a professora, mas de modo geral houve períodos em que a professora esperou os alunos, ou que eles aguardaram pela professora. A troca de roupas foi quase que exclusivamente masculina, e consistiu em retirar as calças "jeans" ou jaqueta, sob as quais trajavam calças de abrigo, calções e camisetas. Muitos alunos, como andavam costumeiramente com agasalhos esportivos, apenas

deixavam a roupa mais pesada, bem como cadernos e pastas próximos do local onde seria a aula e já estavam preparados. Ocorreram casos em que os alunos deixaram as pastas e roupas dentro da própria sala de aula, que ficou chaveada e sob a responsabilidade de um aluno da turma.

No primeiro contato com os alunos, a professora "M" procedeu à chamada dos alunos nos diários de classe. Porém isso nem sempre ocorreu, pois em cerca de trinta por cento das aulas observadas, não houve a realização da chamada.

Quando da chamada, ela foi nominal, geralmente realizada com a professora sentada, na soleira da porta lateral da cantina, próxima a área coberta. Os alunos ficaram ao redor.

Tal como noutras realidades, os alunos da escola "A" se referiram às aulas de Educação Física como aulas de "física".

Aconteceu comumente que, enquanto a professora procedeu à chamada, os alunos conversaram, fizeram "embaixadas" de futebol, ou toques de bola de voleibol. A duração média do período da chamada, no qual também se inseriram informes e conversas sobre notas e competições, foi de quatro minutos e meio. Houve casos de que essa atividade durou de um a dois minutos e também casos em que levou dez minutos.

Foi usual entre os professores de Educação Física, incluída a professora "M", que eles, durante as aulas, mantivessem consigo, nos bolsos ou no pulso, relógios, calculadoras, óculos, e mesmo dinheiro de seus alunos. Os alunos entregavam esses pertences aos professores no início da aula e os pegavam no final.

Para participar das aulas, notadamente nos meses de setem-

bro, outubro e novembro, e quando de aulas, não de "dia livre", os alunos usaram qualquer calçado tipo tênis, calça de agasalho esportivo ou calção e camiseta. Quando frio usaram jaquetas. Não houve padronização no vestuário para a prática de Educação Física.

Após a chamada, iniciou-se a aula de Educação Física Escolar propriamente dita. O denominado "aquecimento", parte introdutória e preparatória para as atividades físicas da aula, nem sempre ocorreu. Quando isto aconteceu, das aulas observadas, houve uma duração média de menos de quatro minutos, variando entre cinco e dois minutos o tempo dessas atividades. O aquecimento foi constituído de corridas e exercícios ginásticos leves.

Os conteúdos das aulas regulares de Educação Física Escolar observadas, consistiram em esportes e ginástica.

No primeiro ano "A", pela ordem de maior frequência, observaram-se atividades com futebol de salão por 13 vezes; com voleibol por 6 vezes; com ginástica 3 vezes; com andebol e basquete por 2 vezes e uma vez com atletismo.

No primeiro ano "B", ordenadamente, observaram-se atividades com voleibol 12 vezes; com futebol de salão por 9 vezes; com basquete por 8 vezes; com atletismo por 7 vezes; e com ginástica e andebol por 4 vezes.

Nas atividades para o segundo e terceiros anos, pela ordem de frequência, observaram-se aulas com ginástica por 10 vezes; com voleibol por 9 vezes; futebol de salão com 4 vezes; uma aula com testes físicos e outra com andebol.

Para os alunos que não participaram ativamente, não praticaram, nas aulas de Educação Física, a professora atribuiu tarefas

de leitura sobre regras esportivas, para, assim, não ficarem infreqüentes nas aulas. Essa atividade, de leitura de regras de andebol, teve uma freqüência de três vezes nas aulas observadas do primeiro ano "A", e de seis vezes no primeiro ano "B" e segundo e terceiro anos. A professora determinou as páginas a serem lidas ou a serem resumidas, e os alunos se dirigiram para suas respectivas salas de aula para realizar a tarefa. Ao final da mesma eles retornaram e prestaram contas a professora.

A professora "M" nunca tratou da teoria da Educação Física em nenhuma das cinqüenta e duas aulas observadas para o segundo grau. Nem em aulas específicas, eminentemente teóricas, nem em espaços durante as aulas práticas de Educação Física, nunca a professora abordou, ainda que informalmente, assuntos de cunho fisiológico ou sociológico. Não houve espaço para a teoria da Educação Física Escolar nas aulas da professora "M", exceto no tocante a regras esportivas. Procedimento idêntico tiveram também o professor e a professora que trabalharam com alunos de primeiro grau.

As aulas de Educação Física na escola "A" se tipificaram por mesclar vários conteúdos. Assim, foi comum que, enquanto um grupo de alunos jogou futebol, as alunas jogaram voleibol, tendo por vezes a inclusão de alunos que saíram do futebol. Outras vezes, eles iniciaram no futebol de salão e passaram para o basquete, sendo que depois foram jogar voleibol, ou ainda, enquanto as alunas se exercitaram ginásticamente com a professora, os alunos jogaram futebol de salão.

Houve dois alunos e uma aluna do primeiro ano "B", que durante as aulas de Educação Física, aproveitaram o período para

treinar atletismo, arremesso de peso e lançamento de dardo, daí o número significativo de aparecimento deste conteúdo. Algumas vezes a professora se dirigiu até eles e os orientou, mas de modo genérico, eles se exercitaram sozinhos enquanto a professora "M" cuidava do restante da turma, e por muitas vezes, mesmo com baixas temperaturas, eles iniciaram a executar os gestos técnicos, arremessos, sem uma preparação inicial, sem aquecimento.

Nas aulas com andebol, geralmente usando quatro ou cinco bolas, a professora ensinou os fundamentos, colocou-os jogando e arbitrou, mas nos conteúdos com voleibol e basquete esse procedimento foi esporádico, sendo o comum os alunos se auto-organizarem e jogarem ou executarem fundamentos desportivos em grupos de três a cinco alunos, como fazendo passes (toques por cima) e manchete no voleibol, ou arremessos à cesta no basquete.

No voleibol, foi comum os alunos jogarem com equipes de dois a seis componentes. No basquete o jogo foi principalmente o *Vinte e Um*, em que cada jogador compete individualmente arremessando em cesta. No basquete e no voleibol o número de bolas em aulas regulares de Educação Física foi menor, geralmente uma bola em cada quadra ou cesta.

O futebol de salão foi praticado, majoritariamente, sem o denominado período de aquecimento, que, no máximo se constituiu na execução de passes entre os alunos, enquanto escolhiam as equipes. Foi uma prática desportiva auto-organizada e auto-arbitrada. Nas sextas-feiras, os alunos do primeiro ano "A", muitas vezes quando jogaram futebol de salão, o fizeram com alunos da turma "73", sétima série, completando as equipes. Já, muitas vezes os alunos do

primeiro "B" tiveram a ajuda dos alunos da turma "71".

Tanto no futebol de salão como no voleibol, principalmente quando a professora se ausentou por alguns instantes do local de Educação Física, foram comuns expressões chulas. Durante a prática desses esportes, também se evidenciaram vários erros de fundamentos, como no voleibol, onde houve a recepção do saque com apenas uma das mãos, ou com toque por cima; ou ainda erros de regras, como no futebol de salão, com cobranças de lateral pisando na linha demarcatória lateral. De modo genérico, nessas atividades recreativas, o "jogar gritado" foi uma constante, além de muitas risadas e brincadeiras.

Em muitas aulas, notadamente em períodos que antecederam a eventos como jogos ou comemoração do aniversário da escola, por instantes, que variavam de poucos a vários minutos, foi comum a professora "M" se ausentar do local onde se desenvolviam as atividades de Educação Física. O principal motivo encontrado para esses afastamentos decorreram da necessidade de a professora elaborar carnês de jogos, preencher fichas de inscrições, e outras tarefas de cunho burocrático-organizacional.

Das cinqüenta e duas aulas regulares observadas, em apenas treze se desenvolveu apenas um conteúdo - o que se considera como costumeiro - assim distribuídas:

- Primeiro ano "A": uma aula com ginástica e duas com futebol de salão;
- Primeiro ano "B": uma aula com ginástica e duas com futebol de salão;
- Segundo e terceiro anos: três aulas com ginástica, duas com vo-

leibol, e uma com andebol e futebol de salão.

As aulas com ginástica se caracterizaram por seguirem um padrão muito parecido em todas as suas ocorrências. Nunca se utilizou implementos, e apenas em poucas ocasiões, já ao final da aula, os alunos usaram como recurso material as goleiras da quadra de futebol de salão ou o muro da escola, para exercícios em suspensão e de flexibilidade. Tal como nas aulas com conteúdo esportivo em que os alunos aprendiam e fixavam os fundamentos, nas aulas com ginástica, os alunos obedeceram ao comando da professora. Ela foi quem determinou o tipo e as repetições dos exercícios. Nas sessões ginásticas, a seqüência dos exercícios foi relativamente rápida, com poucas repetições gestuais e muitos exercícios. A mudança de um para outro exercício foi tão veloz que, de modo geral, mal dava tempo para o autor do estudo desenhar rapidamente uma figura caracterizando o exercício que era realizado no momento, e que já a professora "M" comandava outro tipo de exercício. Houve uma ênfase nos exercícios de flexibilidade, notadamente no nível do tronco e quadril. Os exercícios objetivando a força, ou resistência muscular localizada deram primazia para o abdômem e articulação escápulo-umeral. Não existiu preocupação para com o desenvolvimento da resistência aeróbica. Quando das tarefas de correr circularmente na quadra cimentada, já aos dois minutos de corrida, principalmente as alunas, e também alguns alunos, deixaram de correr e iniciaram a andar. Foram poucos os casos em que houve parte da aula com exercitação em duplas, e geralmente foi para auxílio nos exercícios de flexibilidade. Os mesmos exercícios ginásticos prescritos para os alunos também o foram para as alunas, com exce-

ção de alguns exercícios em apoio, nos quais as moças também se apoiaram com os joelhos no solo. Algumas vezes como atividade finalizadora de aula de ginástica, principalmente para as alunas, foi determinada a tarefa de caminhar ao redor do quarteirão da escola "A", o que era feito vagarosamente. Durante todo o segundo semestre observado, somente para uma turma de 8ª série observou-se uma exercitação ginástica sob a forma de circuito e com cordas e bastões.

As aulas com ginástica e com andebol foram as aulas em que mais os alunos expressaram descontentamento. Muitas vezes, quando a professora "M" comunicou que seria um desses conteúdos a ser desenvolvido na aula, muitos alunos e alunas, que anteriormente pareciam dispostos a praticar, deixaram de o fazer.

Na turma do primeiro ano "A", que foi a turma de alunos do segundo grau que teve mais componentes, o número de alunos que participou da parte de exercitação física das aulas foi em média de treze, oscilando entre vinte e um e seis alunos. No primeiro "B", a média de alunos que participou das aulas foi de oito, com extremos de quatorze e quatro alunos. E, nas aulas com turmas do segundo e terceiro anos, a participação média foi de seis alunos, oscilando entre dez e dois alunos. As turmas do segundo e terceiro anos por terem, já no último bimestre, na sua totalidade onze alunos, seis do segundo ano e cinco do terceiro ano, nas aulas de Educação Física das segundas-feiras tiveram a companhia dos alunos da turma "83" da oitava série. Mesmo assim, sempre houve poucos alunos praticando.

Devido a escola "A" se situar perifericamente, pois a pouca

distância se podia encontrar vacas pastando nos campos, muitas vezes, notadamente em outubro e novembro, aviões a jato, da Força Aérea Brasileira, voando muito baixo, causaram barulho e perturbaram as aulas.

A duração média da exercitação física dos alunos, sem des- contar as pausas como para buscar uma bola que fora arremessada ou chutada para longe da quadra, nem o tempo de mudanças de uma para outra atividade, foi relativamente pequena. A exercitação física para os alunos do primeiro ano "A", teve uma duração média de 37,2 minutos, perfazendo um total de 74% do total de cinquenta minutos de aula, com uma duração máxima de 45 e mínima de 24 minutos. Para os alunos do primeiro ano "B", a exercitação motora durou em média 35,7 minutos, equivalendo 71,4% do total do tempo de aula, com um máximo de 45 e um mínimo de 21 minutos. Para o segundo e terceiro ano, a duração foi menor ainda, em média de 26,6 minutos, o que perfaz 53,2% do total dos cinquenta minutos de aula, sendo a aula mais longa, foi de 43 minutos e a mais curta de apenas 14 minutos. Na média geral de todas as turmas de alunos do segundo grau, ape- nas 63,3% do tempo total das aulas foi ocupado com atividades mo- toras.

Quase na sua totalidade, a finalização das aulas ocorreu de modo abrupto. Nunca houve o que se denomina de período de volta à calma, constituído de atividades físicas de menor intensidade.

As atividades finalizaram ao sinal sonoro de término do pe- ríodo, ou quando a professora "pediu a bola" ou determinou que a aula deveria acabar, "liberando" os alunos.

As aulas, quando não acabaram com a sirene, finalizaram com

uma antecedência média de 12,3 minutos. Houve aulas que chegaram a acabar de quinze, vinte e até trinta minutos (um único caso) antes do seu final legal, e muitas aulas que finalizaram antecipadamente em dois, três e cinco minutos.

Durante todas as observações das segundas e quartas-feiras, nos últimos períodos do turno da manhã, quando o segundo e o terceiro ano tinham aulas de Educação Física, nunca a sirene deu o sinal no horário legal, ao meio-dia e dez minutos. Sempre a sirene foi acionada antecipadamente, com até quinze minutos de antecedência.

Muitas vezes aos sábados, quando a turma do primeiro ano "A" tinha aula de Educação Física, a professora "M" iniciou estas aulas ainda no período do recreio, e acabou também com antecedência, podendo assim sair da escola "A" mais cedo do que às 11 h 20 min como estava legalmente determinado.

Principalmente, no mês de novembro, mas também em outros meses observados no ano de 1991, as aulas das sextas-feiras, e principalmente dos sábados, foram prejudicadas e, muitas vezes não ocorreram. Algumas vezes a professora "M" faltou as aulas por motivo de viagens, e para participar de assembléia classista promovida pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), em uma outra ocasião devido às chuvas que alagaram o bairro "T", a escola não funcionou. Nos fins de semana, nas sextas e sábados, além de eventos esportivos ocorridos na própria escola "A", não houveram aulas de Educação Física para o segundo grau porque a que a professora "M" e alunos representantes da escola participaram de competições de atletismo e de voleibol.

Em 11 de dezembro de 1991, a professora "M" chamou o autor e, além de se queixar porque seus alunos não puderam participar das finais do atletismo nos Jogos Escolares Gaúchos, por não acontecerem tais competições, também disse que a carga horária para esse ano já estava completa, logo não mais haveria aulas de Educação Física. Mesmo assim, o autor continuou a visitar regularmente a escola, e de fato constatou que não mais houve aulas de Educação Física para o segundo grau na escola "A".

Como antes do período do recreio para todos os alunos foi oferecida a merenda escolar, que muitas vezes consistiu na distribuição de algumas unidades de bolacha doce, tipo "Maria" e, devido à cantina estar próxima da área de Educação Física, esses alunos que saíram de suas salas de aula para receber a merenda escolar, usualmente "assistiram" às aulas de Educação Física e, também, por vezes, perburbaram o ambiente, com correrias e gritos.

Em várias ocasiões, principalmente no turno da manhã, um cão de pêlo baio, de porte mediano e de raça indefinida ("vira-latas") andou pelo local onde ocorreram as aulas de Educação Física, e dormitou ao sol próximo onde a professora costumou sentar para proceder a chamada dos alunos. Não incomodou ninguém, nem foi incomodado...

2.4 Outras Atividades de Educação Física Escolar.

Ainda em setembro de 1991, observou-se um treinamento de atletismo, que ocorreu no único estádio apropriado para a prática

desse esporte o qual se encontrava no perímetro urbano da cidade, num bairro distante da escola "A", e que, estava sob a responsabilidade de uma organização militar, do Exército.

Participaram somente três alunas e um aluno, o que propiciou demonstração de decepção por parte da professora. As atividades iniciaram às 14 h 20 min e acabaram às 15 h 45min. Duas alunas vieram acompanhadas de suas mães. Uma delas incentivou a filha porque também havia participado do esporte escolar, no andebol. "Tenho até medalhas lá em casa", contou ao autor.

Após uma sessão preparatória generalizada, para todos os participantes, onde a professora "M" além de comandar também executou todos os exercícios ginásticos, cada aluno foi treinar a modalidade de sua especialidade. Houveram corridas, com "piques" de 100, 200 e 300 metros, arremessos de disco e lançamento de dardo, bem como saltos em distância e em altura. A professora orientou, conversou e demonstrou, alternadamente com cada aluno, as técnicas de cada modalidade. Mas dedicou-se por mais tempo à aluna que saltava em altura.

Em grande parte dessa sessão de treinamento de atletismo, a professora "M" e os alunos da escola "A" tiveram a companhia de um outro professor de Educação Física e de alunos de uma outra escola também pertencente à rede estadual, que treinaram para a futura competição.

Durante todo o dia de sábado, 28 de setembro, por iniciativa da professora "M" e de outra colega da Educação Física, na quadra cimentada da escola "A", foi promovido um torneio de futebol de salão. Nesse dia não houve aulas de Educação Física para nenhuma

turma.

Pela manhã jogaram os alunos das turmas de 5ª e 6ª séries, e pela tarde, os alunos das 7ª e 8ª e do segundo grau.

Os alunos se auto-organizaram em equipes, e depois se inscreveram com as professoras de Educação Física, e participaram de jogos que duraram dois tempos de 10 minutos, sem interrupções durante a mudança do lado de quadra. No caso de empates, as partidas foram decididas com cobranças de penalidades.

Os alunos participaram trajando uniformes compostos por tênis (alguns inapropriados com plataforma larga no calcanhar), calções (que nem sempre combinaram com os de seus colegas de equipes), e camisetas, algumas idênticas à de times de futebol, e outras simples camisetas de malhas brancas, com a numeração pintada nas costas com giz colorido.

Alguns alunos do segundo grau ajudaram as professoras de Educação Física, arbitrando os jogos, tanto os que ocorreram pela manhã, que se iniciaram às 8 h 30 min e acabou às 11 h 30min, como os que ocorreram pela parte da tarde, das 13 h 40 min até às 15 h 45 min.

Na parte da tarde, mesmo não tendo aulas regulares na escola "A", houve uma participação significativa de "torcedores", compostos por alunos, pais de alunos e pessoas que residiam nas proximidades da escola "A". A torcida manifestou-se com gritos de incentivo, muitas vezes tratando os alunos por seus apelidos, e também com vaias. Os alunos do segundo grau foram derrotados pelos alunos da 8ª série, ficando fora das finais.

No atletismo, os alunos do segundo grau da escola "A" também

participaram dos eventos do XX Jogos Escolares do Rio Grande do Sul, que ocorreram de 18 a 19 de outubro, sexta e sábado. Eles competiram no sábado pela tarde, na categoria juvenil, sendo que anteriormente participaram os alunos das categorias mirim e infantil.

Essa competição, onde também participaram alunos de outras escolas da rede estadual, municipal e federal, aconteceu no mesmo estádio onde foi observado o treinamento de atletismo.

No estádio, nesses dois dias se ouviu música oriunda de rádio FM, predominantemente em idioma inglês. Muitos alunos que participam representando suas escolas, tiveram como uniformes, camisetas de propagandas comerciais. Também alguns alunos portaram camisetas de propaganda de candidatos a vereador, em cujos fundos brancos lia-se o nome e número desses candidatos, um do PFL e outro do PMDB.

A escola "A" classificou a maioria de seus alunos/atletas para a próxima fase dos jogos, sendo que todos os alunos do segundo grau obtiveram medalhas até o terceiro lugar. Eles participaram em provas de peso, dardo, 400 metros rasos e salto em altura.

No sábado, 9 de novembro, equipes masculina e feminina, nas categorias mirim e infantil, representantes da escola, e dirigidas pela professora "M", participaram de competições de voleibol que ocorreram, pela manhã e tarde no ginásio do Serviço Social da Indústria (SESI). Mais uma vez não houve aula de Educação Física no sábado.

No dia 11 de novembro, segunda-feira, como parte das atividades comemorativas, também com a participação ativa da professora

"M", na organização e implementação, ocorreu uma corrida "Rústica" de 2.500 km , através do bairro "T". Participaram cerca de 150 alunos, de todos os graus e de ambos os sexos. A corrida iniciou às 9 h 45 min e se encerrou com a divulgação da colocação dos atletas às 11 h 10 min, Além de alguns alunos do segundo grau participarem correndo, outros ajudaram no evento carregando cadeiras e classes de sala de aula. Nenhum obteve classificação até o terceiro lugar. Nessa segunda-feira também não houve aula de Educação Física para o segundo grau.

Ainda na segunda-feira, pela parte da tarde, ocorreram competições de voleibol e futebol de salão, com a participação organizativa da professora "M" e de sua colega também da Educação Física. Na quarta-feira, 13 de novembro, pela manhã e tarde, continuaram jogos de voleibol e de futebol de salão. E, nesses dias não houve aulas de Educação Física, inclusive para o segundo grau.

Além da corrida, dos jogos de voleibol e de futebol de salão, nas atividades comemorativas do aniversário da escola, em que toda a semana não ocorreram aulas de Educação Física. Nas festividades, também se incluiu a celebração de missa em igreja próxima, uma exposição de quadros na sala de educação artística, um concurso para a escolha da "Boneca Escola "A" e uma gincana.

2.5 Documentos.

O plano de curso de Educação Física do segundo grau, encontrado no diário de classe do primeiro ano "A" e, segundo informações também válido para o primeiro ano "B", constou de uma listagem de conteúdos mínimos, para serem desenvolvidos em quatro bimestres, com o seguinte:

1º Bimestre

- Voleibol: sistema de jogo: 5 x 1 e 4 x 2, manchete, saque, toque de bola, cortada, bloqueio, arbitragem, regras.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

2º Bimestre

- Testes de esforço físico.
- Atletismo: corridas de velocidade e resistência; saltos em altura, distância e triplo; arremesso de peso; lançamento: disco, dardo; regras; arbitragem, provas combinadas; triatlo.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

3º Bimestre

- Handebol: sistema de jogo, arbitragem, regras, jogo.
- futebol: sistema de jogo, arbitragem, regras.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

4º Bimestre

- Voleibol: jogo.
- Handebol: jogo.
- Futebol: jogo.
- Participação em campeonatos.
- Ginástica.
- Organização de campeonatos."

No diário de classe do segundo ano, também válido para o terceiro ano, encontraram-se registrados como plano de curso de Educação Física, os seguintes conteúdos:

"1º Bimestre

- Voleibol: sistema de jogo: 5 x 1 e 4 x 2, cortada, bloqueio, saque, manchete, jogo, arbitragem, regras.
- Futebol: sistema de jogo, ataque, defesa, arbitragem, regras.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

2º Bimestre

- Testes de esforço físico.
- Atletismo: lançamento: peso, martelo; arremesso: disco, dardo; corrida: velocidade e resistência; saltos: distância, altura, triplo; provas combinadas: triatlo, hetatlo, decatlo.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

3º Bimestre

- Handebol: sistema de jogo, ataque, defesa, fintas, arbitragem, regras.
- Ginástica.
- Participação em campeonatos.

4º Bimestre

- Voleibol: jogo.
- Handebol: jogo.
- Futebol: jogo,
- Ginástica.
- Participação em campeonatos."

Com a outra professora de Educação Física, que trabalhou com o primeiro grau, obteve-se uma listagem de conteúdos, que foi comum aos três professores, inclusive à professora "M". Essa listagem, datilografada, consistiu em fundamentos esportivos de basquete, voleibol, andebol, futebol e atletismo. Nela não se encontrou nada além disto, nada que fosse ligado à Educação Escolar e não referente ao aprendizado esportivo.

Da Região Escolar, que abrangia a cidade onde se realizou o presente estudo, com caráter oficial, referente ao primeiro e segundo graus e elaborada a partir de proposições dos professores de Educação Física, em três folhas de papel ofício, havia uma lista-

gem de "Conteúdos Básicos de Educação Física". Restringindo-se somente aos conteúdos pertinentes ao segundo grau, tinha-se o seguinte:

"I Foco - Ginástica

Formativa com e sem aparelhos:

- Exercícios de coordenação, equilíbrio, flexibilidade, agilidade;

Postural:

- Exercícios preventivos e corretivos;

Olimpica: iniciação de forma recreativa:

- Mergulho e peixe;

Rítmica:

- Dança criativa e expressão corporal.

II Foco - Dança

- Expressões populares.

III Foco - Desporto

Atletismo:

- Velocidade: rasas e revezamento;

- Resistência: rasas, cross country, rústica, pedestrianismo e marcha atlética;

- Saltos: altura, distância e triplo;

- Arremessos: pelota, peso, disco e dardo.

Voleibol:

- Jogo propriamente dito.

Andebol:

- Sistema de jogo, jogo propriamente dito, regras e arbitragem.

Basquete:

- Sistema de jogo, regras, jogo propriamente dito e arbitragem.

Futebol:

- Sistemas de jogo, regras, jogo propriamente dito, arbitragem.

IV Foco -

V Foco - Saúde

- Exame biométrico.

VI Foco - Atividades complementares

- Torneios, campeonatos, passeios, caminhadas, gincanas, visitas, assistir jogos, interséries. Obs.: Todas as atividades consideradas como de lazer.

1º Em relação ao desporto, na arbitragem, fica a sugestão de que seja enfatizada a vivência, experiência e não uma cobrança rígida em avaliação e no próprio aprendizado.

2º Nas escolas em que não tenha Educação Física no currículo de 4ª série, seja feita uma iniciação esportiva desde o manejo com bola a partir da 5ª série.

3º Sugestões:

- Ginástica rítmica desportiva, ginástica olímpica com aparelhos, ginástica aeróbica.

- As atividades citadas deverão ser desenvolvidas de acordo com a realidade de cada escola."

Após a conclusão do ano letivo de 1991, nas dependências da secretaria da escola "A", com a concordância da direção, o autor copiou os Registros dos diários de classes das quatro turmas do segundo grau. Constataram-se os seguintes Registros de atividades e conteúdos de aulas regulares de Educação Física:

Do diário de classe do primeiro ano "A": reconhecimento da turma, 1; exame biométrico, 1; aula teórica ("a importância da Educação Física"), 1; atividades recreativas livres, 10; testes físicos, 2; recreação, jogos de voleibol, 6; recreação, jogos de futebol, 3; ginástica e futebol, 1; voleibol, 4; ginástica, 11; futebol e voleibol, 5; atividades em sala de aula ("jogos de salão") 1; atletismo, 11; competições de atletismo, 25; competições de futebol, 6; competições de voleibol, 15; andebol, 11; avaliações, 3. Total de Registros: 118.

No diário de classe do primeiro ano "B", foi registrado: reconhecimento da turma, 1; exame biométrico, 2; aula teórica ("a importância da Educação Física"), 1; atividades recreativas livres, 19; testes físicos, 2; recreação, voleibol, 4; ginástica e futebol, 1; voleibol, 11; voleibol e ginástica, 1; ginástica, 15; futebol e voleibol, 3; jogos em sala de aula, 1; atletismo, 13; futebol, 2; competições de atletismo, 22; andebol, 16; competições de futebol, 6; competições de voleibol, 15; avaliações, 3. Total de Registros 141.

Nos Registros do diário de classe do segundo ano, constou: reconhecimento da turma, 1; exame biométrico, 2; atividades recreativas livres, 20; aula teórica ("a importância da Educação Fisi-

ca"), 1; testes físicos, 2; ginástica, 16; futebol, 8; voleibol, 15; atletismo (teórica), 2; atletismo (prática), 7; competições de atletismo, 24; competições de futebol, 6; andebol, 13; competições de voleibol, 15; avaliações, 3. Total de registros, 135.

E no diário de classe do terceiro ano foi registrado: reconhecimento da turma, 1; exame biométrico, 2; atividades recreativas livres, 17; aula teórica ("a importância da Educação Física"), 1; testes físicos, 2; ginástica 15; futebol, 7; voleibol, 14; atletismo, 11; competições de atletismo, 23; andebol, 13; competições de futebol, 6; competições de voleibol, 12; avaliações, 3. Total de registros, 127.

Por motivo da greve, em março foram registradas somente 3 aulas, no início do mês, ficando o restante e todo o mês de abril sem aulas, que só reiniciaram em 24 de maio.

O primeiro bimestre teve início no dia 6 de março de 1991, o segundo bimestre iniciou em 21/22 de julho, o terceiro bimestre teve início em 19 de setembro, e o quarto bimestre começou em 16/17 de novembro do mesmo ano. Este último bimestre concluiu-se em 22 de janeiro de 1992.

Para todos os adiantamentos do segundo grau da escola "A", nas últimas aulas de dezembro de 1991, e em todas as aulas de janeiro de 1992, foram conteúdos registrados como jogos de andebol, jogos de futebol e jogos de voleibol. Houveram esses registros, mesmo que desde 12 de dezembro a professora "M" não mais desenvolvesse aulas com os alunos do segundo grau.

Ainda dos diários de classe, para o primeiro ano "A" no primeiro bimestre, as notas atribuídas aos alunos, oriundas de ava-

liações, variaram entre a menor oito, e a maior nove. No segundo bimestre, a menor nota foi cinco e a maior dez. No terceiro bimestre, a menor nota registrada foi novamente cinco, e a maior dez. E no quarto bimestre, a todos os alunos foi atribuída a nota dez. Ainda com referência ao primeiro ano "A", no último bimestre houve 17 alunos freqüentes e 12 alunos infreqüentes, de um total inicial de 29 alunos matriculados no início do ano letivo.

No primeiro ano "B", no início do ano letivo existiram 27 alunos matriculados, sendo que já no final do primeiro bimestre seis alunos ficaram infreqüentes e sem nota. As notas atribuídas aos alunos do primeiro "B" e registradas no diário de classe, no primeiro bimestre oscilaram entre oito e nove. No segundo bimestre, menor nota foi cinco, e a maior foi nove. No terceiro bimestre, as notas variaram entre seis e dez. E no quarto bimestre, a menor nota foi nove e a maior foi dez, e no final deste período houve somente 15 alunos com notas de avaliações, os demais ficaram infreqüentes.

Os seis alunos, dois rapazes e quatro moças, que se matricularam no segundo ano, se mantiveram até o final do ano. As notas a eles atribuídas no primeiro bimestre, variaram entre oito e nove. No segundo bimestre, oscilaram entre cinco e oito. No terceiro bimestre, as notas variaram entre cinco e nove. No quarto bimestre, houve quatro notas dez, uma oito e outra sete.

No terceiro ano, no primeiro bimestre, teve sete alunos com nota nove. No segundo bimestre, as notas oscilaram entre cinco e nove. No terceiro bimestre, novamente a nota mínima foi cinco, e máxima foi dez. No quarto bimestre, houve três notas dez, uma nota

nove e outra seis. Ao final do ano letivo houve cinco alunos frequentando as aulas de Educação Física.

3. O Bairro "T"

Conforme dados obtidos junto ao Escritório Regional da COHAB/RS, em 28 de maio de 1992, o bairro "T", onde se localizou a escola "A", foi construído em 4 etapas. A primeira iniciou em 1966, a segunda em 1968, a terceira em 1972, e a última em 1974. Originalmente o bairro se constituiu de 1.077 casas. Essas moradias de alvenaria, de um só pavimento, construídas em terrenos de 10 metros de frente por 20 metros de fundos, tinham sala, cozinha, banheiro, e dois ou três dormitórios, oscilando entre 36 e 42 metros quadrados. A renda familiar exigida para a inscrição variou de dois a cinco salários mínimos.

Nesse bairro, houve algumas casas que foram modificadas, algumas aumentadas, inclusive aditando-se mais um pavimento, já outras revelaram mau estado de conservação, sem pinturas e com janelas e portas apresentando problemas.

No bairro "T", próximo à escola "A" havia o final de uma linha de ônibus, os quais no seu trajeto, passavam em frente ao colégio. As ruas do bairro eram calçadas com paralelepípedos. Eram ruas retilíneas, algumas com trânsito nos dois sentidos, denotando as características de bairro planejado.

Nesse bairro havia posto médico, igreja, um pequeno supermercado, algumas pequenas lojas, serralherias, oficinas mecânicas,

bares, e apenas uma pequena praça. Em todo o bairro não houve um único ginásio ou local apropriado para a prática de exercícios físicos.

Na pequena praça, um quarteirão, onde, numa parte havia árvores, na outra os moradores, principalmente os rapazes e meninos, costumaram, ao final de tarde e nos fins de semana, improvisar partidas de futebol de sete elementos. Um pouco distante dali, um terreno baldio, foi ocupado por moradores que também improvisaram futebol nos períodos de tempo livre.

Um grupo de alunas da escola "A", aproveitaram-se de um poste e de uma árvore, para, no meio da rua, de vez em quando, jogar voleibol, fazendo as marcações com giz branco sobre os paralelepípedos.

Um estudante da Faculdade de Educação Física da cidade, utilizando as dependências do salão paroquial, pertencente à Comunidade Eclesiástica, católica, durante o segundo semestre do ano de 1991, nas terças e quintas-feiras, das 18 h 30 min às 19 h 30 min, desenvolveu aulas de ginástica para as mulheres moradoras do bairro "T". De acordo com seus informes, as aulas foram de ginástica geral, com objetivos estéticos. Não utilizava implementos, exceto, toalhas para deitar no solo de parquê da sala, ou, algumas vezes, também, as cadeiras do local. Pelos meados do mês de dezembro de 1991, havia cerca de 40 alunas, com idade acima de 30 anos, e que pagavam cr\$ 3.000,00 (valor da época) de mensalidade ao professor. Do montante arrecadado, a cada mês, 20% foi destinado à igreja, para custear gastos com eletricidade e água.

Vizinho ao bairro "T", havia o bairro "SD" (sigla de uma per-

sonalidade brasileira). Esse bairro, não foi criado planejadamente, mas surgiu a partir do anterior: sem praças, com poucas ruas calçadas, sendo algumas estreitas e tortuosas; dele também foram oriundos muitos alunos da escola "A", mesmo havendo nas suas proximidades uma escola pública municipal.

No bairro "SD", houve bares, pequenas lojas e oficinas. Tal como o bairro "T", o "SD", por ser periférico, nas suas zonas limítrofes era possível improvisar "campos" de futebol, onde crianças e adultos jogavam no tempo livre. Com sede social situada numa rua que separava o bairro "SD" do bairro "T", existia o "Santos F. C.", clube de futebol com características cores preto e branco, fundado em 1962 cujos membros costumavam jogar num campo improvisado no fundos da sede. Também neste bairro não encontrou-se locais apropriados para a prática de exercícios físicos.

4. A Exercitação Física na Realidade Cultural Urbana

Na cidade em questão, houve uma variada gama de possibilidades de prática gímnica-desportiva-recreativa. Ocorreram práticas desde o remo até o golfe, incluindo-se formas de exercitação física como boxe, judô, caratê e taekwondô; futebol (de campo, de sete elementos e de salão), voleibol, natação, ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, musculação, ginástica aeróbica, vela, automobilismo, ciclismo (bicicross), motocilismo, atletismo, andebol, basquete, bocha, bolão, tiro-ao-alvo, canoagem, dentre outros.

Essas práticas aconteceram em parques e praças, com exercícios ginásticos de aquecimento mais corridas e caminhadas pelas ruas, em clubes sociais, em clubes classistas e em instituições tipo academias, onde ocorreram até competições de nível estadual. Deixando de lado a exercitação física informal e realizada em locais improvisados, como em parques, praias, praças, campos de periferia e, também a exercitação física não-voluntárias, como a Educação Física Escolar ou as atividades componentes da instrução militar, bem como a exercitação advinda da prática profissional, as atividades culturais relativas ao exercício físico se tipificaram por ocorrem em clubes e academias.

Nesses casos o acesso a essas práticas também foi condicionado por fatores econômicos. Tomando-se como referência a população urbana, as instalações apropriadas para a prática gímnico-desportiva-recreativa foram poucas. A relativamente ampla variedade de tipos de exercitação física, na verdade revelou uma limitada quantidade de praticantes.

As academias de ginástica e de esportes, bem como os clubes sociais onde se poderia ocupar o tempo livre com a exercitação física, mesmo que totalmente lotadas não abrigavam nem um décimo do total de habitantes. Desde 1979, quando do estudo de Pereira sobre as possibilidades da prática gímnico-desportiva nessa cidade não ocorreram mudanças significativas no tocante ao número de participantes da cultura física. Percebeu-se, ainda que empiricamente, o aumento número de academias de ginástica para mulheres, bem como o do número de homens praticantes de musculação, e, ainda o acréscimo de "escolinhas" esportivas infantis. Porém, a grosso modo, as

mulheres continuaram a ter uma participação menor que a do homem nas possibilidades culturais referentes ao exercício físico. Era possível que um grupo de adolescentes masculinos, ou de adultos jovens jogassem futebol de salão das 23 às 24 horas em uma quadra alugada, mas continuou extremamente difícil que as moças e mulheres fizessem o mesmo, ainda que para jogar voleibol. Até o andar pelas ruas durante a noite, nesse período de pouco mais de 10 anos, ficou mais difícil e perigoso - a crise econômica se relacionava com a criminalidade crescente - o que também contribuiu para que as mulheres se afastassem da exercitação física.

A exercitação física de tempo livre ligada ao "mundo do trabalho", também foi pequena, e nela se percebeu forte influência de entidades patronais, como SESI e SENAC. A prática físico-desportiva realizada por trabalhadores foi motivo de um estudo de Weimar (1990), onde constatou que no ramo metalúrgico, a prática esportiva, acontecida a partir de associações esportivas de dentro das empresas, se resumiu no futebol de salão e de sete elementos, sendo que a grande maioria dos trabalhadores, mais de 87% não se exercitou metódica e seqüencialmente.

A partir das informações dos alunos da escola "A", dos Questionários e Entrevistas, sobre sua exercitação física realizada além da Educação Física Escolar, durante o mês de outubro de 1992 o autor do estudo buscou dados sobre a cultura relativa ao exercício físico na cidade.

Por meio de Entrevistas, realizadas com os responsáveis pelas instituições, procurou-se conhecer a exercitação física realizada em: 1) clube social, que possibilitou a prática de várias mo-

dalidades esportivas; 2) clube especializado na prática do futebol de salão; 3) academia que ofereceu várias formas gímnico-desportivas; 4) academia de musculação; 5) academia de caratê.

Estas instituições foram escolhidas em razão da citação nos questionários respondidos pelos alunos, e tipificadas a partir do conhecimento empírico do autor, que considerou inclusive as possibilidades de fornecimento de informações fidedígnas. Foi estudado um caso de cada tipo de instituição.

O clube social, considerado como o maior da cidade, e também o que mais dava destaque à ginástica e ao esporte, tinha mais de 80 anos de existência. Situou-se na zona norte da cidade, zona residencial de classe média-alta e dispunha, em 1992 das seguintes instalações: um ginásio poliesportivo (para a prática do basquete, voleibol e futebol de salão); uma quadra ao ar livre, também poliesportiva; três quadras de tênis; duas piscinas semi-olímpicas, sendo uma térmica; uma quadra de futebol de sete elementos; uma sala de musculação; uma sala de ginástica; duas canchas de bochas, cobertas; um salão com duas pistas de bolão, variação de origem germânica do boliche, com bola mais pesada e 9 pinos a serem derubados.

O clube ficava aberto das oito horas da manhã até a noite, fechando ao meio-dia. No verão, quanto havia maior afluência de associados, costumava ficar aberto até a meia-noite.

De futebol de salão haviam 73 escolinhas e 82 equipes; de natação 158 escolinhas e 36 equipes; de voleibol 48 escolinhas e 31 equipes, e de tênis 8 escolinhas. Houve 155 participantes das sessões de ginástica. Para freqüentar as escolinhas esportivas e

para as aulas de ginástica e musculação, três vezes por semana, além da mensalidade, os associados pagaram cr\$ 59.000,00. As aulas de tênis custaram mais caro, cr\$ 89.000,00 por mês.

Nesse clube, além dispor de salão de baile, churrasqueira e sala de jogos, onde os sócios poderiam ocupar o tempo livre, eram praticados sistematicamente: futebol de salão, ginástica masculina e feminina, natação, tênis e voleibol. A partir dos mais de 3.500 sócios-proprietários, estimou-se que cerca de 12.000 pessoas estariam envolvidas com o clube.

Dez professores de Educação Física trabalharam no clube. Um título de sócio proprietário custou em outubro de 1992 cr\$ 6.310.000,00, sendo que, a mensalidade foi de cr\$ 79.000,00.

O clube especializado em futebol de salão compunha um universo urbano de treze entidades que se dedicavam a esse esporte. Situado na zona central da cidade, esse clube, mais conhecido pelo seu primeiro nome, foi fundado na década de quarenta. Suas atuais instalações, inauguradas no início dos anos 70, eram constituídas por uma quadra esportiva, onde se poderiam jogar futebol de salão e voleibol, churrasqueira, vestiários, arquibancadas, sala de secretaria, sala de reuniões, sala de jogos e um pátio.

Para aluguel ao público da quadra de futebol de salão, haviam horários pelas manhãs, das oito às doze horas; pelas tardes e até a meia-noite, a partir das quatorze horas. Existiam cerca de 100 praticantes de futebol de salão, que semanalmente alugavam a quadra do clube e pagavam por uma hora cr\$ 83.000,00 no período da noite. A partir das dezoito horas de segundas à sextas-feiras, e nos sábados das quatorze às dezoito horas a quadra era reservada

para os treinamentos das denominadas "escolinhas".

Atuaram cinco treinadores, do sexo masculino, que trabalharam com os alunos das escolinhas, um para cada categoria: fraldinha, até 8 anos; pré-mirim, até 9 anos; mirim, até 11 anos; infantil, até 13 anos e, infanto-juvenil até 15 anos. Houve cerca de 60 alunos/atletas participantes das escolinhas. A mensalidade para freqüentar as escolinhas foi de cr\$ 20.000,00, sem taxa de matrícula.

A academia estudada, e que ofereceu vários tipos de exercício física, se situou num bairro de classe média, e iniciou suas atividades em 1980. Era constituída de um ginásio, em cujo pavimento térreo havia uma piscina térmica, secretaria, sanitários, e vestiários. No primeiro pavimento além de vestiários, havia uma sala de ginástica e dança, com espelhos e, outra sala com diversos aparelhos para a prática da musculação.

A referida academia iniciava suas atividades às sete horas da manhã, não parava durante o meio-dia e fechava as portas após as vinte e uma horas.

Havia quatro professores de Educação Física, três homens e uma mulher, cerca de 350 alunos na natação, aproximadamente 50 alunos na hidrogenástica, cerca de 30 alunos na ginástica, 35 na musculação e 20 alunas na dança.

Com uma matrícula unificada de cr\$ 48.000,00, para 3 sessões semanais de hidrogenástica ou de natação a mensalidade teve valor de cr\$ 138.000,00, para musculação de cr\$ 98.000,00 e, para ginástica e a dança custaram mensalmente cr\$ 85.000,00.

A academia que era especializada em musculação iniciou suas

atividades em 1985. Ela coexistia com mais onze instituições na cidade, incluindo-se também os clubes. Estimativas otimistas, feitas pelos responsáveis pela academia em estudo, informaram que na cidade haviam cerca de 1.000 praticantes regulares de musculação. Situada na zona central da cidade, em um amplo salão, com teto elevado e muitas janelas, esse local fora originalmente construído para garagem de automóveis.

Os aparelhos para o halterofilismo, barras e halteres, polias e máquinas de força, ocupavam o maior espaço da sala, existindo ainda espelhos, vestiários e um *hall* que servia como secretaria.

As atividades iniciaram-se às oito horas e, sem interrupções se encerraram às 21 h 30 min. Nos sábados funcionou apenas pela manhã. O horário de maior procura foi o noturno.

Trabalharam seis instrutores, que cobriram todos os horários, e cerca de 180 praticantes de musculação. Eles pagaram uma matrícula de cr\$ 10.000,00 e uma mensalidade de cr\$ 40.000,00.

A academia especializada em caratê, que foi criada em 1982, se situou na zona próxima do centro da cidade, com arejadas instalações, tinha um *dojo* com 10 x 20 metros, secretaria, vestiários, espelhos, e também aparelhos de musculação. Essa instituição compunha um universo de nove academias da cidade, incluindo duas de taekwondô, o que, otimistamente, incorria num total de cerca de 1100 caratecas.

Havia um só instrutor, o proprietário. O horário de funcionamento foi de segunda às sextas-feiras, pela manhã, a partir das 10 horas; à tarde, desde as 15 h 30 min e à noite, até as 21 h 30

min. A maioria dos alunos, 70%, foi constituída de crianças, dos sete aos doze anos de idade. Havia cerca de 200 alunos com frequência regular, inclusive em certos horários não mais dispunha vagas. Para uma frequência de 3 vezes por semana, cada aluno pagou uma matrícula de cr\$ 45.000,00 e uma mensalidade de cr\$ 120.000,00.

5. A Escola "B"

A escola "B", pertencente à rede estadual de ensino, se situou num outro bairro, também periférico, já aproximado do estádio do clube de futebol de campo de maior torcida da cidade. Ainda que muito próxima de prédios de classe média, essa escola também estava perto de residências modestas.

Ela foi criada em 1958, mas estava localizada nas atuais instalações desde 1988. No primeiro semestre de 1992 houve 830 alunos, nos três turnos, que se desenvolveram nos três calendários, com 650 alunos no calendário A, 160 no calendário B, e 20 alunos no calendário C. Trabalharam 13 funcionários e 112 professores, sendo 3 de Educação Física.

Os prédios da escola "B" eram relativamente novos. Para as atividades de Educação Física havia uma sala para a guarda do material, bolas, arcos, colchões, redes, maçãs, etc. e dispunha-se de uma área coberta, próxima da cantina e do portão de entrada da escola, além de uma quadra cimentada ao ar livre, com tabela de basquete e goleira para andebol e futebol de salão.

Na biblioteca da escola encontraram-se várias obras sobre Educação Física, como regras desportivas, de atletismo, basquete, andebol e, também de iatismo, polo-aquático e judô. Livros de ginástica, recreação, futebol de salão, de história da Educação Física e dos esportes além de crônicas sobre futebol de campo. Doadas por um professor aposentado, havia uma coleção de velhos livros sobre Educação Física, todos dos meados da década de sessenta.

Ainda que no período em que se realizou a coleta de dados na escola "B", não se encontrasse nenhuma colaboração de alunos do segundo grau, próximo da sala de material de Educação Física, havia um "jornal mural". Nele foram afixados recortes com assuntos variando desde notícias sobre automobilismo, até conselhos sobre hábitos saudáveis de vida, entremeados com figuras e fotos de pessoas realizando exercícios ginásticos.

No diurno houve um total de 75 alunos do segundo grau e no noturno, 159. No diurno, teve duas turmas de primeiro ano, A e B, uma de segundo e outra de terceiro ano. Os alunos dos três adiantamentos foram agrupados em turmas masculinas e femininas.

Os alunos do noturno, quando não foram dispensados das aulas de Educação Física por motivo de legislação, participaram de aulas com os mesmos conteúdos e objetivos dos demais alunos do segundo grau.

Para participar das aulas de Educação Física da escola "B", aos alunos não foi exigido nenhuma vestimenta padronizada. Os alunos participaram com tênis, meias, calções, calças, camisetas e jaquetas de agasalhos esportivos de cores e modelos variados.

As aulas de Educação Física aconteceram no turno inverso das

outras disciplinas, nas terças, e quintas-feiras. Para os 3 adiantamentos do segundo grau, houve duas aulas de Educação Física (dobradinhas) num dia e uma terceira aula no outro, alternadamente. Devido ao pequeno número de alunos do segundo grau que participou das aulas de Educação Física, houve aulas em conjunto com os alunos das últimas séries do primeiro grau. Quando de mau tempo, os alunos não tiveram aulas de Educação Física, nem apareceram na escola.

Quando das aulas nas instalações da própria escola "B", a chamada nominal foi realizada na sala de Educação Física, com a professora sentada e os alunos dispostos ao redor.

Foram observadas dez aulas regulares de Educação Física Escolar. Três foram em outubro de 1991 e as demais em abril e maio de 1992. Foram seis aulas com conteúdo ginástico, sendo duas com testes e quatro aulas de esporte, andebol e futebol de salão.

As aulas com testes compreenderam: 1) teste de repetições de exercícios abdominais, por 60 segundos com um colega segurando os pés; 2) teste de repetição de exercício lombar, em 60 segundos e também com a ajuda de um colega; 3) teste de repetição do exercício em apoio (para as moças com os joelhos no solo); teste de repetição de "polichinelo" por 60 segundos; 4) teste de Cooper, andar/correr por 12 minutos. Os 3 primeiros testes foram realizados na área coberta e sobre colchonetes. O último teste foi realizado percorrendo o percurso ao redor de um quarteirão baldio, existente bem em frente da escola "B".

As outras aulas com ginástica ocorreram na quadra da escola e nas arquibancadas de um clube próximo, onde pelas tardes em que

não estava alugada a quadra de futebol de salão, ela foi cedida ao colégio. A ginástica consistiu em exercícios de força e flexibilidade, individualmente ou dois a dois, e sem implementos. Os exercícios foram realizados pelos alunos sob o comando da professora.

Houve uma aula observada, realizada no clube, na qual a primeira parte foi de ginástica e a segunda de futebol de salão.

As aulas com andebol ocorreram na quadra da escola. Não houve aquecimento. A partir da proposição da professora, os alunos escolheram três equipes, enquanto duas jogaram, um terceira ficou observando. Posteriormente mudaram de atividade. A professora arbitrou os jogos.

As aulas com futebol de salão também se tipificaram pela prática recreativa, com os alunos se auto-organizando e arbitrando os jogos.

O número médio de alunos que participaram das aulas regulares de Educação Física, foi de 23, com um máximo de 34 e um mínimo de 17. Relembre-se que contou com a inclusão de alunos do primeiro grau na sua composição.

A duração média das aulas foi de 38 minutos, a aula mais longa foi de 60 minutos e a aula mais curta durou 24 minutos. Destaque-se que houveram aulas que foram "dobradinhas", ou seja, dois períodos seguidos de Educação Física.

Para as aulas de Educação Física no segundo grau, havia uma só professora de 42 anos de idade, divorciada, licenciada em Educação Física no ano de 1978, tendo cursado especialização em Ginástica Escolar no ano seguinte. Trabalhava no magistério há 21 anos, estando há 10 anos na escola "B".

A citada professora, relatou em Entrevista, que os conteúdos de suas aulas foram: ginástica, inclusive exercícios em circuito e caminhadas; esportes coletivos, como andebol, basquete, futebol e voleibol; e primeiros socorros. Os objetivos de suas aulas de Educação Física Escolar foi que os alunos tivessem noção de esportes para praticar no seu grupo de amigos ou no seu clube; noção de ginástica para que pudessem praticar com pais, irmãos; e noções de primeiros socorros.

A professora da escola "B" não trabalhou a teoria da Educação Física em aula específica, mas abordou a teoria junto ao desenvolvimento das aulas práticas.

Ela avaliou os seus alunos pelo interesse, participação, assiduidade e atitudes. Não aplicou testes teóricos. Utilizou nove testes motores: 1. Execução do maior número de repetições do exercício "Polichinelo" em 60 segundos; 2. O mesmo procedimento no "Fincapé"; 3. Idem, "Báscula" (lombar); 4. Idem, "Apoio"; 5. Idem, subir e descer de um banco (sendo que a turma masculina passa para o outro lado do banco); 6. Teste de Cooper em 12 minutos; 7. Abdominal; 8. "Burpee"; 9. Deslocamento lateral, com 3 passadas.

Como referencial literário usou livros de voleibol, basquete, ginástica, inclusive fitas de vídeo.

A professora além das aulas regulares de Educação Física, também treinou os alunos de equipes representativas da escola "B" em voleibol e andebol. O voleibol teve treinos terças e quintas, pela parte da tarde após as aulas regulares; e, sábados pela manhã, com duração de duas horas cada sessão. O andebol treinou só uma hora por semana.

O planejamento das aulas de Educação Física foi realizado em conjunto com as outras duas professoras, que dividiram o material e decidiram sobre os locais de trabalho. Os alunos não participaram do planejamento, mas, por vezes, deram opiniões que mudaram os conteúdos das aulas. Os conteúdos que foram desenvolvidos durante as aulas regulares no segundo grau, tiveram origem a partir de escolha feita em conjunto com os demais professores de Educação Física que trabalhavam com esses adiantamentos e com a Delegacia de Educação da cidade.

A professora citou como uma facilidade da Educação Física a possibilidade de elaborar o horário de trabalho, fora do turno das outras disciplinas. Como dificuldade apontou a situação dos alunos dispensados das aulas de Educação Física, por motivos de trabalho e doença, o que diminuía o número de alunos nas turmas. Os alunos dispensados das aulas de Educação Física não apareceram na escola para essas aulas, eles realizaram tarefas de elaborar trabalhos teóricos sobre o corpo humano, ossos, músculos, etc. Os atestados médicos, de afastamento das aulas de Educação Física geralmente foram fornecidos por médicos de fora da escola, e, depois passaram pelo médico que trabalhou na escola "B".

Essa professora considerou o seu relacionamento com a direção da escola como ótimo.

Do segundo grau, ela teve duas turmas, reunidas as 3 séries, com cerca de 70 a 80 alunos. Os alunos do noturno tiveram uma aula, "dobradinha", nas sextas-feiras a tarde para os rapazes e sábado pela manhã para as moças. Para os alunos do noturno, conteúdos, objetivos, avaliações e procedimentos de ensino foram iguais

aos desenvolvidos com os alunos do diurno. Nos dias de mau tempo, de chuva, os alunos não precisaram comparecer na escola, pois nesses dias não houveram aulas de Educação Física.

Nessa época, a professora da escola "B" ainda exerceu outro emprego, também na Educação Física, num colégio municipal.

Nas aulas regulares de Educação Física ela conversou com seus alunos "um pouco sobre tudo", sobre relacionamento pessoal, namoro, filmes, etc.

Aleatoriamente foram entrevistados 7 alunos, 4 rapazes e 3 moças, eles revelaram desconhecer os motivos que determinavam que a cultura física tivesse a atual configuração, sendo que algumas vezes relacionaram a cultura com a vontade individual, ou a estereótipos como: "O brasileiro é muito preguiçoso..."

Condideraram que o exercício físico era necessário em suas vidas, sempre associando o mesmo à saúde, e a maioria respondeu que estava satisfeita com seus corpos, com a sua condição física.

Sobre o seus níveis de condicionamento físico, os alunos da escola "B" informaram, no tocante a repetições de exercícios de apoio e de abdominal, na maioria dos casos, de forma bem otimista. Alguns disseram que poderiam repetir até 60 exercícios abdominais em um minuto. Sobre a distância percorrida num teste de 12 minutos, eles sempre informaram o número de voltas que costumavam realizar. Todos disseram, e alguns provaram, que na flexibilidade, determinada no nível do tronco/quadril, chegavam a atingir a ponta dos pés, com a ponta dos dedos das mãos, mantendo os joelhos retos. Porém nenhum soube informar qual seria a sua frequência cardíaca máxima calculada.

A maioria dos alunos da escola "B", quatro alunos, informou que as aulas de Educação Física não influenciaram em nada nas suas vidas, dois responderam afirmativamente, e um não tinha certeza.

Confirmando o que foi observado, e que foi dito pela professora - e posteriormente verificado nos Registros das aulas dos diários de classe - os alunos do segundo grau informaram que os conteúdos das aulas regulares de Educação Física foram esportes: basquete, voleibol, futebol, andebol e jogos; e ginástica: testes físicos, corridas e caminhadas.

A grande maioria dos alunos não participou de competições esportivas na escola "B", bem como desconheceu os objetivos das aulas regulares de Educação Física.

Um aluno não soube como eram as avaliações na Educação Física Escolar, e os demais afirmaram serem por testes e pela participação, assiduidade, interesse e participação em jogos.

Disseram também que a professora costumava explicar e dar informações durante o acontecimento prático das aulas. Alguns alunos disseram que a professora não costumava falar sobre nada nas aulas de Educação Física, mas outros alunos informaram que costumavam falar de filmes, sobre as outras disciplinas da escola e sobre provas. Não houve o costume da professora emprestar livros ou textos sobre Educação Física aos alunos, mas eles também informaram que os próprios alunos nunca pediram.

Na Educação Física da escola "B", os alunos gostaram de praticar esportes, principalmente de basquete e futebol. Um citou que gostava dos estímulos da professora, e outro gostou de tudo nas aulas. Mas os alunos informaram, também, que não gostavam de es-

portes, de futebol e andebol, e de ginástica, dos testes e, principalmente do exercício em apoio. Um alunos se queixou de que não gostou da falta de disciplina dos colegas durante as aulas de Educação Física.

Os alunos também apresentaram esterótipos negativos ao serem perguntados sobre o que entendiam sobre política. Quase a metade disse não saber o que era, outros disseram: "Acho atualmente que política é baseada na corrupção." Ou "É sinônimo de corrupção, sou apolítico." Apenas um aluno disse que a política era uma coisa de que todos deveriam participar. Assim, a maioria não se interessou por política, com exceção de um único caso. Já outro informou que havia votada em branco nas últimas eleições. Na sua totalidade eles informaram que a professora não falou em política no decorrer das aulas regulares de Educação Física Escolar. A totalidade dos alunos não fez relação alguma entre política e Educação Física.

Dos alunos entrevistados, só um esteve indeciso sobre o que fazer no futuro. Um declarou que desejava, após completar o segundo grau, ainda realizar um curso técnico de nível médio, de Informática ou Telecomunicações. Os demais pretenderam cursar Engenharia (ou então ser jogador profissional de futebol) e Direito. Houve dois casos de alunos que pretenderam ser pilotos da Força Aérea Brasileira.

Os alunos do segundo grau estudantes na escola "B" tiveram em média dezesseis anos, existindo alunos com uma idade mínima de quatorze anos e máxima de vinte anos.

A maioria das profissões dos pais dos alunos foi de assalariados, como trabalhadores em serviços gerais, comerciário, mecâ-

nico, serralheiro, eletricitário, dentre outras. Houve quatro casos de pais aposentados, dois que eram profissionais de veterinária, um advogado e um comerciante. As maioria das mães dos alunos ocupavam-se como donas de casa, havendo casos de mães que trabalhavam como professoras, e, duas como domésticas. Houveram mães que já eram aposentadas, entre costureira, comerciária, vendedora e uma farmacêutica.

A maior parte dos alunos do segundo grau, 85% residiam em outros bairros, chegando até cerca de quatorze km de distância da escola. Majoritariamente, eles costumaram se deslocar para a escola de ônibus ou a pé.

Quase a totalidade dos alunos não trabalhava formalmente e, dos hábitos de vida, a maioria, 92%, excluiu o cigarro e as bebidas alcóolicas, que foram ingeridas somente em festas e acontecimentos nos fins de semana.

Esportes, música, crônica policial e notícias em geral foram os seus assuntos preferidos de leitura em jornais e revistas. Houve apenas um caso de aluno procurar ler sobre política e outro sobre educação.

Pouco mais de 50% dos alunos não freqüentou clube ou outra instituição onde fosse possível praticar exercícios físicos. Como formas de exercitação física extra-escolar os alunos praticaram natação, voleibol, musculação, futebol de salão, caratê e ginástica. A grande maioria dos alunos informou que em suas residências havia espaço disponível para a prática de exercícios ginásticos.

Durante os dias de semana, além das aulas, os alunos da escola "B", na maioria, ocuparam o tempo disponível com estudo, lei-

turas, televisão, passeios, música e dormir.

Nos sábados costumaram ajudar na arrumação da casa, estudar, fazer visitas e passeios, assistir televisão e sair à noite para festas e boates.

Os domingos foram, majoritariamente, ocupados com passeios, estudo, assistir televisão ou descansar em casa.

Os feriados também foram ocupados com atividades de passeios, leitura ou estudo e assistir televisão.

Nas férias os alunos informaram que viajaram para praias, passearam, leram e descansaram.

Desde o tempo livre dos dias de semana, nos fins de semana e em férias e feriados, as atividades que se voltaram para a execução física foram minoria, restringindo-se em pescar, caminhar, andar de bicicleta, jogar futebol e/ou voleibol.

A escola "B", não possuiu nenhuma linha filosófica-pedagógica explícita documentalmente. Ela seguiu a legislação educacional federal e estadual. Relativo à Educação Física Escolar, a partir de cópias dos Registros dos diários de classe de todas séries e de todas as turmas do segundo grau, constatou-se que para as turmas masculinas, no ano de 1991 houveram 9 aulas destinadas aos exames médico-biométricos, 23 aulas de ginástica, 13 de testes motores, 7 aulas de "jogos competitivos" (recreativos), 6 aulas registradas como "Jogos Escolares Gaúchos" e 51 aulas de esportes, sendo 21 de futebol, 17 de voleibol e 13 de andebol.

Para as turmas femininas do segundo grau, ainda no ano de 1991, foram registradas 8 aulas de exames médico-biométricos, 25 aulas de ginástica, 18 aulas de testes motores, 10 aulas de "jogos

competitivos" (recreação), 6 aulas registradas como "Jogos Escolares Gaúchos", e 47 aulas de esportes, sendo 26 de voleibol, 17 de andebol e 4 de futebol.

Sobre esses conteúdos, a professora informou que eles foram desenvolvidos tal como os conteúdos das aulas observadas. Ou seja, as aulas de ginástica foram com exercícios de força e de flexibilidade, sem material, individualmente e dois a dois, além de testes motores. Os esportes consistiram em aprendizado, fundamentos e aplicação e prática esportiva como recreação.

O programa de Educação Física para o segundo grau da escola "B" foi a transcrição literal - inclusive na forma, com "cruzinhas" marcando os adiantamentos - da proposição oficial tirada em conjunto da Delegacia de Educação existente na cidade e dos professores de Educação Física que lecionaram no segundo grau, a qual já foi anteriormente citada.

6. A Escola "C"

Essa escola que também pertenceu à rede estadual de ensino, se situou no centro da cidade. Era uma antiga construção de alvenaria, de dois pavimentos, com uma alta porta de madeira como única entrada da escola. Ficando "espremida" entre casas e prédios, sendo que para a Educação Física não existiu o que se poderia chamar de "instalações". O que havia aproximou-se mais de um quintal, pois era um espaço de piso de terra, com duas árvores que podiam ser utilizadas como postes para a fixação de rede de voleibol, e

uma tosca construção, uma "meia-água" onde era guardado o material de Educação Física.

A escola "C" foi criada em 1963. Nela trabalharam 11 funcionários e 57 professores, sendo dois de Educação Física, um de cada sexo. Em 1992 estudaram 491 alunos, todos do segundo grau, divididos em 3 turnos. No turno da manhã houveram três turmas de primeiro ano, duas turmas de segundo ano e uma turma de terceiro ano. No turno da tarde existiu quatro turmas de primeiro ano, uma turma de segundo e outra de terceiro ano. No noturno estudaram três turmas de primeiro ano, duas de segundo e uma turma de terceiro ano. Na escola "C", houve só o calendário "A" (Graças a Deus! exclamou a professora que prestou essa informação).

As aulas de Educação Física aconteceram no mesmo turno das demais disciplinas. Os alunos do noturno, quando não dispensados, tiveram os mesmos conteúdos de aulas que os demais colegas.

Na biblioteca da escola "C" no tocante à Educação Física, se encontrou duas coleções com quatro e cinco volumes, que abordavam treinamento físico-desportivo, programa aeróbico de Cooper e ginástica utilitária. E mais, livros de ginástica calistênica, de ginástica feminina, de ginástica e recreação, de jogos de cartas, de história dos esportes, de natação e judô, de massagens nos esportes, de administração de clubes esportivos, de regras oficiais de atletismo, voleibol e basquete. Existiu ainda, oito exemplares de um pequeno livro com informações variadas sobre diversos esportes, histórico e generalidades. A bibliotecária informou que o acervo já havia sido maior, mas que, infelizmente, os próprios alunos roubaram alguns exemplares da biblioteca.

A professora de Educação Física da escola "C" tinha 40 anos, era casada e tinha filhos. Licenciou-se em Educação Física no ano de 1976, numa instituição de ensino superior particular, ainda não havia cursado curso de especialização e não possuía outro emprego. Ela trabalhava com magistério desde 1978, e há 9 anos lecionava na escola "C", onde tinha um regime de trabalho de 20 horas.

Lecionou para quatro séries, com cerca de 100 alunos no total, sendo que os alunos considerados inaptos, dispensados, não participaram de nenhuma atividade de Educação Física.

Os conteúdos por ela trabalhados foram ginástica, incluída aí caminhadas com as turmas de alunos pelas ruas da cidade, atividades recreativas, jogos e voleibol.

Conforme suas palavras, os seus objetivos foram "conhecimento de ginástica, integração dos alunos, para tomar consciência do movimento, saber da importância da Educação Física, quais os benefícios através da Educação Física. Acho que é na Educação Física que se consegue a integração dos alunos, na Educação Física todos se conhecem".

A teoria da Educação Física, principalmente sobre a ginástica, foi desenvolvida durante as atividades práticas. Quando foi possível projetou vídeo. Nos dias de mau tempo, dias de chuva, trabalhou em sala de aula com regras esportivas.

Considerou que era difícil avaliar em Educação Física. Ela avaliou pela participação, desempenho em aula, interesse, assiduidade. Algumas vezes fez trabalhos teóricos, sobre ginástica, com os alunos. Uma vez realizou testes motores, com exercícios de repetição de abdominal em 60 segundos; impulsão vertical; flexibili-

dade no nível do tronco/quadril; "Burpee"; apoio em 60 segundos e dorso-lombar. Não realizou testes teóricos.

Essa professora utilizou a seguinte literatura na fundamentação de suas aulas: "Ginástica", de Estela Gueiros; "Ginástica", de Hans Forstreiter; "Voleibol, Manual do Treinador", polígrafos de voleibol oriundos da Faculdade de Educação Física da UFRGS, e um livro de Cooper. Não foi possível obter maiores informes sobre essas obras.

Fora as aulas regulares de Educação Física, seus alunos participaram também de passeios ciclísticos e de visitas a parques de lazer da cidade.

Ela informou ter um bom relacionamento com a direção da escola, salientou como facilidade no desenvolvimento de suas aulas a liberdade de planejar, a receptividade por parte dos alunos e a compreensão por parte dos colegas de outras disciplinas. Como dificuldade citou a utilização abusiva por parte de alguns alunos de atestados médicos duvidosos, a fim de não participarem das aulas práticas de Educação Física, e destacadamente a deficiência de instalações e materiais.

O professor de Educação Física da escola "C" tinha 32 anos de idade, e era casado. Licenciou-se em Educação Física numa instituição federal no ano de 1981, sendo que no ano seguinte cursou especialização em Educação Física Escolar na mesma faculdade. Trabalhava com magistério desde 1979 e, desde junho de 1991 era professor de Educação Física da escola "C" com um regime de trabalho de 40 horas semanais. Em 1992, nessa instituição, ele foi responsável por oito turmas, perfazendo um total de cerca de 200 alunos.

Ele foi coordenador da Educação Física na escola "C", além de treinar equipes de andebol feminino da escola. Esse professor também trabalhou no setor de Educação Física junto a uma instituição ligada ao patronato industrial.

Ginástica e voleibol foram os conteúdos que desenvolveu nas aulas. Além disso, seus alunos também participaram de competições esportivas, como interséries de voleibol e futebol e de atividades como passeios ciclísticos.

Os objetivos de suas aulas, nas suas palavras foram "desenvolvimento social através da atividade física. O social é amplo... que tenham um crescimento como um todo, que não seja só a parte física".

Somente desenvolveu aulas teóricas de Educação Física, quando foi "obrigado", por mau tempo. A teoria foi desenvolvida durante a parte prática nas aulas, sobre os conteúdos de ginástica e voleibol e "coisas de interesse que dê crescimento aos alunos".

Esse professor relatou, também que os assuntos de conversas informais com seus alunos versaram costumeiramente sobre relações interpessoais, sobre o futuro deles, sobre trabalho e dinheiro. Sobre problemas pessoais dos alunos somente costumava conversar em separado.

Tal como a professora, o professor de Educação Física da escola "C" não realizou exames biométricos com seus alunos. Os alunos do noturno buscaram de todas as formas serem dispensados da Educação Física. Como essas aulas foram no mesmo turno das demais disciplinas, esses alunos geralmente tiveram como tarefas realizar trabalhos teóricos sobre assuntos relativos à Educação Física, co-

mo ginástica, esportes, olimpíadas, etc. Não houve possibilidades de aulas práticas para o noturno.

Ele informou que a literatura utilizada nas suas aulas consistiu em obras de ginástica e de esportes. "Procuro também ler algo sobre psicologia e sociologia".

O professor de Educação Física "C" avaliou seus alunos pela participação e interesse.

Ele apontou como facilidades para o desenvolvimento das aulas de Educação Física na escola "C" o bom relacionamento com a direção da escola e as possibilidades de motivar os alunos para a Educação Física. Como dificuldades citou a carência de material e instalações; a situação das aulas de Educação Física acontecerem no mesmo turno das demais disciplinas; a falta de costume dos alunos em participarem ativamente das aulas de Educação Física, o que levava os professores a um esforço maior para que os alunos gostassem da disciplina.

O planejamento da Educação Física Escolar nessa escola foi feito em conjunto com os dois professores, antes do início do ano e também seguindo as orientações advindas de discussões com os demais professores de Educação Física do segundo grau, ocorrida por iniciativa da Delegacia Estadual de Educação da cidade. Os alunos da escola não participaram deste planejamento.

Na escola "C", os dois professores trabalharam as aulas de Educação Física formando "dobradinhas", com duas aulas num dia da semana e uma terceira noutro. Para o presente estudo, foram observadas dezesseis aulas regulares, sendo três em outubro e nove em novembro de 1991, e as demais em maio de 1992.

Os professores costumaram fazer a chamada, nominal, sentados com os alunos informalmente dispostos ao redor.

O período de preparação das aulas de Educação Física, o aquecimento, geralmente consistiu em corridas em círculo e exercícios ginásticos, com destaque para a flexibilidade.

As aulas de Educação Física aconteceram no "pátio" da escola e também numa quadra coberta, situada próxima da escola, pertencente a uma associação sindical de uma empresa de prestação de serviços. Nesse local, já em 1991 o professor aí trabalhara com seus alunos. No ano seguinte, pela manhã nesse local trabalhou o professor e pela tarde a professora. Os alunos saíram da escola, se deslocaram até a quadra e, depois da aula de Educação Física, retornaram para a escola.

Registraram-se como conteúdos desenvolvidos nas aulas observadas, sete aulas com ginástica, nove com voleibol e duas com futebol de salão.

Algumas aulas com ginástica desenvolvidas pela professora, foram com música de fundo. Música em inglês, proporcionada por fita cassete e aparelho de som (dois em um). Nessas aulas se percebeu um "toque feminino" na gestualização, e uma ênfase nos exercícios de flexibilidade. As aulas de ginástica do professor foram sem música, já com maior dosagem de exercícios de força. Em ambas as aulas de ginástica os alunos não utilizaram implementos, a não ser toalhas, estendidas no solo, e papelões (de embalagens de mercadorias), usados como "colchonetes" para realizarem os exercícios deitados. Os professores de Educação Física desenvolveram as aulas determinando os exercícios, corrigindo e incentivando os alunos.

Caracteristicamente, a professora realizou junto com os alunos a maior parte dos exercícios ginásticos. Nos exercícios de caminhar pela cidade não houve o aquecimento, e a professora caminhou junto com os alunos.

Quanto às aulas com voleibol aconteceram no "pátio" da escola "C", devido a precariedade das instalações, foi comum que a cada aula ou jogo, a bola, involuntariamente, caísse fora dos muros da escola, em pátios vizinhos. O jogo ou a aula era parado e um aluno, usando uma escada, escalava o muro e trazia a bola. A professora relatou que já haviam perdido algumas bolas, pois alguns dos proprietários de casas ao lado da escola não as devolviam.

As aulas com voleibol, na maioria, foram aulas de jogo, havendo conteúdos de aprendizado e fixação dos fundamentos, toque/manchete. As aulas de futebol foram todas práticas e recreativas e somente para as turmas masculinas.

Na segunda parte das aulas, somente o professor dividiu as turmas por sexo. Já, em todas as aulas observadas com a professora, rapazes e moças participaram em conjunto de todas as atividades. Nas aulas observadas com o professor, após o aquecimento e uma sessão ginástica, comum para alunos e alunas, alternadamente, enquanto as moças jogaram voleibol, os rapazes aguardaram, ou olhando as colegas ou trocando passes com a bola de futebol de salão, do lado de fora da quadra. Após, vieram os rapazes jogar futebol e as moças ou abandonaram o local (retornaram para a escola, ou para a casa) ou aguardaram os colegas trocando passes de voleibol, fora da quadra.

Em todas as aulas observadas, o número médio de alunos foi

de quinze, oscilando entre um máximo de vinte e cinco e um mínimo de sete.

A duração média das aulas observadas foi de 31 minutos, sendo que houve casos de aulas que se estenderam até os cinquenta minutos legais. Ocorreu, também, que mesmo sendo utilizado o período de recreio, ainda que não se computassem as pausas durante essas aulas, o período de atividade dos alunos atingiu somente 15 minutos de duração.

Nas aulas de Educação Física, os alunos participaram vestindo tênis, meias, calções, calças de agasalho, camisetas ou jaquetas de cores e modelos diversos. Não houve um uniforme padrão para a Educação Física.

Os alunos da escola "C", dos turnos da manhã e tarde, apresentaram uma média de idade de 17,4 anos, oscilando entre 16 e 22 anos. Houve vários alunos cujos pais já haviam falecido ou eram aposentados. Com as exceções de um caso de aluno cujo pai era vice-prefeito de uma cidade limítrofe, e outro que era agropecuarista e de três pais que eram comerciantes, as profissões dos demais pais de alunos foram: motorista de caminhão, bancário, comerciante, policial, zelador, borracheiro, eletricista, dentre outras. Na maioria dos casos as mães desses alunos eram donas de casa ou professoras, havendo ainda casos de mães que eram domésticas, cabelereiras, e até parteira...

Houve quatro casos de alunos que residiam em cidades limítrofes e todos os dias viajavam para assistir aulas na escola "C", cuja a maioria dos seus alunos não morava no bairro onde se situou a escola, deslocando-se, na maior parte dos casos, de ônibus.

Dos alunos que responderam ao Questionário somente um fumava cerca de 5 cigarros por dia, e a grande maioria não costumava beber, nem em fins de semana, o que era comum aos que faziam uso de bebidas alcóolicas.

Minoritariamente, houve casos de alunos que além de estudar, também trabalhavam. Eles trabalhavam como balconista de padaria, auxiliar de escritório ou serviços gerais.

Os assuntos que mais gostaram de ler em jornais e revistas foram temas gerais sobre o cotidiano, esportes, reportagens, ecologia e crônica policial. Existiram casos de alunos que isoladamente se interessavam por horóscopo, quadrinhos, televisão, crônica social e ciências.

A imensa maioria, quase 80%, não era associada nem freqüentou clube ou instituição onde fosse possível praticar exercícios físicos. Quase a metade dos alunos da escola "C" não praticou nenhum tipo de exercício físico fora da escola. Voleibol, caminhadas, ginástica, futebol e musculação compuseram o rol de exercitação motora realizada extra-escolarmente. A maioria desses alunos informou que nas suas casas havia espaços, onde poderiam exercitar-se, como pátios ou mesmo no quarto de dormir.

O tempo livre diário foi ocupado, majoritariamente, em estudar, ouvir música, assistir televisão, ajudar em casa, visitar amigos. Nos sábados costumaram estudar, assistir televisão, namorar, sair à noite (bares, boates), visitar amigos, dentre outras atividades menos citadas. Nos domingos, além de ficar em casa, descansando, os alunos também assistiram televisão, estudaram, ajudaram em tarefas domésticas, namoraram, e fizeram passeios, visi-

tas. Nos feriados realizaram atividades similares às dos sábados e domingos. E, nas férias, esses alunos informaram a realização de atividades como viajar, passear, descansar, namorar e assistir televisão. Do tempo livre diário, até as atividades de férias, no tocante a exercitação física, o que os alunos citaram foram as formas anteriormente registradas, prática de ginástica e esportes, como futebol e voleibol, destacando os acampamentos e a natação, frequência à piscina durante as férias.

Os alunos que participaram das aulas de Educação Física da escola "C", na totalidade dos que responderam à Entrevista revelaram desconhecer ou não deram uma resposta coerente sobre os motivos pelos quais a exercitação física na atualidade tinha tal configuração. A maior parte das respostas atribuiu à "falta de interesse ou força de vontade" das pessoas em se exercitarem. Houve um caso que relacionou a má condição material e de instalações de sua escola com as instâncias governamentais.

Todos os alunos consideraram que o exercício físico era necessário em suas vidas, o relacionando com a manutenção da saúde. Divididamente, houve casos de alunos que estavam satisfeitos com sua condição física, com seus corpos, e alunos insatisfeitos que desejavam engordar ou emagrecer.

Sobre o conhecimento do nível de condicionamento físico, eles informaram, de certa forma com dados coerentes, suas possibilidades de proficiência motora em testes de abdominais e apoios. Todos os alunos informaram que no teste de flexibilidade conseguiam tocar com a ponta dos dedos das mãos nos dedos dos pés, se curvando à frente e mantendo os joelhos eretos. Somente um repon-

deu sobre o seu nível de condicionamento aeróbico, inferido a partir do teste de 12 minutos. Os demais não souberam dizer a distância percorrida. Em resposta a essa questão um aluno disse: "Não gosto de correr..." Questionados sobre o seu valor indicativo de frequência cardíaca máxima calculada, nenhum aluno soube responder.

A maioria dos alunos afirmou que as aulas de Educação Física desenvolvida na escola "C" teve influência na sua vida cotidiana. Dentre os depoimentos mais significativos, se encontrou:

- "Nas aulas de Educação Física temos contato com colegas que não temos na sala de aula. A Educação Física ajuda na socialização."
- "Me sinto melhor de saúde. Quando estou com cólicas menstruais, certos exercícios são bons."
- "Fui aprender voleibol aqui na escola."

Os alunos ou desconhecaram quais eram os objetivos da Educação Física Escolar, ou os associaram somente ao condicionamento físico. Eles informaram que os conteúdos das aulas de Educação Física da escola "C" foram voleibol, andebol, futebol e ginástica, citando a ênfase em exercícios de caminhada. A participação nas aulas, a auto-avaliação, bem como certos níveis de proficiência técnico-esportiva, foram apontados como elementos pelos quais, a partir de observações dos professores os alunos foram avaliados em Educação Física.

Cerca da metade dos alunos entrevistados havia participado de competições esportivas na escola "C", em jogos tipo interséries, no futebol e no voleibol.

Sobre a teoria da Educação Física, os alunos informaram que

as explicações e correções sobre os exercícios aconteciam durante as atividades práticas. Houve casos de estudos de regras esportivas em sala de aula quando em dias de chuva. Os assuntos mais comuns tratados pelos professores durante suas aulas, abordaram temas diversos, como comportamento dos alunos e formaturas. Sobre conversas informais durante as aulas de Educação Física, um aluno disse a respeito do professor: "É o professor mais aberto que tem a escola, ele fala tudo, tenta entrar no convívio dos alunos."

Sobre as possibilidades de os professores de Educação Física emprestarem livros, isso não aconteceu na realidade, porém, os alunos disseram que eles mesmos nunca os haviam solicitado aos professores.

Da Educação Física na escola "C", os alunos informaram que, pela ordem de preferência, gostavam de voleibol, ginástica, andebol, e genericamente de "jogos". Também, ordenadamente, pela preferência, eles não gostaram de ginástica (destacadamente de corridas e caminhadas) e andebol.

Os alunos não revelaram entendimento apropriado do que seria política. Houve respostas como:

- "Não presto atenção à política."
- "É corrupção."

A grande maioria respondeu que não se interessava em política, e os que responderam afirmativamente disseram que se tinham interesse era somente em alguns momentos ou então: "Só o necessário para não ficar alienado..."

Todos os alunos informaram que os professores não falaram de política nas aulas de Educação Física. Houve uma exceção que con-

tuou que a política era abordada somente em períodos de eleições ou sobre a situação econômica dos professores estaduais. A totalidade dos alunos não percebeu relação alguma entre a Educação Física e a política. Disse uma aluna: "Política e Educação Física são coisas variadas, cada uma tem a sua lógica."

Esses alunos, no futuro pretenderam cursar Direito, Jornalismo e Medicina, ou ainda realizar curso Técnico Industrial de Telecomunicações.

Copiando os Registros dos diários de classe, aleatoriamente escolhidos, um de cada adiantamento, referentes ao ano de 1991, para um primeiro ano encontraram-se registrados: um aula de apresentação da disciplina e conversa sobre a Educação Física, e também uma aula destinada à assistência do filme *Flashdance* em vídeo. Duas aulas de trabalhos teóricos sobre ginástica e assistência à apresentação de ginástica rítmica desportiva (GRD). Três aulas para exames médicos, testes físicos, passeios ciclísticos, jogos interséries e Jogos da Primavera (JESPRI). Cinco aulas com atividades recreativas, jogos de sala de aula, damas e moinho. Sete aulas destinadas à avaliação, 22 aulas de ginástica (sendo seis aulas de caminhadas), e 48 aulas de voleibol, incluídos aí desde exercícios de fundamentos, toque, manchete, saque, até formas jogadas. Esses Registros perfizeram um total de 105 aulas. No início do ano, nessa turma estiveram matriculados 32 alunos, dos quais apenas 13 apresentaram notas ao final do quarto bimestre. Essas notas variaram entre zero e dez.

No diário de classe de um segundo ano, encontraram-se com um registro: a apresentação da disciplina, critérios de avaliação em

Educação Física, exame biométrico e assistência ao filme *Flashdance*. Com dois Registros: exame biométrico, trabalho teórico sobre ginástica e assistência à apresentação de GRD. Com três Registros teve-se: testes físicos, passeios ciclísticos, jogos interséries, e JESPRI. Houve 7 aulas destinadas à avaliações, 8 com atividades recreativas (jogos de damas e de moinho), 17 aulas de ginástica (sendo 6 de caminhadas), e 50 aulas de voleibol, desde fundamentos até jogos. Esses Registros perfizeram 105 aulas no ano. Dos 38 alunos matriculados inicialmente, somente 24 tiveram notas ao final do ano. Notas essas que variaram de zero até dez.

No diário de classe de um terceiro ano, encontraram-se, com um Registro a apresentação da disciplina, uma aula recreativa e ginástica, uma aula teórica sobre a postura corporal, e outra sobre as curvaturas da coluna. Com dois Registros teve-se, aulas destinadas ao exame médico. Houve três aulas destinadas a Observações de jogos, três para relatórios sobre esses jogos e outras três para debates. No início do ano letivo, houve 8 Registros de "planejamento de trabalho em sala de aula". Foram registradas, ainda, 13 aulas de ginástica, 15 aulas de jogos interséries (voleibol e futebol de salão) e 56 aulas de voleibol. Foi registrado um total de 106 aulas. Nesse terceiro ano estiveram matriculados 23 alunos, mas ao final apenas 19 tiveram notas. Elas variaram entre o mínimo de 7 e o máximo de 10.

Os professores de Educação Física informaram que os conteúdos gímnico-desportivos e os procedimentos didáticos das aulas desses Registros, foram iguais aos conteúdos e procedimentos das aulas que foram observadas. O professor também informou que os Registros

de "planejamento de trabalho em sala de aula", encontrados no diário de classe do terceiro ano, referiu-se à anotações feitas pela professora que ele havia substituído, por motivo de gravidez.

Nos conteúdos do plano de curso da escola "C", para o ano de 1991, encontrou-se: "exame médico, exame biométrico, testes físicos, corridas variadas, ginástica geral, voleibol, caminhadas, associação de movimento com música, recreação e lazer, jogos pré-desportivos."

Para o ano de 1992, o plano de curso conteve:

"Objetivos da disciplina:

Oportunizar através de atividades físicas o aprimoramento das potencialidades físicas e psicossociais dos alunos.

Conteúdos:

Exame médico, ginástica, recreação, voleibol (jogo propriamente dito, regras, arbitragem, sistemas), atividades complementares (torneios, campeonatos, passeios, caminhadas, gincanas, visitas, assistir jogos, inter-séries.

Observação: todas as atividades consideradas de lazer).

Avaliação:

Através da observação, arguições orais, auto-avaliação, de acordo com o regimento da escola.

Bibliografia:

(em branco)

Observações:

De acordo com as condições físicas para a prática, poderão ser ampliados os conteúdos."

7. A Escola "D"

Essa escola com quase 100 anos de existência, e com prédios de alvenaria, sendo alguns de 3 pavimentos, ocupou todo um quarteirão na zona central da cidade. Protegida por muros altos, era considerada como uma das mais tradicionais instituições educacionais de primeiro e segundo graus da cidade. Pertencia a uma rede confessional católica, cujo emblema se encontrou pintado acima da entrada principal da escola.

A escola "D", conforme seus próprios documentos, se caracterizava como entidade filantrópica. Da sua doutrina filosófica-pedagógica, transcreveu-se:

"A Escola ... tem como centro a pessoa humana e se propõe, segundo recursos próprios da instituição, promovê-la em sua totalidade:

- Pela instrução, ensina a usar os SENTIDOS para a observação da realidade, o descobrimento de seu significado profundo e seu destino.

- Atenta ao desenvolvimento da REFLEXÃO, do JUÍZO CRÍTICO, da ADMIRAÇÃO, do respeito ao dado real, da pesquisa e da síntese.

- Sabe muito bem que a Escola não proporciona todo o saber, mas antes os instrumentos que permitem ampliá-lo continuamente.

- Procura desenvolver no educando a capacidade de amor e sua dimensão social. (...) Na Escola ... se vive a experiência da liberdade operante e responsável. Se o progresso do conhecimento supõe a libertação da ignorância, o crescimento no amor supera as barreiras do egoísmo e do orgulho."

Dentre as opções preferenciais dessa escola, tinha-se:

"Promoção da Justiça: inclui um juízo crítico, partindo da fé, sobre a realidade em que se vive e os valores e contra-valores que a sustentam."

Na escola "D", no ano de 1992, houve cerca de 1550 alunos, pelas manhãs e tardes, pois no turno da noite não havia aulas re-

gulares. Nessa instituição trabalharam 35 funcionários e 85 professores, 7 de Educação Física, sendo 3 com o segundo grau. Existiu um professor coordenador de Educação Física, com a carga horária diminuída devido a essa função. Em 1992, houve 4 turmas de primeiro ano, 3 turmas de segundo e 2 turmas de terceiro ano.

Em 1992, a matrícula custou cr\$ 79.900,00 e em maio a mensalidade para o primeiro ano do segundo grau importou em cr\$ 116.700,00.

Para a Educação Física, nessa escola, contaram-se com 3 amplas quadras esportivas, com piso cimentado, ao ar livre no pátio interno; 2 quadras cobertas num ginásio, uma sala destinada à ginástica olímpica, e ainda uma outra sala ampla, a qual, por vezes, professores também poderiam utilizar.

Na biblioteca da escola, além de mais de 20 números da Revista Brasileira de Educação Física, encontraram-se livros de atletismo, ginástica geral (exercícios de força e flexibilidade), ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, basquete, futebol, voleibol, andebol, natação, de Educação Física da pré-escola até a universidade, biometria, primeiros socorros, anatomia humana, regras oficiais de atletismo, basquete, futebol de salão, andebol e voleibol, duas coleções com 4 e 5 volumes, com obras sobre expressão corporal, ginástica, recreação, preparação física, ginástica especial e programa de Cooper. Uma professora deixou à disposição de seus alunos, para consultas, uma pasta, com textos de revistas de ampla circulação, geralmente com uma folha de xerox de cada lado, com temas como: "Quase um Século de Jogos Olímpicos", "Sedentarismo é Doença", "Benefícios da Atividade Física",

"Nosso Destino é Andar", "Riscos do Exercício Mal Feito" e informes sobre diversos esportes, como atletismo, futebol e basquete.

Na escola "D" para o segundo grau, no primeiro e no segundo anos houve duas aulas regulares de Educação Física por semana, e para o terceiro ano, somente uma aula. Questionados sobre esse "arrepio à lei", os professores informaram que as atividades voluntárias dos alunos, em escolinhas e equipes esportivas, também contavam como aula regular de Educação Física Escolar...

Não houve aulas "dobradinhas", sendo que os alunos de cada turma foram separados por sexo. Para os alunos do primeiro e segundo anos participarem das aulas de Educação Física foi necessário usar tênis (não padronizado), meias e camisetas brancas, e calções vermelhos. Nos dias de frio agasalho esportivo vermelho e branco, ou blusão de lã, também vermelho e branco, padronizado para todos os alunos. Sem o uniforme os alunos não poderiam assistir nenhuma aula. A exceção foi para os alunos do terceiro ano do segundo grau, que tanto para entrar na escola "D", como para participar das aulas de Educação Física poderiam usar qualquer tipo de vestimenta. Para as aulas de Educação Física os alunos usaram quaisquer tênis, meias, calções e camisetas.

Para os alunos dispensados, alguns professores exigiram que observassem as aulas, anotassem o que nelas havia acontecido, e entregassem, por escrito, no final das mesmas. Outros exigiram que fossem até a biblioteca e realizassem um "trabalho" sobre Educação Física, também para ser entregue ao final da aula.

Nos dias de mau tempo também foi comum que os professores reunissem todos os alunos nas duas quadras do ginásio coberto.

Ainda que na mesma quadra, enquanto a turma masculina jogou, a feminina assistiu aos jogos, depois de algum tempo, inverteu-se a situação.

Na escola "D" uma vez por ano, no início do segundo semestre, ocorria um grande evento esportivo/competitivo, em que auto-organizadamente e com auxílio dos professores, participaram alunos de todos os adiantamentos, denominado de "Olimpíadas das Cores". Durava de terça a sábado, com suspensão das aulas das demais disciplinas.

Nessa escola foram observadas aulas em outubro e novembro de 1991, e em abril de 1992, num total de quatorze aulas. Foram observadas cinco aulas com primeiros anos, cinco aulas com segundos anos e quatro aulas com terceiros anos. Nessas aulas, o número médio de praticantes foi de dezenove alunos por turma, com um máximo de vinte e nove e um mínimo de doze. A duração média das atividades físicas dos alunos, incluindo aí as ocasionais interrupções por motivo de explicações ou para buscar uma bola que se afastou do local, foi de 32,5 minutos, oscilando entre quarenta e dois e vinte e seis minutos.

Os conteúdos foram: aquecimento ginástico, com ênfase na flexibilidade, e jogos de voleibol, 7 aulas; aquecimento ginástico e jogos de andebol, 3 aulas; ginástica olímpica, 2 aulas, e aquecimento ginástico, com ênfase na flexibilidade, e jogo de futebol de salão, 2 aulas.

Nessas aulas observadas uma constante foi o tratamento carinhoso e respeitoso que os alunos tiveram para com os professores de Educação Física. Alunos e alunas trataram os professores pelo

nome ou pelo apelido. Após "um bom fim de semana a todos", emitido pelo professor, houve uma resposta coro pelos alunos.

Um professor que trabalhou com os alunos do segundo grau na escola "D" tinha 44 anos de idade, era casado e, ainda, estava cursando Educação Física numa faculdade particular da região. Tinha 20 anos de magistério na instituição, onde desenvolveu 38 horas/aulas semanais e mais 4 horas de reuniões mensais. No momento teve 9 turmas com cerca de 40 alunos cada turma. Teve outros dois empregos, um como treinador de futebol num clube da cidade, e outro junto à prefeitura de uma cidade limítrofe onde trabalhava com a banda musical.

Os conteúdos desenvolvidos nas suas aulas foram conteúdos esportivos, e conforme suas palavras objetivava "educar para a vida, fazer da Educação Física meio de educação para a vida, socializar". Avaliou seus alunos pela participação e, algumas vezes, realizou testes físicos, teste de Cooper e exercícios ginásticos localizados. A teoria da Educação Física ele desenvolveu durante a prática, algumas vezes passou slides ou filmes em videocassete de esportes. Os assuntos que tratou com seus alunos, informalmente nas aulas de Educação Física, abordaram temas como esporte e religião, além de assuntos em evidência no momento.

A literatura que ele utilizou era formada por livros de esportes, polígrafos da faculdade, "o Alongue-se", e de regras de futebol, andebol e voleibol.

Além das aulas programáticas de Educação Física Escolar, esse professor também trabalhou com escolinhas esportivas e treinamento de equipes de andebol, e com atividades cívicas, hasteamento

de bandeiras, hinos. Essas atividades se incluíram nas 38 horas/aulas semanais. Viajou com suas equipes, sendo que com a de andebol, ainda há pouco tempo, havia participado de competições em Buenos Aires.

Como facilidades para o desenvolvimento das suas aulas de Educação Física, ele citou a identificação com os jovens, o farto material didático e as possibilidades de trabalho das quais o colégio dispôs. E não apontou dificuldade alguma.

Uma professora que trabalhou com o segundo grau tinha 38 anos e era casada. Licenciou-se em Educação Física, numa faculdade particular em 1978, e cursou especialização em ginástica escolar em 1980. Trabalhava com magistério há 15 anos, sendo 12 anos na escola "D", onde tinha 32 horas/aulas por semana. Era professora de 7 turmas tendo em cada turma cerca de 25 alunos. Ela não tinha outro emprego no momento.

Os conteúdos de suas aulas foram fixação desportiva, técnica, tática de esportes já vistos no primeiro grau. Perguntada porque trabalhava com tais conteúdos e não com outros, ela falou, aparentando surpresa: "Sabe que nunca pensei nisso..."

Nas palavras dessa professora, seus objetivos foram: "que os alunos tenham domínio geral de cada esporte, de ginástica olímpica (exercícios de rolamento e de equilíbrio no solo e com aparelhos), e domínio de regras". A teoria da Educação Física foi tratada com informes durante as aulas, ou quando necessitou de maiores aprofundamentos, projetou filmes de ginástica olímpica em videocassete. Nas aulas de Educação Física, as conversas informais com suas alunas trataram de festas, bailes de formaturas e, até, desabafos

sobre problemas sentimentais, como brigas com namorados.

Para as aulas com primeiros e segundos anos, as avaliações foram feitas através de observação da participação ou omissão dos alunos nas aulas, com peso seis; e participação nos jogos, ação no ataque e na defesa, conhecimento de regras, com peso quatro. Cada falta de aula descontou 0,25 pontos. Para o terceiro ano ela dispunha de uma ficha onde assinalou a atividade de cada aluna a cada aula de Educação Física, observando a prática, a técnica gestual e participação em jogo.

A literatura que utilizou se constituiu em polígrafos do tempo em que cursara a faculdade, livros de ginástica, como o "Alongue-se", de voleibol e de andebol, de "Stein & Federhoff".

No momento, afora as aulas programáticas de Educação Física não tinha nenhuma outra atividade com os alunos da escola "D", mas no passado já havia trabalhado com interséries com alunos de 8ª série.

Como facilidades para o desenvolvimento de suas aulas, essa professora citou a abundância de material e instalações, os alunos com "bagagem" - condições de pré-requisitos esportivos - e alunos que por treinarem em equipes esportivas, ajudavam nas aulas, servindo de "modelos" aos colegas. Como dificuldades citou que existiam casos de alunos que não se interessavam pelas aulas de Educação Física Escolar devido à intensa atividade esportiva fora da escola. E que havia alunas que resistiam à norma do uso de uniforme para a Educação Física.

A outra professora que lecionou Educação Física para o segundo grau era solteira, tinha 26 anos de idade, havia se licen-

ciado em Educação Física em instituição federal em 1986, e não tinha especialização. Trabalhava com magistério há 7 anos, sendo que há 4 anos lecionava na escola "D", com turmas de primeiro e de segundo graus. No segundo grau, tinha três turmas femininas, com cerca de quase 90 alunas no total. Ela exercia, ainda, outros dois empregos como professora de Educação Física, um numa outra escola particular, confessional católica, e outro numa academia poliesportiva.

Os conteúdos desenvolvidos nas suas aulas, textualmente foram: "trabalho de forma educativa conteúdos de ginástica e esportes, futebol, voleibol, basquete e andebol." Seus objetivos foram "trabalhar de forma educativa as qualidades físicas dos alunos, oportunizar a prática desportiva na escola, conhecer seus dados biométricos e evolução dos mesmos na parte de crescimento." A avaliação das alunas foi pela participação em aulas, com peso de cerca de 60% da nota. Usou também auto-avaliações por parte das alunas, devido ao fato de muitas, ao final do ano, letivo faltarem às aulas de Educação Física por motivo de provas em outras disciplinas. Para a avaliação, ela também considerou a participação afetiva e de proficiência técnica ("psicomotora") das alunas em situação de jogo. Quando realizou testes motores eles foram de abdominais em 60 segundos e teste de Cooper em 12 minutos, e que, devido à deficiente condição física inicial das alunas, foi realizado somente após algumas aulas de Educação Física. Não fez avaliações teóricas em Educação Física.

Tratou a teoria da Educação Física, além de informes durante as aulas, com filmes em videocassete e slides de esportes. Em cer-

tos dias de mau tempo abordou a teoria em sala de aula. Para as alunas que não praticaram, houve tarefas de leitura de textos selecionados pela professora sobre ginástica, importância da atividade física, psicologia, etc.

A literatura que utilizou para fundamentar as suas aulas de Educação Física, citada no momento da entrevista, constituiu-se em livros e revistas. Os livros foram de Gusene (?!) (ginástica aeróbica); Anderson, "Alongue-se" (de flexibilidade); Pavlov (ginástica); Carrasco (ginástica olímpica), e de Pavão, Contursi, outros sobre preparação física, bem como livros de regras esportivas. As revistas utilizadas foram "Saúde", "Boa Forma", "Revista do Professor", "Corpo a Corpo" e "Nova Escola".

Na escola "D" trabalhou somente com aulas regulares de Educação Física, sem outras atividades extraclasse. Considerou como facilidades para o desenvolvimento das aulas o espaço físico, material, acesso à literatura e liberdade de planejamento. Como dificuldades apontou que as alunas do segundo grau não gostavam de certas normas da escola "D", bem como resistiam ao uso o uniforme de Educação Física. Devido à origem dos alunos, de classes abastadas, eles associaram o uniforme de Educação Física à escola para alunos pobres... E informou também que a direção da escola dava importância à Educação Física.

Tinha bom relacionamento com as alunas e, nas aulas de Educação Física, informalmente, tratou de assuntos como telenovela, cinema, temas de adolescentes, bailes, aniversários.

Na sua parte geral, o planejamento foi coletivo e realizado antes do início de cada ano letivo, havendo conteúdos específicos

de "tudo". Contraditoriamente também informaram que não gostavam de voleibol, ginástica, futebol, corridas, andebol, exames biomé-

Num total de 75 aulas anuais.

No diário de classe da turma feminina do primeiro ano "C", encontraram-se: 8 aulas de testes; 12 aulas de ginástica e fundamentos de basquete; 15 de ginástica e fundamentos de andebol; 4 de ginástica olímpica; 13 aulas de treinamento para as Olimpíadas das Cores (basquete, andebol, futebol e voleibol); 5 aulas de ginástica e futebol e 18 aulas de ginástica e voleibol. Total de aulas no ano: 75.

No diário de classe do segundo ano "C", masculino, encontraram-se: 16 aulas de ginástica (flexibilidade, corridas, circuito); 6 de ginástica e recreação; 2 aulas de testes motores; 3 de avaliações; 1 de auto-avaliação; 19 aulas de ginástica e voleibol; 1 aula de treinamento para as Olimpíadas das Cores; 4 de ginástica e futebol de salão; 2 aulas de ginástica e basquete; 11 aulas de ginástica e andebol e 2 aulas destinadas às Olimpíadas. Total de 67 aulas.

Já para a turma feminina do segundo ano "C", foram registradas: 1 aula de exame biométrico; 1 aula teórica sobre a Educação Física e avisos diversos; 17 aulas de ginástica (aeróbica e circuito); 1 aula sobre a proposta de trabalho do professor; 8 aulas de voleibol; 1 aula de jogo contra turma de 8ª série; 6 aulas de ginástica e futebol de salão; 11 aulas de basquete; 6 aulas de ginástica e andebol e 4 aulas destinadas às Olimpíadas das Cores. Total de 56 aulas registradas.

Ainda no diário de classe do segundo ano "C", no seu interior encontraram-se resultados de medidas de idade, com uma média de 15,6 anos, havendo a idade mínima de 14 e a máxima de 17 anos;

e também valores de peso e estatura. O peso corporal médio das alunas, encontrado em março de 1991 foi de 53,5 kg, com mínimo de 41 kg e máximo de 74,5 kg. Em novembro o peso médio foi de 54,3 kg, com peso mínimo de 41 kg e máximo de 68,4 kg. A estatura média em março foi de 161,8 cm, sendo a estatura mínima 148 cm e a máxima 171 cm. Em novembro a estatura média foi de 162,1 cm com a estatura mínima de 149 cm e a máxima de 172 cm.

No diário de classe do terceiro ano "C", encontraram-se: 16 aulas de ginástica (corridas, ginástica geral e circuito); 6 aulas de ginástica e recreação ("Carangejobol"); 2 aulas de testes; 3 aulas teóricas (pesquisas sobre Educação Física): 21 aulas de ginástica e voleibol; 4 aulas de ginástica e futebol de salão; 2 de ginástica e basquete; 12 aulas de ginástica e andebol; 2 aulas destinadas às olimpíadas e 1 aula de auto-avaliação. Total de 73 aulas.

Já no diário de classe do terceiro ano "B", turma feminina, foram registradas: 2 aulas de testes; 17 aulas de ginástica e basquete; 16 de ginástica e andebol; 2 aulas de ginástica olímpica; 4 de ginástica e futebol; 4 aulas de treinamento para as olimpíadas (andebol, voleibol, futebol); 3 aulas de arbitragem sobre voleibol, basquete e andebol; 2 aulas destinadas às Olimpíadas das Cores; 17 aulas de ginástica e voleibol e 1 aula de avaliação. Total de 70 aulas registradas.